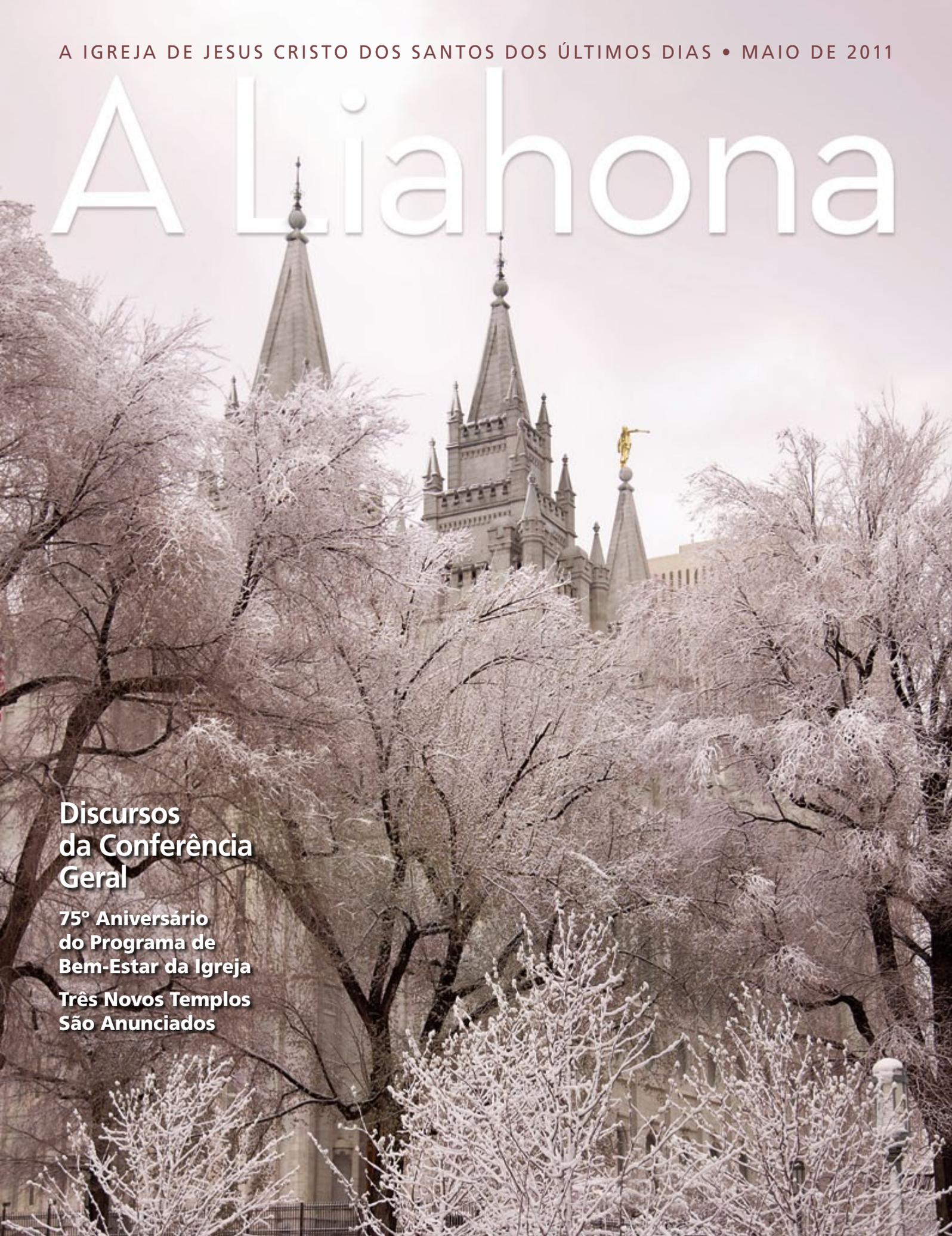


A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • MAIO DE 2011

A Liahona



Discursos da Conferência Geral

**75° Aniversário
do Programa de
Bem-Estar da Igreja
Três Novos Templos
São Anunciados**



CORTESIA DO MUSEU DE HISTÓRIA DA IGREJA

Mas o Que Tenho Isso Te Dou, de Walter Rane

Certo “homem que desde o ventre de sua mãe era coxo (...) todos os dias (...) [era deixado] à porta do templo (...).

Vendo a Pedro e a João que iam entrando no templo, pediu que lhe dessem uma esmola. (...)

E disse Pedro: Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda.

E [Pedro], tomando [o coxo] pela mão direita, o levantou, e logo os seus pés e artelhos se firmaram” (Atos 3:2–3, 6–7).

- 2 Resumo da 181ª Conferência Geral Anual

SESSÃO DA MANHÃ DE SÁBADO

- 4 Estamos Novamente em Conferência
Presidente Thomas S. Monson
- 6 O Dia do Senhor e o Sacramento
Élder L. Tom Perry
- 10 Tornar-se Como uma Crianzinha
Jean A. Stevens
- 13 Seguidores de Cristo
Élder Walter F. González
- 15 A Expição Cobre Toda Dor
Élder Kent F. Richards
- 18 As Mulheres da Igreja São Incríveis!
Élder Quentin L. Cook
- 22 Oportunidades de Fazer o Bem
Presidente Henry B. Eyring

SESSÃO DA TARDE DE SÁBADO

- 26 Apoio aos Líderes da Igreja
Presidente Dieter F. Uchtdorf
- 28 Relatório do Departamento de Auditoria da Igreja para 2010
Robert W. Cantuwell
- 29 Relatório Estatístico de 2010
Brook P. Hales
- 30 Guiados pelo Santo Espírito
Presidente Boyd K. Packer
- 34 Encarar o Futuro com Fé
Élder Russell M. Nelson
- 37 Criar um Lar Centralizado em Cristo
Élder Richard J. Maynes
- 40 Testemunho
Élder Cecil O. Samuelson Jr.
- 42 Desejo
Élder Dallin H. Oaks
- 46 Encontrar Alegria no Serviço Amoroso
Élder M. Russell Ballard

SESSÃO DO SACERDÓCIO

- 49 Preparar o Mundo para a Segunda Vinda
Élder Neil L. Andersen
- 53 Esperança
Élder Steven E. Snow
- 55 As Sagradas Chaves do Sacerdício Aarônico
Larry M. Gibson
- 58 Seu Potencial, Seu Privilégio
Presidente Dieter F. Uchtdorf

- 62 Aprendizado no Sacerdício
Presidente Henry B. Eyring

- 66 O Poder do Sacerdício
Presidente Thomas S. Monson

SESSÃO DA MANHÃ DE DOMINGO

- 70 À Espera, na Estrada para Damasco
Presidente Dieter F. Uchtdorf
- 78 “Mais do que Vencedores, por Aquele Que Nos Amou”
Élder Paul V. Johnson
- 81 O Trabalho Santificador do Bem-Estar
Bispo H. David Burton
- 84 A Essência do Discipulado
Silvia H. Allred
- 87 O Espírito de Revelação
Élder David A. Bednar
- 90 O Templo Sagrado — Um Farol para o Mundo
Presidente Thomas S. Monson

SESSÃO DA TARDE DE DOMINGO

- 94 As Bênçãos Eternas do Casamento
Élder Richard G. Scott
- 97 “Eu Reprendo e Castigo a Todos Quantos Amo”
Élder D. Todd Christofferson
- 101 As Mais Ricas Bênçãos do Senhor
Élder Carl B. Pratt
- 103 “Que Tipo de Homens [e Mulheres] Devereis Ser?”
Élder Lynn G. Robbins
- 106 Chamados para Ser Santos
Élder Benjamín De Hoyos
- 108 O Milagre da Expição
Élder C. Scott Grow
- 111 Um Estandarte entre as Nações
Élder Jeffrey R. Holland
- 114 Ao Despedir-nos
Presidente Thomas S. Monson

REUNIÃO GERAL DAS MOÇAS

- 115 “Creio em Ser Honesta e Verdadeira”
Ann M. Dibb
- 118 “A Bondade por Mim Começará”
Mary N. Cook
- 121 Guardiãs da Virtude
Elaine S. Dalton
- 125 Um Testemunho Vivo
Presidente Henry B. Eyring
- 72 As Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
- 129 Índice das Histórias Contadas na Conferência
- 130 Eles Falaram para Nós: Tornar a Conferência Parte de Nossa Vida
- 132 Presidências Gerais das Auxiliares
- 132 Ensinamentos para os Nossos Dias
- 133 Notícias da Igreja



Resumo da 181ª Conferência Geral Anual

SESSÃO DA MANHÃ DE SÁBADO, 2 DE ABRIL DE 2011, SESSÃO GERAL

Preside: Presidente Thomas S. Monson.
Dirige: Presidente Dieter F. Uchtdorf.
Oração de abertura: Élder Allan F. Packer.
Oração de encerramento: Élder Dale G. Renlund. Música: Coro do Tabernáculo; regentes: Mack Wilberg e Ryan Murphy; organista: Clay Christiansen: “A Deus, Senhor e Rei!” *Hinos*, nº 35; “Glória a Deus Cantai”, *Hinos*, nº 33; “We Listen to a Prophet’s Voice” [Ouvimos a Voz de um Profeta], *Hymns*, nº 22, arr. Murphy, não publicado; “Eu Sei Que Vive Meu Senhor,” *Hinos*, nº 70; “Que Cristo Me Ama Eu Sei,” Creamer/Bell, arr. Murphy, não publicado; “No Monte a Bandeira,” *Hinos*, nº 4, arr. Wilberg, não publicado.

SESSÃO DA TARDE DE SÁBADO, 2 DE ABRIL DE 2011, SESSÃO GERAL

Preside: Presidente Thomas S. Monson.
Dirige: Presidente Dieter F. Uchtdorf.
Oração de abertura: Élder Kevin W. Pearson.
Oração de encerramento: Michael T. Ringwood. Música: coro combinado da Universidade Brigham Young–Idaho; regentes: Eda Ashby e Randall Kempton; organista: Bonnie Goodliffe: “Que Firme Alicerce”, *Hinos*, nº 42, arr. Ashby, não publicado; “Da Corte Celestial,” *Hinos*, nº 114; “Firmes, Segui,” *Hinos*, nº 41; “Let Zion in Her Beauty Rise” [Que São Se Erga em Beleza], *Hymns*, nº 41, arr. Kempton, não publicado.

NOITE DE SÁBADO, 2 DE ABRIL DE 2011, SESSÃO DO SACERDÓCIO

Preside: Presidente Thomas S. Monson.
Dirige: Presidente Henry B. Eyring.
Oração de abertura: Élder Rafael E. Pino.
Oração de encerramento: Élder Joseph W. Sitati. Música: Coro do Sacerdócio dos Institutos de Ogden Utah e Logan Utah; regentes: Jerald F. Simon, J. Nyles Salmond e Alan T. Saunders; organista: Andrew Unsworth: “See the Mighty Priesthood Gathered” [Vede o Poderoso Sacerdócio Reunido], *Hymns*, nº 325; “Guia-me a Ti,” *Hinos*, nº 63, arr. Unsworth, não publicado; “Cantando Louvamos,” *Hinos*, nº 50; “Por Teus Dons,” *Hinos*, nº 17, arr. Durham, pub. Jackman.

SESSÃO DA MANHÃ DE DOMINGO, 3 DE ABRIL DE 2011, SESSÃO GERAL

Preside: Presidente Thomas S. Monson.
Dirige: Presidente Henry B. Eyring.

Oração de abertura: Élder Gary E. Stevenson.
Oração de encerramento: Élder Tad R. Callister. Música: Coro do Tabernáculo Mórmon; regente: Mack Wilberg; organistas: Richard Elliott e Andrew Unsworth: “Tu, Jesus, Ó Rocha Eterna”, *Hinos*, nº 158; “Sabbath Day” [Dia do Senhor], *Hymns*, nº 148; “Povos da Terra, Vinde, Escutai” *Hinos*, nº 168, arr. Wilberg, não publicado; “Trabalhemos Hoje,” *Hinos*, nº 141; “Neste Mundo”, *Hinos*, nº 136, arr. Zabriskie, pub. Plum; “Tal Como um Facho,” *Hinos*, nº 2, arr. Wilberg, não publicado.

SESSÃO DA TARDE DE DOMINGO, 3 DE ABRIL DE 2011, SESSÃO GERAL

Preside: Presidente Thomas S. Monson.
Dirige: Presidente Henry B. Eyring.
Oração de abertura: Élder José A. Teixeira.
Oração de encerramento: Élder Kent D. Watson. Música: Coro do Tabernáculo Mórmon; regentes: Mack Wilberg e Ryan Murphy; organistas: Linda Margetts e Bonnie Goodliffe: “I Saw a Mighty Angel Fly” [Vi um Anjo Voar em Poder], *Hymns*, nº 15, arr. Wilberg, não publicado; “Eu Quero Ser Como Cristo,” *Músicas para Crianças*, pp. 40–41, arr. Bradford, pub. Nature Sings; “Vinde, Ó Filhos do Senhor,” *Hinos*, nº 27; “Mais Vontade Dá-Me,” *Hinos*, nº 75, arr. Staheli, pub. Jackman.

NOITE DE SÁBADO, 26 DE MARÇO DE 2011, REUNIÃO GERAL DAS MOÇAS

Preside: Presidente Thomas S. Monson.
Dirige: Elaine S. Dalton.
Oração de abertura: Emily Lewis.
Oração de encerramento: Bethany Wright. Música: Coro de moças das estacas da área de Salt Lake; regente: Merrilee Webb; organistas: Linda Margetts e Bonnie Goodliffe: “No Monte a Bandeira,” *Hinos*,

nº 4; “Guardiãs da Virtude,” *Apresentação de Vídeo “Vigor da Juventude 2011: Cremos,”* não publicado (cello: Jessica Hunt); “Eu Sei Que Vive Meu Senhor,” *Hinos*, nº 70, arr. Lyon, pub. Jackman (harp: Hannah Cope); “Que Firme Alicerce,” *Hinos*, nº 42, arr. Wilberg, não publicado.

GRAVAÇÃO DAS SESSÕES DA CONFERÊNCIA

Para acessar os discursos da conferência geral em vários idiomas pela Internet, visite o site conference.LDS.org. Selecione um idioma. Geralmente, dois meses após a conferência, as gravações também são disponibilizadas nos Centros de Distribuição.

MENSAGENS DOS MESTRES FAMILIARES E DAS PROFESSORAS VISITANTES

Para as mensagens dos mestres familiares e das professoras visitantes, escolha um discurso que mais atenda à necessidade daqueles a quem você visita.

NA CAPA

Primeira capa: Fotografia de Weston Colton.
Última capa: Fotografia de Les Nilsson.

FOTOGRAFIAS DA CONFERÊNCIA

As cenas da conferência geral em Salt Lake City foram enviadas por Craig Dimond, Welden C. Andersen, John Luke, Matthew Reier, Christina Smith, Cody Bell, Les Nilsson, Weston Colton, Sarah Jensen e Derek Israelson; na Argentina, por Marcelino Tossen; no Brasil, por Lauren Fochetto, Ana Claudia Souza de Oliveira e Veruska Oliveira; no Equador, por Alex Romney; na Alemanha, por Mirko Kube; na Jamaica, por Alexia Pommells; no México, por Ericka González Lage; nas Filipinas, por Wilmore La Torre; em Portugal, por Juliana Oliveira; na Romênia, por Matei Florin; na Eslovênia, por Ivan Majc; na África do Sul, por Kevin Cooney; na Ucrânia, por Marina Lukach; em Maryland, EUA, por Sasha Rose; e na Zâmbia, por Tawanda Maruza.



MAIO DE 2011 VOL. 64 Nº 5
A LIAHONA 09685 059

Revista Oficial em Português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A Primeira Presidência: Thomas S. Monson, Henry B. Eyring e Dieter F. Uchtdorf

Quórum dos Doze Apóstolos: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, David A. Bednar, Quentin L. Cook, D. Todd Christofferson e Neil L. Andersen

Editor: Paul B. Pieper

Consultores: Stanley G. Ellis, Christoffel Golden Jr., Yoshihiko Kikuchi

Diretor Administrativo: David L. Frischknecht

Diretor Editorial: Vincent A. Vaughn

Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg

Gerente Editorial: R. Val Johnson

Gerentes Editoriais Assistentes: Jenifer L. Greenwood, Adam C. Olson

Editor Associado: Ryan Carr

Editora Adjunta: Susan Barrett

Equipe Editorial: David A. Edwards, Matthew D. Flitton, LaRene Porter Gaunt, Larry Hiller, Carrie Kasten, Jennifer Maddy, Melissa Merrill, Michael R. Morris, Sally J. Odekirik, Joshua J. Perkey, Chad E. Phares, Jan Pinborough, Richard M. Romney, Janet Thomas, Paul VanDenBerghe, Melissa Zenteno

Diretor Administrativo de Arte: J. Scott Knudsen

Diretor de Arte: Scott Van Kampen

Gerente de Produção: Jane Ann Peters

Diagramadores Seniores: C. Kimball Bott, Thomas S. Child, Colleen Hinckley, Eric P. Johnsen, Scott M. Mooy

Equipe de Diagramação e Produção: Cali R. Arroyo, Collette Nebeker Aune, Howard G. Brown, Julie Burdett, Reginald J. Christensen, Gene Christiansen, Kim Fenstermaker, Kathleen Howard, Denise Kirby, Ginny J. Nilson, Ty Pilcher, Gayle Rafferty

Pré-Impressão: Jeff L. Martin

Diretor de Impressão: Craig K. Sedgwick

Diretor de Distribuição: Evan Larsen

Tradução: Edson Lopes

Para assinaturas e preços fora dos Estados Unidos e do Canadá, consulte o centro de distribuição local em seu país ou o líder da ala ou do ramo.

Envie manuscritos e perguntas para *Liahona*, Room 2420, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150-0024, USA; ou mande e-mail para: liahona@LDSchurch.org.

A Liahona, termo do Livro de Mórmon que significa "bússola" ou "guia", é publicada em albanês, alemão, armênio, búlgaro, cambojano, cebuano, chinês, coreano, croata, dinamarquês, esloveno, espanhol, estoniano, filipino, finlandês, francês, grego, húngaro, holandês, indonésio, inglês, islandês, italiano, japonês, letão, lituano, malgaxe, marshallês, mongol, norueguês, polonês, português, quiribati, romeno, russo, samoano, sueco, tagalo, tailandês, taitiano, tcheco, tonganês, ucraniano, urdu e vietnamita. (A periodicidade varia de um idioma para outro.)

© 2011 Intellectual Reserve, Inc. Todos os direitos reservados. Impresso nos Estados Unidos da América.

O texto e o material visual encontrados na revista *A Liahona* podem ser copiados para uso eventual, na Igreja ou no lar, não para uso comercial. O material visual não poderá ser copiado se houver qualquer restrição indicada nos créditos constantes da obra. As perguntas sobre direitos autorais devem ser encaminhadas para Intellectual Property Office, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150, USA; e-mail: cor-intellectualproperty@LDSchurch.org.

For Readers in the United States and Canada:

May 2011 Vol. 64 No. 5. LIAHONA (USPS 311-480) Portuguese (ISSN 1044-3347) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150. USA subscription price is \$10.00 per year; Canada, \$12.00 plus applicable taxes. Periodicals Postage Paid at Salt Lake City, Utah. Sixty days' notice required for change of address. Include address label from a recent issue; old and new addresses *must* be included. Send USA and Canadian subscriptions to Salt Lake Distribution Center at address below. Subscription help line: 1-800-537-5971. Credit card orders (Visa, MasterCard, American Express) may be taken by phone. (Canada Post Information: Publication Agreement #40017431)

POSTMASTER: Send address changes to Salt Lake Distribution Center, Church Magazines, PO Box 26368, Salt Lake City, UT 84126-0368.



ORADORES EM ORDEM ALFABÉTICA

Allred, Silvia H., 84
Andersen, Neil L., 49
Ballard, M. Russell, 46
Bednar, David A., 87
Burton, H. David, 81
Christofferson, D. Todd, 97
Cook, Mary N., 118
Cook, Quentin L., 18
Dalton, Elaine S., 121
De Hoyos, Benjamín, 106
Dibb, Ann M., 115
Eyring, Henry B., 22, 62, 125
Gibson, Larry M., 55
González, Walter F., 13
Grow, C. Scott, 108
Holland, Jeffrey R., 111
Johnson, Paul V., 78
Maynes, Richard J., 37
Monson, Thomas S., 4, 66, 90, 114
Nelson, Russell M., 34
Oaks, Dallin H., 42
Packer, Boyd K., 30
Perry, L. Tom, 6
Pratt, Carl B., 101
Richards, Kent F., 15
Robbins, Lynn G., 103
Samuelson, Cecil O., Jr., 40
Scott, Richard G., 94
Snow, Steven E., 53
Stevens, Jean A., 10
Uchtdorf, Dieter F., 26, 58, 70

ÍNDICE POR ASSUNTO

Adoração, 6
Adversidade, 15, 34, 78, 106
Ajuda Humanitária, 4
Amor, 13, 22, 46, 62, 84, 94
Arbitrio, 42
Arrependimento, 40, 97, 108
Autossuficiência, 22, 81, 84
Bênçãos, 34, 78, 101
Benevolência, 118
Bondade, 118
Caridade, 46, 53, 81
Casamento, 42, 66, 94
Conferência geral, 111, 114
Conselhos, 18
Convênios, 13, 90, 94, 115
Correção, 97
Crianças, Filhos, 10, 37, 103
Desejos, 42
Dever, 55, 62
Dia do Senhor, 6
Discipulado, 13, 84, 111
Divórcio, 66
Dízimo, 10, 34, 101
Ensino, 37
Escrituras, 30
Esperança, 53
Espírito Santo, 30, 40, 58, 70, 87, 111
Exemplo, 10, 121, 125
Expição, 15, 40, 53, 106, 108, 114
Família, 10, 18, 37, 90, 94
Fé, 18, 34, 42, 53, 70, 78, 87, 101, 106, 125
Honestidade, 121
Humildade, 10, 15
Jesus Cristo, 6, 13, 15, 30, 78, 103, 108, 114
Liderança, 55, 62
Luz, 87
Maternidade, 18
Mulheres, 18
Novo Testamento, 6
Obediência, 10, 34, 40, 87, 97, 101, 103, 125
Obra missionária, 4, 46, 49
Oração, 125
Paciência, 15, 78
Padrões, 111
Páscoa, 114
Paternidade/Maternidade, 37, 94, 103
Pioneiros, 53
Preparação, 49
Prioridades, 42
Profetas, 111
Programa de Bem-Estar, 22, 81, 84
Revelação, 30, 87
Sacerdócio, 30, 49, 58, 62, 66
Sacerdócio Aarônico, 55
Sacramento, 6
Sacrifício, 90
Santos, 106
Segunda Vinda, 49
Serviço, 22, 46, 55, 58, 70, 81, 84, 118
Sociedade de Socorro, 84
Templos, 4, 90, 115
Testemunho, 40, 66, 125
Trabalho, 84
Verdade, 40, 121
Virtude, 115, 121



Presidente Thomas S. Monson

Estamos Novamente em Conferência

Obrigado por sua fé e devoção ao evangelho, pelo amor e carinho que demonstram uns para com os outros e pelo serviço que prestam.

Quando este edifício foi planejado, pensamos que nunca ficaria cheio. Mas olhem para ele agora.

Meus amados irmãos e irmãs, como é bom estarmos juntos mais uma vez ao iniciarmos a 181ª Conferência Geral Anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Os últimos seis meses parecem ter passado rapidamente, por eu ter-me ocupado com muitas responsabilidades. Uma das grandes bênçãos desse período foi a rededicação do belo Templo de Laie Havaí, que passou por grandes reformas durante quase dois anos. Fui acompanhado pelo Presidente Henry B. Eyring e sua esposa,



pelo Élder Quentin L. Cook e sua esposa, e pelo Élder William R. Walker e sua esposa. Na noite anterior à rededicação, que ocorreu em novembro, vimos 2.000 jovens do distrito do templo encherem o Centro de Atividades Cannon, no campus da BYU-Havaí, e se apresentarem para nós. Sua apresentação, intitulada “Local de Coligação”, contou de forma criativa e magistral os momentos significativos da história local da Igreja e da história



do templo. Que noite maravilhosa foi aquela!

O dia seguinte foi um banquete espiritual, no qual o templo foi rededicado em três sessões. Sentimos o Espírito do Senhor com abundância.

Continuamos a construir templos. Tenho o privilégio esta manhã de anunciar três novos templos para os quais os terrenos estão sendo adquiridos e que, nos próximos meses e anos, serão construídos nos seguintes

locais: Fort Collins, Colorado; Meridian, Idaho; e Winnipeg, Manitoba, Canadá. Eles certamente serão uma bênção para os nossos membros dessas áreas.

A cada ano, milhões de ordenanças são realizadas nos templos. Que continuemos a ser fiéis no cumprimento dessas ordenanças, não só para nós mesmos, mas também para nossos entes queridos falecidos, que não podem fazê-las por si mesmos.

A Igreja continua a prover auxílio humanitário em situações de catástrofe. Mais recentemente, direcionamos nosso coração e nossa ajuda ao Japão, após o devastador terremoto e tsunami e os problemas nucleares resultantes. Distribuimos mais de 70 toneladas de suprimentos, inclusive comida, água, cobertores, colchões, produtos de higiene, roupas e combustível. Nossos jovens adultos solteiros ofereceram voluntariamente de

seu tempo para localizar membros desaparecidos usando a Internet, a mídia social e outros modernos meios de comunicação. Os membros estão levando ajuda, por meio de motonetas fornecidas pela Igreja, a áreas de difícil acesso por carro. Estão sendo organizados projetos de serviço para montar kits de higiene e kits de limpeza em várias estacas e alas de Tóquio, Nagoya e Osaka. Até o momento, mais de 40.000 horas de serviço foram doadas por mais de 4.000 voluntários. Nossa ajuda será contínua no Japão e em quaisquer outras áreas onde houver necessidade.

Meus irmãos e irmãs, agradeço sua fé e devoção ao evangelho, o amor e o carinho que demonstram uns pelos outros e pelo serviço que vocês prestam em suas alas e seus ramos, estacas e distritos. Obrigado também por sua fidelidade no pagamento de seus dízimos e ofertas e por sua generosidade em contribuir para outros fundos da Igreja.

No final do ano de 2010 havia 52.225 missionários servindo em 340 missões espalhadas por todo o mundo. O trabalho missionário é a seiva vital para o crescimento do reino. Gostaria de sugerir que, se tiverem condições, pensem na possibilidade de fazer uma contribuição para o Fundo Missionário Geral da Igreja.

Agora, irmãos e irmãs, estamos ansiosos para ouvir as mensagens que nos serão transmitidas hoje e amanhã. Os oradores buscaram a ajuda e a orientação dos céus ao prepararem suas mensagens. Que estejamos cheios do Espírito do Senhor e que sejamos elevados e inspirados ao ouvir e aprender. É a minha oração. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■



Élder L. Tom Perry

Do Quórum dos Doze Apóstolos

O Dia do Senhor e o Sacramento

Que sua família esteja cheia de amor ao honrarem todo o Dia do Senhor e vivenciarem suas bênçãos espirituais durante a semana.

Meus irmãos e irmãs do mundo inteiro, viemos esta manhã ouvir a voz do profeta. Testifico que essa voz que acabamos de ouvir é a voz do profeta vivo de Deus na Terra hoje, o Presidente Thomas S. Monson. Quão abençoados somos por termos seus ensinamentos e exemplo!

Neste ano, todos nós temos a oportunidade de estudar as palavras dos profetas do Novo Testamento na Escola Dominical. Embora o Velho Testamento seja um estudo de profetas e de um povo, o Novo Testamento concentra-se na vida e influência do único Homem que veio à mortalidade com cidadania dupla, no céu e na Terra: nosso Salvador e Redentor Jesus Cristo.

O mundo atual está tão saturado de doutrinas dos homens que é fácil esquecer e perder a fé nesse relato extremamente importante da vida e do ministério do Salvador: o Novo Testamento. Esse livro sagrado é o ponto central da história das escrituras, assim como o próprio Salvador deve ser o ponto central de nossa vida. Precisamos comprometer-nos a estudá-lo e a amá-lo!

Há pérolas inestimáveis de sabedoria a ser encontradas em nosso estudo do Novo Testamento. Sempre gostei muito de ler os relatos de Paulo, de quando ele viajava e organizava a Igreja do Salvador, especialmente seus ensinamentos a Timóteo. No quarto capítulo dos escritos de Paulo a Timóteo, lemos: “Manda estas coisas e ensina-as. (...) Sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé, na pureza”.¹ Não consigo imaginar um modo melhor de começarmos ou continuarmos a ser um exemplo dos fiéis do que em nosso cumprimento do Dia do Senhor.

Começando pela Criação do mundo, um dia foi separado dos demais. “E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou.”² Até Deus descansou de Seu trabalho nesse dia, e Ele espera que Seus filhos façam o mesmo. Para os filhos de Israel Ele deu o mandamento:

“Lembra-te do dia do sábado, para o santificar.

Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra.

Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus. (...)

Portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou”.³

O padrão do cumprimento do Dia do Senhor sempre inclui a adoração. Depois que Adão e Eva entraram na mortalidade, foi-lhes ordenado que “adorassem ao Senhor seu Deus e oferecessem as primícias de seus rebanhos como oferta ao Senhor (...) à semelhança do sacrifício do Unigênito do Pai”.⁴ O sacrifício de animais fez com que a posteridade de Adão se lembrasse de que um dia o Cordeiro de Deus, Jesus Cristo, faria o sacrifício de Sua própria vida por nós.

Durante toda a Sua vida, o Salvador falou desse sacrifício.⁵ Na véspera de Sua crucificação, Suas palavras começaram a ser cumpridas. Ele reuniu Seus discípulos no cenáculo, longe das distrações do mundo. Ele instituiu o Sacramento da Ceia do Senhor.

“E, quando comiam, Jesus tomou o pão, e abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo.

E, tomando o cálice, e dando graças, deu-lho, dizendo: Bebei dele todos;

porque isto é o meu sangue, o sangue do novo testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados.”⁶

A partir daquela ocasião, a Expição do Salvador tornou-se o grande e último sacrifício. Quando Ele apareceu no continente americano após Sua Ressurreição, Ele conferiu Seu sacerdócio a Seus discípulos e introduziu o sacramento, dizendo:

“E sempre procurareis fazer isto tal como eu fiz, da mesma forma que eu parti o pão, abençoai-o e dei-o a vós.

(...) E será um testemunho ao Pai de que vos lembrais sempre de mim. E se lembrardes sempre de mim, tereis meu Espírito convosco.”⁷

É extraordinário lembrar que



mesmo nos tenebrosos períodos da apostasia, esse padrão de adoração no Dia do Senhor e do sacramento continuou a ser praticado de muitas formas.

Quando o evangelho foi restaurado, Pedro, Tiago e João, três dos apóstolos, que originalmente receberam o sacramento do Salvador apareceram a Joseph Smith e Oliver Cowdery. Sob sua direção, foi restaurada a autoridade do sacerdócio

necessária para ministrar o sacramento aos membros da Igreja.⁸

Conferida pelo Salvador a Seus profetas e apóstolos, e deles a nós, essa autoridade do sacerdócio continua na Terra hoje em dia. No mundo inteiro, jovens portadores do sacerdócio se qualificam para exercer o poder do sacerdócio, cumprindo sinceramente os mandamentos e vivendo os padrões do evangelho. Mantendo as mãos espiritualmente limpas e o



coração puro, esses rapazes preparam, abençoam e distribuem o sacramento à maneira do Salvador: uma maneira definida pelo que Ele fez há mais de dois mil anos.

O sacramento é o ponto central de nosso cumprimento do Dia do Senhor. Em Doutrina e Convênios, o Senhor ordenou a todos nós:

“E para que mais plenamente te conserves limpo das manchas do mundo, irás à casa de oração e oferecerás teus sacramentos no meu dia santificado;

porque em verdade este é um dia designado para descansares de teus labores e prestares tua devoção ao Altíssimo; (...)

e nesse dia não farás qualquer outra coisa”.⁹

Ao ponderarmos o padrão do Dia do Senhor e do sacramento em nossa própria vida, parece haver três coisas que o Senhor exige de nós: primeiro, manter-nos livres das manchas do mundo; segundo, ir à casa de oração

e oferecer nossos sacramentos; e terceiro, descansar de nossos labores.

É glorioso ser cristão e viver como verdadeiro discípulo de Cristo. A nosso respeito Ele disse: “Não são do mundo, como eu do mundo não sou”.¹⁰ Para manter-nos livres das manchas do mundo, Ele espera que evitemos as distrações mundanas dos negócios e dos locais de recreação, no Dia do Senhor.

Creio que Ele também deseja que nos vistamos adequadamente. Nossos jovens podem achar que a velha expressão “roupa de domingo” seja antiquada. Ainda assim, sabemos que, quando a roupa de domingo decai e vestimos roupas do dia a dia, as atitudes e ações fazem o mesmo. Evidentemente não é necessário que nossos filhos vistam roupas formais de domingo até o pôr do sol. Contudo, por meio das roupas que os incentivamos a vestir e as atividades que planejamos, estamos ajudando-os a preparar-se para o sacramento e para

desfrutar suas bênçãos o dia inteiro.

O que significa oferecer nossos sacramentos ao Senhor? Reconhecemos que todos cometemos erros. Todos precisamos confessar e abandonar nossos pecados e erros. Confessá-los a nosso Pai Celestial e a outros que tenhamos ofendido. O Dia do Senhor nos proporciona uma preciosa oportunidade de oferecer essas coisas — nossos sacramentos — ao Senhor. Ele disse: “Lembra-te, porém, de que no dia do Senhor oferecerás tuas oblações e teus sacramentos ao Altíssimo, confessando teus pecados a teus irmãos e perante o Senhor”.¹¹

O Élder Melvin J. Ballard sugeriu: “Queremos que todo santo dos últimos dias vá à mesa do sacramento porque esse é o lugar para uma autoavaliação, para um autoexame, onde podemos aprender a corrigir nosso curso e endireitar nossa própria vida, harmonizando-nos com os ensinamentos da Igreja e com nossos irmãos e irmãs”.¹²

Quando tomamos dignamente o sacramento, testemunhamos que estamos dispostos a tomar o nome do Salvador sobre nós e a guardar Seus mandamentos e a *sempre* recordar-nos Dele, para termos Seu Espírito conosco. Desse modo, o convênio de nosso batismo é renovado. O Senhor assegurou a Seus discípulos: “Todas as vezes que o fizerdes, lembrar-vos-eis desta hora em que eu estava convosco”.¹³

Às vezes achamos que descansar de nossos labores seja simplesmente deixar o fardo de feno largado no meio do campo e colocar um aviso de “fechado” na porta de nosso negócio. Mas no mundo atual, os labores incluem as tarefas do dia a dia de nossa vida. Isso pode significar atividades comerciais que podem ser levadas a efeito em casa, as competições

esportivas e outras atividades que nos afastam da adoração do Dia do Senhor e da oportunidade de ministrar às pessoas.

“Não trates com leviandade as coisas sagradas,”¹⁴ revelou o Senhor aos santos dos últimos dias, como se estivesse nos lembrando do que disse aos discípulos: “O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado”.¹⁵

Irmãos e irmãs, nestes últimos dias, o adversário tem sucesso quando relaxamos nosso compromisso com o Salvador, ignoramos Seus ensinamentos contidos no Novo Testamento e em outras escrituras, e deixamos de segui-Lo. Pais, agora é o momento de ensinar a nossos filhos a ser o exemplo dos fiéis frequentando a reunião sacramental. Quando chegar a manhã de domingo, ajudem-nos a estar bem descansados, devidamente vestidos e espiritualmente preparados para partilhar dos emblemas do sacramento e receber a instrução, a edificação e o poder enobrecedor do Espírito Santo. Que sua família esteja cheia de amor ao honrarem todo o Dia do Senhor e vivenciarem suas bênçãos espirituais durante a semana. Convidem seus filhos e suas filhas a “[erguer-se] e [brilhar]”, por meio da santificação do Dia do Senhor, para que “[sua] luz seja um estandarte para as nações”.¹⁶

À medida que os anos passam, continuo a refletir sobre como era o Dia do Senhor em minha juventude. Ainda me lembro do primeiro dia em que ministrei o sacramento como diácono, e os pequenos copinhos de vidro que eu levava para os membros de nossa ala. Há poucos anos, um prédio da Igreja da cidade em que nasci foi reformado, e um compartimento do púlpito estava trancado. Ao ser aberto, foram encontrados alguns daqueles copinhos de vidro que

ficaram ali ocultos por anos. Um deles foi-me dado como lembrança.

Também me lembro de um baú verde que levávamos conosco ao servir nos fuzileiros navais dos EUA. Dentro do baú havia uma bandeja de madeira e pacotes de copinhos de sacramento, para que pudéssemos ser abençoados pela paz e esperança da Ceia do Senhor, mesmo durante as batalhas e o desespero da guerra.

Ao pensar naqueles copinhos de sacramento da minha juventude, um deles no vale protegido da cidade em que cresci, e outro milhares de quilômetros dali, no Pacífico, sinto-me cheio de gratidão pelo Salvador do mundo ter tomado da “taça amarga”¹⁷ por mim. E por Ele ter feito isso, posso dizer, com o salmista, que “meu cálice transborda”¹⁸ com as bênçãos de Sua infinita e eterna Expição.

Nesta véspera do Dia do Senhor, ao darmos início a esta grande confissão, lembremo-nos das bênçãos e oportunidades que temos quando frequentamos a reunião sacramental todas as semanas em nossas alas e nossos ramos. Preparemo-nos e

comportemo-nos no Dia do Senhor de modo que possamos pedir que essas bênçãos prometidas sejam derramadas sobre nós e sobre nossa família. Presto meu especial testemunho de que a maior alegria que recebemos nesta vida é seguir o Salvador. Que guardemos Seus mandamentos santificando Seu dia santo. É minha oração, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. I Timóteo 4:11–12.
2. Gênesis 2:3.
3. Êxodo 20:8–11.
4. Moisés 5:5, 7.
5. Ver, por exemplo, Marcos 10:32–34; João 2:19; 10:17; 12:32.
6. Mateus 26:26–28.
7. 3 Néfi 18:6–7.
8. Ver Joseph Smith—História 1:68–69, 72; ver também Doutrina e Convênios 27:12–13.
9. Doutrina e Convênios 59:9–10, 13.
10. João 17:16.
11. Doutrina e Convênios 59:12.
12. Em Bryant S. Hinckley, *Sermons and Missionary Services of Melvin Joseph Ballard*, 1949, p. 150.
13. Tradução de Joseph Smith, Marcos 14:21.
14. Doutrina e Convênios 6:12.
15. Marcos 2:27.
16. Doutrina e Convênios 115:5.
17. 3 Néfi 11:11.
18. Salmos 23:5.

Kiev, Ucrânia





Jean A. Stevens

Primeira Conselheira na Presidência Geral da Primária

Tornar-se Como uma Criançinha

Se tivermos um coração que quer aprender e o desejo de seguir o exemplo das crianças, os divinos atributos delas podem ser a chave para destravar o nosso próprio crescimento espiritual.

Nosso Pai Celestial, em Sua grande sabedoria e amor, envia Seus filhos espirituais a esta Terra como crianças. Eles chegam às famílias como dádivas preciosas e sua natureza e seu destino são divinos. O Pai Celestial sabe que as crianças são uma chave para ajudar-nos a ser como Ele. Há muito que podemos aprender com as crianças.

Essa importante verdade ficou evidente há alguns anos, quando um Setenta fez uma visita oficial a Hong Kong. Ele foi a uma ala bem humilde que enfrentava muitas dificuldades e não conseguia atender às próprias necessidades. Quando o bispo contou-lhe a situação, essa autoridade geral sentiu-se inspirada a pedir que os membros pagassem o dízimo. O bispo, conhecendo a situação difícil dos membros, ficou preocupado, sem saber como conseguiriam obedecer àquele conselho. Ele pensou no assunto e decidiu falar com alguns dos membros de mais fé e pedir-lhes que pagassem o dízimo. No domingo seguinte, foi à Primária e ensinou às

crianças a lei do dízimo do Senhor e perguntou se elas estariam dispostas a pagar o dízimo de todo dinheiro que recebessem. As crianças disseram que pagariam, e pagaram.

Algum tempo depois, o bispo foi falar com os adultos da ala e contou-lhes que nos últimos seis meses, as crianças, cheias de fé, vinham pagando o dízimo. Ele perguntou-lhes se estariam dispostos a seguir o exemplo das crianças e fazer o mesmo. As pessoas ficaram tão tocadas com o sacrifício que as crianças fizeram que se dispuseram a fazer o que fosse preciso para pagar o dízimo. Com isso, as janelas do céu se abriram. Com o exemplo dessas crianças fiéis, a ala passou a ser mais obediente e o testemunho dos membros aumentou.

Foi o próprio Jesus Cristo quem nos ensinou a ter as crianças como exemplo. No Novo Testamento, lemos o que Ele respondeu aos apóstolos, quando estes discutiam quem seria o maior no reino dos céus. Jesus respondeu a essa pergunta com uma demonstração prática e simples, mas

de grande impacto. Chamou uma criança para junto de Si, colocou o menino no meio deles e disse:

“(...) Se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus.

Portanto, aquele que se tornar humilde como este menino, esse é o maior no reino dos céus” (Mateus 18:3–4).

O que teríamos a aprender com as crianças? Que qualidades elas têm, e que exemplos dão, capazes de ajudarnos em nosso próprio desenvolvimento espiritual?

Esses preciosos filhos de Deus chegam a nós com um coração pronto a acreditar. São cheios de fé e receptivos à influência do Espírito. São um exemplo de humildade, obediência e amor. Eles são em geral os primeiros a amar e os primeiros a perdoar.

Vou contar-lhes algumas experiências que mostram como as crianças podem abençoar nossa vida com seu exemplo inocente, mas vigoroso, de qualidades cristãs.

Todd, um menininho de apenas dois anos, recentemente foi com a mãe a um museu de arte em que havia uma exposição especial de belas pinturas representando o Salvador. Enquanto andavam por entre essas imagens sagradas, ela ouviu o menininho dizer com reverência o nome “Jesus”. Ela olhou para baixo e viu cruzar os braços e baixar a cabeça diante dos quadros. Será que o Todd poderia ensinar-nos alguma coisa quanto a ter humildade, reverência e amor ao Senhor?

No outono passado, vi o exemplo de um menino de dez anos, na Armênia. Enquanto esperávamos o início da reunião sacramental, ele viu a senhora mais velha da ala chegar. Foi o primeiro que rapidamente colocou-se ao



lado dela e ofereceu-lhe o braço para ajudá-la a caminhar. Acompanhou-a até o primeiro banco da capela, onde ela poderia ouvir melhor. Será que, com esse pequeno ato de bondade, poderíamos aprender que, no reino do Senhor, os grandes são aqueles que procuram oportunidades de servir ao próximo?

Aprendemos com Katie, uma menina da Primária, que influenciou a própria família. Ela frequentava a Primária e tinha muito interesse pelos ensinamentos do evangelho. Com fé

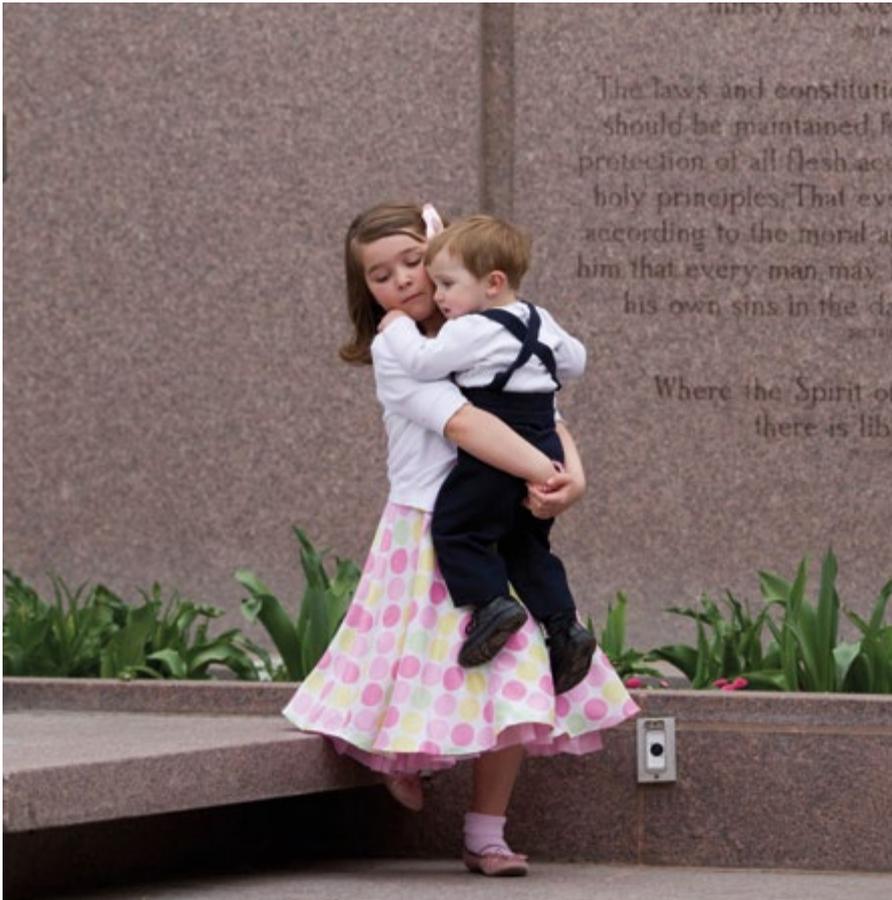
e testemunho crescentes, ela deixou um bilhete no travesseiro dos pais dizendo que as verdades do evangelho “moravam em seu coração”. Ela disse que queria muito estar perto do Pai Celestial, obedecer aos mandamentos e ver a família ser selada no templo. O testemunho simples dessa doce menina tocou profundamente o coração dos pais. Katie e a família receberam as ordenanças sagradas do templo, que agora os unem para sempre. A candura de Katie e seu exemplo de fé ajudou a família a receber

bênçãos eternas. Será que o testemunho sincero e o desejo dessa menina de seguir o plano do Senhor poderiam levar-nos a perceber com mais clareza o que é mais importante?

Nossa família vem aprendendo muitas coisas com um parente próximo de seis anos chamado Liam. Desde o ano passado ele tem travado uma batalha contra um câncer cerebral bastante agressivo. Depois de duas cirurgias difíceis, concluiu-se que ele também precisaria de radioterapia. Era preciso que, durante as diversas sessões desse tratamento, ele ficasse completamente só e permanecesse imóvel. Liam não queria que lhe dessem sedativos, porque não gostava da sensação que sentia. Ele tinha certeza de que se ao menos pudesse ouvir a voz do pai pelo autofalante, conseguiria ficar deitado, parado, sem o sedativo.

Nesses momentos de ansiedade, o pai falava com ele e dizia palavras de encorajamento e amor: “Liam, você não me vê, mas eu estou bem aqui. Sei que você consegue! Eu te amo”. Liam terminou com sucesso as 33 sessões de radioterapia, nas quais não podia mover um músculo. Os médicos achavam que isso seria um feito impossível para uma criança dessa idade, sem sedativos. Durante meses de dores e dificuldades, o otimismo contagiante de Liam foi um exemplo de como encarar a adversidade com esperança e até felicidade. Seus médicos, suas enfermeiras e inúmeras outras pessoas foram inspirados por sua coragem.

Liam nos ensina importantes lições — lições sobre escolhas e confiança no Senhor. Assim como ele, não vemos nosso Pai Celestial, mas podemos ouvir Sua voz dando-nos a força de que precisamos para suportar os desafios da vida.



*Família, dom de Deus,
Pra sermos tão bons quanto Ele nos
quer;
E assim, mostra o Seu amor,
Pois família é do Senhor.
("A Família É do Senhor," A Liahona,
outubro de 2008, pp. A12–A13.)*

É aqui com nossa família, em uma atmosfera de amor, que vemos e desfrutamos de forma mais pessoal dos atributos divinos dos filhos espirituais de Deus. É aqui em meio a nossa família, que nosso coração pode abrandar-se e nós, humildemente, desejamos mudar e tornar-nos mais semelhantes às crianças. É por meio desse processo que nos tornamos mais semelhantes a Cristo.

Será que algumas das experiências da vida lhe roubaram o coração que crê e a fé de uma criança, que você já teve? Se isso aconteceu, olhe as crianças ao seu redor. Olhe-as de novo. Podem ser crianças de sua família ou dos vizinhos, ou mesmo da Primária de sua ala. Se tivermos um coração que quer aprender e o desejo de seguir o exemplo das crianças, os divinos atributos delas podem ser a chave para desatrar o nosso próprio crescimento espiritual.

Sempre serei grata pela bênção que são meus próprios filhos. O exemplo de cada um tem me ensinado lições de que necessito. Eles têm me ajudado a mudar para melhor.

Presto meu humilde, mas firme testemunho de que Jesus é o Cristo. Ele é o único Filho perfeito — submisso, manso, humilde, paciente e tão cheio de amor. Que tenhamos a coragem de seguir Seu exemplo, de tornar-nos como crianças para, assim, voltar ao lar celestial. Essa é minha oração, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

Poderia o exemplo de Liam nos ajudar a melhor compreender o que o rei Benjamim disse sobre tornar-nos como criancinhas, submissos, mansos, humildes, pacientes e cheios de amor? (Ver Mosias 3:19.)

Essas crianças nos oferecem exemplos de algumas das qualidades infantis que precisamos desenvolver ou redescobrir em nós mesmos para entrar no reino dos céus. Elas são espíritos fulgurantes, não contaminados pelo mundo — prontos a aprender e cheios de fé. Não é de admirar que o Salvador tenha especial amor e apreço pelas crianças.

Entre os acontecimentos transcendentos do ministério do Salvador na América, o carinho com que ministrou às crianças se destaca. Foi comovente a forma como deu atenção a cada uma.

"E pegou as criancinhas, uma a uma, e abençoou-as e orou por elas ao Pai.

E depois de haver feito isso, chorou (...);

E dirigindo-se à multidão,

disse-lhes: Olhai para vossas criancinhas" (3 Néfi 17:21–23).

O Élder M. Russell Ballard ensinou o quanto é importante a admoestação "olhai para vossas criancinhas", feita pelo Senhor, quando disse: "É interessante notar que Ele não disse 'deem uma espiada nelas', 'observem-nas superficialmente' ou 'olhem de vez em quando na direção delas'. Ele pediu-nos que as *contemplássemos*. No meu entender, isso significa que devemos abraçá-las com os olhos e com o coração; devemos ver e compreender quem realmente são: filhos espirituais do Pai Celestial, com características divinas" ("Olhai para Vossas Criancinhas", *A Liahona*, outubro de 1994, p. 35; [tradução atualizada]; grifo do autor).

Não há melhor lugar para "[olhar] para [nossas] criancinhas" do que na família. O lar é o lugar onde todos podem aprender e crescer juntos. Uma bela música da Primária ensina esta verdade:



Élder Walter F. González
Da Presidência dos Setenta

Seguidores de Cristo

Os que seguem a Cristo moldam a vida no Salvador a fim de andar na luz.

Em outubro passado, minha esposa e eu acompanhamos o Élder Neil L. Andersen e sua esposa para a abertura de terra do novo templo em Córdoba, Argentina. Como de costume, após a cerimônia houve uma entrevista coletiva. Uma jornalista que não era membro da Igreja comentou que notara que os maridos tratavam muito bem as esposas. Depois, inesperadamente fez-me uma pergunta: “Isso é verdade ou ficção?” Tenho certeza de que ela viu e sentiu algo diferente entre nossos membros. Talvez ela tenha percebido o desejo de nossos membros de seguir a Cristo. Os membros de todo o mundo sentem tal desejo. Ao mesmo tempo, milhões de pessoas que não são da Igreja também têm o desejo de segui-Lo.

Recentemente, minha esposa e eu ficamos muito impressionados com o povo de Gana e da Nigéria. A maior parte dele não é membro de nossa Igreja. Ficamos contentes diante do desejo de seguir a Cristo expressado por muitos em nossas conversas — nas casas, nos carros, nos muros e cartazes. Nunca vimos tantas igrejas cristãs próximas umas das outras.

Nós, membros da Igreja, temos o dever de convidar milhões de pessoas assim, a virem e verem o que nossa Igreja pode acrescentar às boas coisas

que elas já têm. Qualquer pessoa, de qualquer continente, clima ou cultura pode saber por si mesmo que o Profeta Joseph Smith viu o Pai e o Filho. Qualquer um pode saber que o sacerdócio foi restaurado por mensageiros celestiais e que o Livro de Mórmon é outro testamento de Jesus Cristo. Nas palavras do Senhor a Enoque: “Justiça [foi enviada] dos céus; e verdade [brotou] da terra para prestar testemunho do (...) Unigênito [do Pai]”.¹

O Salvador prometeu: “Quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida”.² Os que seguem a Cristo moldam a vida no Salvador a fim de andar na luz. Duas características ajudam-nos a ver até que ponto nós O seguimos: Primeira, os seguidores de Cristo são um povo dedicado. Segunda, os seguidores de Cristo fazem convênios e os guardam.

A primeira característica, que é ter amor, foi provavelmente uma coisa que a jornalista de Córdoba percebeu nos membros da Igreja. Seguimos a Cristo porque O amamos. Quando seguimos o Redentor por amor, seguimos o exemplo que Ele mesmo nos deu. Por amor, o Salvador obedecia à vontade do Pai em quaisquer circunstâncias. O Salvador foi obediente mesmo quando, para isso, teve que enfrentar grande sofrimento físico e

emocional; mesmo quando, por isso, foi açoitado e desprezado; mesmo quando, por isso, foi torturado por Seus inimigos e abandonado pelos amigos. O sacrifício expiatório, que foi um elemento ímpar da missão do Salvador, foi a maior manifestação de amor de todos os tempos. “O castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.”³

Da mesma forma que Cristo seguiu o Pai sob qualquer circunstância, devemos seguir Seu Filho. Se o fizermos, não importa o tipo de perseguição, sofrimento, tristeza ou “espinho na carne”⁴ que enfrentemos. Não estamos sozinhos. Cristo nos ajudará. Suas ternas misericórdias nos tornarão fortes, sob qualquer circunstância.⁵

Seguir a Cristo talvez signifique abandonar muitas coisas queridas, como o fez Rute, a moabita. Como recém-conversa, por amor a Deus e a Noemi, ela deixou tudo para trás para viver sua religião.⁶

Talvez signifique resistir à adversidade e às tentações. Quando jovem, José foi vendido como escravo. Foi-lhe tirado tudo o que amava. Depois foi tentado a deixar de ser casto. Ele resistiu à tentação e disse: “Como pois faria eu tamanha maldade, e pecaria contra Deus?”⁷ Seu amor por Deus era mais poderoso do que qualquer adversidade ou tentação.

Hoje em dia temos Rutes e Josés modernos em todo o mundo. Quando o irmão Jimmy Olvera, de Guayaquil no Equador, recebeu seu chamado missionário, sua família se opôs grandemente. No dia de sua partida, foi-lhe dito que se saísse de casa, perderia a família. Com o coração partido, ele saiu. Durante a missão, a mãe pediu-lhe que ficasse por mais tempo no campo, porque eles estavam recebendo muitas bênçãos. Hoje o irmão Olvera serve como patriarca de estaca.



O amor verdadeiro a Cristo dá-nos a força de que precisamos para segui-Lo. O próprio Senhor demonstrou-nos isso ao perguntar três vezes a Pedro: “Amas-me?” Depois de ter afirmado em voz alta que O amava, o Senhor descreveu a Pedro as dificuldades que estavam por vir. Foi então que veio o chamado: “Segue-me”. A pergunta que o Salvador fez a Pedro também pode ser feita a nós: “Amas-me?” seguida do chamado a agir: “Segue-me”.⁸

O amor é uma poderosa influência no coração em nosso empenho de sermos obedientes. O amor ao Salvador inspira-nos a guardar Seus mandamentos. O amor por uma mãe, pai ou cônjuge também é capaz de inspirar nossa obediência aos princípios do evangelho. A forma como tratamos as outras pessoas, refletem até que ponto

seguimos nosso Salvador em nosso amor ao próximo.⁹ Mostramos nosso amor a Ele quando paramos para ajudar outras pessoas, quando somos “perfeitamente honestos e justos em todas as coisas”¹⁰, e quando fazemos e guardamos os convênios.

A segunda característica dos seguidores de Cristo é fazer convênios e guardá-los, como Ele o fez. Morôni enfatizou que: “[é] por meio do derramamento do sangue de Cristo, que está no convênio do Pai para a remissão de vossos pecados, que vos [tornais] santos, sem mácula”.¹¹

O Profeta Joseph Smith ensinou que, mesmo antes da organização desta Terra, fizemos convênios no céu.¹² Os antigos profetas e patriarcas fizeram convênios.

O próprio Salvador deu o exemplo. Ele foi batizado para cumprir toda

a justiça por quem possuía a devida autoridade. Por meio do Seu batismo, o Salvador testemunhou ao Pai que seria obediente e cumpriria todos os Seus mandamentos.¹³ Da mesma maneira que na Antiguidade, nós também seguimos a Cristo e fazemos convênios por meio das ordenanças do sacerdócio.

Fazer convênios é algo que milhões de pessoas que não são membros da Igreja podem acrescentar às coisas excelentes que já têm. Fazer convênios é uma expressão de amor. É uma maneira de dizer-Lhe: “Sim, eu Te seguirei porque Te amo”.

Convênios incluem promessas, “até mesmo a vida eterna”.¹⁴ Todas as coisas trabalharão juntas para nosso bem, se nos lembrarmos de nossos convênios.¹⁵ Eles precisam ser feitos e cumpridos para que plenamente recebamos as promessas neles contidas. Amar o Salvador e lembrar de nossos convênios, vão ajudar-nos a cumpri-los. Partilhar do sacramento a cada semana é uma forma de lembrar nossos convênios.¹⁶ Outra forma é ir ao templo com frequência. Lembro-me de um jovem casal na América do Sul que queria divorciar-se porque não conseguia se entender. Um líder do sacerdócio aconselhou-os a irem ao templo e prestarem atenção específica às palavras e promessas dos convênios ali feitos. Eles o fizeram e o casamento foi salvo. O poder de nossos convênios é maior do que qualquer desafio que enfrentamos ou que venhamos a enfrentar.

Aos membros que não são ativos na Igreja, por favor, voltem! Participem da bênção que é recordar-se dos convênios e renová-los por meio do sacramento e da frequência ao templo. Fazer isso é uma manifestação de amor que demonstra sua disposição

de serem verdadeiros seguidores de Cristo. Isso vai qualificá-los para receber todas as bênçãos prometidas.

A quem não é membro de nossa Igreja: convido-os a terem fé, arrependem-se e qualificarem-se a receber o convênio do batismo na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Fazendo isso, demonstrarão que amam o Pai Celestial e estão dispostos a seguir a Cristo.

Testifico-lhes que somos mais felizes quando seguimos os ensinamentos do evangelho de Jesus Cristo. À medida que nos empenharmos em segui-Lo, receberemos as bênçãos do céu. Sei que as promessas do Senhor serão cumpridas à medida que fizermos convênios e os guardarmos e tornarmos-nos verdadeiros seguidores de Cristo. Presto testemunho do grande amor que Ele tem a cada um de nós, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Moisés 7:62.
2. João 8:12.
3. Isaías 53:5.
4. II Coríntios 12:7.
5. Ver 1 Néfi 1:20.
6. Ver Rute 1:16.
7. Ver Gênesis 39:7-9.
8. Ver João 21:15-19.
9. Ver João 13:15.
10. Alma 27:27.
11. Morôni 10:33.
12. Ver *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 45; “ver também Spencer W. Kimball, “Be Ye Therefore Perfect” (devocional, Salt Lake Institute of Religion, 10 de janeiro de 1975): “We made vows, solemn vows, in the heavens before we came to this mortal life). ... We have made covenants. We made them before we accepted our position here on the earth.”
13. Ver 2 Néfi 31:5-7.
14. Ver Abraão 2:11. Ver também John A. Widtsoe, “Temple Worship” (discurso, Assembly Hall, Salt Lake City, 12 de outubro de 1920, p. 10: “The covenant gives life to truth; and makes possible the blessings that reward all those who use knowledge properly”).
15. Ver Doutrina e Convênios 90:24.
16. Ver, por exemplo, 3 Néfi 18:7-11.



Élder Kent F. Richards
Dos Setenta

A Expição Cobre Toda Dor

Nosso grande desafio pessoal na mortalidade é tornar-nos “santos pela expiação de Cristo”.

Sendo cirurgião, percebi que passo uma parte significativa de meu tempo no trabalho lidando com a questão da dor. Por ser necessário, eu a inflijo quase diariamente nas cirurgias — e grande parte de meus esforços são dedicados depois ao controle e alívio da dor.

Tenho ponderado sobre o propósito da dor. Nenhum de nós é imune à dor. Vi pessoas que lidam com ela de maneiras variadas. Algumas se afastam de Deus, com raiva, e outras permitem que seu sofrimento as aproxime de Deus.

Tal como vocês, eu mesmo já senti dor. A dor é um medidor do processo de cura. Em geral, ela nos ensina paciência. Talvez seja por isso que usamos o termo *paciente* ao referir-nos ao doente.

O Élder Orson F. Whitney escreveu: “Nenhuma dor que sofremos, nenhuma provação por que passamos, é em vão. Ela ministra a nossa educação para o desenvolvimento de qualidades como paciência, fé, força e humildade. (...) É por meio das tristezas e do sofrimento, da labuta e da tribulação que obtemos a educação que viemos adquirir neste mundo”.¹

Na mesma linha, o Élder Robert D. Hales disse:

“A dor leva-nos à humildade que nos permite ponderar. Sou grato por ter passado por essa experiência. (...)”

Aprendi que a dor física e a cura do corpo após uma cirurgia delicada são extraordinariamente similares à dor espiritual e à cura da alma no processo de arrependimento”.²

Grande parte de nosso sofrimento não é obrigatoriamente culpa nossa. Acontecimentos inesperados, situações contraditórias ou frustrantes, doenças incapacitantes ou até a morte são coisas que nos cercam e permeiam nossa vida mortal. Além disso, podemos sofrer aflições por causa dos atos de outras pessoas.³ Leí declarou que Jacó tinha “[sofrido] aflições e muito pesar por causa da rudeza de [seus] irmãos”.⁴ A oposição faz parte do plano de felicidade dado pelo Pai Celestial. Todos nós recebemos o suficiente para termos ciência do amor de nosso Pai e da necessidade que temos do auxílio do Salvador.

O Salvador não é um observador silencioso. Ele próprio conhece de modo pessoal e infinito a dor que enfrentamos.

“Ele sofre as dores dos homens, sim, as dores de toda criatura vivente, tanto homens como mulheres e crianças.”⁵

“Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno.”⁶

Às vezes, ao sofrer dores profundas, somos tentados a perguntar: “Porventura não há bálsamo em Gileade? Ou não há lá médico?”⁷ Testifico que a resposta é sim, há um médico. A Expição de Jesus Cristo cobre todas essas situações e os propósitos da mortalidade.

Há outro tipo de dor pela qual *somos* responsáveis. Essa dor espiritual nos penetra profundamente a alma e pode parecer inextinguível, como se fôssemos atormentados com “inexprimível horror”, conforme descreveu Alma.⁸ Ela decorre de nossos atos pecaminosos e da falta de arrependimento. Para essa dor, também há uma cura universal e absoluta. Ela vem do Pai, por intermédio do Filho, e é para todos os que estão dispostos a fazer tudo o que for necessário para arrepender-se. Cristo disse: “Não volverei a mim agora, (...) convertendo-vos, para que eu vos cure?”⁹

O próprio Cristo ensinou:

“E meu Pai enviou-me para que eu fosse levantado na cruz; e *depois* que eu fosse levantado na cruz, pudesse atrair a mim todos os homens. (...)”

E por esta razão fui levantado; portanto, de acordo com o *poder* do Pai, atrairei todos os homens a mim”.¹⁰

Talvez Sua obra mais significativa seja Seu empenho contínuo por nós, individualmente, para elevar-nos, abençoar-nos, fortalecer-nos, susternos, guiar-nos e perdoar-nos.

Conforme Néfi contemplou em visão, grande parte do ministério

mortal de Cristo foi dedicado à bênção e cura de doentes com todo tipo de enfermidades — físicas, emocionais e espirituais. “E vi multidões de pessoas doentes e afligidas com toda espécie de moléstias. (...) E foram curadas pelo poder do Cordeiro de Deus”.¹¹

Alma também profetizou que “ele seguirá, sofrendo dores e aflições e tentações de toda espécie; e (...) ele tomará sobre si as dores e as enfermidades de seu povo. (...)”

Para que se *lhe* encham de misericórdia as entranhas, (...) para que *saiba*, segundo a carne, como socorrer seu povo, de acordo com suas enfermidades”.¹²

Tarde da noite, num leito de hospital, dessa vez como paciente e não como médico, li inúmeras vezes esses versículos. Ponderei: “Como isso acontece? Para quem? O que é exigido para nos qualificar? Isso é como o perdão do pecado? Temos que conquistar Seu amor e Sua ajuda?” Ao ponderar, compreendi que durante Sua vida mortal Cristo *decidiu* sentir dores e aflições para que pudesse compreender-nos. Talvez também necessitemos

sentir a profundidade da mortalidade para adquirir entendimento Dele e de nosso propósito eterno.¹³

O Presidente Henry B. Eyring ensinou: “Somos consolados enquanto esperamos aflitos pelo alívio prometido do Salvador, de que Ele sabe, por experiência própria, como curar-nos e ajudar-nos. (...) A fé que temos nesse poder nos torna pacientes, à medida que oramos, trabalhamos e esperamos pela ajuda. O Senhor poderia ter adquirido conhecimento sobre como socorrer-nos por simples revelação, mas *decidiu aprender por experiência própria*”.¹⁴

Naquela noite, senti-me envolvido nos braços de Seu amor.¹⁵ Meu travesseiro ficou molhado com lágrimas de gratidão. Mais tarde, ao ler em Mateus sobre o ministério mortal de Cristo, fiz outra descoberta: “E, chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos (...) e ele (...) curou *todos* os que estavam enfermos”.¹⁶ Ele curou *todos* os que O procuraram. Não deu as costas a ninguém.

Como ensinou o Élder Dallin H. Oaks: “As bênçãos de cura vêm de várias formas, cada uma adaptada a

Guayaquil, Equador



nossas necessidades individuais, que são conhecidas por Aquele que mais nos ama. Às vezes a ‘cura’ elimina nossa doença ou alivia nosso fardo. Em outras ocasiões, porém, somos ‘curados’ ao recebermos forças, compreensão ou paciência para suportarmos os fardos recebidos”.¹⁷ E todo aquele que se achegar poderá ser “envolvido pelos braços de Jesus”.¹⁸ Toda alma pode ser curada por Seu poder. Toda dor pode ser aliviada. Nele, podemos encontrar descanso para nossa alma.¹⁹ Nossa situação mortal talvez não mude de imediato, mas nossa dor, preocupação, sofrimento e temor podem ser sobrepujados por Sua paz e Seu bálsamo de cura.

Percebi que as crianças geralmente aceitam com mais naturalidade a dor e o sofrimento. Elas suportam serenamente com humildade e mansidão. Senti um belo e doce espírito envolvendo aqueles pequeninos.

Sherrie, de treze anos, foi submetida a uma cirurgia de quatorze horas devido a um tumor na medula espinhal. Ao recobrar a consciência, na unidade de terapia intensiva, ela disse: “Pai, a tia Cheryl está aqui... e... o vovô Norman... e a vovó Brown... estão aqui. E pai, quem está de pé a seu lado?... Ele parece com você, porém é mais alto. ... Ele diz que é seu irmão Jimmy”. O tio dela, Jimmy, havia morrido de fibrose cística, aos treze anos.

“Por quase uma hora, Sherrie descreveu seus visitantes, todos eles familiares falecidos. Exausta, ela então pegou no sono.”

Mais tarde, ela disse ao pai: “Papai, todas as crianças que estão aqui na unidade de terapia intensiva têm anjos ajudando elas”.²⁰

Para todos nós, o Salvador disse:

“Eis que vós sois criancinhas e não podeis suportar todas as coisas agora;



é preciso que cresçais em graça e no conhecimento da verdade.

Não temais, filhinhos, porque sois meus. (...)

Portanto estou em vosso meio e sou o bom pastor”.²¹

Nosso grande desafio pessoal na mortalidade é tornar-nos santos “pela expiação de Cristo”.²² A dor que cada um de nós sofre pode ser o modo de medir esse processo. Quando é extrema, podemos tornar-nos como crianças no coração, humilhando-nos e orando, trabalhando e esperando²³ pacientemente a cura de nosso corpo e de nossa alma. Tal como Jó, depois de sermos refinados pelas provações, “[sairemos] como o ouro”.²⁴

Presto testemunho de que Ele é nosso Redentor, nosso Amigo, nosso Advogado, o Grande Médico, o Grande Curador. Nele podemos encontrar paz e consolo para nossas dores e nossos pecados se apenas viermos a Ele com o coração humilde. Sua graça basta.²⁵ Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Orson F. Whitney, Spencer W. Kimball, *Faith Precedes the Miracle* (1972), p. 98.
2. Robert D. Hales, “A Cura da Alma e do Corpo”, *A Liahona*, janeiro de 1999, p. 16.
3. Ver Alma 31:31, 33.

4. 2 Néfi 2:1.

5. 2 Néfi 9:21.

6. Hebreus 4:16. Paulo nos ensinou a olhar para o Salvador como exemplo ao lidar com “contradições dos pecadores contra [nós], para que não [enfraqueçamos], desfalecendo em [nossos] ânimos” (Hebreus 12:3).

7. Jeremias 8:22.

8. Alma 36:14.

9. 3 Néfi 9:13.

10. 3 Néfi 27:14–15; grifo do autor.

11. 1 Néfi 11:31.

12. Alma 7:11–12; grifo do autor.

13. Ver John Taylor, *Mediation and Atonement*, 1882, p. 97. O Presidente Taylor refere-se a um “convênio” feito entre o Pai e o Filho nos conselhos pré-mortais para a realização da redenção expiatória da humanidade. O sofrimento voluntário de Cristo durante Sua vida foi acrescido ao sofrimento que passou no jardim e na cruz (ver Mosias 3:5–8).

14. Henry B. Eyring, “Adversidade”, *A Liahona*, maio de 2009, pp. 23–27; grifo do autor.

15. Ver Doutrina e Convênios 6:20.

16. Mateus 8:16; grifo do autor.

17. Dallin H. Oaks, “Ele Cura os Oprimidos”, *A Liahona*, novembro de 2006, pp. 7–8.

18. Mórmon 5:11.

19. Ver Mateus 11:29.

20. Ver Michael R. Morris, “Sherrie’s Shield of Faith”, *Ensign*, junho de 1995, p. 46.

21. Doutrina e Convênios 50:40–41, 44.

22. Mosias 3:19.

23. Ver Henry B. Eyring, *A Liahona*, maio de 2009, p. 24.

24. Ver Jó 23:10.

25. II Coríntios 12:9; ver também Éter 12:26–27; Doutrina e Convênios 18:31.



Élder Quentin L. Cook
Do Quórum dos Doze Apóstolos

As Mulheres da Igreja São Incríveis!

Muito do que realizamos na Igreja deve-se ao serviço abnegado das mulheres.

O escritor e historiador Wallace Stegner escreveu sobre a migração e a coligação mórmon no Vale do Lago Salgado. Ele não aceitava nossa religião e, em muitos aspectos, fez críticas; no entanto, ficou impressionado com a dedicação e o heroísmo dos primeiros membros da Igreja, especialmente das mulheres. Ele declarou: “Suas mulheres eram incríveis”.¹ Faço eco a esse sentimento hoje. Nossas mulheres da Igreja são incríveis!

Deus colocou nas mulheres qualidades divinas de força, virtude, amor e disposição de sacrifício para criar as futuras gerações de Seus filhos espirituais.

Um recente estudo americano afirma que as mulheres de todas as religiões “acreditam mais fervorosamente em Deus” e participam de mais serviços religiosos do que os homens. “Em praticamente todas as formas de avaliação, elas são mais religiosas.”²

Não fiquei surpreendido com esse resultado, particularmente ao refletir sobre o papel preeminente da família e das mulheres em nossa religião. Nossa doutrina é clara: as mulheres são filhas de nosso Pai Celestial, que

as ama. A esposa está à altura de seu marido. O casamento exige uma plena parceria em que a mulher e o marido trabalhem lado a lado para atender às necessidades da família.³

Sabemos que existem muitos desafios para as mulheres, inclusive para aquelas que se empenham em viver o evangelho.

Herança de Irmãs Pioneiras

Um atributo predominante na vida de nossos antepassados pioneiros foi a fé das irmãs. As mulheres, por natureza divina, têm maior dom e responsabilidade pelo lar e pelos filhos, nutrindo-os naquela circunstância e em outras. Em vista disso, a fé expressa pelas irmãs, ao se disporem a abandonar suas casas para atravessar as planícies rumo ao desconhecido, é inspiradora. Se alguém tivesse de caracterizar seu atributo mais importante, seria a sua inabalável fé no evangelho restaurado do Senhor Jesus Cristo.

O relato heroico do que aquelas mulheres pioneiras sacrificaram e realizaram enquanto atravessavam as planícies é um legado inestimável para a Igreja. Senti-me tocado pelas palavras

de Elizabeth Jackson, cujo marido, Aaron, morreu após a última travessia do Rio Plate, com a companhia Martin de carrinhos de mão. Ela escreveu:

“Não tentarei descrever meus sentimentos ao encontrar-me assim, viúva e com três filhos, em tais circunstâncias torturantes. (...) Eu acredito (...) que meus sofrimentos por causa do evangelho serão santificados para o meu bem. (...)

[Recorri] ao Senhor, (...) Ele que prometera ser um marido para a viúva, e um pai para os órfãos. Recorri a Ele, e Ele veio em meu auxílio”.⁴

Elizabeth disse que estava escrevendo aquela história em nome daqueles que passaram por situações semelhantes, com a esperança de que a posteridade estivesse disposta a sofrer e a sacrificar todas as coisas pelo reino de Deus.⁵

As Mulheres na Igreja Hoje São Fortes e Valorosas

Creio que as mulheres da Igreja hoje enfrentam esse desafio e são igualmente fortes e fiéis. A liderança do sacerdócio da Igreja, em todos os níveis, reconhece com gratidão o serviço, o sacrifício, o empenho e a contribuição das irmãs.

Muito do que realizamos na Igreja deve-se ao serviço abnegado das mulheres. Seja na Igreja ou em casa, é uma coisa bonita de se ver o sacerdócio e a Sociedade de Socorro trabalhando em perfeita harmonia. Esse relacionamento é como uma orquestra bem afinada, e a sinfonia que resulta disso inspira-nos a todos.

Quando fui recentemente designado a participar de uma conferência na Estaca Mission Viejo Califórnia, senti-me tocado pelo relato do que aconteceu no baile da juventude, de quatro estacas, no Ano Novo. Após o baile, foi encontrada uma bolsa sem

identificação externa. Quero compartilhar com vocês parte do que a irmã Monica Sedgwick, presidente das Moças da Estaca Laguna Niguel, relatou: “Não queríamos bisbilhotar, era um objeto pessoal de alguém! Por isso, nós a abrimos com cuidado e pegamos a primeira coisa que estava em cima, esperando que isso identificasse a dona. E identificou — mas de outra forma. Era um folheto *Para o Vigor da Juventude*. Uau! Isso nos dizia muito sobre a moça. Então, pegamos o que havia em seguida, um caderninho que certamente nos daria a resposta, mas não do tipo que esperávamos. Na primeira página havia uma lista de escrituras favoritas e havia mais cinco páginas com outras escrituras e anotações pessoais”.

As irmãs quiseram imediatamente conhecer aquela valorosa jovem. Voltaram a procurar na bolsa algo que a identificasse. Tiraram dali algumas pastilhas de hortelã, sabonete, loção e uma escova. Adorei seus comentários: “Oh, coisas boas provêm de sua boca, ela tem as mãos limpas e macias, e cuida bem de si mesma”.

Ansiaram por ver o tesouro seguinte. Encontraram uma esmerada bolsinha de moedas feita em casa com papelão de caixa de suco, e um pouco de dinheiro, num bolso com zíper. Exclamaram: “Ah, ela é criativa e está preparada!” Sentiram-se como crianças na manhã de Natal. O que tiraram em seguida surpreendeu-as ainda mais: uma receita de bolo de chocolate floresta negra, e um bilhete lembrando-a de fazer um bolo de aniversário para uma amiga. Elas quase gritaram: “Ela sabe COZINHAR! É prestativa e gosta de servir”. Então, finalmente, surgiu uma identificação. As líderes das jovens sentiram-se muito abençoadas “ao verem o sereno exemplo de uma moça que vivia o evangelho”.⁶



Esse relato ilustra a dedicação de nossas moças aos padrões da Igreja.⁷ Também é um exemplo de quão carinhosas, interessadas e dedicadas são as líderes das Moças do mundo inteiro. Elas são incríveis!

As irmãs têm papéis vitais na Igreja, na vida familiar e individualmente, os quais são essenciais ao plano do Pai Celestial. Muitas dessas responsabilidades não têm remuneração financeira, mas sem dúvida proporcionam satisfação e têm importância eterna. Recentemente, uma mulher notável e muito capaz da junta editorial de um jornal solicitou uma descrição do papel das mulheres na Igreja. Foi-lhe explicado que nenhuma líder de nossas congregações era *remunerada*. Ela interrompeu para dizer que seu interesse havia diminuído significativamente. Ela disse: “Não creio que as mulheres precisem de mais empregos não *remunerados*”.

Destacamos que a organização mais importante da Terra é a família, na qual “pais e mães são parceiros iguais”.⁸ Nem um nem outro recebe remuneração financeira, mas as bênçãos são indescritíveis. Evidentemente, falamos para ela da Sociedade de Socorro, da organização das Moças e da Primária,

que são lideradas por presidentes que são mulheres. Salientamos que desde o princípio de nossa história, tanto homens quanto mulheres oram, executam a música, fazem discursos e cantam no coro, até na reunião sacramental, nossa reunião mais sagrada.

Um livro muito aclamado recentemente, *American Grace*, relata a situação das mulheres de muitas religiões. Foi observado que as mulheres da Igreja são diferentes das demais por estarem amplamente satisfeitas com seu papel na liderança da Igreja.⁹ Além disso, os santos dos últimos dias como um todo, homens e mulheres, têm o maior apego a sua fé dentre todas as religiões incluídas no estudo.¹⁰

Nossas mulheres não são incríveis por terem conseguido evitar as dificuldades da vida — muito pelo contrário. Elas são incríveis por causa do modo como enfrentam as provações da vida. Apesar dos desafios e testes que a vida oferece — com o casamento, ou a falta dele, as escolhas dos filhos, problemas de saúde, falta de oportunidades e muitos outros problemas — elas continuam extraordinariamente fortes, inamovíveis e leais à fé. Nossas irmãs de toda a Igreja constantemente

“[socorrem] os fracos, [erguem] as mãos que pendem e [fortalecem] os joelhos enfraquecidos”.¹¹

Uma presidente de Sociedade de Socorro que reconheceu esse extraordinário serviço disse: “Até quando as irmãs servem, elas ficam pensando: ‘Eu bem que poderia ter feito mais!’” Embora não sejam feitas e todas enfrentem problemas pessoais, sua fé em um Pai Celestial amoroso e a certeza do sacrifício expiatório do Salvador permeiam-lhes a vida.

O Papel das Irmãs na Igreja

Nos últimos três anos, a Primeira Presidência e o Quórum dos Doze buscaram orientação, inspiração e revelação ao reunirem-se em conselho com líderes do sacerdócio e das auxiliares para elaborar os novos manuais da Igreja. Nesse processo, senti imensa gratidão pelo papel essencial que as irmãs, tanto casadas quanto solteiras, desempenharam historicamente e hoje em dia, tanto na família quanto na Igreja.

Todos os membros da Igreja de Jesus Cristo devem “[trabalhar] em sua vinha para a salvação da alma dos homens”.¹² “Esse trabalho de salvação inclui o trabalho missionário dos membros, a retenção de conversos, a ativação de membros menos ativos, o trabalho do templo e de história da família, o ensino do evangelho”¹³ e o cuidado dos pobres e necessitados.¹⁴ Isso é administrado primordialmente por meio do conselho da ala.¹⁵

Especificamente pretende-se, nos novos manuais, que os bispos, sensíveis às demandas existentes, deleguem mais responsabilidades. Os membros precisam saber que o bispo foi instruído a delegar. Os membros precisam apoiá-lo quando ele seguir esse conselho. Isso permitirá que

o bispo passe mais tempo com os jovens, com os jovens adultos solteiros e com sua própria família. Ele vai delegar outras responsabilidades importantes para os líderes do sacerdócio, para as presidentes das auxiliares e individualmente para homens e mulheres. Na Igreja, o papel da mulher no lar é altamente respeitado.¹⁶ Quando a mãe recebe um chamado na Igreja que lhe demande um tempo significativo, o pai geralmente deve receber um chamado menos exigente, a fim de manter o equilíbrio na vida familiar.

Há vários anos, assisti a uma conferência de estaca em Tonga. No domingo pela manhã, as três fileiras da frente da capela estavam repletas de homens entre 26 e 35 anos de idade. Presumi que fizessem parte de um coro de homens. Mas quando foram tratados os assuntos da conferência, todos aqueles homens, 63 no total, levantaram-se quando seus nomes foram lidos e foram apoiados para serem ordenados ao Sacerdócio de Melquisedeque. Fiquei feliz e surpreso.

Após a sessão, perguntei ao presidente Mateaki, o presidente da estaca, como aquele milagre tinha acontecido. Ele me disse que, em uma reunião de conselho da estaca, foi abordada a reativação. A presidente da Sociedade de Socorro da estaca, a irmã Leinata Va’enuku, perguntou se seria adequado ela dizer alguma coisa. Enquanto ela falava, o Espírito confirmou ao presidente que o que ela estava sugerindo era verdade. Ela explicou que havia na estaca um grande número de maravilhosos jovens na faixa dos 20 e 30 anos de idade que não tinham servido missão. Ela disse que muitos deles sabiam ter decepcionado seus bispos e líderes do sacerdócio, que fortemente os incentivaram a servir missão, e

agora se sentiam como membros de segunda classe da Igreja. Ela salientou que aqueles jovens tinham passado da idade de ser missionários. Expressou seu amor e preocupação por eles. Explicou que todas as ordenanças de salvação ainda estavam disponíveis para eles, e que o enfoque deveria ser a ordenação ao sacerdócio e às ordenanças do templo. Ela observou que, embora alguns daqueles jovens ainda fossem solteiros, a maioria deles havia-se casado com mulheres maravilhosas — algumas ativas, algumas inativas e algumas que não eram membros.

Após trocarem ideias no conselho da estaca, foi decidido que os homens do sacerdócio e as mulheres da Sociedade de Socorro procurariam resgatar aqueles homens e as esposas, enquanto os bispos passariam mais de seu tempo com os rapazes e as moças nas alas. Os envolvidos no resgate enfocaram principalmente a preparação para o sacerdócio, o casamento eterno e as ordenanças de salvação realizadas no templo. Nos dois anos subsequentes, quase todos os 63 homens que haviam sido apoiados para receber o Sacerdócio de Melquisedeque na conferência da qual participei receberam a investidura no templo e foram selados ao cônjuge. Esse relato é apenas um exemplo de como nossas irmãs são essenciais para o trabalho de salvação em nossas alas e estacas e como elas facilitam a revelação, especialmente na família e nos conselhos da Igreja.¹⁷

O Papel das Irmãs na Família

Reconhecemos que existem forças imensas mobilizadas contra as mulheres e as famílias. Estudos recentes mostram um declínio na devoção ao casamento, com uma diminuição no número de adultos que se casam.¹⁸



Kiev, Ucrânia

Para alguns, o casamento e a família estão-se tornando “uma opção de menu em vez do princípio organizador central da nossa sociedade”.¹⁹ As mulheres se deparam com muitas opções e precisam ponderar em espírito de oração sobre as escolhas que fazem e em como essas escolhas afetam a família.

Quando estive na Nova Zelândia, no ano passado, li em um jornal de Auckland que algumas mulheres, que não eram da Igreja, se debatiam com essas questões. Uma mãe disse que percebeu, em seu caso, que sua decisão entre trabalhar ou ficar em casa girava em torno de um tapete novo e de um segundo carro dos quais ela realmente não precisava. Outra mulher, no entanto, sentia que o maior inimigo da “vida familiar feliz não era o trabalho remunerado — mas, sim, a televisão”. Ela disse que as famílias despendiam mais tempo assistindo à TV do que com a família.²⁰

Essas são decisões muito pessoais e delicadas, mas há dois princípios que devemos sempre ter em mente. Em primeiro lugar, nenhuma mulher deve jamais sentir a necessidade de pedir desculpas ou de achar que sua contribuição é menos significativa, por estar-se dedicando

principalmente à criação e à educação dos filhos. Nada poderia ser mais significativo no plano de nosso Pai Celestial. Em segundo lugar, todos devemos ter cuidado para não julgar ou supor que as irmãs sejam menos valorosas, se elas tomarem a decisão de trabalhar fora de casa. Raramente compreendemos ou reconhecemos plenamente as circunstâncias das pessoas. O marido e a mulher devem aconselhar-se fervorosamente, sabendo que são responsáveis perante Deus por suas decisões.

A vocês, irmãs que criam sozinhas os filhos seja qual for o motivo, de coração lhes estendemos nosso apreço. Os profetas deixaram bem claro “que muitas mãos estão prontas a ajudá-las. O Senhor não Se esqueceu de vocês. Nem Sua Igreja”.²¹ Espero que os santos dos últimos dias estejam na vanguarda quanto à criação de um ambiente no local de trabalho que seja mais receptivo e acolhedor para as mulheres e os homens em suas responsabilidades como pais.

Vocês, valorosas e fiéis irmãs solteiras, saibam que as amamos e que lhes somos gratos, e asseguramos que nenhuma bênção eterna lhes será negada.

A extraordinária mulher pioneira

Emily H. Woodmansee escreveu a letra do hino “Irmãs em Sião”. Ela corretamente declarou que “missão qual dos anjos [às mulheres] é dada”.²² Isso foi descrito como “nada menos que uma convocação direta e urgente de nosso Pai Celestial, e ‘esse é um dom que (...) as irmãs (...) reivindicam para si.’”²³

Queridas irmãs, amamos e admiramos vocês. Agradecemos o seu serviço no reino do Senhor. Vocês são incríveis! Expresso minha gratidão especial pelas mulheres presentes em minha vida. Presto testemunho da realidade da Expição, da divindade do Salvador e da Restauração de Sua Igreja, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Wallace Stegner, *The Gathering of Zion: The Story of the Mormon Trail*, 1971, p. 13.
2. Robert D. Putnam and David E. Campbell, *American Grace: How Religion Divides and Unites Us*, 2010, p. 233.
3. Ver *Manual 2: Administração da Igreja*, 2010, 1.3.1; ver também Moisés 5:1, 4, 12, 27.
4. Andrew D. Olsen, *The Price We Paid: The Extraordinary Story of the Willie and Martin Handcart Pioneers*, 2006, p. 445.
5. Ver “Leaves from the Life of Elizabeth Horrocks Jackson Kingsford,” Sociedade Histórica do Norte de Utah, Manuscrito A 719; em “Remembering the Rescue,” *Ensign*, agosto de 1997, p. 47.
6. Versão resumida de um e-mail enviado por Monica Sedgwick, presidente das Moças da

Estaca Laguna Niguel Califórnia, e de um discurso proferido por Leslie Mortensen, presidente das Moças da Estaca Mission Viejo Califórnia.

7. Extraído de um artigo intitulado “Why Do We Let Them Dress Like That?” (*Wall Street Journal*, março 19–20 de 2011, C3), uma mãe judia solícita defende os padrões de vestimenta e modéstia e reconhece o exemplo das mulheres mórmons.
8. “A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, novembro de 2010, última contracapa.
9. Ver Putnam and Campbell, *American Grace*, pp. 244–245.
10. Ver Putnam and Campbell, *American Grace*, p. 504.
11. Doutrina e Convênios 81:5; ver também Mosias 4:26.
12. Doutrina e Convênios 138:56.
13. *Manual 2: Administração da Igreja*, 2010, p. 24.
14. Ver *Manual 2*, 6.1.
15. Ver *Manual 2*, 4.5.
16. Ver Emily Matchar, “Why I Can’t Stop Reading Mórmon Housewife Blogs,” salon.com/life/feature/2011/01/15/feminist_obsessed_with_mormon_blogs. Essa mulher que se identifica como sendo feminista e ateia admite o fato e diz que é viciada em ler blogs de donas de casa mórmons.
17. De conversas com o Presidente da Estaca Nuku’alofa Tonga Ha’akame, Presidente Lehonitai Mateaki (que posteriormente serviu como presidente da Missão Papua-Nova Guiné Port Moresby) e da presidente da Sociedade de Socorro Leinata Va’enuku.
18. Ver D’Vera Cohn e Richard Fry, “Women, Men, and the New Economics of Marriage,” Centro de Pesquisas Pew, Tendências Sociais e Demográficas, pewsocialtrends.org. O número de crianças nascidas também diminuiu significativamente em muitos países. Isso tem sido chamado de Inverno Demográfico.
19. “A Troubling Marriage Trend,” *Deseret News*, 22 de novembro de 2010, A14, citando um relatório do msnbc.com.
20. Ver Simon Collins, “Put Family before Moneymaking Is Message from Festival,” *Nova Zelândia Herald*, 1º de fevereiro de 2010, A2.
21. Gordon B. Hinckley, “Mulheres da Igreja,” *A Liahona*, janeiro de 1997, p. 72; ver também Spencer W. Kimball, “Nossas Irmãs na Igreja,” *A Liahona*, março de 1980, p. 72 [traduções atualizadas].
22. “Irmãs em Sião,” *Hinos*, nº 200.
23. Karen Lynn Davidson, *Our Latter-Day Hymns: The Stories and the Messages*, ed. Rev., 2009, pp. 338–339.



Presidente Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Oportunidades de Fazer o Bem

Mas a maneira do Senhor de ajudar os que passam necessidades materiais sempre requer pessoas que, por amor, consagraram a si mesmas — e as coisas que possuem — a Deus e Sua obra.

Meus queridos irmãos e irmãs, o propósito de minha mensagem é honrar e comemorar o que o Senhor fez e está fazendo para servir aos pobres e aos necessitados que estão entre Seus filhos na Terra. Ele ama Seus filhos necessitados e também aqueles que querem ajudar. E Ele criou meios de abençoar tanto os que necessitam de ajuda quanto os que a oferecem.

Nosso Pai Celestial ouve as orações de Seus filhos do mundo inteiro que rogam pedindo alimento, roupas para cobrir o corpo e a dignidade que advém da capacidade de se sustentarem. Esses pedidos chegam até Ele desde que Ele colocou o homem e a mulher na Terra.

Vocês ficam sabendo dessas necessidades no lugar onde moram e no mundo inteiro. Seu coração fica muitas vezes tocado por um sentimento de compaixão. Quando encontram alguém com dificuldade para conseguir emprego, sentem o desejo de ajudar. Sentem isso quando vão à casa de uma viúva e percebem que ela não tem comida. Sentem isso quando

veem fotografias de crianças chorando junto às ruínas de sua casa destruída por um terremoto ou pelo fogo.

Como o Senhor ouve o choro dessas pessoas e sente a profunda compaixão que vocês têm por elas, desde o princípio dos tempos Ele proveu meios para que Seus discípulos possam ajudar. Ele convidou Seus filhos a consagrarem seu tempo, seus recursos e a si mesmos, unindo-se a Ele no serviço ao próximo.

Sua maneira de ajudar às vezes foi chamada de “viver a lei da consagração”. Em outra época, a maneira Dele se chamava “ordem unida”. Em nossa época, ela se chama Programa de Bem-Estar da Igreja.

Os nomes e detalhes de operação mudam para condizer com as necessidades e condições das pessoas. Mas a maneira do Senhor de ajudar os que passam necessidades materiais sempre requer pessoas que, por amor, consagraram a si mesmas — e as coisas que possuem — a Deus e Sua obra.

Ele convidou-nos e ordenou-nos a participar de Seu trabalho de ajudar os

necessitados. Assumimos o convênio de fazer isso nas águas do batismo e nos templos sagrados de Deus. Renovamos esse convênio aos domingos, quando tomamos o sacramento.

Meu objetivo hoje é descrever algumas oportunidades que Ele nos proveu para ajudar pessoas necessitadas. Não posso mencionar todas no pouco tempo que temos. Minha esperança é renovar e fortalecer seu compromisso de agir.

Há um hino sobre o convite do Senhor para essa obra, que tenho cantado desde menino. Em minha infância, prestei mais atenção na alegre melodia do que no poder da letra. Oro para que vocês sintam hoje essa letra em seu coração. Ouçam novamente a letra do hino:

*Neste mundo, acaso, fiz hoje eu
A alguém um favor ou bem?
Se ainda não fiz ser alguém mais feliz,
Falhei ante os céus, também!
A carga de alguém mais leve fiz eu,
Porque um auxílio lhe dei?
Ou, acaso, ao pobre que as mãos
estendeu
Um pouco do meu ofertei?
Desperta e faz algo mais,
Não queiras somente sonhar
Pelo bem que fazemos a paz
ganharemos
No céu que será nosso lar.¹*

O Senhor envia-nos regularmente avisos para despertar. Às vezes, pode ser um súbito sentimento de compaixão por alguém necessitado. Um pai pode sentir isso ao ver um filho cair e ralar o joelho. Uma mãe pode sentir isso ao ouvir o grito assustado do filho, durante a noite. Um filho pode sentir compaixão por alguém que pareça triste ou temeroso na escola.

Todos já fomos tocados por um sentimento de compaixão por pessoas



que nem sequer conhecemos. Por exemplo: ao ouvir as notícias das ondas que varreram o Pacífico após o terremoto ocorrido no Japão, vocês sentem preocupação pelos que podem ter-se ferido.

Milhares de vocês sentiram compaixão quando souberam das inundações em Queensland, Austrália. As notícias apenas nos relatam uma estimativa do número de pessoas necessitadas. Muitos de vocês, porém, sofreram a dor que as pessoas estão sentindo. Cerca de 1.500 ou mais voluntários membros da Igreja atenderam à convocação para despertar e ofereceram ajuda e consolo na Austrália.

Transformaram seu sentimento de compaixão na decisão de agir de acordo com seus convênios. Vi as bênçãos recebidas pela pessoa necessitada que recebe ajuda e pela pessoa que aproveita a oportunidade de oferecê-la.

Os pais sábios enxergam em toda necessidade alheia uma maneira de trazer bênçãos para a vida dos próprios filhos. Recentemente, três crianças levaram recipientes contendo um jantar delicioso até a porta de nossa casa. Os pais delas souberam que precisávamos de ajuda e envolveram os filhos na oportunidade de nos servir.

Aqueles pais abençoaram nossa família com seu serviço generoso. Graças a sua decisão de fazer com que os filhos participassem da doação, estenderam as bênçãos a seus futuros netos. O sorriso das crianças ao saírem de nossa casa deixou-me confiante

no que vai acontecer. Elas vão contar a seus próprios filhos a alegria que sentiram ao prestarem bondosamente serviço ao Senhor. Lembro-me do sentimento de serena satisfação que tive em minha infância, quando arranquei ervas daninhas do jardim de um vizinho a convite de meu pai. Sempre que sou convidado a doar, lembro-me com fé da letra do hino “Doce É o Trabalho, Ó Senhor”.²

Sei que essa letra foi escrita para descrever a alegria resultante da adoração ao Senhor em Seu dia. Mas aquelas crianças que trouxeram comida a nossa porta sentiram num dia de semana a alegria de fazer a obra do Senhor. E os pais viram a oportunidade de fazer o bem e de espalhar alegria ao longo de gerações.

A maneira do Senhor de cuidar dos necessitados proporciona outra oportunidade para os pais abençoarem os filhos. Vi isso acontecer numa capela num domingo. Um menino entregou um envelope de doação ao bispo quando este entrou na capela, antes da reunião sacramental.

Eu conhecia a família e o menino. A família soubera que alguém da ala estava necessitado. O pai do menino disse algo assim para o filho ao colocar uma oferta de jejum mais generosa do que a comum no envelope: “Jejuamos e oramos hoje pelas pessoas necessitadas. Por favor, entregue este envelope ao bispo por nós. Sei que ele vai usá-lo para ajudar os que passam necessidades maiores que as nossas.”



Em vez de sentir as dores da fome, naquele domingo, o menino vai-se lembrar desse dia com ternura. Percebi por seu sorriso e pelo modo como segurava o envelope, com tanta força, que ele sentia a grande confiança que o pai depositara nele para levar a oferta da família para os pobres. Ele vai lembrar-se daquele dia em que era um diácono, talvez para sempre.

Vi essa mesma felicidade no rosto de pessoas que ajudaram outras para o Senhor, em Idaho, há vários anos. A represa Teton ruiu no dia 5 de junho de 1976, um sábado. Onze pessoas morreram. Milhares tiveram que abandonar suas casas em poucas horas. Algumas casas foram arrastadas pela enchente. E centenas de casas se tornaram habitáveis somente por meio de esforços e recursos que estavam muito além do que os proprietários tinham.

Aqueles que ouviram falar da tragédia sentiram compaixão e alguns foram compelidos a fazer o bem. Vizinhos, bispos, presidentes de Sociedade de Socorro, líderes de quórum, mestres familiares e professoras visitantes deixaram suas casas e empregos para limpar as casas de

outros que estavam inundadas.

Um casal de Rexburg voltara das férias, pouco depois da inundação. Não foram ver sua própria casa. Em vez disso, procuraram o bispo para saber onde poderiam ajudar. Ele os encaminhou a uma família necessitada.

Após alguns dias, foram verificar a própria casa. Ela havia sido levada pela enxurrada. Voltaram para o bispo e perguntaram: “Agora, o que gostaria que fizessemos?”

Onde quer que vocês morem, já viram esse milagre de compaixão transformar-se em atos altruístas. Talvez não tenha sido após uma grande catástrofe natural. Já vi isso em um quórum do sacerdócio, no qual um irmão se levantou para descrever as necessidades de uma pessoa que procurava uma oportunidade de trabalho para sustentar a si mesma e a sua família. Senti a compaixão na sala, mas alguns sugeriram nomes de pessoas que poderiam empregá-la.

O que aconteceu naquele quórum de sacerdócio e o que aconteceu nas casas inundadas de Idaho é uma

manifestação da maneira do Senhor de ajudar os que passam grandes necessidades a tornarem-se autossuficientes. Sentimos compaixão e sabemos como agir à maneira do Senhor para ajudar.

Este ano, comemoramos o aniversário de 75 anos do Programa de Bem-Estar da Igreja. Ele foi criado para atender às necessidades dos que perderam emprego, fazendas e até a casa na esteira do que se tornou conhecido como a Grande Depressão.

Os filhos do Pai Celestial passam grandes necessidades materiais em nossa época, como aconteceu e como acontecerá em todas as épocas. Os princípios que alicerçam o Programa de Bem-Estar da Igreja não são apenas para uma época ou um lugar. São para todas as épocas e para todos os lugares.

Esses princípios são espirituais e eternos. Por esse motivo, a compreensão deles e sua aplicação prática, do fundo do coração, permitem que vejamos e aproveitemos as oportunidades de ajudar, sempre e onde quer que o Senhor nos convide a fazê-lo.

Eis alguns princípios que me guiaram quando eu quis ajudar à maneira do Senhor e quando fui ajudado por outros.

Em primeiro lugar, todos se sentem mais felizes e têm mais respeito próprio se puderem sustentar a si mesmos e a sua família, e depois estender a mão para cuidar de outros. Tenho sido grato por aqueles que me ajudaram a atender as minhas necessidades. E tenho sido ainda mais grato, ao longo dos anos, por aqueles que me ajudaram a ser autossuficiente. E sinto a maior gratidão por aqueles que me mostraram como usar meus excedentes para ajudar outros.

Aprendi que a maneira de ter

excedentes é gastar menos do que ganho. Com esse excedente pude aprender que realmente é melhor doar do que receber. Isso acontece em parte porque quando ajudamos à maneira do Senhor, Ele nos abençoa.

O Presidente Marion G. Romney disse o seguinte sobre o trabalho de bem-estar: “Não é possível você tornar-se pobre ao doar-se neste trabalho”. Em seguida, ele citou seu presidente de missão, Melvin J. Ballard: “Ninguém doa uma casca de pão ao Senhor sem receber um pão inteiro como retribuição”.³

Descobri que isso é verdade em minha vida. Quando sou generoso para com os filhos necessitados do Pai Celestial, Ele é generoso comigo.

Um segundo princípio do evangelho que tem me guiado no trabalho de bem-estar é o poder e a bênção da união. Quando unimos as mãos para servir aos necessitados, o Senhor une nosso coração. O Presidente J. Reuben Clark Jr. explicou: “Essa doação (...) proporcionou (...) um sentimento de irmandade, quando homens de todo tipo de formação e profissão trabalharam lado a lado na horta do Bem-Estar ou em outro projeto.”⁴

Esse sentimento maior de irmandade é real tanto para o que recebe quanto para o que doa. Até hoje, o homem com quem trabalhei lado a lado, removendo lama em sua casa inundada em Rexburg, tem um forte vínculo de amizade comigo. E ele sente mais dignidade pessoal por ter feito tudo o que podia por si mesmo e por sua família. Se tivéssemos trabalhado sozinhos, ambos teríamos perdido uma bênção espiritual.

Isso nos leva a meu terceiro princípio de ação no trabalho de bem-estar: envolva sua família em seu trabalho para que aprendam a cuidar uns dos outros ao cuidarem de outras pessoas.



É mais provável que seus filhos que trabalharemos com você para servir outras pessoas necessitadas ajudem-se mutuamente quando estiverem necessitados.

Aprendi o quarto princípio valioso do Bem-Estar da Igreja quando era bispo. Isso aconteceu quando segui o mandamento das escrituras de buscar os pobres. É dever do bispo procurar os que necessitam de ajuda e oferecer-lhes auxílio, depois de tudo o que eles e sua família puderem fazer. Descobri que o Senhor envia o Espírito Santo que nos permite “buscar e encontrar”⁵, tanto no auxílio aos pobres quanto na busca pela verdade. Mas também aprendi a envolver a presidente da Sociedade de Socorro nessa busca. É possível que ela receba a revelação antes de vocês.

Alguns de vocês precisarão dessa inspiração nos meses que virão. Para comemorar o aniversário de 75 anos do Programa de Bem-Estar da Igreja, os membros do mundo inteiro serão convidados a participar de um dia de serviço. Os líderes e membros deverão buscar revelação ao elaborar os projetos, onde quer que sejam feitos.

Farei três sugestões para seu planejamento do projeto de serviço.

Em primeiro lugar, preparem a si mesmos e àqueles a quem lideram espiritualmente. Somente quando seu coração for abrandado pela Expição do Salvador é que vocês verão claramente que o objetivo do projeto é ser uma bênção tanto espiritual quanto

material para a vida dos filhos do Pai Celeste.

Minha segunda sugestão é que escolham como beneficiários de seu projeto de serviço pessoas, tanto da Igreja quanto da comunidade, cujas necessidades vão tocar o coração daqueles que prestarem o serviço. As pessoas a quem eles servirem sentirão o seu amor. Isso pode fazer mais para deixá-las felizes, como promete o hino, do que atender somente as suas necessidades materiais.

Minha última sugestão é a de que planejem utilizar a força dos laços que unem famílias, quórums, organizações auxiliares e pessoas que vocês conhecem em sua comunidade. O sentimento de união vai multiplicar os bons efeitos do serviço que vocês prestarem. E esse sentimento de união na família, na Igreja e na comunidade vai crescer e tornar-se um legado duradouro, bem depois do término do projeto.

Esta é minha oportunidade de dizer-lhes o quanto lhes sou grato. Pelo serviço amoroso que vocês ofereceram ao Senhor recebi o agradecimento das pessoas que vocês ajudaram, ao encontrar-me com elas pelo mundo afora.

Vocês descobriram um meio de elevá-las ao ajudarem à maneira do Senhor. Vocês e outros humildes discípulos do Salvador prestaram serviço às pessoas, e elas procuraram oferecer-me abundante gratidão como retribuição.



Apresentado pelo Presidente Dieter F. Uchtdorf
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Ouço a mesma gratidão ser expressa pelas pessoas que trabalharam com vocês. Lembro-me de estar certa vez ao lado do Presidente Ezra Taft Benson. Estávamos conversando sobre o serviço de Bem-Estar na Igreja do Senhor. Ele surpreendeu-me com seu vigor juvenil ao dizer, agitando as mãos, entusiasmado: “Adoro este trabalho, e é trabalho!”

Agradeço ao Mestre pelo trabalho que vocês realizaram para servir aos filhos de nosso Pai Celestial. Ele conhece vocês e vê seu empenho, sua diligência e sacrifício. Oro para que Ele lhes conceda a bênção de ver os frutos de seu trabalho na felicidade daqueles que vocês ajudaram e daqueles com quem trabalharam em nome do Senhor.

Sei que Deus, o Pai, vive e que Ele ouve nossas orações. Sei que Jesus é o Cristo. Vocês e aqueles a quem vocês servem podem ser purificados e fortalecidos ao servi-Lo e ao guardar Seus mandamentos. Vocês podem saber, como eu sei, pelo poder do Espírito Santo, que Joseph Smith foi o profeta de Deus para restaurar a Igreja verdadeira e viva, que é esta. Testifico que o Presidente Thomas S. Monson é o profeta vivo de Deus. Ele é um grande exemplo daquilo que o Senhor fez: andar fazendo o bem. Oro para que aproveitemos nossas oportunidades de “[erguer] as mãos que pendem e [fortalecer] os joelhos enfraquecidos”.⁶ No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. “Neste Mundo”, *Hinos*, nº 136.
2. “Doce É o Trabalho”, *Hinos*, nº 54.
3. Marion G. Romney, “Welfare Services: The Savior’s Program,” *Ensign*, novembro de 1980, p. 93.
4. J. Reuben Clark Jr., *Conference Report*, outubro de 1943, p. 13.
5. Ver Mateus 7:7–8; Lucas 11:9–10; 3 Néfi 14:7–8.
6. Doutrina e Convênios 81:5.

Apoio aos Líderes da Igreja

É proposto que apoiemos Thomas Spencer Monson como profeta, vidente e revelador, e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; Henry Bennion Eyring como Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, e Dieter Friedrich Uchtdorf como Segundo Conselheiro na Primeira Presidência.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Os que se opuserem, se houver, manifestem-se.

É proposto que apoiemos Boyd Kenneth Packer como Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, e os seguintes como membros desse quórum: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, David A. Bednar, Quentin L. Cook, D. Todd Christofferson e Neil L. Andersen.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Se alguém se opuser, manifeste-se.

É proposto que apoiemos os conselheiros na Primeira Presidência e os Doze Apóstolos como profetas, videntes e reveladores.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Os que se opuserem, se houver alguém, pelo mesmo sinal.

É proposto que desobriguemos os seguintes como Setentas de Área, a vigorar a partir de 1º de maio de 2011: José L. Alonso, Nelson L. Altamirano, John S. Anderson, Ian S. Ardern, Sergio E. Avila, David R. Brown, D. Fraser Bullock, Donald J. Butler, Vladimiro J. Campero, Daniel M. Cañoles, Carl B. Cook, I. Poloski Cordon, J. Devn Cornish, Federico F. Costales, LeGrand R. Curtis Jr., Heber O. Diaz, Andrew M. Ford, Julio G. Gaviola, Manuel Gonzalez, Daniel M. Jones, Donald J. Keyes, Domingos S. Linhares, B. Renato Maldonado, Raymundo Morales, J. Michel Paya, Stephen D. Posey, Juan M. Rodriguez, Gerardo L. Rubio, Jay L. Sitterud, Dirk Smibert, Eivind Sterri, Ysrael A. Tolentino, W. Cristo Waddell e Gary W. Walker.

Os que quiserem juntar-se a nós e expressar gratidão por seu excelente serviço, manifestem-se.

É proposto que apoiemos como novos membros do Primeiro Quórum dos Setenta: Don R. Clarke, José L. Alonso, Ian S. Ardern, Carl B. Cook, LeGrand R. Curtis Jr., W. Cristo Waddell e Kazuhiko Yamashita; e como novos membros do Segundo



Quórum dos Setenta: Randall K. Bennett, J. Devn Cornish, O. Vincent Haleck e Larry Y. Wilson.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Os que se opuserem, pelo mesmo sinal.

É proposto que apoiemos os seguintes como novos Setentas de Área: Kent J. Allen, Stephen B. Allen,

Winsor Balderrama, R. Randall Bluth, Hans T. Boom, Patrick M. Boutoille, Marcelo F. Chappe, Eleazer S. Colgado, Jeffrey D. Cummings, Nicolas L. Di Giovanni, Jorge S. Dominguez, Gary B. Doxey, David G. Fernandes, Hernán D. Ferreira, Ricardo P. Giménez, Allen D. Haynie, Douglas F. Higham, Robert W. Hymas, Lester F. Johnson, Matti T. Jouttenus, Chang Ho Kim,

Alfred Kyungu, Remegio E. Meim Jr., Ismael Mendoza, Cesar A. Morales, Rulon D. Munns, Ramon C. Nobleza, Abenir V. Pajaro, Gary B. Porter, José L. Reina, Esteban G. Resek, George F. Rhodes Jr., Lynn L. Summerhays, Craig B. Terry, David J. Thomson, Ernesto R. Toris, Arnulfo Valenzuela, Ricardo Valladares, Fabian I. Vallejo, Emer Villalobos e Terry L. Wade.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Quem se opuser, manifeste-se.

É proposto que apoiemos as demais Autoridades Gerais, Setentas de Área e presidências gerais das auxiliares como presentemente constituídas.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Se alguém se opuser, manifeste-se.

Presidente Monson, pelo que pude observar, a votação no Centro de Conferências foi unânime a favor do que foi proposto.

Obrigado, irmãos e irmãs, por seu voto de apoio, por sua fé, devoção e orações contínuas. ■





Relatório do Departamento de Auditoria da Igreja para 2010

Apresentado por Robert W. Cantwell

Diretor Administrativo do Departamento de Auditoria da Igreja

*À Primeira Presidência de A Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos Últimos Dias*

Prezados irmãos: Como prescrito por revelação na seção 120 de Doutrina e Convênios, o Conselho sobre a Disposição dos Dízimos autoriza o dispêndio dos fundos da Igreja. Esse conselho é composto pela Primeira Presidência, pelo Quórum dos Doze Apóstolos e pelo Bispo

Presidente. Esse conselho aprova os orçamentos dos departamentos, das operações e alocações relacionadas às unidades eclesíásticas da Igreja. Os departamentos da Igreja fazem uso desses fundos de acordo com os orçamentos aprovados e segundo as normas e os procedimentos da Igreja.

O Departamento de Auditoria da Igreja tem acesso a todos os registros e sistemas necessários para avaliar a adequação dos controles de recebimentos e das despesas de fundos, bem como para a proteção dos recursos da Igreja. O Departamento de Auditoria da Igreja realiza seu trabalho independentemente de todos os outros departamentos e as operações da Igreja, e sua equipe consiste de contadores públicos credenciados, auditores internos credenciados, auditores de sistemas de informações credenciados e outros profissionais credenciados.

Com base nas auditorias realizadas, a opinião do Departamento de Auditoria da Igreja é de que, sob todos os aspectos materiais, as contribuições recebidas, as despesas e os recursos da Igreja no ano de 2010 foram registrados e administrados de acordo com as devidas práticas contábeis, com os orçamentos aprovados e com as normas e os procedimentos da Igreja.

Respeitosamente,
Departamento de Auditoria da
Igreja
Robert W. Cantwell
Diretor Administrativo ■

Relatório Estatístico de 2010

Apresentado por Brook P. Hales
Secretário da Primeira Presidência

A Primeira Presidência divulgou o seguinte relatório estatístico da Igreja referente ao ano de 2010. Até 31 de dezembro de 2010, havia 2.896 estacas, 340 missões, 614 distritos e 28.660 alas e ramos.

O total de membros da Igreja no final de 2010 era de 14.131.467.

Havia 120.528 novas crianças registradas na Igreja e 272.814 conversos foram batizados em 2010.

O número de missionários de

tempo integral no campo, ao final do ano, era de 52.225.

O número de missionários em serviço da Igreja atuantes era de 20.813, muitos dos quais moram na própria casa e são chamados para dar suporte a uma variedade de funções da Igreja.

Quatro templos foram dedicados durante o ano: o Templo de Vancouver Colúmbia Britânica, no Canadá; o Templo de Gila Valley Arizona, nos Estados Unidos; o Templo da Cidade

de Cebu Filipinas e o Templo de Kiev Ucrânia.

O Templo de Laie Havaí, nos Estados Unidos, foi rededicado em 2010.

O número total de templos em funcionamento, no mundo todo, era de 134.

Líderes Gerais da Igreja e Outros Que Faleceram desde a Conferência Geral de Abril do Ano Passado.

Élderes W. Grant Bangerter, Adney Y. Komatsu, Hans B. Ringger, LeGrand R. Curtis, Richard P. Lindsay, Donald L. Staheli e Richard B. Wirthlin, ex-membros do Quórum dos Setenta; Barbara B. Smith, ex-presidente geral da Sociedade de Socorro; Ruth H. Funk, ex-presidente geral das Moças; Norma Jane B. Smith, ex-conselheira na Presidência Geral das Moças; Helen Fyans, viúva do Élder J. Thomas Fyans, Autoridade Geral emérita; Arnold D. Friberg, artista e ilustrador; e J. Elliot Cameron, ex-Comissário de Educação da Igreja. ■





Presidente Boyd K. Packer
Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos

Guiados pelo Santo Espírito

Todos podemos ser guiados pelo espírito de revelação e pelo dom do Espírito Santo.

Faz 400 anos desde a publicação da versão do rei Jaime da Bíblia, com significativas contribuições de William Tyndale, um grande herói a meus olhos.

O clero não queria que a Bíblia fosse publicada em inglês comum. Caçaram Tyndale de um lugar a outro. Ele disse a eles: “Se Deus poupar minha vida, farei com que daqui a vários anos um rapaz que conduz o arado saiba mais sobre as escrituras do que vocês”.¹

Tyndale foi traído e confinado a uma prisão escura e fria, em Bruxelas, por mais de um ano. Suas roupas estavam em trapos. Ele rogou a seus captores que lhe dessem seu casaco, um capuz e uma vela, dizendo: “É realmente muito aborrecido ficar sentado sozinho no escuro”.² Essas coisas lhe foram negadas. Por fim, tiraram-no da prisão e, diante de uma grande multidão, ele foi enforcado e queimado numa estaca. Mas o trabalho e a morte de mártir de William Tyndale não foram em vão.

Como as crianças da Igreja são ensinadas desde a infância a conhecer as santas escrituras, em certa medida elas cumprem a profecia feita há

quatro séculos por William Tyndale.

Nossas escrituras atualmente consistem na Bíblia, no Livro de Mórmon: Outro Testamento de Jesus Cristo, na Pérola de Grande Valor e em Doutrina e Convênios.

Por causa do Livro de Mórmon, somos frequentemente chamados de a Igreja Mórmon, um título que não nos incomoda, mas que realmente não é correto.

No Livro de Mórmon, o Senhor voltou a visitar os nefitas porque eles oraram ao Pai em Seu nome. O Senhor disse:

“Que desejais que eu vos dê?

E eles responderam-lhe: Senhor, desejamos que nos digas o nome que devemos dar a esta igreja, porque há controvérsias entre o povo a respeito deste assunto.

E o Senhor disse-lhes: (...) Por que é que o povo murmura e discute sobre este assunto?

Não leram as escrituras, que dizem que deveis tomar sobre vós o nome de Cristo (...)? Porque por esse nome sereis chamados no último dia.(...)

Portanto tudo quanto fizerdes, vós o fareis em meu nome; por conseguinte chamareis a igreja pelo meu

nome; e invocareis o Pai em meu nome, a fim de que ele abençoe a igreja por minha causa.

E como será a minha igreja, se não tiver o meu nome? Porque se uma igreja for chamada pelo nome de Moisés, então será a igreja de Moisés; ou se for chamada pelo nome de um homem, então será a igreja de um homem; mas se for chamada pelo meu nome, então será a minha igreja, desde que estejam edificadas sobre o meu evangelho”.³

Obedientes à revelação, chamamos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e não a Igreja Mórmon. Uma coisa é que os outros se refiram à Igreja como a Igreja Mórmon ou a nós como mórmons, mas é bem diferente se nós fizermos o mesmo.

A Primeira Presidência declarou:

“O uso do nome revelado, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (D&C 115:4), é cada vez mais importante em nossa responsabilidade de proclamar o nome do Salvador ao mundo inteiro. Por esse motivo, pedimos que, ao referir-nos à Igreja, usemos seu nome completo, sempre que possível.

(...) Ao referir-nos aos membros da Igreja, sugerimos ‘membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias’. Como referência abreviada, é preferível o termo ‘santos dos últimos dias’”.⁴

“[Nós, santos dos últimos dias] falamos de Cristo, regozijamo-nos em Cristo, pregamos a Cristo, profetizamos de Cristo e escrevemos de acordo com nossas profecias, para que nossos filhos saibam em que fonte procurar a remissão de seus pecados.”⁵

O mundo pode chamar-nos do que quiserem, mas em nosso falar sempre lembramos que pertencemos à Igreja de *Jesus Cristo*.



Alguns afirmam que não somos cristãos. Ou eles nos desconhecem inteiramente ou estão equivocados a nosso respeito.

Na Igreja, toda ordenança é realizada pela autoridade de Jesus Cristo e em nome de Jesus Cristo.⁶ Temos a mesma organização existente na Igreja original, com apóstolos e profetas.⁷

No passado, o Senhor chamou e ordenou doze apóstolos. Ele foi traído e crucificado. Após Sua Ressurreição, o Salvador ensinou Seus discípulos por 40 dias e depois ascendeu ao céu.⁸

Mas ainda faltava algo. Poucos dias depois, os Doze se reuniram em uma

casa e “de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. (...) E (...) línguas repartidas (...) de fogo (...) pousaram sobre cada um deles. E (...) foram cheios do Espírito Santo”.⁹ Seus apóstolos passaram a ter poder. Eles sabiam que a autoridade dada pelo Salvador e o dom do Espírito Santo eram essenciais para o estabelecimento de Sua Igreja. Foram ordenados a batizar e a conferir o dom do Espírito Santo.¹⁰

Após algum tempo, os apóstolos e o sacerdócio que eles portavam já não existiam. A autoridade e o poder de

ministrar precisavam ser restaurados. Por séculos, os homens ansiaram pelo retorno da autoridade e pelo estabelecimento da Igreja do Senhor.

Em 1829, o sacerdócio foi restaurado a Joseph Smith e Oliver Cowdery, por João Batista e pelos Apóstolos Pedro, Tiago e João. Agora, os membros da Igreja dignos, do sexo masculino, são ordenados ao sacerdócio. Essa autoridade e o dom do Espírito Santo, que é conferido a todos os membros da Igreja após o batismo, distinguem-nos das outras igrejas.

Uma antiga revelação ordena “que todo homem, porém, fale em nome de Deus, o Senhor, sim, o Salvador do mundo”.¹¹ O trabalho da Igreja é atualmente realizado por homens e mulheres comuns que são chamados e apoiados para presidir, ensinar e ministrar. É pelo poder da revelação e pelo dom do Espírito Santo que as pessoas chamadas são guiadas para conhecer a vontade do Senhor. Os outros talvez não aceitem coisas como profecias, revelação e o dom do Espírito Santo, mas se quiserem compreender-nos, precisam compreender que aceitamos essas coisas.

O Senhor revelou a Joseph Smith uma lei de saúde, a Palavra de Sabedoria, muito antes de os perigos serem conhecidos pelo mundo. Todos somos ensinados a abster-nos de chá preto, café, bebidas alcoólicas, fumo e, é claro, de várias drogas e substâncias que viciam, que estão sempre diante de nossos jovens. Àqueles que obedecem a essa revelação é prometido que “receberão saúde para o umbigo e medula para os ossos; e encontrarão sabedoria e grandes tesouros de conhecimento, sim, tesouros ocultos;

E correrão e não se cansarão; e caminharão e não desfalecerão”.¹²

Em outra revelação, o padrão de

moralidade do Senhor ordena que os poderes sagrados de gerar vida sejam protegidos e empregados apenas entre homem e mulher casados entre si.¹³ Os únicos pecados mais graves do que o uso indevido desse poder são o derramamento de sangue inocente e a negação do Espírito Santo.¹⁴ Se alguém transgredir a lei, a doutrina do arrependimento ensina como apagar os efeitos dessa transgressão.

Todos são testados. Alguém pode achar injusto o fato de ser diferente e de estar sujeito a uma tentação específica, mas esse é o propósito da vida mortal — sermos testados. E a resposta é a mesma para todos: Precisamos e podemos resistir a todo tipo de tentação.

“O grande plano de felicidade”¹⁵ centraliza-se na vida em família. O marido é o cabeça do lar e a mulher, o coração do lar, sendo o casamento uma parceria entre iguais. Um santo dos últimos dias é um homem de família, responsável e fiel ao evangelho. Ele é um marido e pai carinhoso

e devotado. Ele reverencia a feminilidade da mulher. A esposa apoia o marido. Tanto o pai quanto a mãe nutrem o crescimento espiritual dos filhos.

Os santos dos últimos dias são ensinados a amar uns aos outros e a perdoar sinceramente as ofensas.

Minha vida mudou graças a um patriarca muito virtuoso. Ele casou-se com sua amada. Estavam profundamente apaixonados, e logo ela ficou grávida de seu primeiro filho.

Na noite em que o bebê nasceu, houve complicações. O único médico disponível naquela zona rural estava atendendo a um doente. Depois de muitas horas de trabalho de parto, as condições da futura mãe tornaram-se desesperadoras. Por fim, o médico foi localizado. Naquela emergência, ele agiu rapidamente e, pouco depois, o bebê nasceu, e a crise estava aparentemente terminada. Mas alguns dias depois, a jovem mãe morreu da mesma infecção que o médico estivera tratando em outra casa naquela noite.

O mundo do rapaz ruiu a seus pés. À medida que as semanas se passaram, sua dor aumentou. Ele não conseguia pensar em mais nada e, em sua amargura, tornou-se vingativo. Hoje, sem dúvida, ele teria sido instado a mover uma ação por erro médico, como se o dinheiro resolvesse qualquer coisa.

Certa noite, alguém bateu em sua porta. Uma menina disse simplesmente: “Meu pai quer que você venha a nossa casa. Ele quer conversar com você”.

“O pai” era o presidente da estaca. O conselho daquele sábio líder foi simplesmente: “John, esqueça. Nada do que você faça vai trazê-la de volta. Tudo o que você fizer vai piorar a situação. John, esqueça”.

Essa foi a provação de meu amigo. Como ele poderia esquecer? Um erro terrível fora cometido. Ele se debateu para controlar-se e, por fim, decidiu que devia ser obediente e seguir o conselho daquele sábio presidente de estaca. Ele esqueceria.

Ele disse: “Foi só quando fiquei velho que finalmente consegui entender a vida daquele pobre médico do interior: sobrecarregado de trabalho, mal pago, correndo sem recursos de um paciente a outro, com poucos medicamentos, sem hospital, com poucos instrumentos, lutando para salvar vidas, e tendo sucesso na maioria dos casos. Ele tinha chegado a um momento de crise, quando duas vidas estavam em risco, e agiu sem demora. Finalmente compreendi!” Ele disse: “Eu teria arruinado a minha vida e a de outros”.

Ele agradeceu muitas vezes ao Senhor de joelhos por aquele sábio líder do sacerdócio que aconselhou simplesmente: “John, esqueça”.

Ao nosso redor, vemos membros da Igreja que se ofenderam. Alguns se

São Luis, Brasil



ofendem com incidentes da história da Igreja ou com seus líderes, e sofrem a vida inteira, incapazes de deixar para trás o erro de outras pessoas. Não esquecem. Acabam ficando inativos.

Essa atitude é parecida com a de um homem que leva uma paulada. Ofendido, ele pega um pedaço de madeira e fica batendo na própria cabeça com ele todos os dias de sua vida. Que tolice! Que tristeza! Que tipo de vingança está infligindo a si mesmo? Se vocês foram ofendidos, perdoem, esqueçam.

O Livro de Mórmon traz esta admoestação: “E agora, se há falhas, são erros dos homens; não condeneis, portanto as coisas de Deus, para que sejais declarados sem mancha no tribunal de Cristo”.¹⁶

Um santo dos últimos dias é uma pessoa bem comum. Estamos em todos os lugares do mundo, somos catorze milhões. Esse é apenas o início. Somos ensinados a estar no mundo, mas a não ser do mundo.¹⁷ Portanto, levamos uma vida comum em uma família comum, em meio à população geral.

Somos ensinados a não mentir nem enganar.¹⁸ Não dizemos palavrões. Somos otimistas e felizes, e não temos medo da vida.

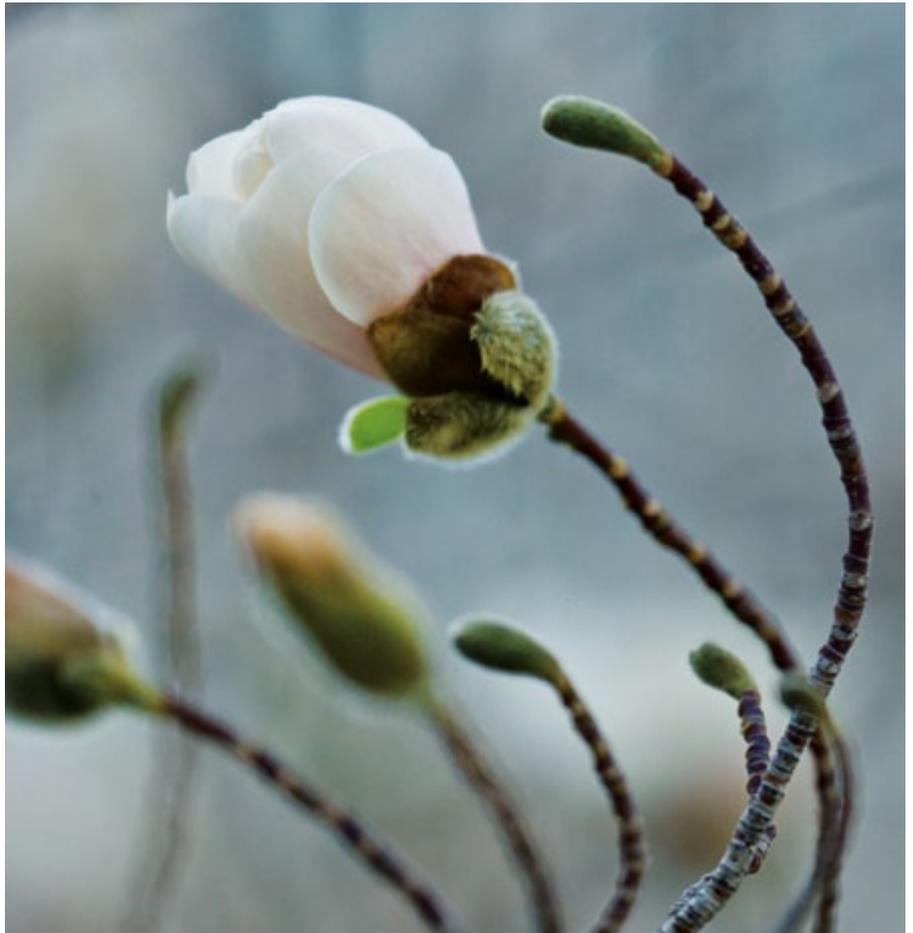
Estamos “dispostos a chorar com os que choram (...) e consolar os que necessitam de consolo e servir de testemunhas de Deus em todos os momentos e em todas as coisas e em todos os lugares”.¹⁹

Se alguém procura uma igreja que exija muito pouco, não será esta aqui. Não é fácil ser um santo dos últimos dias, mas a longo prazo é o único caminho verdadeiro.

A despeito da oposição ou de “guerras, rumores de guerra e terremotos em diversos lugares”,²⁰ nenhum poder ou influência pode parar esta obra. Todos

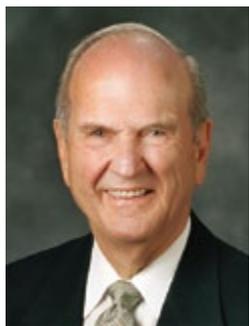
podemos ser guiados pelo espírito de revelação e pelo dom do Espírito Santo. “Seria tão inútil o homem estender seu braço débil para deter o rio Missouri em seu curso ou fazê-lo ir correnteza acima, como o seria impedir que o Todo-Poderoso derramasse conhecimento do céu sobre a cabeça dos santos dos últimos dias.”²¹

Se você estiver carregando um fardo, esqueça, deixe para lá. Perdoe muito e arrependa-se um pouco e você receberá a visita do Espírito Santo e receberá confirmação por meio de um testemunho que você não sabia existir. Você estará protegido e abençoado — você e os seus. Este é um convite de vir a Cristo. Nesta igreja — A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, “a única igreja verdadeira e viva na face de toda a Terra”,²² conforme o próprio Cristo declarou — é onde encontramos “o grande plano de felicidade”.²³ Disto presto testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém. ■



NOTAS

1. David Daniell, introduction to *Tyndale's New Testament*, 1989, p. viii.
2. Em Daniell, introduction to *Tyndale's New Testament*, p. ix.
3. 3 Néfi 27:2–5, 7–8.
4. Carta da Primeira Presidência, 23 de fevereiro de 2001.
5. 2 Néfi 25:26.
6. Ver Moisés 5:8; batismo: ver 2 Néfi 31:12; 3 Néfi 11:27; 18:16; bênção dos enfermos: ver Doutrina e Convênios 42:44; conferir o Espírito Santo: ver Morôni 2:2; ordenação ao sacerdócio: ver Morôni 3:1–3; sacramento: ver Morôni 4:1–3; milagres: ver Doutrina e Convênios 84:66–69.
7. Ver Regras de Fé 1:6.
8. Ver Atos 9:3–18.
9. Atos 2:2–4.
10. Ver Atos 2:38.
11. Doutrina e Convênios 1:20.
12. Doutrina e Convênios 89:18–20.
13. Ver “A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, novembro de 2010, última contracapa.
14. Ver Alma 39:4–6.
15. Alma 42:8.
16. Livro de Mórmon, página de rosto.
17. Ver João 17:14–19.
18. Ver Êxodo 20:15–16.
19. Mosias 18:9.
20. Mórmon 8:3.
21. Doutrina e Convênios 121:33.
22. Doutrina e Convênios 1:30.



Élder Russell M. Nelson

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Encarar o Futuro com Fé

Verdades, convênios e ordenanças nos permitem sobrepujar o temor e encarar o futuro com fé!

Meus amados irmãos e irmãs, obrigado por seu apoio, não apenas por levantarem a mão, mas por seu serviço inspirador no lar, na Igreja e em suas comunidades. Gostamos imensamente de estar com vocês e de vê-los com seus familiares e amigos. Onde quer que morem, observamos seus esforços para tornar este mundo melhor. Apoiamos vocês! Nós os amamos! Assim como oram por nós, oramos por vocês!

Visualizamos sua família reunida ao redor da televisão ou do computador para assistir à conferência geral em casa. Uma mãe e um pai atentos enviaram-me a cópia de uma fotografia que tiraram durante uma conferência. Eles observaram a reação de seu filho de dezoito meses, que reconheceu a imagem e a voz do orador. O menino começou a jogar beijos para a televisão. Ele queria chegar mais perto. Por isso, sua prestativa irmã mais velha rapidamente ergueu o irmãozinho nos ombros e o levou para mais perto da televisão. Aqui está a fotografia.

Sim, a imagem na televisão é a minha, e essas crianças são nossos netos. Em poucos anos, esse menino

será um élder, com a investidura do templo e pronto para sua missão. Mais tarde, ele será selado à companhia eterna que escolher. Podem vê-lo, um dia, como pai e marido, com seus próprios filhos? E então, ele se despedirá de seus avós, com a firme certeza de que a morte faz parte da vida.

É verdade. Vivemos para morrer, e morremos para viver de novo. Da perspectiva eterna, a única morte que é realmente prematura é a de alguém que não está preparado para encontrar-se com Deus.

Como apóstolos e profetas, preocupamo-nos não apenas com nossos filhos e netos, mas também com os seus, e com cada um dos filhos de Deus. Tudo o que o futuro reserva para cada filho sagrado de Deus será moldado por seus pais, familiares, amigos e professores. Portanto, a fé que temos *agora* se torna parte da fé que nossa posteridade terá *depois*.

Cada pessoa trilhará o próprio caminho num mundo em constante mudança — um mundo de ideologias que competem entre si. As forças do mal estarão sempre em oposição às forças do bem. Satanás se esforça constantemente para influenciar-nos

a seguir seus caminhos e tornar-nos miseráveis, assim como ele é.¹ E os riscos normais da vida como as enfermidades, os ferimentos e os acidentes estarão sempre presentes.

Vivemos numa época tumultuada. Terremotos e tsunamis causam devastação, governos caem, as dificuldades econômicas são muito graves, a família está sob ataque e o índice de divórcios está crescendo. Temos muitos motivos para nos preocupar. Mas não precisamos deixar que os temores ocupem o lugar de nossa fé. Podemos combater esses temores, fortalecendo nossa fé.

Comecem por seus filhos. A vocês, pais, cabe a responsabilidade primordial de fortalecer a fé que eles têm. Façam com que sintam a fé que vocês têm, mesmo quando enfrentarem dolorosas provações. Façam com que sua fé se concentre em nosso amoroso Pai Celestial e em Seu Filho Amado, o Senhor Jesus Cristo. Ensinem essa fé com profunda convicção. Ensinem a cada preciosa criança que ela é uma filha de Deus, criada à imagem Dele, com propósito e potencial sagrados. Cada uma nasce com desafios para superar e fé para desenvolver.²

Ensinem a respeito da fé no plano de salvação de Deus. Ensinem que nossa jornada mortal é um período de provação, uma época de testes para ver se faremos tudo o que o Senhor nos ordenar.³

Ensinem sobre a fé para cumprir *todos* os mandamentos de Deus, sabendo que eles foram dados para abençoar Seus filhos e proporcionar-lhes alegria.⁴ Alertem-nos de que encontrarão pessoas que escolhem quais mandamentos vão cumprir, ignorando os outros, que decidem quebrar. Chamo isso de obediência do tipo lanchonete. Essa prática de escolher o que cumprir não



funcionará. Ela vai conduzi-los à infelicidade. Para nos preparar para encontrar Deus, é preciso cumprir todos os Seus mandamentos. É preciso ter fé para obedecer a eles, e o cumprimento de Seus mandamentos vai fortalecer essa fé.

A obediência permite que as bênçãos de Deus sejam derramadas sem restrições. Ele vai abençoar Seus filhos obedientes, livrando-os do cativeiro e da desgraça. E vai abençoá-los com mais luz. Por exemplo: cumprimos a Palavra de Sabedoria, sabendo que essa obediência não apenas nos livrará de vícios, mas também nos acrescentará bênçãos de sabedoria e tesouros de conhecimento.⁵

Ensinem sobre a fé para saberem que a obediência aos mandamentos de Deus vai trazer-nos proteção física e espiritual. E lembrem-se: os santos anjos de Deus estão sempre prontos a ajudar-nos. O Senhor declarou: “Irei adiante de vós. Estarei a vossa direita e a vossa esquerda e meu Espírito estará em vosso coração e meus anjos ao vosso redor para vos suster”.⁶ Que promessa! Se formos fiéis, Ele e Seus

anjos vão ajudar-nos.

A fé inabalável é fortalecida pela oração. Suas súplicas sinceras são importantes para Ele. Pensem nas orações intensas e fervorosas do Profeta Joseph Smith nos terríveis dias em que esteve preso na Cadeia de Liberty. O Senhor respondeu, mudando a perspectiva do Profeta. Ele disse: “Sabe, meu filho, que todas essas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem”.⁷

Se orarmos com uma perspectiva eterna, não precisaremos questionar se nossas súplicas sinceras e sofridas serão ouvidas. Essa promessa do Senhor está registrada na seção 98 de Doutrina e Convênios:

“Vossas orações chegaram aos ouvidos do Senhor (...) e estão registradas com este selo e testamento — o Senhor jurou e decretou que serão atendidas.

Portanto ele vos faz essa promessa, com um convênio imutável de que serão cumpridas; e todas as coisas que vos tiverem afligido reverterão para o vosso bem e para a glória do meu nome, diz o Senhor”.⁸

O Senhor escolheu Suas palavras mais fortes para nos assegurar! *Selo! Testamento! Jurou! Decretou! Convênio imutável!* Irmãos e irmãs, criem Nele! Deus vai atender a suas orações sinceras, e sua fé será fortalecida.

Para desenvolver uma fé duradoura, um compromisso duradouro de ser dizimista integral é essencial. A princípio, é preciso ter fé para pagar o dízimo. Depois, o dizimista desenvolve mais fé, a ponto de o dízimo tornar-se um privilégio precioso. O dízimo é uma antiga lei de Deus.⁹ Ele prometeu a Seus filhos abrir “as janelas do céu, e (...) derramar sobre [eles] uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes”.¹⁰ Não apenas isso. O dízimo vai manter seu nome alistado entre o povo de Deus e vai protegê-los no “dia da vingança e queima”.¹¹

Por que precisamos de uma fé tão firme? Porque temos dias difíceis pela frente. É bem pouco provável que, no futuro, seja fácil ou bem aceito ser um fiel santo dos últimos dias. Cada um de nós será testado. O Apóstolo Paulo advertiu que, nos últimos dias, aqueles



que diligentemente seguirem o Senhor “padecerão perseguições”.¹² Essa mesma perseguição pode esmagar-nos em nossa silente fraqueza ou motivar-nos para que sejamos mais exemplares e corajosos em nossa vida diária.

O modo como vocês lidam com as provações da vida faz parte do desenvolvimento de sua fé. A força vem quando vocês lembram que têm uma natureza divina, um legado de infinito valor. O Senhor lembrou que vocês, seus filhos e netos são herdeiros legítimos, que foram reservados no céu para, em uma época e um local específicos, nascerem, crescerem e tornarem-se portadores de Seu estandarte e Seu povo do convênio. Ao trilharem o caminho de retidão do Senhor, serão abençoados para que continuem em Sua benignidade e sejam uma luz e um salvador para Seu povo.¹³

Estão ao alcance de cada um de vocês, irmãos e irmãs, as bênçãos obtidas por intermédio do poder do Sacerdócio de Melquisedeque. Essas bênçãos podem mudar as circunstâncias de sua vida, em questões como saúde, a companhia do Espírito Santo, os relacionamentos pessoais e as oportunidades para o futuro. O poder e a autoridade desse sacerdócio

possuem as chaves para todas as bênçãos espirituais da Igreja.¹⁴ E o mais extraordinário, é que o Senhor declarou que Ele vai sustentar essas bênçãos, de acordo com a vontade Dele.¹⁵

As maiores de todas as bênçãos do sacerdócio são concedidas nos templos sagrados do Senhor. A fidelidade aos convênios ali feitos vai qualificar vocês e sua família para as bênçãos da vida eterna.¹⁶

Suas recompensas não virão somente na vida futura. Muitas bênçãos serão suas nesta vida, entre seus filhos e netos. Vocês, santos fiéis, não precisam lutar as batalhas da vida sozinhos. Pensem nisso! O Senhor declarou: “Eu contenderei com os que contendem contigo, e os teus filhos eu remirei”.¹⁷ Mais tarde, veio esta promessa a Seu povo fiel: “E eu, o Senhor, lutaria suas batalhas e as batalhas de seus filhos e as dos filhos de seus filhos, (...) até a terceira e a quarta geração”.¹⁸

Nosso amado Presidente Thomas S. Monson deixou-nos seu testemunho profético. Ele disse: “Testifico a vocês que as bênçãos que nos foram prometidas são imensuráveis. Embora se formem nuvens de tempestade, embora a chuva seja derramada sobre nós, nosso conhecimento do evangelho e

nosso amor pelo Pai Celestial e por nosso Salvador vão consolar-nos e dar-nos alento e alegria ao coração, se andarmos em retidão e guardarmos os mandamentos”.

O Presidente Monson continuou, dizendo: “Meus amados irmãos e irmãs, não temam. Tenham bom ânimo. O futuro é tão brilhante quanto sua fé”.¹⁹

À vigorosa declaração do Presidente Monson acrescento a minha. Testifico que Deus é nosso Pai. Jesus é o Cristo. Sua Igreja foi restaurada na Terra. Suas verdades, convênios e ordenanças nos permitem sobrepujar o temor e encarar o futuro com fé! Disso presto testemunho, no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver 2 Néfi 2:27.
2. Pedro ensinou esse conceito quando expressou a esperança de que “fiquéis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo” (II Pedro 1:4).
3. Ver Abraão 3:25.
4. Ver 2 Néfi 2:25.
5. Ver Doutrina e Convênios 89:19; ver também Isaías 45:3.
6. Doutrina e Convênios 84:88.
7. Doutrina e Convênios 122:7. Outro exemplo de mudança de perspectiva está registrado em Salmos: “Guarda a minha alma, (...) ó Deus meu, salva o teu servo, que em ti confia. Tem misericórdia de mim, ó Senhor, pois a ti clamo todo o dia. (...) Louvar-te-ei, Senhor Deus meu, com todo o meu coração, e glorificarei o teu nome para sempre” (Salmos 86:2-3, 12).
8. Doutrina e Convênios 98:2-3.
9. O dízimo é mencionado em oito livros do Velho Testamento: Gênesis, Levítico, Números, Deuteronômio, II Crônicas, Neemias, Amós e Malaquias.
10. Malaquias 3:10.
11. Doutrina e Convênios 85:3.
12. II Timóteo 3:12.
13. Ver Doutrina e Convênios 86:8-11.
14. Ver Doutrina e Convênios 107:18.
15. Ver Doutrina e Convênios 132:47, 59.
16. Ver Abraão 2:11.
17. Isaías 49:25; ver também Doutrina e Convênios 105:14.
18. Doutrina e Convênios 98:37.
19. Thomas S. Monson, “Tenham Bom Ânimo”, *A Liahona*, maio de 2009, p. 89



Élder Richard J. Maynes
Dos Setenta

Criar um Lar Centralizado em Cristo

Nós compreendemos e acreditamos na natureza eterna da família. Esse entendimento e essa crença devem inspirar-nos a fazer tudo ao nosso alcance para criar um lar centralizado em Cristo.

No início de meu serviço como jovem missionário no Uruguai e no Paraguai, percebi que uma das coisas que mais atraíam as pessoas que queriam conhecer A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias era o interesse em nossa doutrina relacionada à família. Na verdade, desde a Restauração do evangelho de Jesus Cristo, as pessoas que buscam a verdade são atraídas pela doutrina de que a família pode permanecer unida para sempre.

O princípio de que a família é eterna é um elemento essencial do grande plano do Pai Celestial para Seus filhos. Parte fundamental desse plano é entendermos que nós temos uma família *celestial* bem como uma família *terrena*. O Apóstolo Paulo ensinou que o Pai Celestial é o pai de nosso espírito:

“Para que buscassem ao Senhor (...) [e] o pudessem achar; (...)”

Porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos; (...) Pois somos também sua geração”.¹

O fato de termos sido gerados por um Pai Celestial que nos ama é um princípio tão básico do evangelho de Jesus Cristo que até as crianças proclamam essa verdade, ao cantarem

o hino da Primária “Sou um Filho de Deus”. Lembram-se da letra?

*Sou um filho de Deus,
Por Ele estou aqui.
Mandou-me à Terra, deu-me um lar
E pais tão bons pra mim.*

*Ensinai-me, ajudai-me
as leis de Deus guardar,
Para que um dia eu vá
com Ele habitar.*²

Reconhecer que temos uma família *celestial* ajuda-nos a compreender a natureza eterna de nossa família *terrena*. O livro de Doutrina e Convênios ensina que a família é fundamental à ordem do céu: “A mesma sociabilidade que existe entre nós, aqui, existirá entre nós lá, só que será acompanhada de glória eterna”.³

O entendimento da natureza eterna da família é um elemento crítico para compreendermos o plano do Pai



Celestial para Seus filhos. O adversário, por outro lado, quer fazer tudo a seu alcance para destruir o plano do Pai Celestial. Em sua tentativa de derubar o plano de Deus, ele lidera um ataque sem precedentes à instituição da família. Entre as armas mais poderosas que ele usa nesse ataque estão o egoísmo, a ganância e a pornografia.

Nossa felicidade eterna *não* está entre os objetivos de Satanás. Ele sabe que privá-los dos laços familiares de potencial *eterno* é a chave essencial para que homens e mulheres se tornem tão miseráveis quanto ele. Satanás compreende que a verdadeira felicidade nesta vida e na eternidade encontra-se na família e, portanto, faz tudo o que pode para destruí-la.

Alma, o profeta da Antiguidade, chama o plano de Deus para Seus filhos de “o grande plano de felicidade”.⁴ A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos, a quem apoiamos como profetas, videntes e reveladores, deram-nos este conselho inspirado quanto à felicidade e à vida familiar: “A família foi ordenada por Deus. O casamento entre o homem e a mulher é essencial para Seu plano eterno. Os filhos têm o direito de nascer dentro dos laços do matrimônio e de ser criados por pai e mãe que honrem os votos matrimoniais com total fidelidade. A felicidade na vida familiar é mais provável de ser alcançada quando fundamentada nos ensinamentos do Senhor Jesus Cristo”.⁵

Essa felicidade citada por Alma e, mais recentemente, pela Primeira Presidência e pelo Quórum dos Doze Apóstolos encontra-se com absoluta certeza no lar e na família. Nós a encontraremos em abundância se fizermos tudo o que pudermos para criar um lar centralizado em Cristo.

A irmã Maynes e eu aprendemos alguns princípios importantes quando



iniciamos o processo de criar um lar centralizado em Cristo, ainda no início de nosso casamento. Começamos por seguir os conselhos dos líderes da Igreja e passamos a reunir nossos filhos e realizar a noite familiar semanalmente, bem como a orar e estudar as escrituras diariamente. Nem sempre era fácil ou conveniente e nem sempre dava certo, mas com o tempo, esses simples momentos passados juntos transformaram-se em tradições queridas da família.

Aprendemos que, mesmo que mais adiante na semana nossos filhos não se lembrassem de tudo o que foi dito na lição da noite familiar, eles se lembrariam de que *fizemos a reunião*. Descobrimos que mais tarde naquele dia, na escola, eles dificilmente se lembrariam das palavras exatas das escrituras ou da oração, mas lembrariam que *lemos* as escrituras e *oramos*.

Irmãos e irmãs, recebemos grande força e proteção, tanto nós como nossos filhos, quando criamos tradições celestiais no lar.

O ato de aprender, ensinar e praticar os princípios do evangelho de Jesus Cristo em casa ajuda-nos a criar uma cultura que convida a presença do Espírito. Se estabelecermos essas tradições familiares em casa, seremos capazes de deixar para trás as falsas tradições do mundo e aprender a colocar as necessidades e os assuntos da família em primeiro lugar.

A responsabilidade de criar um lar centralizado em Cristo é tanto dos pais quanto dos filhos. Os pais têm a responsabilidade de ensinar os filhos com amor e retidão. Eles terão de prestar contas ao Senhor quanto ao cumprimento dessas responsabilidades sagradas. Os pais ensinam os filhos *por meio de palavras e pelo*

próprio exemplo. Este poema de C. C. Miller, intitulado “O Eco”, ilustra a importância dos pais e a grande influência que têm sobre os filhos:

*Uma ovelha, não um cordeiro,
se desgarrou
Na parábola que Jesus nos contou,
Foi uma ovelha adulta que se
extraviou
Das noventa e nove que ficaram
no redil.
E por que devemos essa ovelha buscar
E com sinceridade esperar e orar?
Pois, quando as ovelhas se perdem,
há perigo:
Elas levam os cordeiros consigo.
Sabem, os cordeiros não de seguir as
ovelhas,
Onde quer que elas se percam.
Se a ovelha se perder e andar a esmo,
Em breve, os cordeiros farão o mesmo.
Às ovelhas, sinceramente, suplicamos
Pelo bem-estar dos cordeiros nos
preocupamos;
Pois se uma ovelha vier a se desgarrar,
Que preço terrível
Os cordeiros terão de pagar!⁶*

As consequências para os pais que fazem com que os filhos se percam foram explicadas de modo bem claro pelo Senhor, em Doutrina e Convênios: “E também, se em Sião (...) houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e do batismo e do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, (...) sobre a cabeça dos pais seja o pecado”.⁷

Nunca é demais reafirmar o quanto é importante que os pais ensinem tradições celestiais aos filhos por meio de palavras e do exemplo. Os filhos também têm um papel central na criação de um lar centralizado em Cristo. Quero falar-lhes de um discurso feito

por Will, meu neto de oito anos, que ilustra esse princípio:

“Gosto de andar a cavalo e laçar animais com o meu pai. Para isso, usamos uma corda que é feita de vários cordões entrelaçados para que ela fique forte. Se a corda fosse feita de um cordão só, não serviria para nada; mas, como é feita de mais cordões que trabalham juntos, ela pode ser usada para muitas coisas e é forte.

A família pode ser como uma corda: Quando só uma pessoa se esforça para fazer o que é certo, a família não é tão forte como seria se todo mundo se esforçasse para ajudar uns aos outros.

Sei que, quando eu faço o que é certo, ajudo minha família. Quando trato bem minha irmã, Isabelle, nós dois nos divertimos e minha mãe e meu pai ficam contentes. Se minha mãe precisa fazer alguma coisa, posso ajudar brincando com meu irmãozinho, Joey. Também posso ajudar minha família deixando meu quarto

Dortmund, Alemanha



arrumado e ajudando de boa vontade sempre que puder. Como eu sou o filho mais velho, sei que é importante dar um bom exemplo. Posso-me esforçar ao máximo para fazer o que é certo e guardar os mandamentos.

Sei que as crianças podem ajudar a família a ser tão forte quanto uma corda bem forte. Quando todo mundo se esforça ao máximo e é unido, a família fica feliz e forte.”

Quando os pais presidem a família com amor e retidão e ensinam o evangelho de Jesus Cristo aos filhos por meio de palavras e pelo exemplo que dão, e quando os filhos amam e apoiam os pais, aprendendo e praticando os princípios que os pais ensinam, criarão, como resultado, um lar centralizado em Cristo.

Irmãos e irmãs, nós, membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, compreendemos e acreditamos na natureza eterna da família. Esse entendimento e essa crença devem inspirar-nos a fazer tudo ao nosso alcance para criar um lar centralizado em Cristo. Presto-lhes meu testemunho de que, se nos empenharmos nisso, passaremos a praticar mais plenamente o amor e o serviço ao próximo — dos quais a vida e a Expição de nosso Salvador Jesus Cristo são um exemplo — e o resultado será que nossa casa passará a ser um pedacinho do céu na Terra. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Atos 17:27–28.
2. “Sou Um Filho de Deus”, *Hinos*, nº 193.
3. Doutrina e Convênios 130:2; ver também Robert D. Hales, “A Família Eterna,” *Ensign*, novembro de 1996, p. 64.
4. Alma 42:8.
5. “A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, novembro de 2004, última contracapa.
6. C. C. Miller, “The Echo,” em *Best-Loved Poems of the LDS People*, ed. Jack M. Lyon e outros, 1996, pp. 312–313.
7. Doutrina e Convênios 68:25; grifo do autor.



Élder Cecil O. Samuelson Jr.
Dos Setenta

Testemunho

Os fundamentos da aquisição e conservação de um testemunho do evangelho de Jesus Cristo são simples, claros e acessíveis a todas as pessoas.

Uma das grandes bênçãos da minha vida, durante muitos anos, foi a oportunidade de estar cercado por jovens da Igreja e de trabalhar com eles. Considero esse convívio e amizade uma das coisas mais belas e valiosas da minha vida. Eles também são grande parte do alicerce do otimismo que tenho em relação ao futuro da Igreja, da sociedade e do mundo.

Nessas interações, também tive o privilégio de conversar com alguns que tinham muitas dúvidas ou desafios em relação a seu testemunho. Embora as situações específicas fossem variadas e, às vezes, únicas, muitas das dúvidas e dos motivos de confusão eram bem semelhantes. Da mesma forma, essas dúvidas e preocupações não se restringem a nenhum grupo demográfico ou etário. Elas podem incomodar aqueles que são membros da Igreja há várias gerações, os membros da Igreja relativamente novos e também aqueles que estão conhecendo A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Suas dúvidas são geralmente a consequência de questionamentos sinceros ou curiosidade. Como as implicações são extremamente significativas e sérias para cada um de nós, pareceu-me

adequado abordar o assunto de nosso testemunho. Em nosso contexto santo dos últimos dias chamamos de testemunho a nossa certeza da veracidade do evangelho de Jesus Cristo, que é obtida por revelação recebida por intermédio do Espírito Santo.

Embora essa definição de testemunho seja simples e clara, ela pode suscitar muitas dúvidas, tais como: Quem tem direito a ter um testemunho? Como alguém pode obter a revelação necessária? Quais são os passos para se obter um testemunho? A aquisição de um testemunho é um evento ou um processo contínuo? Cada uma dessas dúvidas e várias outras têm seus próprios corolários, mas os fundamentos da aquisição e conservação de um testemunho do evangelho de Jesus Cristo são simples, claros e acessíveis a todas as pessoas.

Deixem-me responder rapidamente a essas possíveis incertezas e, em seguida, abordar algumas ideias que me foram compartilhadas recentemente por amigos de confiança, que são jovens adultos que tiveram uma experiência pessoal na busca de um testemunho. Eles também tiveram a oportunidade de ministrar a outros que tinham desafios ou dificuldades em relação a alguns aspectos de sua fé e suas crenças.

Em primeiro lugar: quem tem direito a ter um testemunho? Todos os que estiverem dispostos a pagar o preço — ou seja, guardar os mandamentos — podem ter um testemunho. “Portanto a voz do Senhor chega aos confins da Terra, para que ouçam os que quiserem ouvir” (D&C 1:11). Um motivo fundamental da Restauração do evangelho foi para que “todo homem (...) fale em nome de Deus, o Senhor, sim, o Salvador do mundo; para que a fé também aumente na Terra” (D&C 1:20–21).

Em segundo lugar, como é que podemos obter a revelação necessária e quais são os passos fundamentais para se conseguir isso? O padrão tem sido claro e constante ao longo dos tempos. A promessa dada para se ganhar um testemunho do Livro de Mórmon também se aplica ao evangelho como um todo:

“E quando receberdes estas coisas” — ou seja, você ouviu, leu, estudou e ponderou a dúvida em questão —, “(...) [pergunte] a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas não são verdadeiras” — isso significa que você vai orar de forma ponderada, específica e reverente, com o firme compromisso de seguir a resposta que receber —; “e se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará a verdade delas pelo poder do Espírito Santo.

E pelo poder do Espírito Santo podeis saber a verdade de todas as coisas” (Morôni 10:4–5).

Em terceiro lugar, a aquisição de um testemunho é um evento ou um processo contínuo? O testemunho é semelhante a um organismo vivo que cresce e se desenvolve quando é adequadamente tratado. Ele precisa de constante nutrição, cuidado e proteção para crescer e prosperar. Da

mesma forma, a negligência ou o afastamento do padrão de vida condizente com o testemunho pode levar-nos à perda ou diminuição dele. As escrituras advertem que a transgressão ou violação dos mandamentos de Deus pode resultar na perda do Espírito e até mesmo na negação do testemunho que a pessoa já teve (ver D&C 42:23).

Permitam-me agora compartilhar dez coisas que meus fiéis e valorosos jovens amigos sugeriram. As ideias que eles partilharam têm algo em comum com o que vocês pensam e sentem, portanto, é provável que não sejam novidade para nenhum de nós. Mas, principalmente em nossos momentos de dificuldade e sofrimento, podemos esquecer temporariamente deles ou achar que não se aplicam a nós, pessoalmente.

Em primeiro lugar, todos temos valor, porque somos todos filhos de Deus. Ele nos conhece e nos ama e quer que consigamos retornar a Ele. Precisamos aprender a confiar no amor Dele e em Sua escolha do tempo certo, e não em nossos próprios desejos impacientes e imperfeitos.

Em segundo lugar, embora acreditemos plenamente na vigorosa mudança no coração descrita nas escrituras (ver Mosias 5:2; Alma 5:12–14, 26), devemos entender que isso muitas vezes ocorre de forma gradual, e não de modo instantâneo ou global, e vem em resposta a dúvidas, experiências e preocupações específicas, bem como por meio de nosso estudo e oração.

Em terceiro lugar, precisamos lembrar que a finalidade fundamental da vida é sermos testados e provados até nosso limite. Portanto, devemos aprender a crescer com nossos desafios e a ser gratos pelas lições que não poderíamos aprender de uma maneira mais fácil.



Khayelitsha, África do Sul

Quarto, devemos aprender a confiar nas coisas em que acreditamos ou que sabemos, para nos suster nos momentos de incerteza ou nas dúvidas que tivermos.

Em quinto lugar, como Alma ensinou, a aquisição de um testemunho é normalmente uma progressão ao longo de uma linha contínua que vai da esperança à crença e chega, por fim, ao conhecimento da veracidade de um determinado princípio ou doutrina, ou do próprio evangelho (ver Alma 32).

Em sexto lugar, quando ensinamos o que sabemos a alguém isso fortalece nosso próprio testemunho e o da outra pessoa. Quando você doa dinheiro ou comida, fica com menos. Mas quando presta testemunho, tanto o seu testemunho quanto o daquele que o ouve são fortalecidos e aumentam.

Em sétimo lugar, precisamos fazer coisas pequenas, porém necessárias todos os dias, regularmente. A oração, o estudo das escrituras e do evangelho, as reuniões da Igreja, a adoração no templo, as visitas de mestre familiar e de professora visitante e outros

encargos, tudo isso fortalece nossa fé e promove a presença do Espírito em nossa vida. Quando negligenciamos qualquer desses privilégios, colocamos em risco o nosso testemunho.

Em oitavo lugar, não devemos exigir dos outros padrões mais elevados que os nossos. Com muita frequência, deixamos que erros ou falhas alheias, especialmente de líderes ou membros da Igreja, influenciem nossa autoimagem ou nosso testemunho. As dificuldades das outras pessoas não são desculpa para nossas próprias deficiências.

Em nono lugar, é bom lembrar que o excesso de severidade com nossos próprios erros pode ser tão negativo quanto a indiferença a nossa necessidade de real arrependimento.

E em décimo lugar, precisamos sempre saber que a Expição de Cristo está plena e continuamente válida para cada um de nós, se o permitirmos. Assim, tudo o mais entrará nos eixos, ao nos depararmos com certos detalhes, hábitos ou peças que aparentemente estão faltando no mosaico de nossa fé.

Sinto-me grato pela sensatez, força

e pelo testemunho de muitos de meus jovens e exemplares amigos e conhecidos. Quando estou com eles, sinto-me fortalecido, e quando sei que eles estão com outros, sinto-me incentivado por saber do bem que estão fazendo e do serviço que prestam em nome do Mestre que adoram e a Quem se esforçam em obedecer.

As pessoas fazem coisas boas e importantes porque têm um testemunho. Embora isso seja verdade, também adquirimos testemunho por meio daquilo que fazemos. Jesus disse:

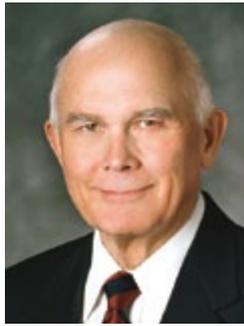
“A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou.

Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo” (João 7:16–17).

“Se me amais, guardai os meus mandamentos” (João 14:15).

Tal como Néfi e Mórmon, no passado, “não conheço (...) o significado de todas as coisas” (1 Néfi 11:17; ver também Palavras de Mórmon 1:7), mas quero dizer-lhes o que sei.

Sei que Deus nosso Pai Celestial vive e nos ama. Sei que Seu Filho especial, Jesus Cristo, é nosso Salvador e Redentor e o líder da Igreja que leva Seu nome. Sei que Joseph Smith viu tudo o que ele contou e ensinou a respeito da Restauração do evangelho em nossos dias. Sei que somos liderados por apóstolos e profetas hoje, e que o Presidente Thomas S. Monson possui todas as chaves do sacerdócio necessárias para abençoar nossa vida e levar adiante a obra do Senhor. Sei que temos direito a esse conhecimento e que, se vocês estão tendo dificuldades, podem confiar na veracidade dos testemunhos que ouvirem deste púlpito nesta conferência. Sei essas coisas e presto testemunho delas, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■



Élder Dallin H. Oaks

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Desejo

Para alcançar nosso destino eterno temos que desejar e trabalhar para adquirir as qualidades exigidas para tornar-nos seres eternos.

Decidi falar sobre a importância do *desejo*. Espero que examinemos nosso coração para ver quais são realmente nossos desejos e em que ordem de importância os classificamos.

Os desejos determinam nossas prioridades, as prioridades moldam nossas decisões, e as decisões determinam nossas ações. Os desejos que são colocados em prática determinam como mudamos, o que realizamos e em que nos tornamos.

Primeiramente, falarei de alguns desejos comuns. Sendo seres mortais, temos algumas necessidades físicas básicas. O desejo de satisfazer essas necessidades compele nossas escolhas e determina algumas de nossas ações. Três exemplos demonstram como muitas vezes substituímos esses desejos por outros que consideramos mais importantes.

Em primeiro lugar, comida. Temos a necessidade básica de alimentar-nos, mas por algum tempo ela pode ser substituída pelo desejo mais forte de jejuar.

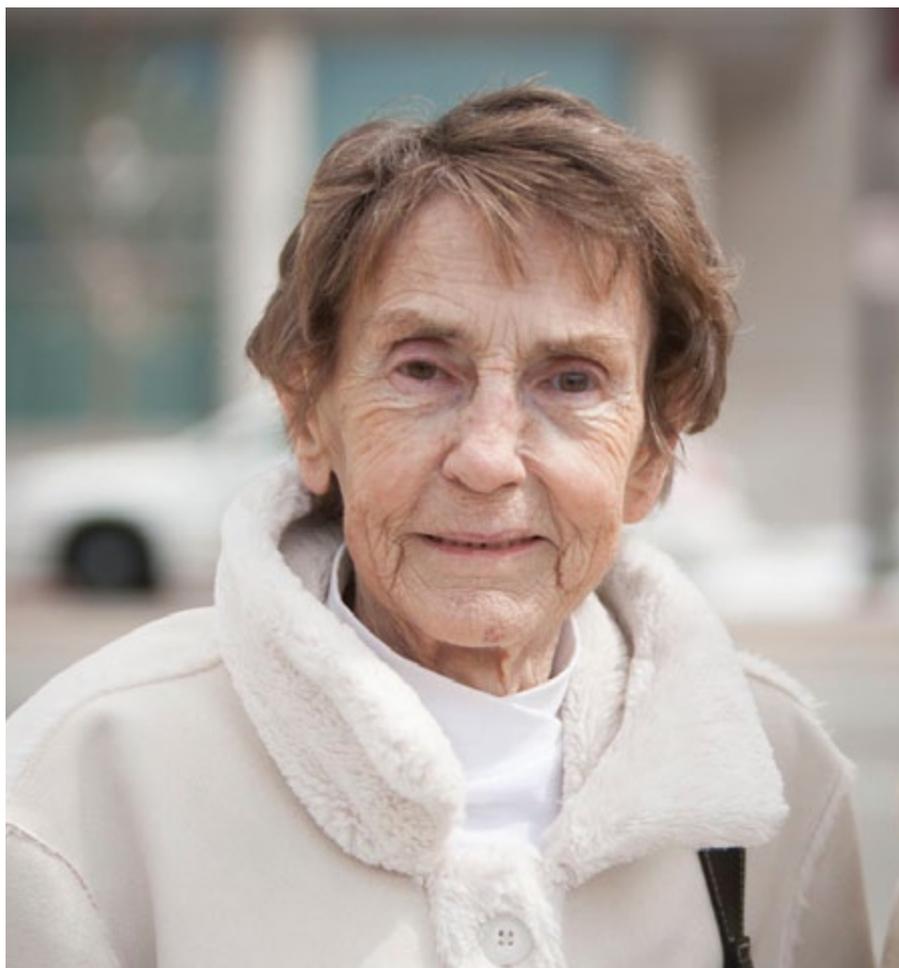
Em segundo lugar, abrigo. Quando eu tinha doze anos, resisti ao desejo de buscar abrigo por causa de meu desejo maior de cumprir um requisito do escotismo de passar uma noite no

bosque. Fui um dos vários rapazes que deixaram suas tendas confortáveis e descobriram um meio de construir um abrigo e de fazer uma cama primitiva usando materiais naturais que conseguimos achar.

Em terceiro lugar, sono. Até esse desejo básico pode ser substituído temporariamente por outro ainda mais importante. Quando eu era um jovem soldado na Guarda Nacional de Utah, vi um exemplo disso na vida de um oficial experiente em combate.

Nos primeiros meses da Guerra da Coreia, uma bateria de artilharia de campo de Richfield, da Guarda Nacional de Utah, foi convocada para lutar. Aquela bateria, comandada pelo capitão Ray Cox, era formada por uns 40 soldados mórmons. Depois de alguns treinamentos e reforçados por reservistas de outros lugares, logo foram enviados à Coreia, onde viveriam algumas das batalhas mais ferozes daquela guerra. Em uma delas, tiveram que repelir um ataque direto de centenas de soldados da infantaria inimiga, do tipo que já havia vencido e destruído outras baterias de artilharia de campo.

O que isso tem a ver com o desejo de dormir? Numa noite crucial, quando a infantaria inimiga



transpôs a frente de batalha e chegou à retaguarda ocupada pela artilharia, o capitão fez com que as linhas telefônicas fossem conectadas a sua barraca e ordenou que seus muitos guardas de perímetro telefonassem pessoalmente para ele a cada hora, a noite inteira. Isso manteve os guardas acordados, mas também fez com que o sono do capitão Cox fosse interrompido muitas vezes. “Como consegui fazer isso?” perguntei a ele. A resposta mostra a força que tem um desejo premente.

“Eu sabia que se conseguisse voltar para casa encontraria os pais daqueles rapazes, nas ruas de nossa pequena cidade, e eu não poderia encarar nenhum deles se o filho deles não tivesse voltado para casa por causa de algo que deixei de fazer como seu comandante.”¹

Que grande exemplo da força de um desejo premente sobre as prioridades e as ações. Que poderoso

exemplo para todos nós que somos responsáveis pelo bem-estar de outros — pais, líderes e professores da Igreja!

Concluindo essa ilustração, bem cedo pela manhã, após a noite insone, o capitão Cox liderou seus soldados em um contra-ataque à infantaria inimiga. Fizeram mais de 800 prisioneiros, e só dois dos seus ficaram feridos. Cox foi condecorado por bravura, e sua bateria recebeu uma Menção Honrosa Presidencial de Unidade por seu extraordinário heroísmo. E tal como os jovens guerreiros de Helamã (ver Alma 57:25–26), todos voltaram para casa.²

O Livro de Mórmon contém muitos ensinamentos sobre a importância do desejo.

Depois de suplicar ao Senhor por muitas horas, Enos ouviu que seus pecados haviam sido perdoados. Ele então “[começou] a desejar” o bem-estar de seus irmãos (Enos 1:9). Enos escreveu: “E (...) após ter orado e me

empenhado com toda a diligência, o Senhor disse-me: Por causa de tua fé conceder-te-ei de acordo com teus desejos” (versículo 12). Observem os três conceitos essenciais que precederam a bênção prometida: Desejo, trabalho e fé.

Em seu sermão sobre a fé, Alma ensina que ela pode começar com nada “mais que o desejo de acreditar” se deixarmos “que esse desejo opere em [nós]” (Alma 32:27).

Outro grande ensinamento sobre o desejo, especialmente sobre qual deve ser nosso maior desejo, ocorreu quando o rei lamanita foi ensinado pelo missionário Aarão. Quando os ensinamentos de Aarão lhe atraíram o interesse, o rei perguntou: “Que verei fazer para nascer de Deus” e “conseguir essa vida eterna?” Alma 22:15. Aarão respondeu: “Se desejas isto, (...) se te arrependeres de todos os teus pecados e te curvares diante de Deus e invocares o seu nome com fé, acreditando que receberás, então obterás a esperança que desejas” (versículo 16).

O rei fez isso e declarou em vigorosa oração: “Abandonarei todos os meus pecados para conhecer-te” (versículo 18). Com esse comprometimento e essa identificação de seu maior desejo, sua oração foi respondida de modo milagroso.

O profeta Alma tinha grande desejo de clamar arrependimento a todos, mas compreendeu que não deveria desejar o poder de compelir as pessoas porque concluiu que “um Deus justo (...) concede aos homens segundo os seus desejos, sejam estes para a morte ou para a vida” (Alma 29:4). De modo semelhante, o Senhor declarou em revelação moderna que julgará “todos os homens segundo suas obras, segundo o desejo de seu coração” (D&C 137:9).

Será que estamos verdadeiramente preparados para que o Juiz Eterno atribua esse enorme significado àquilo que realmente desejamos?

Muitas escrituras falam do que desejamos em termos daquilo que buscamos. “Aquele que cedo me buscar achar-me-á e não será abandonado” (D&C 88:83). “Procurai com zelo os melhores dons” (D&C 46:8). “Pois aquele que procurar diligentemente achará” (1 Néfi 10:19). “Ache-gai-vos a mim e chegar-me-ei a vós; procurai-me diligentemente e achar-me-eis; pedi e recebereis; batei e ser-vos-á aberto” (D&C 88:63).

Não é fácil reajustar nossos desejos para dar maior prioridade às coisas da eternidade. Todos somos tentados a desejar o quarteto mundano: da posse, preeminência, presunção e do poder. Podemos desejar essas coisas, mas não devemos torná-las nossas maiores prioridades.

Aqueles cujo maior desejo é ter posses caem na armadilha do materialismo. Deixam de dar ouvidos ao aviso: “Não busques as riquezas nem

as coisas vãs deste mundo” (Alma 39:14; ver também Jacó 2:18).

Aqueles que desejam preeminência ou poder deviam seguir o exemplo do valoroso capitão Morôni, que não serviu buscando “poder” nem as “honras do mundo” (Alma 60:36).

Como desenvolvemos desejos? Poucos terão o tipo de crise que motivou Aron Ralston,³ mas a experiência pessoal dele deixa uma valiosa lição sobre o desenvolvimento do desejo. Quando Ralston excursionava por um desfiladeiro remoto no sul de Utah, uma rocha de quase meia tonelada soltou-se de repente, prendendo-lhe o braço. Por cinco dias solitários, ele fez de tudo para libertar-se. Quando estava prestes a desistir e aceitar a morte, teve a visão de um menino de três anos que corria em sua direção e a quem ele abraçava com o braço esquerdo. Compreendendo que aquela era uma visão de seu futuro filho, garantindo-lhe que ele poderia sobreviver, Ralston reuniu coragem e executou a drástica ação para salvar a vida antes de perder as

forças. Ele quebrou os dois ossos do braço direito preso e depois usou a lâmina de seu canivete para cortar fora o braço. Depois reuniu forças para percorrer oito quilômetros em busca de ajuda.⁴ Que grande exemplo da força de um desejo premente! Quando temos a visão daquilo em que podemos nos tornar, nosso desejo e nosso poder de agir aumentam enormemente.

A maioria de nós jamais enfrentará uma crise tão extrema, mas todos enfrentamos armadilhas potenciais que vão impedir o progresso rumo a nosso destino eterno. Se forem suficientemente intensos, os nossos desejos justos nos motivarão a cortar fora vícios e outras tendências pecaminosas e prioridades erradas que impedem nosso progresso eterno.

Devemos lembrar que os desejos justos não podem ser superficiais, impulsivos ou temporários. Precisam ser sinceros, inabaláveis e permanentes. Motivados dessa maneira, procuraremos aquela condição descrita pelo Profeta Joseph Smith, na qual teremos “[superado] todas as coisas ruins da vida e [perdido] toda a vontade de pecar”.⁵ Essa é uma decisão muito pessoal. Como disse o Élder Neal A. Maxwell:

“Quando se diz que as pessoas ‘perderam todo o desejo de pecar’, significa que elas, e somente elas, decidiram, de modo deliberado, perder esses desejos iníquos, voluntariamente ‘abandonando todos os seus pecados’ a fim de conhecerem a Deus.

Assim, o que insistentemente desejamos no decorrer da vida é o que acabaremos nos tornando e o que receberemos na eternidade”.⁶

Por mais importante que seja a perda de todo o desejo de pecar, a vida eterna exige mais que isso. Para



alcançar nosso destino eterno temos que desejar e trabalhar para adquirir as qualidades exigidas a fim de tornarmos seres eternos. Por exemplo: os seres eternos perdoam todos aqueles que os injuriaram. Eles colocam o bem-estar das outras pessoas acima deles mesmos. E amam todos os filhos de Deus. Se isso parecer difícil — e sem dúvida não é fácil para nenhum de nós — então devemos começar com o desejo de ter essas qualidades e rogar a ajuda do amoroso Pai Celestial para lidarmos com nossos sentimentos. O Livro de Mórmon nos ensina que devemos rogar ao Pai, com toda a energia de nosso coração, que sejamos cheios desse amor que Ele concedeu a todos os que são verdadeiros seguidores de Seu Filho, Jesus Cristo (ver Morôni 7:48).

Encerro com um último exemplo de desejo que deve ser de extrema importância para todos os homens e mulheres, tanto casados quanto solteiros. Todos devemos desejar e esforçar-nos seriamente para garantir um casamento eterno. Aqueles que já se casaram no templo devem fazer tudo o que puderem para preservar seu casamento. Os solteiros devem desejar um casamento no templo e dar a máxima prioridade para consegui-lo. Os jovens e os jovens adultos devem resistir ao conceito politicamente correto, mas falso do ponto de vista eterno, de que o casamento e os filhos não são importantes.⁷

Vocês, homens solteiros, pensem no desafio lançado nesta carta escrita por uma irmã solteira. Ela rogava pelas “filhas dignas de Deus, que sinceramente procuram um companheiro digno, mas os homens parecem cegos e confusos em relação a terem ou não a responsabilidade de procurar essas filhas maravilhosas e especiais do Pai Celestial e



namorá-las, estando dispostos a fazer e cumprir convênios sagrados na casa do Senhor”. Ela conclui, dizendo: “Há muitos homens SUD solteiros que ficam felizes em sair e divertir-se a dois ou em grupo, mas que não têm absolutamente nenhum desejo de assumir qualquer tipo de compromisso com uma mulher”.⁸

Tenho certeza que alguns rapazes que buscam ansiosamente uma companhia gostariam que eu acrescentasse que há moças cujo desejo de ter um casamento e filhos é bem menor do que seu desejo de ter uma carreira profissional ou outras honras mortais. Tanto os homens quanto as mulheres necessitam ter desejos justos que vão conduzi-los à vida eterna.

Lembremos que os desejos determinam nossas prioridades, as prioridades moldam nossas decisões, e as decisões determinam nossas ações. Além disso, são nossas ações e nossos desejos que nos fazem tornar-nos alguma coisa, seja um amigo verdadeiro, um professor talentoso ou alguém qualificado para a vida eterna.

Presto testemunho de Jesus Cristo, cujo amor, cujos ensinamentos e cuja Expição tornaram tudo isso possível. Oro para que desejemos acima de tudo nos tornarmos como Ele para que um dia possamos retornar a Sua presença e receber a plenitude de Sua alegria. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ray Cox, entrevistado pelo autor, em 1º de agosto de 1985, Mount Pleasant, Utah, confirmando o que me contara em Provo, Utah, aproximadamente em 1953.
2. Ver Richard C. Roberts, *Legacy: The History of the Utah National Guard*, 2003, pp. 307–314; “Self-Propelled Task Force”, *National Guardsman*, maio de 1971, última capa; *Miracle at Kapyong: The History of the 213th* (filme produzido pela Universidade do Sul de Utah, 2002).
3. Ver Aron Ralston, *Between a Rock and a Hard Place*, 2004.
4. Ralston, *Between a Rock and a Hard Place*, p. 248.
5. Ver *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 220.
6. Ver Neal A. Maxwell, “Segundo o Desejo de [Nossos] Corações”, *A Liahona*, janeiro de 1997, pp. 21–23.
7. Ver Julie B. Beck, “Ensinar a Doutrina da Família”, *A Liahona*, Março 2011, pp. 32–37.
8. Carta de 14 de setembro de 2006.



Élder M. Russell Ballard
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Encontrar Alegria no Serviço Amoroso

Mostremos nosso amor e apreço pelo sacrifício expiatório do Salvador, por meio de nossos atos simples e compassivos de serviço.

Irmãos e irmãs, espero que aqueles que estão visitando Salt Lake tenham a oportunidade de apreciar as cores e o perfume das belas flores de primavera no terreno do Templo de Salt Lake.

A primavera traz uma renovação de luz e vida — lembrando-nos, por meio do ciclo das estações, da vida, do sacrifício e da Ressurreição de nosso Senhor e Redentor, Jesus Cristo, pois “todas as coisas prestam testemunho [Dele]” (Moisés 6:63).

Contrastando com esse bonito cenário de primavera e com seu simbolismo de esperança, há um mundo de incerteza, complexidade e confusão. As exigências da vida cotidiana — educação, emprego, a criação dos filhos, a administração e os chamados da Igreja, as atividades seculares e até mesmo a dor e o sofrimento de uma doença inesperada ou uma tragédia — podem desgastar-nos. Como podemos livrar-nos dessa teia emaranhada de desafios e incertezas e encontrar paz de espírito e felicidade?

Muitas vezes somos como certo jovem comerciante de Boston, que em 1849, segundo conta a história, foi contagiado pelo fervor da corrida do

ouro na Califórnia. Ele vendeu tudo o que possuía para tentar a sorte nos rios da Califórnia, que lhe disseram estar repletos de pepitas de ouro tão grandes que dificilmente podiam ser carregadas.

Dia após dia, numa rotina interminável, o jovem mergulhava sua peneira no rio, que voltava vazia. Sua única recompensa era uma pilha cada vez maior de pedras. Desanimado e sem dinheiro, ele estava prestes a desistir, até que, um dia, um garimpeiro velho e experiente lhe disse: “É um belo monte de pedras esse que você está juntando aí, meu rapaz”.

O rapaz respondeu: “Não há ouro aqui. Vou voltar para casa”.

Aproximando-se da pilha de pedras, o velho garimpeiro disse: “Oh, há ouro aqui, sim. Você só tem que saber onde encontrá-lo”. Ele pegou duas pedras e bateu uma na outra. Uma das pedras rachou revelando vários filetes de ouro brilhando ao sol.

Percebendo a bolsa de couro carregada, presa à cintura do garimpeiro, o jovem disse: “Estou à procura de pepitas como as de sua bolsa, e não apenas minúsculos filetes”.

O velho garimpeiro estendeu a bolsa para o rapaz, que olhou dentro dela esperando ver muitas pepitas grandes. Ficou surpreso ao ver que a bolsa estava cheia de milhares de filetes de ouro.

O velho garimpeiro disse: “Filho, parece-me que você está tão ocupado procurando pepitas grandes, que está deixando de encher sua bolsa com esses preciosos filetes de ouro. O acúmulo paciente desses pequenos filetes me trouxe uma grande riqueza”.

Essa história ilustra a verdade espiritual que Alma ensinou a seu filho Helamã:

“Por meio de coisas pequenas e simples que as grandes são realizadas. (...)”

E por meios muito pequenos o Senhor (...) efetua a salvação de muitas almas” (Alma 37:6–7).

Irmãos e irmãs, o evangelho de Jesus Cristo é simples, não importa o quanto tentemos torná-lo complicado. Devemos esforçar-nos para manter nossa vida igualmente simples, livre de influências externas, e concentrar-nos nas coisas que mais importam.

Quais são as coisas preciosas e simples do evangelho que trazem clareza e propósito a nossa vida? Quais são os filetes de ouro do evangelho cujo paciente acúmulo ao longo de nossa vida nos recompensa com o supremo tesouro — o dom precioso da vida eterna?

Creio que há um princípio simples, porém profundo — até sublime — que abrange a totalidade do evangelho de Jesus Cristo. Se adotarmos sinceramente esse princípio e fizermos dele o ponto central de nossa vida, ele vai purificar-nos e santificar-nos para que possamos viver novamente na presença de Deus.

O Salvador falou desse princípio quando respondeu a um fariseu que

Lhe perguntou: “Mestre, qual é o grande mandamento na lei?”

E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

Este é o primeiro e grande mandamento.

E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:36–40).

Só quando amamos a Deus e a Cristo de todo o coração, alma e mente, é que somos capazes de compartilhar esse amor com nossos semelhantes, por meio de atos de bondade e de serviço — da maneira que o Salvador amaria e serviria a todos nós, se estivesse em nosso meio hoje.

Quando esse puro amor de Cristo — ou caridade — nos envolve, pensamos, sentimos e agimos mais como o Pai Celestial e Jesus pensariam, sentiriam e agiriam. Nosso desejo sincero e motivação são mais semelhantes aos do Salvador. Ele compartilhou esse desejo com Seus apóstolos na véspera de Sua crucificação. Ele disse:

“Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós. (...)

Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13:34–35).

O amor do Salvador é descrito como um amor ativo. Não se manifesta por meio de feitos grandes e heroicos, mas sim por simples gestos de bondade e de serviço.

Há uma infinidade de maneiras e situações nas quais podemos servir e amar as pessoas. Gostaria de sugerir algumas.

Em primeiro lugar, a caridade começa no lar. O princípio mais importante que deve governar todo lar é a prática da Regra de Ouro — a admoestação do Senhor de que “tudo



o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós” (Mateus 7:12). Pare um pouco e imagine como você se sentiria se fosse alvo de palavras ou atos irrefletidos. Por meio de nosso exemplo, ensinemos nossos familiares a ter amor uns pelos outros.

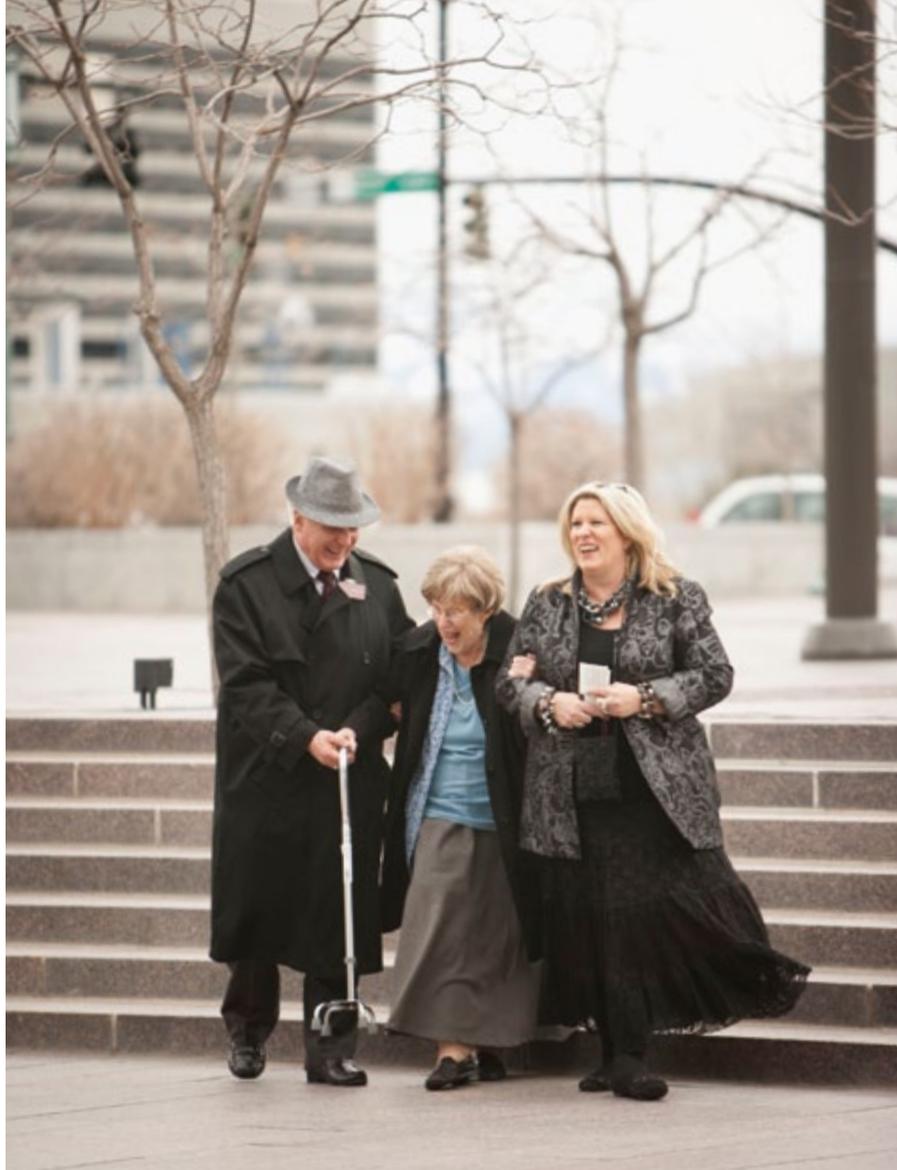
Outro lugar em que temos amplas oportunidades de servir é na Igreja. Nossas alas e ramos devem ser lugares em que a Regra de Ouro sempre guie as palavras e ações de uns para com os outros. Ao tratarmos uns aos outros com bondade, dizendo palavras de apoio e incentivo e sendo sensíveis às necessidades alheias, podemos criar uma união carinhosa entre os membros da ala. Onde existe caridade, não há lugar para fofocas ou palavras rudes.

Os membros da ala, tanto adultos quanto jovens, podem unir-se na prestação de um serviço significativo para abençoar a vida de outros. Poucas semanas atrás, o Presidente da Área América do Sul Noroeste, o

Élder Marcus B. Nash, dos Setenta, relatou que ao designar que os “fortes de espírito fortalecessem os fracos”, eles estavam resgatando centenas de adultos e jovens menos ativos. Por meio do amor e do serviço, “um a um”, estavam retornando. Esses atos de bondade criam um vínculo forte e duradouro entre todos os envolvidos — tanto os que ajudaram quanto os que foram ajudados. Muitas lembranças preciosas giram em torno de serviços assim.

Quando penso em meus muitos anos de administração na Igreja, algumas de minhas lembranças mais marcantes são da época em que me uni aos membros da ala para ajudar alguém.

Lembro-me, por exemplo, de quando era bispo e trabalhei com vários membros de minha ala para limpar o poço de silagem da fazenda de bem-estar da estaca. Não era uma tarefa agradável! Um irmão menos ativo que não frequentava a Igreja, havia muitos anos, foi convidado



para ajudar-nos. Devido ao amor e à amizade que sentiu enquanto conversávamos naquele poço de silagem mal-cheiroso, ele voltou à Igreja e foi mais tarde selado no templo a sua esposa e seus filhos. Nossa integração por meio do serviço abençoou seus filhos, netos e agora bisnetos. Muitos deles serviram missão, casaram-se no templo e estão criando uma família eterna — um grande trabalho que foi fruto de um simples ato — um pequeno filete de ouro.

Uma terceira área em que podemos servir é em nossa comunidade. Como pura expressão de nosso amor e preocupação, podemos estender a mão para aqueles que necessitam de nossa ajuda. Muitos de vocês já vestiram uma camiseta Mãos Que Ajudam e trabalharam incansavelmente para aliviar o sofrimento de suas comunidades e

melhorá-las. Os jovens adultos solteiros da estaca Sendai Japão prestaram recentemente um serviço inestimável na busca de membros, após a devastação do terremoto e do tsunami. Há inúmeras oportunidades de servir!

Por meio de nossa bondade e nosso serviço sinceros podemos fazer amizade com aqueles a quem servimos. Dessas amizades surge uma melhor compreensão de nossa devoção ao evangelho e um desejo de saber mais a nosso respeito.

Meu bom amigo, o Élder Joseph B. Wirthlin, falou do poder desse princípio: “A bondade é a essência da grandeza. (...) É a chave que abre portas e molda os bons amigos. Ela suaviza corações e molda os relacionamentos que podem perdurar a vida toda” (“A Virtude da Bondade”, *A Liahona*, maio de 2005, p. 26).

Outro modo pelo qual podemos servir aos filhos do Pai Celestial é por meio do serviço missionário — não apenas como missionários de tempo integral, mas também como amigos e vizinhos. O crescimento futuro da Igreja não acontecerá apenas batendo em portas de estranhos. Acontecerá quando os membros, juntamente com nossos missionários, cheios do amor de Deus e de Cristo, discernirem as necessidades e as atenderem, no espírito do serviço caridoso.

Quando fizermos isso, irmãos e irmãs, os honestos de coração sentirão nossa sinceridade e nosso amor. Muitos vão querer conhecer mais a nosso respeito. Então, e somente então, a Igreja crescerá para encher toda a Terra. Isso não pode ser realizado somente pelos missionários, mas exige o interesse e o serviço de todos os membros.

Em todo nosso serviço, precisamos estar receptivos aos sussurros do Espírito Santo. A voz mansa e delicada vai indicar-nos quem necessita de nossa ajuda e o que podemos fazer para ajudá-los.

O Presidente Spencer W. Kimball disse: “É vital que sirvamos uns aos outros no reino. (...) Com muita frequência, nossos atos de serviço consistem em dar um simples incentivo ou oferecer ajuda em atividades cotidianas, mas que consequências gloriosas podem resultar de atos cotidianos (...), mas conscientes!” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Spencer W. Kimball*, 2006, p. 92.)

E o Presidente Thomas S. Monson aconselhou:

“Há pessoas necessitadas em toda parte, e todos nós podemos fazer algo para ajudar alguém.

(...) A menos que nos entreguemos totalmente ao serviço ao próximo, haverá pouco propósito em

nossa vida” (“O Que Fiz Hoje por Alguém?”, *A Liahona*, novembro de 2009, p. 86).

Irmãos e irmãs, gostaria de enfatizar novamente que o atributo mais importante do Pai Celestial e de Seu Filho amado, que devemos desejar e esforçar-nos para ter dentro de nós, é o dom da caridade, “o puro amor de Cristo” (Morôni 7:47). Desse dom emana nossa capacidade de amar e servir às pessoas — como fez o Salvador.

O profeta Mórmon ensinou-nos a suprema importância desse dom e nos disse como podemos recebê-lo: “Portanto, meus amados irmãos, rogai ao Pai, com toda a energia de vosso coração, que sejais cheios desse amor que ele concedeu a todos os que são verdadeiros seguidores de seu Filho, Jesus Cristo; que vos torneis os filhos de Deus; que quando ele aparecer, sejamos como ele, porque o veremos como ele é; que tenhamos esta esperança; que sejamos purificados, como ele é puro” (Morôni 7:48).

Grandes coisas são realizadas por meio de simples e pequenas coisas. Como os pequenos filetes de ouro que se acumulam com o tempo para formar um grande tesouro, nossos pequenos e simples atos de bondade e serviço vão-se acumular em uma vida cheia de amor pelo Pai Celestial, de devoção ao trabalho do Senhor Jesus Cristo e de um sentimento de paz e alegria, sempre que estendermos a mão uns para os outros.

Ao aproximar-nos da época da Páscoa, que mostremos nosso amor e apreço pelo sacrifício expiatório do Salvador, por meio de nossos atos simples e compassivos de serviço a nossos irmãos e irmãs em casa, na Igreja e em nossas comunidades. Essa é minha humilde oração, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■



Élder Neil L. Andersen

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Preparar o Mundo para a Segunda Vinda

Sua missão será uma oportunidade sagrada de conduzir pessoas a Cristo e ajudar a preparar o mundo “para a Segunda Vinda do Salvador”.

Dirijo-me hoje, em especial, aos rapazes de 12 a 25 anos que portam o sacerdócio de Deus. Nós pensamos muito em vocês e oramos por vocês. Certa vez contei a história de um neto de quatro anos que deu um empurrão no irmãozinho. Depois de consolar aquele que chorava, minha esposa, Kathy, voltou-se para o de quatro anos e perguntou seriamente: “Por que você empurrou seu irmãozinho?”. Ele olhou para a avó e disse: “Mimi, sinto muito. Perdi meu anel do CTR e não consigo escolher o que é certo”. Sabemos que vocês sempre se empenham em fazer o que é certo. Nós os amamos muito.

Já pensaram no motivo pelo qual foram enviados à Terra nesta época específica? Vocês não nasceram na época de Adão e Eva, nem enquanto os faraós governavam o Egito, nem durante a dinastia Ming. Vieram à Terra nesta época, vinte séculos depois da primeira vinda de Cristo. O sacerdócio de Deus foi restaurado na Terra, e o Senhor estendeu a mão para preparar o mundo para Seu glorioso

retorno. Esta é uma época de grandes oportunidades e de importantes responsabilidades. Esta é a sua época.

Com o batismo, vocês declararam sua fé em Jesus Cristo. Com sua ordenação ao sacerdócio, seus talentos e capacidades espirituais foram ampliados. Uma de suas importantes responsabilidades é a de ajudar a preparar o mundo para a Segunda Vinda do Salvador.

O Senhor nomeou um profeta, o Presidente Thomas S. Monson, para dirigir o trabalho de Seu sacerdócio. Para vocês, o Presidente Monson disse: “O Senhor precisa de missionários”.¹ “Todo rapaz digno e capaz deve preparar-se para servir uma missão. O serviço missionário é um dever do sacerdócio — uma obrigação que o Senhor espera de [vocês], que tanto [receberam] Dele”.²

O serviço missionário exige sacrifício. Sempre haverá algo que deixarão para trás ao aceitarem o chamado do profeta para servir.

Aqueles que acompanham os jogos de rúgbi sabem que a equipe All



Blacks, da Nova Zelândia, nome que lhes foi dado por causa da cor de seu uniforme, é o mais famoso time de rúgbi de todos os tempos.³ O privilégio de ser escolhido para integrar os All Blacks da Nova Zelândia seria comparável ao de participar da seleção da Copa do Mundo de futebol.

Em 1961, aos dezoito anos de idade, sendo portador do Sacerdócio Aarônico, Sidney Going, estava-se tornando um astro do rúgbi, na Nova Zelândia. Devido a suas habilidades extraordinárias, muitos acharam que ele seria escolhido no ano seguinte para integrar a equipe dos All Blacks.

Aos dezenove anos, num momento crítico de sua carreira ascendente no rúgbi, Sidney declarou que iria abandonar o esporte para servir missão. Alguns o chamaram de louco. Outros o chamaram de tolo.⁴ Alegaram que aquela oportunidade no rúgbi nunca aconteceria de novo.

Para Sid, o importante não era o que ele deixava para trás, mas a oportunidade e a responsabilidade que havia pela frente. Ele tinha o dever do sacerdócio de oferecer dois anos de sua vida para declarar a realidade do Senhor Jesus Cristo e de Seu evangelho restaurado. Nada — nem mesmo a chance de jogar na seleção nacional, com toda a consagração que isso

lhe proporcionaria — o impediria de cumprir aquele dever.⁵

Ele foi chamado por um profeta de Deus para servir na Missão Canadense Ocidental. Há quarenta e oito anos, neste mês, o jovem Élder Sidney Going, de dezenove anos, partiu da Nova Zelândia para servir como missionário da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Sid contou-me uma experiência pessoal que teve em sua missão. Era noite, e ele e o companheiro estavam prestes a retornar ao apartamento. Decidiram visitar mais uma família. O pai os deixou entrar, e o Élder Going e seu companheiro prestaram testemunho do Salvador. A família aceitou um exemplar do Livro de Mórmon. O pai o leu a noite inteira. Uma semana e meia depois, o pai tinha completado a leitura do Livro de Mórmon, de Doutrina e Convênios e de A Pérola de Grande Valor. Poucas semanas depois, a família foi batizada.⁶

Uma missão, em vez de uma posição no time All Blacks da Nova Zelândia? Sid respondeu: “A bênção de levar o evangelho para as pessoas é muito maior do que qualquer sacrifício que você venha a fazer”.⁷

Você provavelmente estão-se perguntando: o que aconteceu com Sid Going depois da missão. O mais

importante: um casamento eterno com sua namorada, Collenn, cinco nobres filhos e uma geração de netos. Por toda a vida, ele confiou em seu Pai Celestial, guardou os mandamentos e serviu ao próximo.

E o rúgbi? Depois de sua missão, Sid Going tornou-se um dos melhores zagueiros da história do All Blacks, disputando onze campeonatos, atuando por muitos anos como capitão do time.⁸

Será que Sid Going era bom? Ele era tão bom que sua agenda de treinos e jogos foi alterada, porque ele não jogava aos domingos.⁹ Sid era tão bom que a rainha da Inglaterra reconheceu sua contribuição para o rúgbi.¹⁰ Era tão bom que um livro foi escrito a respeito dele, intitulado *Super Sid*.

E se Sid não tivesse recebido essas honras depois da missão? Um dos maiores milagres do serviço missionário desta Igreja é ver que Sid Going e milhares de missionários como ele nunca perguntaram: “O que eu ganho com minha missão?” Mas, sim: “O que posso oferecer?”

Sua missão será uma oportunidade sagrada de conduzir pessoas a Cristo e ajudar a preparar o mundo “para a Segunda Vinda do Salvador”.

O Senhor fala há muito tempo da preparação necessária para Sua Segunda Vinda. Para Enoque Ele declarou: “E justiça enviarei dos céus; e verdade farei brotar da terra (...) e justiça e verdade farei varrerem a Terra, como um dilúvio, a fim de reunir meus eleitos dos quatro cantos da Terra”.¹¹ O profeta Daniel profetizou que nos últimos dias o evangelho iria rolar até os confins da Terra, como “uma pedra [cortada] sem auxílio de mãos”.¹² Néfi falou da Igreja dos últimos dias, que teria poucos membros, mas estaria espalhada por toda a face da Terra.¹³ O Senhor declarou, nesta

dispensação: “Sois chamados para efetuardes a reunião de meus eleitos”.¹⁴ Meus jovens irmãos, sua missão é uma grande oportunidade e responsabilidade, importante para essa coligação prometida e vinculada a seu destino eterno.

Desde os primórdios da Restauração, os líderes gerais levam muito a sério seu encargo de proclamar o evangelho. Em 1837, apenas sete anos depois da organização da Igreja, numa época de pobreza e perseguição, foram enviados missionários para ensinar o evangelho na Inglaterra. Nos anos seguintes, havia missionários pregando em lugares como Áustria, Polinésia Francesa, Índia, Barbados, Chile e China.¹⁵

O Senhor abençoou esse trabalho, e a Igreja está sendo estabelecida no mundo inteiro. Esta nossa reunião está sendo traduzida para 92 idiomas. Somos gratos pelos 52.225 missionários de tempo integral que servem em mais de 150 países.¹⁶ O sol nunca se põe sobre os missionários justos que prestam testemunho do Salvador. Pensem na força espiritual de 52.000 missionários, investidos com o Espírito do Senhor, declarando destemidamente que “nenhum outro nome se dará, nenhum outro caminho ou meio pelo qual a salvação seja concedida aos filhos dos homens, a não ser em nome e pelo nome de Cristo”.¹⁷ Expressamos gratidão às dezenas de milhares de missionários que retornaram do campo e que ofereceram e continuam a oferecer o melhor de si. O mundo está sendo preparado para a Segunda Vinda do Salvador em grande parte por causa do trabalho do Senhor realizado por Seus missionários.

O serviço missionário é um trabalho espiritual. A dignidade e a preparação são essenciais. O Presidente Monson disse: “Rapazes, eu



os admoesto a prepararem-se para servir como missionários. Mantenham-se limpos, puros e dignos de representar o Senhor”.¹⁸ Nos anos que antecederem sua missão, lembrem-se da sagrada atribuição que têm pela frente. Suas ações antes da missão vão influenciar em muito o poder do sacerdócio que levarão para a missão. Preparem-se bem.

O Presidente Monson disse que “Todo rapaz digno e capaz deve preparar-se para servir uma missão”.¹⁹ Em certos casos, devido à saúde ou outros motivos, talvez o rapaz não possa servir. Vocês saberão se têm capacidade para servir, conversando com seus pais e com o bispo. Se esse for seu caso, não se sintam menos importantes em relação ao nobre compromisso que têm diante de vocês. O Senhor é muito generoso com aqueles que O amam, e Ele abrirá as portas para vocês.

Alguns talvez estejam se perguntando se já são velhos demais para servir. Um amigo meu da China conheceu a Igreja no Camboja quando tinha mais de vinte anos. Ele se perguntava se ainda deveria pensar em servir missão. Depois de orar e de conversar com o bispo, ele foi chamado e serviu honrosamente na Cidade de Nova York. Se sua idade os preocupam, orem e conversem com seu bispo. Ele os orientará.

Cinquenta por cento dos missionários servem no próprio país. É assim

que deve ser. O Senhor prometeu que “todo homem ouvirá a plenitude do evangelho em sua própria língua e em seu próprio idioma”.²⁰ Vocês serão chamados por profecia e vão servir onde forem mais necessários.

Adoro reunir-me com os missionários em todo o mundo. Recentemente, ao visitar a Missão Austrália Sydney, adivinhem quem encontrei! O Élder Sidney Going — o legendário jogador de rúgbi neozelandês. Ao 67 anos, ele está de novo servindo uma missão, mas desta vez com a companheira que ele mesmo escolheu, a Sísiter Colleen Going. Ele me contou sobre uma família que ensinaram. Os pais eram membros, mas tinham ficado menos ativos na Igreja por muitos e muitos anos. O Élder e a Sísiter Going ajudaram a reaquecer a fé da família. O Élder Going contou-me sobre o poder que sentiu no batismo, ao ficar perto do chefe da família enquanto seu filho mais velho, agora portador do sacerdócio, batizava seu irmão e sua irmã mais novos. Ele expressou a alegria de testemunhar a busca da vida eterna por uma família unida.²¹

Falando a vocês, a Primeira Presidência declarou:

“Vocês são espíritos escolhidos que nasceram nestes dias em que as responsabilidades e oportunidades, assim como as tentações, são as maiores.

(...) Oramos por (...) vocês (...) para que possam realizar o grande trabalho que se encontra a sua frente (...) e para que possam ser dignos [e dispostos] de levar adiante as responsabilidades de edificar o reino de Deus e preparar o mundo para a Segunda Vinda do Salvador”.²²

Adoro a pintura da Segunda Vinda do Salvador feita por Harry Anderson. Ela me faz lembrar que Ele virá em majestade e poder. Haverá acontecimentos assombrosos na Terra e nos céus.²³

Aqueles que aguardam a vinda do Salvador “[estarão] esperando [por Ele]”. E Ele prometeu: “Eis que virei”. Os justos O verão “nas nuvens do céu, revestido de poder e grande glória, com todos os santos anjos”.²⁴ “Um anjo soará sua trombeta, e os santos [dos quatro cantos da Terra]²⁵ [serão] arrebatados para encontrá-lo.”²⁶ Aqueles “que dormiram”, ou seja, os santos dignos que morreram, “ressurgirão para [encontrá-Lo]”.²⁷

Lemos nas escrituras: “O Senhor assentará o pé sobre [o] monte”²⁸ e “fará soar sua voz e todos os confins da Terra ouvi-la-ão”.²⁹

Meus jovens irmãos no sacerdócio, presto-lhes testemunho da grandiosidade, mas, acima de tudo, da certeza desse magnífico acontecimento. O Salvador vive. Ele vai voltar à Terra. E, quer deste lado do véu ou do outro, todos nós vamos nos regozijar com Sua vinda, e daremos graças ao Senhor por Ele ter-nos enviado à Terra nesta época para cumprir nosso sagrado dever, de ajudar a preparar o mundo para Sua volta. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Thomas S. Monson, “O Senhor Precisa de Missionários”, *A Liahona*, janeiro de 2011, p. 4.



2. Thomas S. Monson, “Ao Voltarmos a Nos Encontrar”, *A Liahona*, novembro de 2010, p. 5.
3. Ver stats.allblacks.com.
4. Ver Bob Howitt, *Super Sid: The Story of a Great All Black* [Super Sid: A História de um Grande All Black], 1978, p. 27.
5. Conversa pelo telefone com o Presidente Maxwell Horsford, Estaca Kaikohe Nova Zelândia, março de 2011.
6. Conversa pelo telefone com o Élder Sidney Goings, março de 2011.
7. Correspondência por e-mail com o Élder Sidney Goings, março de 2011.
8. Ver stats.allblacks.com/asp/profile.asp?ABID=324.
9. Conversa pelo telefone com o Presidente Maxwell Horsford, Estaca Kaikohe Nova Zelândia, março de 2011.
10. Sid Goings recebeu o prêmio MBE (Membro da Ordem do Império Britânico) em 1978, por sua contribuição ao esporte rúgbi (ver Howitt, *Super Sid*, p. 265).
11. Moisés 7:62.
12. Daniel 2:45.

13. Ver 1 Néfi 14:12–14.
14. Doutrina e Convênios 29:7.
15. Ver *Deseret News 2011 Church Almanac*, 2011, pp. 430, 432, 458, 463, 487, 505.
16. Até 31 de dezembro de 2010.
17. Mosias 3:17.
18. Thomas S. Monson, *A Liahona*, janeiro de 2011, p. 4.
19. Thomas S. Monson, *A Liahona*, novembro de 2010, p. 5.
20. Doutrina e Convênios 90:11.
21. Conversa pelo telefone com o Élder Sidney Goings, março de 2011.
22. “Mensagem da Primeira Presidência”, *Para o Vigor da Juventude: Cumprir Nosso Dever para com Deus*, livreto, 2001, pp. 2–3.
23. Ver Doutrina e Convênios 43:18; 45:40.
24. Doutrina e Convênios 45:44.
25. Doutrina e Convênios 45:45, 46.
26. Doutrina e Convênios 88:96.
27. Doutrina e Convênios 45:45; ver também Doutrina e Convênios 29:13; 88:96–97.
28. Doutrina e Convênios 45:48.
29. Doutrina e Convênios 45:49.



Élder Steven E. Snow
Da Presidência dos Setenta

Esperança

Nossa esperança na Expição investe-nos de uma perspectiva eterna.

Nossa família cresceu nos planaltos desérticos do sul de Utah. Ali é raro chover, e grande é a esperança de que haja suficiente umidade para o calor do verão seguinte. Naquela época, como agora, esperamos que chova, oramos para que chova e, nos tempos difíceis, jejuamos para que chova.

Conta-se ali a história do avô que levou o neto para passear na cidade. Acabaram chegando a uma pequena mercearia da avenida principal, na qual entraram para tomar um refrigerante gelado. Um carro de outro estado parou ali, e o motorista puxou conversa com o avô. Apontando para uma pequena nuvem no céu, o forasteiro perguntou: “Acha que vai chover?”

“Espero que sim”, respondeu o homem idoso, “não por mim, mas pelo menino. Eu já vi chuva”.

A esperança é uma emoção que enriquece nossa vida cotidiana. É definida como “o sentimento de que as coisas terão um final feliz”. Quando exercemos esperança, “ansiamos pelo futuro (...) com grande desejo e razoável confiança” (dictionary.reference.com/browse/hope). Dessa forma, a esperança proporciona uma influência tranquilizadora para nossa vida, ao aguardarmos com confiança os acontecimentos futuros.

Às vezes, esperamos por coisas sobre as quais temos pouco ou nenhum controle. Esperamos que faça bom tempo. Esperamos que a primavera chegue logo. Esperamos que nosso time ganhe a Copa do Mundo, ou os torneios mundiais de sua modalidade.

Essas esperanças tornam nossa vida interessante e com frequência podem induzir-nos a um comportamento incomum, até supersticioso. Por exemplo: meu sogro é grande aficionado de esportes, mas está convencido de que se *não* assistir ao jogo do seu time preferido na televisão, será mais provável que o time ganhe. Quando eu tinha doze anos, insisti em calçar o mesmo par de meias sujas em todos os jogos do campeonato de beisebol, na esperança de vencer. Minha mãe me fazia deixá-las na varanda dos fundos.

Em outras ocasiões, nossas esperanças podem levar-nos a ter sonhos que nos inspirem a agir. Se tivermos esperança de tirar melhores notas na escola, essa esperança pode ser realizada por meio de estudo dedicado e sacrifício. Se tivermos esperança de jogar num time vencedor, essa esperança pode levar-nos a treinar constantemente com dedicação e espírito de equipe, até acabarmos vencendo.

Roger Bannister era um estudante

de medicina, na Inglaterra, que tinha uma esperança grandiosa. Desejava ser o primeiro homem a correr uma milha (1,6 km) em menos de quatro minutos. Durante grande parte da primeira metade do início do Século XX, os entusiastas do atletismo ansiaram pelo dia em que a barreira dos quatro minutos seria quebrada. Ao longo dos anos muitos corredores famosos chegaram bem perto, mas a barreira de quatro minutos não foi derrubada. Bannister dedicou-se a um ambicioso programa de treinamento, com a esperança de atingir sua meta de estabelecer um novo recorde mundial. Alguns integrantes da comunidade esportiva começaram a duvidar que a barreira de quatro minutos para correr uma milha pudesse ser quebrada. Alguns supostos especialistas chegaram a levantar a hipótese de que o corpo humano era fisiologicamente incapaz de correr a essa velocidade por uma distância tão grande. Num dia nublado, em 6 de maio de 1954, o grande sonho de Roger Bannister foi realizado! Ele cruzou a linha de chegada em 3 minutos, 59 segundos e quatro décimos: um novo recorde mundial. Sua esperança de quebrar a barreira de uma milha em quatro minutos tornou-se um sonho que foi realizado por meio de treinamento, trabalho árduo e dedicação.

A esperança pode inspirar sonhos e impulsionar-nos a realizar esses sonhos. A esperança sozinha, porém, não nos faz ter sucesso. Muitas esperanças honrosas ficaram sem ser cumpridas, naufragando nos recifes das boas intenções e da preguiça.

Como pais, vemos nossas maiores esperanças concentrar-se em nossos filhos. Esperamos que eles cresçam para levar uma vida responsável e justa. Essas esperanças podem ser facilmente desfeitas se não agirmos



como bons exemplos. A esperança por si só não faz com que nossos filhos cresçam em retidão. Precisamos passar tempo com eles na noite familiar e em atividades familiares que valem a pena. Precisamos ensiná-los a orar. Precisamos ler as escrituras com eles e ensinar-lhes importantes princípios do evangelho. Somente então será possível que nossas mais almeçadas esperanças se tornem realidade.

Jamais devemos deixar que a esperança seja substituída pelo desespero. O Apóstolo Paulo escreveu que devemos “lavrar com esperança” (I Coríntios 9:10). O exercício da esperança enriquece-nos a vida e ajuda-nos a ansiar pelo futuro. Tanto ao arar um campo quanto na vida é preciso que nós, santos dos últimos dias, tenhamos esperança.

No evangelho de Jesus Cristo, a esperança é o desejo de Seus seguidores de alcançar a salvação eterna por meio da Expição do Salvador.

Essa é verdadeiramente a esperança que todos devemos ter. É isso que nos diferencia do restante do mundo. Pedro admoestou os antigos seguidores de Cristo a estarem “sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós” (I Pedro 3:15).

Nossa esperança na Expição investe-nos de uma perspectiva eterna. Essa perspectiva permite que olhemos para além do aqui e agora, para a promessa das eternidades. Não temos que ficar confinados às limitadas e

inconstantes expectativas da sociedade. Estamos livres para almejar a glória celestial, selados a nossa família e a nossos entes queridos.

No evangelho, a esperança está quase sempre relacionada à fé e à caridade. O Presidente Dieter F. Uchtdorf ensinou: “A esperança é uma das pernas de um banco de três pernas, ao lado da fé e da caridade. Essas três pernas estabilizam nossa vida, qualquer que seja a aspereza ou a irregularidade das superfícies que encontrarmos na ocasião” (“O Poder Infinito da Esperança”, *A Liahona*, novembro de 2008, p. 21).

No último capítulo do Livro de Mórmon, Morôni escreveu:

“Portanto é preciso haver fé; e se é preciso haver fé, também é preciso haver esperança; e se é preciso haver esperança, é preciso também haver caridade.

E a não ser que tenhais caridade, não podeis de modo algum ser salvos no reino de Deus; tampouco podeis ser salvos no reino de Deus se não tendes fé e se não tendes esperança” (Morôni 10:20–21).

O Élder Russell M. Nelson ensinou que: “A fé está enraizada em Jesus Cristo. A *esperança* centraliza-se na Expição. A *caridade* manifesta-se no ‘puro amor de Cristo’. Esse três atributos estão entrelaçados como os fios dentro de um cabo e nem sempre podem ser precisamente distinguidos uns dos outros. Juntos, eles se tornam nossa conexão com o reino celestial” (“A More Excellent Hope”, *Ensign*,

fevereiro de 1997, p. 61).

Quando Néfi profetizou a respeito de Jesus Cristo, no final de seu registro, ele escreveu: “Deveis, pois, prosseguir com firmeza em Cristo, tendo um perfeito esplendor de esperança e amor a Deus e a todos os homens” (2 Néfi 31:20).

Esse “perfeito esplendor de esperança” a que Néfi se refere é a esperança na Expição, a salvação eterna possibilitada pelo sacrifício de nosso Salvador. Essa esperança levou homens e mulheres a fazer coisas extraordinárias ao longo das eras. Os antigos apóstolos viajaram por todo o mundo e prestaram testemunho Dele e, por fim, deram a vida a Seu serviço.

Nesta dispensação, muitos dos primeiros membros da Igreja abandonaram suas casas com o coração cheio de esperança e fé, ao viajarem para o oeste através das Grandes Planícies, até o Vale do Lago Salgado.

Em 1851, Mary Murray Murdoch filiou-se à Igreja na Escócia, quando era uma viúva de 67 anos. Ela era uma mulher baixinha, de 1,20 metro de altura e com menos de 41 quilos, que teve oito filhos, seis dos quais viveram até a idade adulta. Devido a sua baixa estatura, seus filhos e netos a chamavam afetuosamente de “vovozinha”.

Seu filho, John Murdoch e a esposa filiaram-se à Igreja e partiram para Utah em 1852 com seus dois filhos pequenos. Apesar das dificuldades da própria família, quatro anos depois, John enviou a sua mãe o dinheiro necessário para que ela se unisse à família em Salt Lake City. Com uma esperança bem maior do que sua baixa estatura, Mary começou a árdua viagem para o oeste, rumo a Utah, aos 73 anos de idade.

Depois de uma travessia segura do Atlântico, ela acabou unindo-se à desventurada companhia Martin de carrinhos de mão. No dia 28 de junho,

aqueles pioneiros de carrinho de mão começaram sua jornada para o oeste. O sofrimento daquela companhia é bem conhecido. Dos 576 membros do grupo, quase um quarto morreu antes de chegarem a Utah. Mais teriam perecido se não fosse pelo trabalho de resgate organizado pelo Presidente Brigham Young, que enviou carroções e suprimentos para procurar os santos perdidos na neve.

Mary Murdoch morreu no dia 2 de outubro de 1856, perto de Chimney Rock, Nebraska. Ali, ela morreu devido à fadiga e exposição às intempéries da jornada. Seu frágil corpo simplesmente não suportou o sofrimento físico com que os santos se depararam. Quando estava prestes a morrer, seus pensamentos estavam com a família, em Utah. As últimas palavras daquela fiel mulher pioneira foram: “Diga ao John que morri com o rosto voltado para Sião” (ver Kenneth W. Merrell, *Scottish Shepherd: The Life and Times of John Murray Murdoch, Utah Pioneer*, 2006, pp. 34, 39, 54, 77, 94–97, 103, 112–113, 115).

Mary Murray Murdoch é um exemplo da esperança e fé que tinham muitos dos antigos pioneiros que empreenderam a corajosa jornada para o oeste. As jornadas espirituais de hoje exigem tanta esperança e fé quanto a que tinham os antigos pioneiros. Nossos desafios podem ser diferentes, mas as dificuldades são igualmente grandes.

É minha oração que nossas esperanças nos conduzam à realização de nossos sonhos justos. Oro particularmente para que nossa esperança na Expição fortaleça nossa fé e caridade e nos dê uma perspectiva eterna de nosso futuro. Que todos tenhamos aquele perfeito esplendor de esperança, é minha oração, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■



Larry M. Gibson

Primeiro Conselheiro na Presidência Geral dos Rapazes

As Sagradas Chaves do Sacerdócio Aarônico

O Senhor quer que todo portador do Sacerdócio Aarônico convide todos a virem a Cristo — começando pela própria família.

Um de meus filhos, aos doze anos, decidiu criar coelhos. Fizemos gaiolas e compramos um grande coelho macho e duas fêmeas, de um vizinho. Eu não tinha ideia do que nos aguardava. Em pouco tempo, o viveiro ficou lotado de coelhinhos. Agora que meu filho está crescido, devo confessar minha surpresa ao ver o modo como eles eram controlados: um cachorro do vizinho entrava de vez em quando no viveiro e reduzia sua população.

Mas, emocionava-me ao ver como meu filho e seus irmãos cuidavam daqueles coelhos e os protegiam. E agora, como maridos e pais, eles são portadores do sacerdócio dignos que amam, fortalecem a própria família e zelam por ela.

Sinto-me tocado ao observar vocês, rapazes do Sacerdócio Aarônico, zelando pelas pessoas ao seu redor, dando-lhes apoio e fortalecendo-as, inclusive as de sua família, os membros de seu quórum e muitos outros. Eu os amo muito.

Recentemente, vi um rapaz de treze anos ser designado presidente do quórum de diáconos. Depois disso, o bispo apertou-lhe a mão e o chamou de “presidente”, explicando aos membros do quórum que “o chamava de presidente para salientar a natureza sagrada do chamado dele. O presidente do quórum de diáconos é uma das quatro únicas pessoas da ala que têm chaves de presidência. Com essas chaves, ele e seus conselheiros vão liderar o quórum sob a inspiração do Senhor”. Aquele bispo compreendeu o poder de uma presidência liderada por um presidente que possui e exerce as sagradas chaves do sacerdócio (ver D&C 124:142–143).

Mais tarde, perguntei àquele rapaz se ele estava preparado para presidir aquele grande quórum. Sua resposta foi: “Estou nervoso. Não sei o que um presidente de quórum de diáconos faz. Poderia me dizer?”

Eu disse que ele tinha um bispado e consultores maravilhosos que o



ajudariam a tornar-se um poderoso e bem-sucedido líder do sacerdócio. Eu sabia que eles respeitariam as sagradas chaves de presidência que ele possuía.

Perguntei-lhe, então: “Você acha que o Senhor o chamaria para este importante cargo sem lhe dar orientações?”

Ele pensou e em seguida respondeu: “Onde as encontro?”

Depois de conversarmos um pouco, ele se deu conta de que encontraria orientações nas escrituras, nas palavras dos profetas vivos e nas respostas a suas orações. Decidimos procurar uma escritura que fosse um ponto de partida em sua pesquisa para descobrir as responsabilidades de seu novo chamado.

Abrimos na seção 107 de Doutrina e Convênios, versículo 85. Aquele versículo mencionava que um presidente de quórum de diáconos devia sentar-se em conselho com os membros de seu quórum e ensinar-lhes seus deveres. Observamos que o quórum não é simplesmente uma classe, mas também um conselho de rapazes, e eles devem fortalecer e edificar uns aos outros, sob a direção do presidente. Expressei confiança de que ele seria um ótimo presidente, que confiaria na inspiração do Senhor e magnificaria seu sagrado chamado, ao ensinar aos outros diáconos seus deveres.

Depois, perguntei: “Sabendo que você deve ensinar aos diáconos seus deveres, você sabe quais são esses deveres?”

Novamente abrimos as escrituras e encontramos:

1. Um diácono está encarregado de zelar pela Igreja e de ser um ministro local (ver D&C 84:111).

Como a família é a unidade básica da Igreja, o lugar mais importante em que o portador do Sacerdócio Aarônico pode cumprir esse dever é no próprio lar. Ele presta serviço no sacerdócio ao pai e à mãe, na tarefa que eles têm de liderar a família. Também zela por seus irmãos e irmãs, pelos rapazes de seu quórum e pelos outros membros da ala.

2. O diácono auxilia o mestre em todos os seus deveres na Igreja, conforme as necessidades (ver D&C 20:57).

Concluimos que, se o diácono deve auxiliar nos deveres dos mestres, ele precisa conhecer esses deveres. Procuramos nas escrituras e rapidamente identificamos diversos deveres do ofício de mestre (ver D&C 20:53–59; 84:111). Que vigorosa experiência pessoal seria para todo rapaz — e para seu pai, seus consultores e todos nós — se ele fizesse exatamente o que aquele jovem fez: consultar as escrituras e descobrir por si mesmo quais são seus deveres. Suspeito que muitos de nós ficaríamos surpresos — e inspirados — com o que encontraríamos. O programa Dever para com Deus contém resumos úteis dos deveres do Sacerdócio Aarônico e é um bom recurso para o desenvolvimento espiritual. Recomendo que o usem frequentemente.

3. Os diáconos e mestres também devem “admoestar, explicar, exortar e ensinar e convidar todos a virem a Cristo” (D&C 20:59; ver os versículos 46 e 68 para os sacerdotes).

Muitos rapazes acham que sua experiência missionária começará

quando fizerem dezenove anos e entrarem no Centro de Treinamento Missionário. Aprendemos nas escrituras que ela começa bem antes disso. O Senhor quer que todo portador do Sacerdócio Aarônico convide todos a virem a Cristo — começando pela própria família.

Em seguida, para ajudar o jovem presidente a compreender que ele — e somente ele — era o líder presidente do quórum, sugeri que ele lesse três vezes o primeiro dever citado em Doutrina e Convênios 107:85. Ele leu: “Presidir doze diáconos”. Perguntei: “O que o Senhor está dizendo-lhe pessoalmente sobre seu dever como presidente?”

“Bem”, disse ele, “várias coisas me vieram à mente enquanto conversávamos. Acho que o Pai Celestial quer que eu seja presidente de doze diáconos. Há apenas cinco que frequentam, e um vem apenas às vezes. Então, como podemos ter doze?”

Ora, nunca vi alguém interpretar aquela escritura da maneira que ele o fez, mas ele tinha as chaves sagradas que eu não tinha. Fui ensinado por um presidente de quórum de diáconos de treze anos a respeito do poder de revelação que resulta das chaves sagradas da presidência, independentemente do intelecto, estatura ou idade.

Respondi: “Não sei. O que você acha?”

E ele disse: “Precisamos descobrir um meio de fazer com que ele continue vindo. Sei que há dois outros que deveriam estar em nosso quórum, mas não frequentam, e não os conheço. Talvez eu possa fazer amizade com um deles e pedir que meus conselheiros trabalhem com os outros. Se todos vierem, teríamos sete, mas onde conseguiremos mais cinco?”

“Não sei”, foi minha resposta, “mas, se o Pai Celestial quer que eles frequentem, Ele sabe”.

“Então precisamos orar como presidência e como quórum para descobrir o que fazer.” Ele então perguntou: “Sou responsável por todos os rapazes da idade de diácono de nossa ala, até os que não são membros?”

Admirado, eu disse: “Do ponto de vista do Senhor, será que o bispo tem responsabilidade apenas pelos membros da ala, ou por todos os que moram dentro dos limites dela?”

Aquele jovem “ministro local” entendeu. Ele reconheceu o papel que todo diácono, mestre e sacerdote tem de zelar pela Igreja e de convidar todos a virem a Cristo.

Meus pensamentos se voltaram para uma escritura, ao pensar nos nossos maravilhosos rapazes e moças da Igreja — uma escritura que Morôni citou para Joseph Smith, dizendo que aquilo “não havia sido cumprido, mas logo o seria” (Joseph Smith—História 1:41) — “E há de ser que, depois



derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, (...) os vossos jovens terão visões” (Joel 2:28).

O que “veio à mente” daquele jovem presidente foi uma visão do que o Pai Celestial queria que o quórum dele fosse. Foi a revelação que ele precisava receber para fortalecer os membros ativos de seu quórum, resgatar os que estavam tendo dificuldades e convidar todos a virem a Cristo. Tendo essa inspiração, ele fez planos para realizar a vontade do Senhor.

O Senhor ensinou àquele jovem presidente que *sacerdócio* significa estender a mão e servir ao próximo. Como nosso amado profeta, o Presidente Thomas S. Monson, explicou: “O sacerdócio, mais do que uma dádiva, é um comissionamento para servir, um privilégio de elevar, e uma oportunidade de abençoar outras vidas” (“Nosso Sagrado Voto de Confiança do Sacerdócio”, *A Liahona*, maio de 2006, p. 54).

O serviço é o próprio alicerce do sacerdócio: o serviço ao próximo, como exemplificado pelo Salvador. Testifiquemos que este é Seu sacerdócio, que estamos a serviço Dele, e que Ele mostrou a todos os portadores do sacerdócio o caminho para o serviço fiel no sacerdócio.

Convido todas as presidências de quóruns de diáconos, mestres e sacerdotes a aconselharem-se mutuamente, estudar e orar para conhecer a vontade do Senhor para seu quórum e, depois, colocá-la em prática. Usem o livreto *Dever para com Deus* para ajudá-los a ensinar aos membros do seu quórum quais são os deveres deles. Convido cada membro de quórum a apoiar seu presidente de quórum e a buscar conselhos dele, ao aprender e

cumprir dignamente todos os seus deveres do sacerdócio. E rogo que cada um de nós veja esses extraordinários jovens como o Senhor os vê: um vigoroso instrumento para a edificação e o fortalecimento de Seu reino, aqui e agora.

Vocês, rapazes maravilhosos, são portadores do Sacerdócio Aarônico, restaurado por João Batista a Joseph Smith e Oliver Cowdery, perto de Harmony, Pensilvânia. Seu sacerdócio possui as chaves sagradas que abrem as portas para que todos os filhos do Pai Celestial se achem a Seu Filho, Jesus Cristo, e O sigam. Isso é feito por intermédio do “evangelho do arrependimento, e do batismo por imersão para a remissão de pecados”, pela ordenança semanal do sacramento e pela “ministração de anjos” (D&C 13:1; Joseph Smith—História 1:69). Vocês são realmente “ministros”, que precisam ser limpos, dignos e fiéis portadores do sacerdócio, em todos os momentos e em todos os lugares.

Por quê? Ouçam as palavras de nossa amada Primeira Presidência, dirigidas a cada um de vocês em seu livreto *Dever para com Deus*:

“Você tem a autoridade para ministrar as ordenanças do Sacerdócio Aarônico. (...) Você abençoará abundantemente a vida daqueles ao seu redor. (...)”

O Pai Celestial deposita grande confiança em você e tem uma importante missão para você cumprir” (*Cumprir Meu Dever para com Deus: Para os Portadores do Sacerdócio Aarônico*, 2010, p. 5).

Sei que essas palavras são verdadeiras e oro para que cada um de nós tenha aquele mesmo testemunho. Digo essas coisas no sagrado nome Daquele, Cujos sacerdócio portamos: Jesus Cristo. Amém. ■



Presidente Dieter F. Uchtdorf
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Seu Potencial, Seu Privilégio

Ao lerem as escrituras e ouvirem as palavras dos profetas com toda mente e de todo coração, o Senhor lhes dirá como viver a plenitude de seus privilégios do sacerdócio.

Era uma vez um homem cujo sonho de sua vida era subir a bordo de um navio de cruzeiro e viajar pelo Mar Mediterrâneo. Ele sonhava em andar pelas ruas de Roma, Atenas e Istambul. Ele economizou cada centavo até juntar o suficiente para sua passagem. Como o dinheiro era escasso, levou consigo uma mala cheia de latas de feijão, caixas de biscoitos e saquinhos de limonada em pó, e era isso que ele consumia todos os dias.

Ele teria adorado participar das muitas atividades oferecidas no navio — exercitar-se na sala de ginástica, jogar mini-golfe e nadar na piscina. Invejava aqueles que iam ao cinema, aos shows e às apresentações culturais. E, oh, como ele ansiava por provar um pouco que fosse da comida incrível que viu no navio — cada refeição parecia um banquete! Mas o homem não queria gastar muito, por isso não participou de nenhuma daquelas coisas. Conseguiu ver as cidades que havia desejado visitar, mas durante a maior parte da viagem, ficou em sua cabine e só consumiu seu parco alimento.

No último dia do cruzeiro, um membro da tripulação perguntou-lhe em qual das festas de despedida ele estaria presente. Foi então que o homem ficou sabendo que não só a festa de despedida, mas quase tudo a bordo do navio de cruzeiro — a comida, o entretenimento, todas as atividades — já estava incluído no preço da sua passagem. O homem percebeu tarde demais que estivera vivendo bem abaixo de seus privilégios.

A questão levantada por essa parábola é: Será que, como portadores do sacerdócio, também estamos vivendo abaixo de nossos privilégios no tocante ao poder sagrado, às dádivas e bênçãos sagradas que são nosso privilégio e direito como portadores do sacerdócio de Deus?

A Glória e a Grandiosidade do Sacerdócio

Todos sabemos que o sacerdócio é muito mais do que somente um nome ou título. O Profeta Joseph Smith ensinou que “o sacerdócio é um princípio eterno e existiu com Deus desde a eternidade (...) por toda a eternidade, sem princípio de dias ou

fim de anos”.¹ Ele possui “a chave do conhecimento de Deus”.² Na verdade, por meio do sacerdócio, “manifesta-se o [verdadeiro] poder da divindade”.³

As bênçãos do sacerdócio transcendem nossa capacidade de compreensão. Os fiéis portadores do Sacerdócio de Melquisedeque podem “[tornar-se] (...) os eleitos de Deus”.⁴ Eles são “santificados pelo Espírito para a renovação do corpo”⁵ e podem, no final, receber “tudo o que [o] Pai possui”.⁶ Isso pode ser difícil de compreender, mas é maravilhoso, e testifico que é verdade.

O fato de nosso Pai Celestial ter confiado esse poder e responsabilidade ao homem é uma prova de Seu grande amor por nós e um prenúncio de nosso potencial como filhos de Deus no futuro.

No entanto, muitas vezes nossas ações sugerem que vivemos bem aquém do nosso potencial. Quando questionados sobre o sacerdócio, muitos de nós podem recitar uma definição correta; mas, em nossa vida diária, talvez haja pouca evidência de que nosso entendimento se estenda além do nível de um roteiro ensaiado.

Irmãos, estamos diante de uma escolha. Podemos satisfazer-nos com uma experiência pobre como portadores do sacerdócio, e nos contentar com algo bem aquém de nossas prerrogativas, ou podemos participar de um farto banquete de oportunidades espirituais e de bênçãos abrangentes do sacerdócio.

O que podemos fazer para viver à altura do nosso potencial?

As palavras escritas nas escrituras e proferidas na conferência geral devem, sim, “aplicar-se a nossa vida”,⁷ e não ser apenas para ler ou ouvir.⁸ Muitas vezes, participamos de reuniões e fazemos que sim com a cabeça;

podemos até sorrir com aprovação e concordar. Anotamos alguns pontos práticos, e podemos dizer a nós mesmos: “Isso é algo que vou fazer”. Mas em algum lugar entre o ato de ouvir, de anotar um lembrete em nosso celular e de realmente agir, o nosso seletor de ações passa da posição “fazer” para a posição “mais tarde”. Irmãos, certifiquemo-nos de girar nosso seletor de “fazer” para a posição “agora”!

Ao lerem as escrituras e ouvirem as palavras dos profetas, com toda mente e de todo coração, o Senhor lhes dirá como viver a plenitude de seus privilégios do sacerdócio. Não deixem passar um dia sequer sem fazer algo para colocar em prática os sussurros do Espírito.

Primeiro: Leiam o Manual do Proprietário

Se você tivesse o computador mais avançado e caro do mundo, será que o usaria apenas como enfeite de mesa? O computador pode parecer impressionante. Pode ter todo tipo de potencial. Mas, só quando estudar o manual do proprietário, aprender a usar os programas e o ligar à tomada é que poderá ter acesso a esse potencial.

O santo sacerdócio de Deus também tem um manual do proprietário. Comprometamo-nos a ler as escrituras e os manuais com mais propósito e mais concentração. Começemos relendo as seções 20, 84, 107 e 121 de Doutrina e Convênios. Quanto mais estudarmos o propósito, o potencial e a utilização prática do sacerdócio, mais nos surpreenderemos com seu poder, e o Espírito vai-nos ensinar como acessar e usar esse poder para abençoar nossa família, nossa comunidade e a Igreja.

Como povo, justificadamente damos alta prioridade ao aprendizado secular e ao desenvolvimento

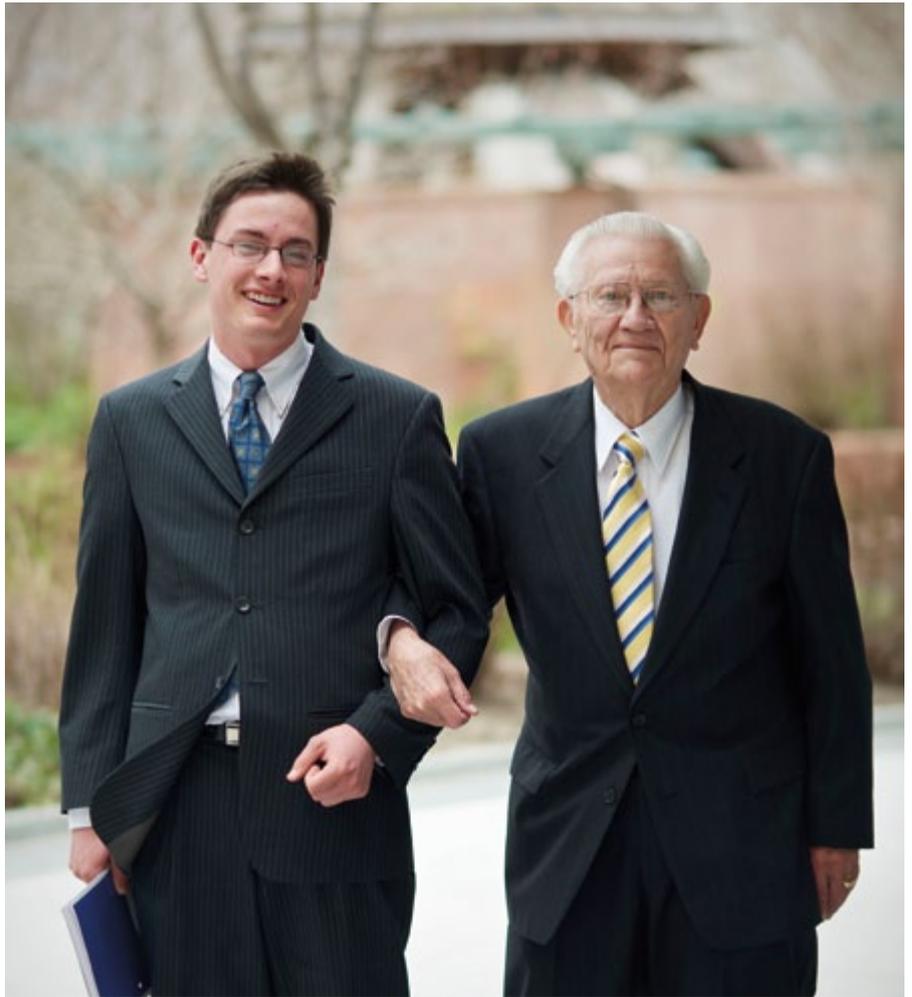
profissional. Queremos e devemos destacar-nos nas aptidões profissionais e nos estudos. Cumprimento vocês que lutam arduamente para conseguir uma educação e se tornar peritos em seu campo. Convido-os também a tornarem-se especialistas nas doutrinas do evangelho, especialmente a doutrina do sacerdócio.

Vivemos em uma época em que as escrituras e as palavras dos profetas estão mais acessíveis do que em qualquer momento da história do mundo. No entanto, é nosso privilégio, dever e responsabilidade estudar e compreender seus ensinamentos. Os princípios e as doutrinas do sacerdócio são sublimes e grandiosos. Quanto mais estudarmos a doutrina e o potencial e aplicar o objetivo prático do sacerdócio, mais a nossa alma se ampliará, nossa compreensão aumentará, e veremos o que o Senhor reservou para nós.

Segundo: Buscar as Revelações do Espírito

Um testemunho firme de Jesus Cristo e de Seu evangelho restaurado exige mais do que conhecimento — exige revelação pessoal, confirmada pela aplicação sincera e dedicada dos princípios do evangelho. O Profeta Joseph Smith explicou que o sacerdócio é um canal para a revelação: “É o meio pelo qual o Todo-Poderoso começou a revelar Sua glória no princípio da criação desta Terra e o meio pelo qual continuará a revelar-Se aos filhos dos homens até o presente momento”.⁹

Se não estamos buscando fazer uso desse canal de revelação, estamos vivendo abaixo de nossos privilégios do sacerdócio. Por exemplo, há aqueles que acreditam, mas não sabem que acreditam. Receberam várias respostas por meio da voz mansa e delicada ao longo de muito tempo, mas como





Bucareste, Romênia

essa inspiração parece tão pequena e insignificante, não a reconhecem como realmente é. Como resultado, permitem que dúvidas os impeçam de atingir seu pleno potencial como portadores do sacerdócio.

A revelação e o testemunho nem sempre chegam com força esmagadora. Para muitos, o testemunho chega lentamente, um pouco de cada vez. Às vezes, chega de forma tão gradual que é difícil recordar o momento exato em que soubemos realmente que o evangelho era verdadeiro. O Senhor nos dá “linha sobre linha, preceito sobre preceito, um pouco aqui e um pouco ali”.¹⁰

De certa forma, nosso testemunho é como uma bola de neve que cresce a cada vez que rola. Começamos com uma pequena quantidade de luz, mesmo que seja apenas um desejo de acreditar. Gradualmente, “a luz se apega à luz”,¹¹ e “aquele que recebe luz e persevera em Deus recebe mais luz; e essa luz se torna mais e mais brilhante, até o dia perfeito”,¹² quando, então, “no devido tempo, [receberemos] de sua plenitude”.¹³

Imaginem que coisa gloriosa seria ultrapassar nossas limitações terrenas, vendo abrir os olhos de nosso entendimento e recebendo luz e conhecimento das fontes celestiais! Temos o privilégio e a oportunidade, como

portadores do sacerdócio, de buscar revelações pessoais e aprender a reconhecer a verdade por nós mesmos, por meio do testemunho seguro do Espírito Santo.

Busquemos sinceramente a luz da inspiração pessoal. Roguemos ao Senhor que conceda a nossa mente e alma aquela centelha de fé que nos permitirá receber e reconhecer a divina ministração do Espírito Santo, especificamente para a nossa situação na vida e por nossos desafios e deveres do sacerdócio.

Terceiro: Encontrar Alegria no Serviço do Sacerdócio

Durante minha carreira como piloto de avião, tive a oportunidade de ser oficial de verificação de proficiência e treinamento. Como parte desse trabalho, eu treinava e testava pilotos experientes para garantir que eles tivessem suficiente conhecimento e perícia para pilotar com segurança e eficácia aqueles grandes e magníficos jatos.

Descobri que havia pilotos que, mesmo após muitos anos de carreira profissional, nunca deixaram de sentir a emoção de subir para a atmosfera, “escapando dos laços mal-humorados da Terra para dançar pelos céus com sorridentes asas prateadas”.¹⁴ Adoravam o impetuoso sibilo do ar, o rosnar das potentes turbinas, a sensação de

ser “um com o vento e um com o céu escuro e as estrelas à frente”.¹⁵ Seu entusiasmo era contagiante.

Também havia uns poucos que pareciam estar simplesmente cumprindo a rotina. Tinham aprendido a lidar com os sistemas e a manejar os jatos, mas em algum lugar ao longo do caminho tinham perdido a alegria de voar “onde nenhuma cotovia, ou mesmo uma águia, já voou”.¹⁶ Tinham perdido o sentimento de admiração diante de um reluzente nascer do sol e da beleza das criações de Deus ao atravessarem oceanos e continentes. Se cumprissem os requisitos oficiais, eu liberava sua licença, mas ao mesmo tempo sentia pena deles.

Vocês poderiam perguntar a si mesmos se estão apenas cumprindo a rotina como portadores do sacerdócio — fazendo o que é esperado, mas sem sentir a alegria que deveriam ter. O sacerdócio nos oferece muitas oportunidades de sentir a alegria descrita por Amon: “Não temos, portanto, motivo para regozijar-nos? (...) Fomos instrumentos [nas]



mãos [do Senhor] para realizar esta grande e maravilhosa obra. Gloriamonos, portanto (...) no Senhor; sim, rejubilar-nos-emos”.¹⁷

Irmãos, nossa religião é cheia de alegria! Temos a grande bênção de sermos portadores do sacerdócio de Deus! No livro de Salmos, lemos: “Bem-aventurado o povo que conhece o som alegre; andará, ó Senhor, na luz da tua face”.¹⁸ Podemos sentir essa grande alegria: basta que a procuremos.

Muitas vezes deixamos de sentir a felicidade decorrente da prática diária do serviço do sacerdócio. Às vezes, nossos encargos podem parecer fardos. Irmãos, que não passemos a vida imersos em três As: afadigados, angustiados e cheios de autopiedade. Vivemos aquém de nossos privilégios quando permitimos que âncoras mundanas nos afastem da alegria abundante que advém do serviço dedicado e fiel no sacerdócio, especialmente dentro da nossa própria casa. Vivemos aquém de nossos privilégios quando deixamos de participar do banquete de felicidade, paz e alegria que Deus concede tão abundantemente aos fiéis servos do sacerdócio.

Rapazes, se o ato de chegar cedo à Igreja para ajudar a preparar o sacramento lhes parecer mais uma tarefa árdua do que uma bênção, convido vocês a pensarem no que essa ordenança sagrada pode significar para um membro da ala que talvez tenha tido uma semana difícil. Irmãos, se seus esforços no ensino familiar parecerem pouco eficazes, convido-os a ver com os olhos da fé o que uma visita de um servo do Senhor poderá fazer por uma família que tem problemas que ninguém vê. Quando compreenderem o divino potencial do seu serviço no sacerdócio, o



Espírito de Deus vai encher-lhes o coração e a mente, e vai brilhar em seus olhos e em seu rosto.

Como portadores do sacerdócio, que jamais nos tornemos insensíveis às coisas maravilhosas e extraordinárias que o Senhor nos confiou.

Conclusão

Meus queridos irmãos, busquemos aprender a doutrina do santo sacerdócio; fortaleçamos nosso testemunho linha sobre linha, recebendo as revelações do Espírito, e encontremos a verdadeira alegria do serviço diário no sacerdócio. Se fizermos essas coisas, vamos começar a viver de acordo com nosso potencial e nossos privilégios como portadores do sacerdócio, e vamos ser capazes de fazer “todas as coisas em Cristo que [nos] fortalece”.¹⁹ Disso presto testemunho, como

apóstolo do Senhor, e deixo-lhes minha bênção, no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 109.
2. Doutrina e Convênios 84:19.
3. Doutrina e Convênios 84:20.
4. Doutrina e Convênios 84:34.
5. Doutrina e Convênios 84:33.
6. Doutrina e Convênios 84:38.
7. Ver 1 Néfi 19:24.
8. Ver Tiago 1:22.
9. *Ensinamentos: Joseph Smith*, pp. 113–114.
10. 2 Néfi 28:30.
11. Doutrina e Convênios 88:40.
12. Doutrina e Convênios 50:24.
13. Doutrina e Convênios 93:19.
14. John Gillespie Magee Jr., “High Flight”, Diane Ravitch, ed., *The American Reader: Words That Moved a Nation*, 1990, p. 486.
15. Richard Bach, *Stranger to the Ground*, 1963, p. 9.
16. Magee, “High Flight”, p. 486.
17. Alma 26:13, pp. 15–16.
18. Salmos 89:15.
19. Filipenses 4:13.



Presidente Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Aprendizado no Sacerdócio

Se forem obedientes e diligentes no sacerdócio, sobre vocês serão derramados tesouros de conhecimento espiritual.

Sinto-me grato por estar com vocês nesta reunião do sacerdócio de Deus. Estamos em muitos lugares diferentes nesta noite e em muitos estágios de nosso serviço no sacerdócio. Ainda assim, com toda nossa variedade de circunstâncias temos uma necessidade em comum. É a de aprender nossos deveres no sacerdócio e aumentar nossa capacidade de desempenhá-los.

Quando eu era diácono, senti fortemente essa necessidade. Morava num pequeno ramo da Igreja, em Nova Jersey, na Costa Leste dos Estados Unidos. Eu era o único diácono no ramo — não apenas o único ativo, mas o único nos registros. Meu irmão mais velho, Ted, era o único mestre. Ele está aqui esta noite.

Enquanto eu ainda era diácono, minha família mudou-se para Utah. Aqui, encontrei três coisas maravilhosas que aceleraram meu crescimento no sacerdócio. A primeira foi um presidente que sabia como se sentar em conselho com os membros de seu quórum. A segunda era uma grande fé em Jesus Cristo que nos levou a ter o grande amor de que ouvimos falar — amor uns pelos outros. E a

terceira foi a convicção compartilhada por todos, de que o propósito global do sacerdócio era o de trabalhar pela salvação dos homens.

Não foi a ala bem estabelecida que fez a diferença. O que havia naquela ala pode existir em qualquer lugar, em qualquer unidade da Igreja em que vocês estejam.

Essas três coisas podem ser uma parte tão constante do que vivenciam no sacerdócio, que talvez mal a tenham percebido. Outros talvez não tenham sentido essa necessidade de crescimento, de modo a tornar esses auxílios invisíveis a vocês. Seja como for, oro para que o Espírito me ajude a torná-las claras e atraentes para vocês.

Meu objetivo ao abordar esses três auxílios para o crescimento no sacerdócio é fazer com que vocês os valorizem e usem. Se fizerem isso, seu serviço se tornará muito melhor. E se for magnificado, seu serviço no sacerdócio vai abençoar os filhos do Pai Celestial mais do que vocês possam imaginar ser possível hoje.

Descobri a primeira quando fui recebido calorosamente no quórum de sacerdotes, tendo o bispo como nosso presidente. Pode parecer uma

coisa pequena e comum para vocês, mas isso deu-me uma sensação de poder no sacerdócio e mudou meu serviço no sacerdócio desde aquele momento. Começou pelo modo como ele nos liderava.

Pelo que posso lembrar, ele tratava a opinião dos jovens sacerdotes como se fosse a dos homens mais sábios do mundo. Ele esperava até que todos tivessem terminado de falar. Ele ouvia. E quando decidia o que devia ser feito, parecia-me que o Espírito confirmava as decisões para nós e para ele.

Dou-me conta hoje de que senti o que significa a escritura que diz que o presidente deve sentar-se em conselho com os membros de seu quórum.¹ E anos mais tarde, com meu quórum de sacerdotes, quando eu era bispo, tanto eles quanto eu fomos ensinados pelo que eu havia aprendido quando era um jovem sacerdote.

Vinte anos depois, também como bispo, tive a oportunidade de ver a eficácia de um conselho, não apenas na capela, mas também nas montanhas. Numa atividade de sábado, um membro de nosso quórum passou a noite perdido na floresta. Pelo que sabíamos, estava sozinho e sem agasalho, comida ou abrigo. Nós o procuramos sem ter sucesso.

Lembro-me que oramos juntos, o quórum dos sacerdotes e eu, e então pedi que cada um falasse. Ouvi atentamente e pareceu-me que eles também o fizeram. Depois de algum tempo, tivemos um sentimento de paz. Senti que o membro perdido de nosso quórum estava seguro e protegido da chuva em algum lugar.

Ficou claro para mim o que o quórum devia fazer e o que não devia. Quando as pessoas que o encontraram descreveram o lugar no bosque em que ele se abrigara, senti que o reconheci. Mas, para mim, o maior



milagre foi ver a fé em Jesus Cristo demonstrada por um conselho do sacerdócio unido, trazendo revelação ao homem que possuía as chaves do sacerdócio. Todos crescemos em poder no sacerdócio naquele dia.

A segunda chave para um maior aprendizado é ter o amor mútuo que resulta de uma grande fé. Não tenho certeza do que vem primeiro, mas parece-me que as duas coisas estão sempre presentes onde quer que haja grande e rápido aprendizado no sacerdócio. Joseph Smith ensinou-nos isso pelo exemplo.

No início da Igreja, nesta dispensação, ele recebeu um mandamento de Deus no qual lhe foi ordenado edificar a força no sacerdócio. Ele foi orientado a criar escolas para os portadores do sacerdócio. O Senhor exigiu que

ali houvesse amor uns pelos outros entre aqueles que iriam ensinar e ser ensinados. Eis as palavras do Senhor sobre o estabelecimento de um lugar de aprendizado no sacerdócio e sobre como ele deveria ser para os que fossem aprender ali:

“Organizai-vos (...) e estabeleci uma casa (...) de aprendizado, (...) uma casa de ordem (...).

Dentre vós designai um professor e não falem todos ao mesmo tempo; mas cada um fale a seu tempo e todos ouçam suas palavras, para que quando todos houverem falado, todos sejam edificados por todos, para que todos tenham privilégios iguais”.²

O Senhor descreveu o que vimos ser a força de um conselho ou classe do sacerdócio para proporcionar revelação pelo Espírito. A revelação é a

única maneira de sabermos que Jesus é o Cristo. Essa grande fé é o primeiro degrau da escada que subimos para aprender os princípios do evangelho.

Na seção 88 de Doutrina e Convênios, nos versículos 123 e 124, o Senhor salientou que devemos amar uns aos outros e não achar faltas uns nos outros. Cada pessoa entrava na escola do sacerdócio estabelecida pelo profeta do Senhor erguendo a mão para fazer o convênio de ser “amigo e irmão (...) nos laços do amor”.³

Não seguimos essa prática hoje em dia, mas sempre que vejo um aprendizado extraordinário no sacerdócio, lá existem esses laços de amor. Pelo que vi, isso foi tanto causa quanto efeito do aprendizado de verdades do evangelho. O amor propicia a presença do Espírito Santo para confirmar a verdade. E a alegria de aprender verdades divinas cria amor no coração das pessoas que compartilham a experiência de aprendizado.

O contrário também é verdade. A discórdia ou a inveja inibem a capacidade de o Espírito Santo ensinar-nos e inibe nossa capacidade de receber luz e verdade. E o dissabor invariavelmente resultante gera discórdia e críticas ainda maiores, em meio aos que deveriam ter uma experiência de aprendizado que não acontece.

Sempre me parece que entre os portadores do sacerdócio, que aprendem juntos, há grandes pacificadores. Vocês veem isso nas classes do sacerdócio e nos conselhos. É o dom de ajudar as pessoas a encontrar pontos em comum, quando elas têm diferenças de opinião. É o dom do pacificador de ajudar as pessoas a verem que o que a outra disse foi uma contribuição e não uma correção.

Com bastante do puro amor de Cristo e o desejo de ser um pacificador, a união é possível nos conselhos



do sacerdócio e nas classes. É preciso paciência e humildade, mas vi isso acontecer mesmo quando as questões são difíceis e as pessoas do conselho ou da classe têm formação muito diferente.

É possível erguer-nos ao sublime padrão estabelecido pelo Senhor para os portadores do sacerdócio ao tomarem decisões nos quóruns. É possível quando ali existe grande fé e amor, e não há contendas. Eis o que Senhor exige para que Ele endosse nossas decisões: “E toda decisão tomada por um desses quóruns deve sê-lo pelo voto unânime do mesmo; isto é, cada membro de cada quórum deve concordar com suas decisões, a fim de que estas tenham o mesmo poder ou validade entre si”.⁴

O terceiro auxílio para o aprendizado no sacerdócio advém da convicção que compartilhamos do motivo pelo qual o Senhor nos abençoa com Seu sacerdócio e confia que o portemos e o exerçamos, isto é, trabalhar-mos para a salvação dos homens. Essa convicção compartilhada proporciona união nos quóruns. Podemos começar a aprender a respeito disso no relato das escrituras sobre como os filhos espirituais foram preparados, antes de nascer, para esta grande honra de possuir o sacerdócio.

Falando daqueles a quem foi confiada a grande responsabilidade

no sacerdócio nesta vida, o Senhor disse: “Mesmo antes de nascerem, eles, com muitos outros, receberam suas primeiras lições no mundo dos espíritos e foram preparados para nascer no devido tempo do Senhor, a fim de trabalharem em sua vinha para a salvação da alma dos homens”.⁵

No sacerdócio, compartilhamos o sagrado dever de trabalhar pela alma dos homens. Precisamos fazer mais do que aprender que esse é nosso dever. Isso precisa penetrar profundamente nosso coração de modo que nem as muitas demandas de nossas atividades na flor da vida nem as provações que vêm com a idade nos desviem desse propósito.

Recentemente, visitei um sumo sacerdote. Ele já não consegue frequentar nossas reuniões de quórum. Mora sozinho. Sua linda esposa faleceu e seus filhos moram longe. A idade e a doença limitam sua capacidade de servir. Ele ainda ergue pesos para manter o que puder de sua força, outrora vigorosa.

Quando entrei em sua casa, ele levantou-se com seu andador para cumprimentar-me. Convidou-me a sentar numa poltrona perto dele. Conversamos sobre nosso feliz convívio no sacerdócio.

Então, com grande emoção, ele perguntou-me: “Por que ainda estou

vivo? Por que ainda estou aqui? Não consigo fazer nada”.

Eu disse que ele estava fazendo algo por mim. Estava elevando-me com sua fé e amor. Mesmo em nossa breve visita, ele fez-me querer ser melhor. Seu exemplo de determinação em fazer algo que tenha importância inspirou-me a esforçar-me mais para servir às pessoas e ao Senhor.

Mas pela tristeza que senti em sua voz e por seu olhar percebi que eu não tinha respondido a suas perguntas. Ele ainda se perguntava por que Deus permitia que vivesse com tamanhas limitações em sua capacidade de servir.

Com a generosa atitude que lhe é costumeira, agradeceu-me por ter ido vê-lo. Quando me levantei para sair, a enfermeira que passa algumas horas em sua casa todos os dias entrou na sala, vindo de outro aposento. Em nossa conversa particular, ele contou-me um pouco a respeito dela. Disse-me que ela era maravilhosa. Ela havia morado em meio a santos dos últimos dias durante a maior parte da vida, mas ainda não era membro.

Ela acompanhou-me até a porta. Ele apontou para ela e disse com um sorriso: “Como vê, parece que não consigo fazer nada. Venho tentando fazer com que ela se batize na Igreja, mas não tem dado certo”. Ela sorriu de volta para ele e para mim. Saí da casa dele, e dirigi-me a minha casa.

Percebi, então, que as respostas a suas dúvidas estavam plantadas em seu coração havia muito tempo. Ele era um valoroso sumo sacerdote que procurava cumprir o dever que lhe fora ensinado em décadas no sacerdócio.

Ele sabia que a única maneira pela qual aquela jovem poderia ter a bênção de salvação por meio do evangelho de Jesus Cristo era fazendo um convênio ao ser batizada. Ele tinha

sido ensinado de acordo com os convênios, por todos os presidentes de todos os quóruns, desde os diáconos até os sumos sacerdotes.

Ele lembrava e sentia seu próprio juramento e convênio do sacerdócio. Ainda o estava cumprindo.

Era uma testemunha e um missionário para o Salvador, aonde quer que a vida o levasse. Já estava em seu coração. O desejo de seu coração era que o coração dela fosse mudado por meio da Expição de Jesus Cristo e pelo cumprimento de convênios sagrados.

Seu tempo na escola do sacerdócio nesta vida será relativamente breve comparado com a eternidade. Mas, mesmo nesse curto período de tempo, ele aprendeu bem o currículo eterno. Ele vai levar consigo, aonde quer que o Senhor o chamar, lições do sacerdócio de valor eterno.

Vocês devem não apenas estar ávidos para aprender suas lições do sacerdócio nesta vida, mas também ser otimistas sobre o que é possível. Alguns talvez bloqueiem mentalmente a possibilidade de aprender aquilo que o Senhor coloca diante de nós em Seu serviço.

Um rapaz deixou sua pequena vila galesa no início da década de 1840, ouviu os apóstolos de Deus e entrou para Seu reino na Terra. Viajou de navio com os santos para a América e conduziu um carroção para o oeste, atravessando as planícies. Ele esteve na companhia que seguiu para este vale após a companhia de Brigham Young. Seu serviço no sacerdócio incluiu o preparo e a aragem da terra para uma fazenda.

Ele vendeu a fazenda por bem menos do que ela valia, a fim de servir uma missão para o Senhor, nos desertos, onde hoje é Nevada, cuidando de ovelhas. Foi chamado após esse

encargo para outra missão além-mar, na própria vila que ele havia deixado em sua pobreza, para seguir ao Senhor.

Em tudo isso, ele encontrou um meio de aprender com seus irmãos do sacerdócio. Sendo um missionário destemido, caminhou por uma estrada do País de Gales até a casa de verão de um homem que havia sido quatro vezes primeiro-ministro da Inglaterra, para oferecer-lhe o evangelho de Jesus Cristo.

Aquele grande homem permitiu que ele entrasse em sua mansão. Era formado no Eton College e na Universidade de Oxford. O missionário conversou com ele sobre as origens do homem, sobre o papel central de Jesus Cristo na história do mundo e até sobre o destino das nações.

No final de sua discussão, o anfitrião declinou a oferta de aceitar o batismo. Mas, ao se despedirem, aquele líder de um dos grandes impérios do mundo perguntou ao humilde missionário: “Onde foi que você adquiriu sua instrução?” Sua resposta: “No sacerdócio de Deus”.

Pode ser que vocês tenham

imaginado, alguma vez, quão melhor seria sua vida se tivessem sido aceitos para estudar em alguma escola. Oro para que vejam a grandiosidade do amor de Deus por vocês e a oportunidade que Ele lhes deu de entrarem em Sua escola do sacerdócio.

Se forem obedientes e diligentes no sacerdócio, sobre vocês serão derramados tesouros de conhecimento espiritual. Vocês vão crescer em sua capacidade de resistir ao mal e de proclamar a verdade que conduz à salvação. Terão alegria na felicidade daqueles que vocês conduzirem à exaltação. Sua família vai tornar-se um lugar de aprendizado.

Testifico que as chaves do sacerdócio foram restauradas. O Presidente Thomas S. Monson possui e exerce essas chaves. Deus vive e conhece vocês perfeitamente. Jesus Cristo vive. Vocês foram escolhidos para terem a honra de possuir o santo sacerdócio. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Doutrina e Convênios 107:87.
2. Doutrina e Convênios 88:119, 122.
3. Doutrina e Convênios 88:133.
4. Doutrina e Convênios 107:27.
5. Doutrina e Convênios 138:56.





Presidente Thomas S. Monson

O Poder do Sacerdócio

Que sejamos hoje e sempre portadores dignos do poder divino do sacerdócio que possuímos. Que ele abençoe nossa vida e que o usemos para abençoar a vida de outros.

O rei e estudei muito sobre o que diria nesta noite. Não quero que ninguém se ofenda. Pensei: “Quais são os nossos desafios? Com que questões lido todos os dias que me levam às lágrimas, às vezes, tarde da noite?” Pensei em abordar nesta noite alguns desses desafios. Alguns se aplicam aos rapazes. Outros se aplicam àqueles que estão na meia-idade. Outros ainda se aplicam àqueles que já passaram da meia-idade. Não falamos sobre velhice.

Assim, quero começar simplesmente dizendo que tem sido bom para nós nos reunirmos nesta noite. Ouvimos mensagens maravilhosas e oportunas sobre o sacerdócio de Deus. Todos fomos edificados e inspirados.

Nesta noite, gostaria de abordar assuntos que não me saíram da mente nos últimos tempos e que me senti inspirado a compartilhar com vocês. De um modo ou de outro, todos se relacionam com a dignidade pessoal exigida para se receber e exercer o sagrado poder do sacerdócio que possuímos.

Gostaria de começar lendo algo da seção 121 de Doutrina e Convênios:

“Os direitos do sacerdócio são inseparavelmente ligados com os poderes

do céu e (...) os poderes do céu não podem ser controlados nem exercidos a não ser de acordo com os princípios da retidão.

Que eles nos podem ser conferidos, é verdade; mas quando nos propomos a encobrir nossos pecados ou satisfazer nosso orgulho, nossa vã ambição ou exercer controle ou domínio ou coação sobre a alma dos filhos dos homens, em qualquer grau de iniquidade, eis que os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magoa e, quando se afasta, amém para o sacerdócio ou a autoridade desse homem”.¹

Irmãos, essa é a palavra definitiva do Senhor sobre Sua autoridade divina. Não podemos duvidar quanto à obrigação que isso coloca sobre os ombros de cada um de nós que possuímos o sacerdócio de Deus.

Vimos à Terra em tempos conturbados. A bússola moral das multidões desviou-se gradualmente para uma posição em que “quase tudo é permitido”.

Já vivi o suficiente para testemunhar grande parte da metamorfose ocorrida nos valores morais da sociedade. Antigamente os padrões da Igreja e os da sociedade eram em grande parte compatíveis, mas hoje há

um grande abismo entre nós, que está tornando-se cada vez maior.

Muitos filmes e programas de televisão retratam comportamentos que estão em franca oposição às leis de Deus. Não se submetam às insinuações ou à total imundície que com frequência neles encontramos. A letra de grande parte da música atual cai nessa mesma categoria. A linguagem profana tão difundida a nossa volta hoje em dia jamais teria sido tolerada num passado não muito distante. O nome do Senhor é tomado em vão muitas e muitas vezes. Relembrem comigo o mandamento — um dos dez — que o Senhor revelou a Moisés no Monte Sinai: “Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão”.² Entristece-me saber que qualquer um de nós esteja sujeito à linguagem profana e rogo para que não a usem. Imploro que não digam nem façam qualquer coisa da qual não possam orgulhar-se.

Permaneçam completamente afastados da pornografia. Não se permitam vê-la, jamais. Comprovou-se que ela é um vício difícilíssimo de se vencer. Abstenham-se de bebidas alcoólicas, de fumo e de qualquer outra droga, que também são vícios que lhes serão difíceis de sobrepujar.

O que vai protegê-los do pecado e do mal que os rodeiam? Afirmo que um forte testemunho de nosso Salvador e de Seu evangelho vai ajudá-los a manterem-se seguros. Se ainda não leram o Livro de Mórmon, leiam-no. Não vou pedir que levantem a mão. Se fizerem isso em espírito de oração e com sincero desejo de conhecer a verdade, o Espírito Santo vai manifestar a veracidade do Livro de Mórmon a vocês. Se ele for verdadeiro — como realmente é — então Joseph Smith foi um profeta que viu Deus, o Pai, e Seu

Filho Jesus Cristo. A Igreja é verdadeira. Se ainda não têm um testemunho dessas coisas, façam o que for necessário para obtê-lo. É essencial que vocês tenham seu próprio testemunho, porque o testemunho dos outros não vai levá-los muito longe. Depois de adquirido, seu testemunho precisa ser mantido vivo e forte, por meio da obediência aos mandamentos de Deus, pela oração e pelo estudo regular das escrituras. Frequentem a igreja. Vocês, rapazes, frequentem o seminário ou o instituto, se houver no lugar em que moram.

Se houver qualquer coisa errada em sua vida, há um caminho de volta para vocês. Cessem todas as iniquidades. Conversem com seu bispo. Seja qual for o problema, ele pode ser resolvido com o devido arrependimento. Vocês podem tornar-se limpos novamente. O Senhor disse, referindo-se aos que se arrependem: “Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve”,³ “e eu, o Senhor, deles não mais me lembro”.⁴

O Salvador da humanidade descreveu-Se como alguém que estava no mundo, mas não era do mundo.⁵ Nós também podemos estar no mundo sem ser do mundo, se rejeitarmos conceitos e ensinamentos falsos e permanecermos fiéis ao que Deus ordenou.

Tenho pensado muito em vocês, rapazes, que estão em idade de casar, mas ainda não decidiram fazê-lo. Vejo moças adoráveis que desejam casar e criar uma família, mas suas oportunidades estão limitadas porque há tantos rapazes que adiam o casamento.

Essa não é uma situação nova. Muito foi dito a esse respeito pelos presidentes anteriores da Igreja. Quero compartilhar com vocês apenas um ou dois exemplos dos seus conselhos.

O Presidente Harold B. Lee disse:



“Não estamos cumprindo nosso dever como portadores do sacerdócio se passarmos da idade de casar e fugirmos de um casamento honroso com uma dessas adoráveis mulheres”.⁶

O Presidente Gordon B. Hinckley disse o seguinte: “Sinto o coração tocado por (...) nossas irmãs solteiras, que anseiam por casar-se e não parecem conseguir. (...) Tenho bem menos compaixão pelos rapazes que, pelos costumes de nossa sociedade, têm a prerrogativa de tomar a iniciativa nesse assunto, mas em muitos casos deixam de fazê-lo”.⁷

Sei que há muitos motivos pelos quais vocês podem estar hesitantes em dar o passo para o casamento. Se estiverem preocupados com o sustento financeiro de uma esposa e família, asseguro-lhes de que não é vergonha um casal ter de pechinchar e economizar. É geralmente nessa época desafiadora que vocês vão tornar-se mais próximos, ao aprenderem a sacrificar-se e a tomar decisões difíceis. Talvez tenham medo de fazer a escolha errada. Quanto a isso digo que precisam exercer fé. Encontrem alguém que lhes possa ser compatível. Compreendam que não serão capazes de prever todos os desafios que podem surgir no casamento, mas

tenham a certeza de que quase tudo pode ser resolvido se forem flexíveis e se estiverem comprometidos a fazer seu casamento dar certo.

Talvez estejam se divertindo um pouco demais com a vida de solteiro, com viagens extravagantes, com a compra de carros e brinquedos caros ou simplesmente levando a vida despreocupadamente com os amigos. Encontrei grupos de rapazes realizando atividades juntos, e admito que me perguntei por que não estavam saindo com as moças.

Irmãos, há um momento de se pensar seriamente no casamento e de procurar uma companheira com quem desejam passar a eternidade. Se vocês escolherem com sabedoria e se comprometerem a ter sucesso no casamento, nada há nesta vida que lhes trará maior felicidade.

Quando se casarem, irmãos, deixarão casar-se na casa do Senhor. Para vocês que possuem o sacerdócio, não deve haver outra opção. Tomem cuidado para não destruir sua elegibilidade para esse casamento. Vocês podem continuar seu namoro, dentro dos devidos limites, e ainda assim desfrutar momentos maravilhosos.

Irmãos, quero agora passar a outro assunto que me senti inspirado a



abordar com vocês. Nos três anos desde que fui apoiado como Presidente da Igreja, creio que a responsabilidade mais triste e desanimadora que tive foi a de ter que lidar cada semana com cancelamentos de selamentos. Cada um deles foi precedido de um feliz casamento na casa do Senhor, onde um casal amoroso iniciou uma vida nova juntos, ansiando por passar o restante da eternidade um com o outro. E então, passaram-se meses e anos e, por um motivo ou outro, o amor desapareceu. Pode ser devido a problemas financeiros, falta de comunicação, temperamentos descontrolados, interferência da família, envolvimento em pecado. Há inúmeros motivos. Na maioria dos casos, o resultado não tem que ser o divórcio.

A grande maioria dos pedidos de cancelamento de selamento parte de mulheres que tentaram desesperadamente fazer o casamento dar certo, mas que, no final, não conseguiram sobrepujar os problemas.

Escolham uma companheira de modo cuidadoso e fervoroso. E quando se casarem, sejam ferrenhamente leais um ao outro. Vi um conselho inestimável numa placa emoldurada que estava na casa de meu tio e minha tia. Nela estava escrito: “Escolha seu amor, ame sua escolha”. Há grande sabedoria nessas poucas palavras. O

comprometimento no casamento é absolutamente essencial.

Sua esposa é sua parceira igual. No casamento, nenhum é superior ou inferior ao outro. Vocês caminham lado a lado, como filho e filha de Deus. Ela não deve ser menosprezada nem insultada, mas, sim, respeitada e amada. O Presidente Gordon B. Hinckley disse: “Qualquer homem desta Igreja que (...) exercer sobre [a esposa] injusto domínio não é digno de possuir o sacerdócio. Ainda que ele tenha sido ordenado, os céus se afastarão, o Espírito do Senhor Se magoará e amém para a autoridade do sacerdócio desse homem”.⁸

O Presidente Howard W. Hunter disse o seguinte sobre o casamento: “A felicidade e o sucesso no casamento geralmente não é tanto uma questão de casar com a pessoa certa, mas, sim, de você *ser a pessoa certa*”. Gosto dessa frase. “O esforço consciente de fazer plenamente a sua parte é o elemento que mais contribui para o sucesso.”⁹

Há muitos anos, na ala que presidi como bispo, havia um casal que sempre tinha desavenças muito sérias e acaloradas. Realmente discordâncias fortes. Cada qual tinha certeza de sua opinião. Nenhum cedia ao outro. Quando não estavam discutindo, mantinham o que eu chamaria de trégua desconfortável.

Certo dia, às 2 horas da manhã, recebi um telefonema do casal. Queriam conversar comigo, e tinha de ser naquele momento. Arrastei-me para fora da cama, vesti-me e fui até a casa deles. Sentaram-se em lados opostos da sala, sem falar um com o outro. A esposa comunicava-se com o marido conversando comigo. Ele respondia, falando comigo. Pensei: “De que modo vamos conseguir unir esse casal?”

Orei por inspiração e tive a ideia de fazer-lhes uma pergunta. Eu disse: “Há quanto tempo vocês estiveram no templo para testemunhar um selamento?” Eles admitiram que fazia muito tempo. Em todos os outros aspectos, eram pessoas dignas que possuíam uma recomendação para o templo e que iam ao templo e faziam ordenanças por outras pessoas.

Perguntei-lhes então: “Aceitam vir ao templo comigo na quarta-feira pela manhã, às 8 horas? Vamos testemunhar uma cerimônia de selamento?”

Ao mesmo tempo, os dois perguntaram: “De quem será a cerimônia?”

Respondi: “Não sei. Será de quem quer que esteja casando-se naquela manhã?”

Na quarta-feira seguinte, na hora marcada, reunimo-nos no Templo de Salt Lake. Fomos os três a uma das belas salas de selamento, sem

conhecer uma única pessoa na sala, exceto o Élder ElRay L. Christiansen, que era Assistente do Quórum dos Doze, um cargo dentre as Autoridades Gerais que existia na época. O Élder Christiansen iria realizar a cerimônia de selamento de um casal, justamente naquela sala, naquela manhã. Tenho certeza de que a noiva e a família dela pensaram: “Devem ser amigos do noivo”. E que a família do noivo pensou: “Devem ser amigos da noiva”. Meu casal estava sentado num pequeno sofá, com uns trinta centímetros de espaço entre eles.

O Élder Christiansen começou dando alguns conselhos aos jovens que se casavam, e o fez de modo muito belo. Mencionou como o marido deve amar a esposa, como deve tratá-la com respeito e cortesia, honrando-a como a rainha do lar. Depois, falou para a noiva sobre o modo pelo qual ela devia honrar o marido, como o cabeça do lar, e apoiá-lo de todas as maneiras.

Percebi que, à medida que o Élder Christiansen falava para os noivos, meu casal foi aproximando-se aos poucos um do outro. Em breve, estavam sentados um ao lado do outro. O que mais me agradou foi que ambos se moveram na mesma velocidade. No final da cerimônia, meu casal estava sentado bem juntinho um do outro, como se *eles* próprios fossem os recém-casados. Os dois sorriam.

Saímos do templo naquele dia, sem que ninguém soubesse quem éramos ou por que estávamos ali, mas meus amigos estavam de mãos dadas ao se dirigirem para a porta de saída. Suas diferenças tinham sido deixadas de lado. Não precisei dizer uma única palavra. Como podem ver, eles se lembraram do dia de seu próprio casamento e dos convênios que fizeram na



casa de Deus. Estavam comprometidos a começar de novo e a esforçar-se mais dessa vez.

Se algum de vocês está tendo dificuldades em seu casamento, peço que façam tudo o que puderem para reparar o que for necessário, a fim de que sejam tão felizes como eram quando seu casamento começou. Nós, que nos casamos na casa do Senhor, fazemos isso para esta vida e por toda a eternidade, para depois nos empenharmos o quanto for necessário para que isso aconteça. Sei que há situações em que o casamento não pode ser salvo, mas sinto fortemente que na maior parte dos casos ele pode e deve ser salvo. Não deixem que seu casamento chegue ao ponto de estar em risco.

O Presidente Hinckley ensinou que cabe a cada um de nós, que possuímos o sacerdócio de Deus, disciplinar-nos para que estejamos acima dos caminhos do mundo. É essencial que sejamos homens honrados e decentes. Nossas ações devem ser irrepreensíveis.

As palavras que falamos, o modo como tratamos as pessoas e a maneira que levamos a vida, tudo isso afeta nossa eficácia como homens e rapazes que possuem o sacerdócio.

A dádiva do sacerdócio é inestimável. Ela traz consigo a autoridade de

agir como servos de Deus, de ministrar aos enfermos, de abençoar nossa família e outras pessoas também. Sua autoridade pode estender-se além do véu da morte, pelas eternidades. Nada há que se compare a ele no mundo inteiro. Protejam-no, entesourem-no e sejam dignos dele.¹⁰

Meus amados irmãos, que a retidão nos guie em todos os passos de nossa jornada pela vida. Que sejamos hoje e sempre portadores dignos do poder divino do sacerdócio que possuímos. Que ele abençoe nossa vida e que o usemos para abençoar a vida dos outros, como o fez Aquele que viveu e morreu por nós, sim, Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Essa é minha oração, em Seu sagrado nome, Seu santo nome. Amém. ■

NOTAS

1. Doutrina e Convênios 121:36–37.
2. Êxodo 20:7.
3. Isaías 1:18.
4. Doutrina e Convênios 58:42.
5. Ver João 17:14; Doutrina e Convênios 49:5.
6. “President Harold B. Lee’s General Priesthood Address”, *Ensign*, janeiro de 1974, p. 100.
7. Gordon B. Hinckley, “What God Hath Joined Together”, *Ensign*, maio de 1991, p. 71.
8. Gordon B. Hinckley, “Dignidade Pessoal para Exercer o Sacerdócio”, *A Liahona*, julho de 2002, p. 60.
9. *The Teachings of Howard W. Hunter*, ed. Clyde J. Williams, 1997, p. 130.
10. Ver Gordon B. Hinckley, *A Liahona*, julho de 2002, pp. 58–61.



Presidente Dieter F. Uchtdorf
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

À Espera, na Estrada para Damasco

Aqueles que buscam com diligência aprender a respeito de Cristo, acabam por conhecê-Lo

Um dos acontecimentos mais marcantes da história do mundo aconteceu na estrada para Damasco. Vocês conhecem bem a história de Saulo, um jovem que “assolava a igreja, entrando pelas casas; e (...), encerrava [os santos] na prisão”.¹ Saulo era tão hostil que muitos membros da Igreja primitiva fugiram de Jerusalém, na esperança de escapar de sua ira.

Saulo os perseguiu. Mas “chegando perto de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu.

E, caindo em terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?”²

Aquele momento de transformação mudou Saulo para sempre. Na verdade, mudou o mundo.

Sabemos que manifestações como essa acontecem. Na verdade, testificamos que uma experiência divina semelhante aconteceu em 1820, para um rapaz chamado Joseph Smith. Nosso testemunho é claro e seguro de que os céus estão abertos novamente e que Deus fala a Seus profetas e apóstolos. Deus ouve e responde as

orações de Seus filhos.

No entanto, existem alguns que acham que, a menos que tenham uma experiência semelhante à de Saulo ou à de Joseph Smith, não podem acreditar. Estão à beira das águas do batismo, mas não entram. Esperam no limiar do testemunho, mas não conseguem reconhecer a verdade. Em vez de dar pequenos passos de fé no caminho do discipulado, querem algum acontecimento dramático para compeli-los a acreditar.

Passam seus dias à espera, na estrada para Damasco.

Começamos a Acreditar Um Passo por Vez

Uma querida irmã tinha sido membro fiel da Igreja toda a vida. Mas ela carregava consigo uma tristeza secreta. Alguns anos antes, sua filha havia morrido depois de uma breve enfermidade, e as feridas daquela tragédia ainda a assombravam. Ela se angustiava com o profundo questionamento que acompanha uma experiência como essa. Admitiu francamente que o seu testemunho não

era o que costumava ser. Sentia que a menos que os céus se abrissem para ela, jamais seria capaz de acreditar novamente.

Portanto, estava à espera.

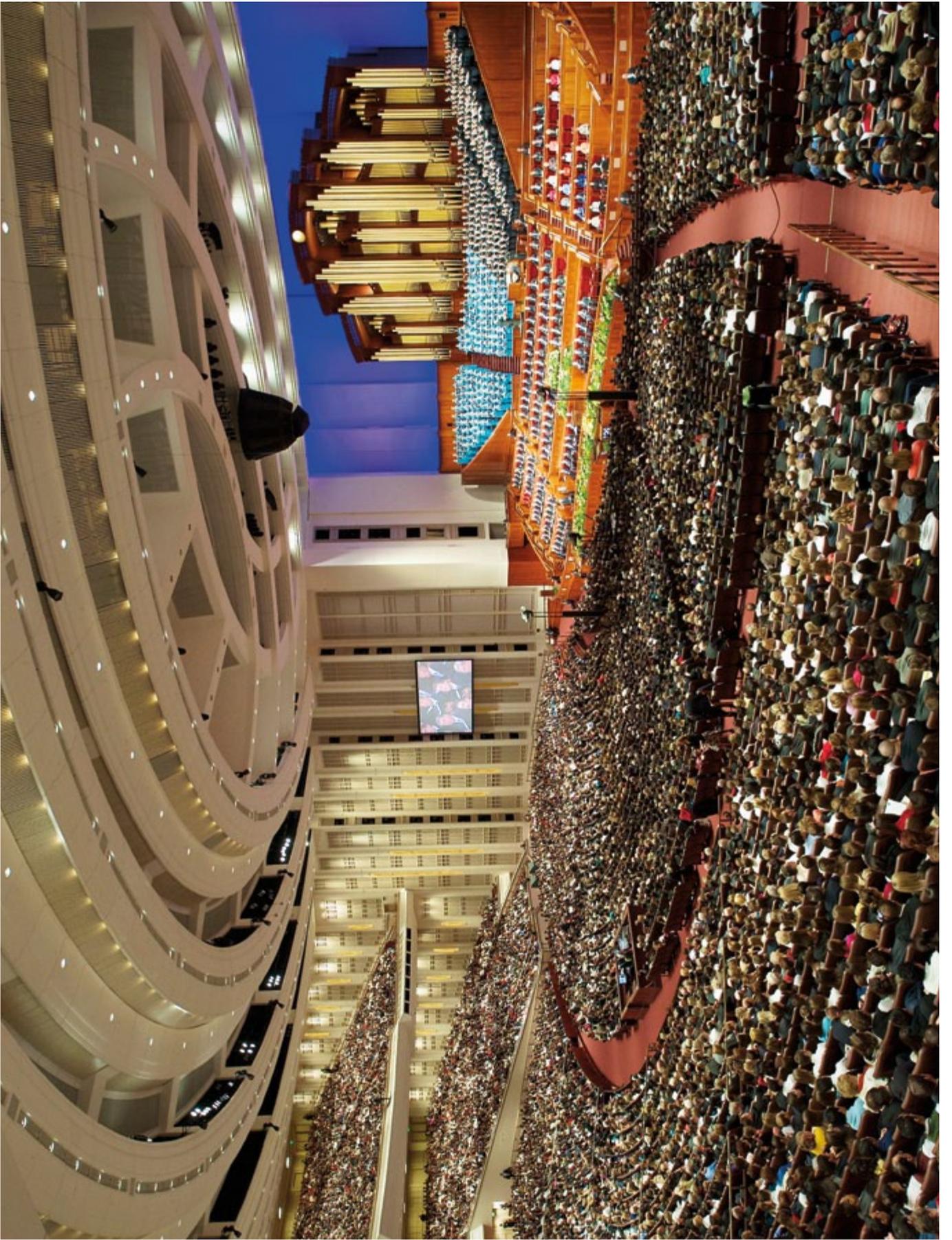
Existem muitos outros que, por diferentes motivos, encontram-se também à espera, na estrada para Damasco. Eles adiam a decisão de tornarem-se totalmente engajados como discípulos. Querem muito receber o sacerdócio, mas hesitam em tornarem-se dignos desse privilégio. Desejam entrar no templo, mas retardam o ato final de fé para se qualificarem. Continuam esperando que Cristo lhes seja entregue como um quadro de Carl Bloch, para eliminar de uma vez por todas as suas dúvidas e temores.

A verdade é que, aqueles que buscam com diligência aprender a respeito de Cristo, acabam por conhecê-Lo. Eles recebem pessoalmente um retrato divino do Mestre, embora, na maioria das vezes, isso venha na forma de uma peça de quebra-cabeça — uma de cada vez. Cada peça individual talvez não seja facilmente reconhecida como tal — pode não ficar claro como ela se relaciona com o todo. Cada peça nos ajuda a ver um pouco mais claro o quadro geral. Por fim, depois de um número suficiente de peças ter sido encontrado, reconhecemos a grande beleza de tudo isso. Então, recordando o que vivenciamos, vemos que o Salvador havia de fato vindo para ficar conosco, afinal — não de uma vez, mas silenciosa e serenamente, quase despercebido.

Essa pode ser a nossa experiência, se avançarmos com fé e não ficarmos tempo demais à espera, na estrada para Damasco.

Ouvir e Atender

Testifico a vocês que nosso Pai Celestial ama Seus filhos. Ele nos



As Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Abril de 2011

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA



Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro



Thomas S. Monson
Presidente



Dieter F. Uchtdorf
Segundo Conselheiro

O QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS



Boyd K. Packer



L. Tom Perry



Russell M. Nelson



Dallin H. Oaks



M. Russell Ballard



Richard G. Scott



Robert D. Hales



Jeffrey R. Holland



David A. Bednar



Quentin L. Cook



D. Todd Christofferson



Neil L. Andersen

A PRESIDÊNCIA DOS SETENTA



Ronald A. Rasband



Claudio R. M. Costa



Steven E. Snow



Walter F. González



L. Whitney Clayton



Joy E. Jensen



Donald L. Hollstrom

O PRIMEIRO QUÓRUM DOS SETENTA

(em ordem alfabética)



Marcos A. Ajikakalis



José L. Alonso



Carlos H. Amado



Ian S. Arden



Mervyn B. Arnold



David S. Baxter



Shayne M. Bowen



Gérald Cossé



Yoon Hwan Choi



Craig C. Christensen



Don R. Clarke



Gary J. Coleman



Carl B. Cook



Lawrence E. Conbridge



Leonard R. Curtis Jr.



Benjamin De Hoyos



John B. Dickson



Kevin R. Durcan



David F. Evans



Enrique R. Falabella



Eduardo Gouvarret



Carlos A. Goady



Christoffer Golden Jr.



Gerrit W. Gong



C. Scott Grow



James J. Hamula



Keith K. Hilbig



Richard G. Hinckley



Martin K. Jensen



Daniel L. Johnson



Paul V. Johnson



Patrick Kearon



Yoshitshiko Kikuchi



Paul E. Koelliker



Erich W. Kopschke



Richard J. Maynes



Marcus B. Nash



Brent H. Nielson



Allan F. Pucker



Kevin W. Pearson



Anthony D. Perkins



Paul B. Pieper



Rafael E. Pino



Bruce D. Porter



Dale G. Renlund



Michael T. Ringwood



Lynn G. Robbins



Cecil O. Samuelson Jr.



Joseph W. Sitati



Jano Mazzagrandi



Won Yang Ko



Larry R. Lawrence



Peg G. Mahn



James B. Marino



Ulisses Soares



Gary E. Stevenson



Michael John U. Ueh



José A. Teixeira



Octaviano Tenorio



Juan A. Uredo



Francisco J. Viras



Richard C. Edgley
Primeiro Conselheiro



H. David Burton
Bispo Presidente



Keith B. McMullin
Segundo Conselheiro

O SEGUNDO QUÓRUM DOS SETENTA

(em ordem alfabética)



Wilford W. Andersen



Koichi Aoyagi



Randall K. Bennett



Tad R. Callister



Craig A. Condon



Bruce A. Carlson



J. Denn Cornish



Stanley G. Ellis



Bradley D. Foster



Larry W. Gibbons



O. Vincent Haleck



Won Yang Ko



Larry R. Lawrence



Gregory A. Schwitzer



Paul K. Sybrowsky



Kent D. Watson



Larry P. Wilson

O BISPO PRESIDENTE



Richard C. Edgley
Primeiro Conselheiro



H. David Burton
Bispo Presidente



Keith B. McMullin
Segundo Conselheiro

W. Christopher Weddell

William R. Walker

F. Michael Watson

Kazuhiko Yamashita

Jorge F. Zaballés

Claudio D. Zúñiz

W. Craig Zwick



“Concidadãos dos santos” (Efésios 2:19) reúnem-se no mundo todo para participar da 181ª Conferência Geral Anual da Igreja. No sentido do horário, a partir do alto à esquerda, vemos os santos em Lusaka, Zâmbia; Kiev, Ucrânia, St. Catherine, Jamaica; São Paulo, Brasil; Odenton, Maryland, EUA; Dortmund, Alemanha; e Coimbra, Portugal.



ama. Ele ama você. Quando necessário, o Senhor vai até erguê-lo para transpor obstáculos, se você procurar Sua paz com um coração quebrantado e um espírito contrito. Muitas vezes Ele nos fala de um modo que só podemos ouvir com o coração. Para melhor ouvir a Sua voz, seria aconselhável abaixar o volume dos ruídos do mundo em nossa vida. Se ignorarmos ou bloquearmos os sussurros do Espírito, seja qual for o motivo, eles se tornarão menos perceptíveis, até que deixamos de ouvi-los totalmente. Que possamos aprender a dar ouvidos aos sussurros do Espírito e, depois, ter avidez em segui-los.

Nosso amado profeta, Thomas S. Monson, é o nosso exemplo disso. Inúmeras são as histórias sobre ocasiões em que ele atendeu aos sussurros do Espírito. O Élder Jeffrey R. Holland nos relata um desses exemplos:

Certa vez, quando o Presidente Monson estava cumprindo uma designação na Louisiana, um presidente de estaca perguntou se ele teria tempo para visitar uma menina de dez anos, chamada Christal, que estava em fase terminal devido a um câncer. A família de Christal estivera orando para que o Presidente Monson os visitasse. Mas a casa deles ficava muito longe, e a agenda era tão apertada que não havia tempo. Então, em vez disso, o Presidente Monson pediu aos que fariam as orações durante a conferência de estaca que incluíssem Christal em suas orações. Certamente o Senhor e a família dela iriam entender.

Durante a sessão de sábado da conferência, quando o Presidente Monson se levantou para falar, o Espírito sussurrou: “Deixai vir os meninos a mim, e não os impeçais; porque dos tais é o reino de Deus”.³



“Ele não conseguia ler suas anotações. Ele tentou seguir o tema da reunião como indicado, mas o nome e a imagem [da menina] não lhe saíam da mente”.⁴

Ele deu ouvidos ao Espírito e reorganizou sua agenda. Na manhã seguinte, o Presidente Monson deixou as noventa e nove e viajou muitos quilômetros para estar junto ao leito de uma.

Ao chegar lá, ele “olhou para aquela criança extremamente enferma, fraca demais para falar. A doença já a tinha deixado cega. Profundamente tocado pela cena e pelo Espírito do Senhor, o irmão Monson segurou a frágil mão da criança. ‘Christal’, sussurrou, ‘estou aqui’.

Com grande esforço, ela sussurrou em resposta: ‘Irmão Monson, eu sabia que você viria.’”⁵

Meus queridos irmãos e irmãs, vamos esforçar-nos para estar entre aqueles em quem o Senhor confia que irão ouvir Seus sussurros e responder, como Saulo fez em *seu* caminho para Damasco: “Senhor, que queres que eu faça?”⁶

Servir

Outro motivo pelo qual às vezes não reconhecemos a voz do Senhor em nossa vida é porque as revelações do Espírito podem não nos chegar

diretamente como resposta a nossas orações.

Nosso Pai Celestial espera que primeiro estudemos bem a questão e depois oremos pedindo orientação, ao buscarmos respostas para as dúvidas e preocupações de nossa vida. Nosso Pai Celestial deu-nos a certeza de que Ele vai ouvir nossas orações e responder a elas. A resposta pode vir por meio da voz e da sabedoria de amigos e familiares, das escrituras e das palavras dos profetas.

Sei por experiência própria que alguns dos sussurros mais fortes que recebemos não são apenas para nosso próprio benefício, mas também para o benefício de outros. Se pensarmos apenas em nós mesmos, podemos perder algumas das experiências espirituais mais vigorosas, e as mais profundas revelações de nossa vida.

O Presidente Spencer W. Kimball ensinou esse conceito, quando disse: “Deus está atento a nós e preocupa-Se conosco. Contudo, é por meio de outras pessoas que Ele costuma atender a nossas necessidades. Portanto, é vital que sirvamos uns aos outros”.⁷ Irmãos e irmãs, cada um de nós tem uma responsabilidade assumida como convênio de estar atento às necessidades das pessoas e de servir como o Salvador fez — para estender a mão, abençoar e elevar os que nos rodeiam.



Muitas vezes, a resposta a nossa oração não vem quando estamos de joelhos, mas quando estamos de pé, servindo ao Senhor e servindo àqueles que nos rodeiam. Os abnegados atos de serviço e de consagração refinam nosso espírito, removem as escamas dos nossos olhos espirituais e abrem as janelas do céu. Ao tornar-nos a resposta da oração de outra pessoa, é comum encontrarmos a resposta para a nossa própria oração.

Compartilhar

Há momentos em que o Senhor nos revela coisas que são destinadas apenas a nós. No entanto, em muitos outros casos, Ele confia um testemunho da verdade aos que Ele sabe que irão compartilhá-lo com outros. Foi isso que aconteceu com todos os profetas desde os tempos de Adão. O

Senhor espera também que os membros de Sua Igreja, “[abram] a boca em todas as ocasiões, declarando [Seu] evangelho em tom de regozijo”.⁸

Isso nem sempre é fácil. Alguns preferem puxar um carrinho de mão ao longo de mil quilômetros de pradarias do que abordar o tema da fé e religião com seus amigos e colegas de trabalho. Eles se preocupam sobre como serão vistos ou como isso vai prejudicar seu relacionamento. Não precisa ser assim, porque temos uma mensagem feliz para compartilhar — temos uma mensagem de alegria.

Há vários anos, nossa família morou e trabalhou entre pessoas que, quase todas, não eram da nossa religião. Quando nos perguntavam como tinha sido nosso fim de semana, procurávamos ignorar os temas habituais — eventos

esportivos, filmes ou o tempo — e tentávamos compartilhar algumas experiências religiosas que tivéramos como família no fim de semana. Por exemplo: o que um jovem orador dissera sobre os padrões de *Para o Vigor da Juventude*, ou como havíamos sido tocados pelas palavras de um jovem que estava saindo em missão, ou como o evangelho e a Igreja nos ajudaram como família a superar um desafio específico que tivemos. Tentávamos não ser enfadonhos ou autoritários. Minha mulher, Harriet, sempre era a que melhor conseguia encontrar algo inspirador, animador ou humorístico para compartilhar. Isso muitas vezes levava a discussões mais profundas. Curiosamente, sempre que conversávamos com os amigos sobre como lidar com os desafios da vida, muitas vezes ouvíamos o comentário: “É fácil para vocês, vocês têm sua igreja”.

Com tantos recursos de mídia social e uma infinidade de dispositivos, alguns mais e outros menos úteis a nossa disposição, é mais fácil compartilhar as boas novas do evangelho, e os resultados são mais abrangentes do que nunca. Na verdade, receio que alguns que me ouvem já enviaram mensagens de texto dizendo algo como: “Ele já está falando há dez minutos, e ainda não fez nenhuma analogia com a aviação!” Meus queridos jovens amigos, talvez o incentivo do Senhor para que “[abram] a boca” poderia incluir, em nossos dias, “usem as mãos”, para escrever no blog ou enviar mensagens de texto sobre o evangelho para o mundo inteiro! Mas lembrem-se: tudo na hora certa e no lugar certo.

Irmãos e irmãs, com as bênçãos da tecnologia moderna, podemos expressar gratidão e alegria pelo grande plano de Deus para Seus

filhos, de uma forma que pode ser ouvida não só em nosso local de trabalho, mas no mundo inteiro. Às vezes, uma única frase de testemunho pode colocar em movimento algo que influenciará a vida de alguém por toda a eternidade.

A maneira mais eficaz de pregar o evangelho é por meio do exemplo. Se vivermos de acordo com nossas crenças, as pessoas vão notar. Se o

semblante de Jesus Cristo brilhar em nossa vida,¹⁰ se estivermos alegres e em paz com o mundo, as pessoas vão querer saber o motivo disso. Um dos maiores sermões já proferidos sobre o trabalho missionário é este simples pensamento, atribuído a São Francisco de Assis: “Pregue o evangelho a toda hora e, se necessário, use palavras”.¹¹ Temos muitas oportunidades de fazer isso a nossa volta. Não as percam,

esperando muito tempo na estrada para Damasco.

Nossa Estrada para Damasco

Testifico-lhes que o Senhor fala a Seus profetas e apóstolos nos dias de hoje. Ele também fala a todos que vêm a Ele com um coração sincero e com real intenção.¹²

Não duvidem. Lembrem-se: “Bem-aventurados os que não viram e creram”.¹³ Deus ama vocês. Ele ouviu suas orações. Ele fala a Seus filhos e oferece consolo, paz e compreensão para aqueles que O buscam e O honram, andando em Seu caminho. Presto meu testemunho sagrado de que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias segue seu curso. Temos um profeta vivo. Ela é liderada por Aquele cujo nome tomamos sobre nós, sim, o Salvador, Jesus Cristo.

Irmãos e irmãs, queridos amigos, não esperemos muito tempo em *nosso* caminho para Damasco. Em vez disso, sigamos corajosamente em frente, com fé, esperança e caridade, e seremos abençoados com a luz que todos procuramos no caminho do verdadeiro discípulo. Essa é minha oração, e deixo com vocês minha bênção, no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Atos 8:3.
2. Atos 9:3-4.
3. Marcos 10:14.
4. Ver Jeffrey R. Holland, “President Thomas S. Monson: Always ‘on the Lord’s Errand,’” *Tambuli*, outubro-novembro de 1986, p. 20.
5. Jeffrey R. Holland, *Tambuli*, outubro-novembro de 1986, p. 20.
6. Atos 9:6.
7. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja*: Spencer W. Kimball, 2006, p. 92.
8. Doutrina e Convênios 28:16.
9. Doutrina e Convênios 60:2.
10. Ver Alma 5:14.
11. William Fay and Linda Evans Shepherd, *Share Jesus without Fear*, 1999, p. 22.
12. Ver Morôni 10:3-5.
13. João 20:29.

São Paulo, Brasil





Élder Paul V. Johnson
Dos Setenta

“Mais do que Vencedores, por Aquele Que Nos Amou”

As provações não são apenas para nos testar. Elas são de importância vital no processo de obtenção da natureza divina.

A vida na Terra inclui testes, provações e tribulações, e algumas provações que enfrentamos podem ser muito dolorosas. Seja enfermidades, traição, tentações, a perda de um ente querido, catástrofes naturais ou outras adversidades, a aflição faz parte de nossa vida mortal. Muitos se perguntam por que precisamos enfrentar desafios tão difíceis. Sabemos que uma das razões é a de testar a nossa fé para ver se faremos tudo o que o Senhor nos ordena.¹ Felizmente, a vida na Terra é o cenário perfeito para enfrentar — e passar — nesses testes.²

Mas essas provações não são apenas para nos testar. Elas são de importância vital no processo de obtenção da natureza divina.³ Se lidarmos devidamente com essas aflições, elas serão consagradas para nosso benefício.⁴

O Élder Orson F. Whitney disse: “Nenhuma dor que sofrermos, nenhuma provação por que passarmos será em vão. (...) Tudo o que sofrermos e tudo o que suportamos,

particularmente se o fizermos com paciência, edifica nosso caráter, purifica-nos o coração, expande nossa alma e nos torna mais ternos e caridosos, (...) e é por meio da dor e do sofrimento, do trabalho árduo e da tribulação, que obtemos a educação que aqui viemos receber”.⁵

Recentemente um menino de nove anos foi acometido de um raro tipo de câncer ósseo. O médico explicou o diagnóstico e o tratamento, que incluía meses de quimioterapia e algumas cirurgias de grande porte. Ele disse que seria um período muito difícil para o menino e sua família, mas depois acrescentou: “As pessoas me perguntam: ‘Serei o mesmo depois que isso terminar?’ Eu lhes digo: ‘Não, você não será o mesmo. Será muito, muito mais forte. Será muito fabuloso!’”

Às vezes, pode parecer que nossas provações se concentram em certos aspectos de nossa vida e de nossa alma com os quais pensávamos ser incapazes de lidar. Como o crescimento pessoal é um resultado

esperado desses desafios, não deveríamos nos admirar que essas provações possam ser bem pessoais — como se fossem guiadas com precisão para nossas necessidades e fraquezas específicas. E ninguém está livre disso, especialmente os santos que se esforçam para fazer o que é certo. Alguns santos obedientes podem-se perguntar: “Por que eu? Estou tentando ser bom! Por que o Senhor está permitindo que isso aconteça?” A fornalha da aflição ajuda a purificar até os melhores santos, retirando as impurezas de sua vida até restar o ouro puro.⁶ Até os minérios mais ricos precisam ser refinados para remover impurezas. Ser bom não é o bastante. Queremos tornar-nos como o Salvador, que aprendeu ao sofrer “dores e aflições e tentações de toda espécie”.⁷

A Trilha Crimson, no desfiladeiro de Logan, é um dos meus passeios preferidos. A parte principal da trilha serpeia pelo alto de elevadas escarpas calcárias, de onde temos uma bela vista do desfiladeiro e do vale abaixo. Mas não é fácil chegar ao topo das escarpas. A trilha ali é uma subida constante, e pouco antes de chegar ao topo, o alpinista se depara com a parte mais íngreme da trilha, onde a vista do desfiladeiro fica oculta pelas próprias escarpas. O esforço final vale imensamente a pena, porque depois que o alpinista chega ao topo, a vista é de tirar o fôlego. O único modo de contemplar aquela vista é fazendo a escalada.

Um padrão nas escrituras e na vida mostra que muitas vezes os testes mais tenebrosos e perigosos vêm imediatamente antes de acontecimentos extraordinários e de imenso crescimento pessoal. “Após muitas tribulações vêm as bênçãos”.⁸ Os filhos de Israel ficaram encurralados diante do Mar Vermelho, antes de ele



se abrir.⁹ Néfi enfrentou perigos, a ira de seus irmãos e vários fracassos antes de poder obter as placas de latão.¹⁰ Joseph Smith foi subjugado por um poder maligno tão forte que parecia estar destinado a uma completa destruição. Quando estava prestes a se entregar ao desespero ele se esforçou para invocar Deus e, naquele exato momento, recebeu a visita do Pai e do Filho.¹¹ Frequentemente os pesquisadores enfrentam oposição e tribulação quando estão prestes a ser batizados. As mães sabem que os desafios do parto precedem o milagre do nascimento. Vez após vez vemos bênçãos maravilhosas logo após grandes provações.

Quando minha avó estava com aproximadamente dezenove anos, foi acometida de uma doença que a deixou muito mal. Mais tarde ela

disse: “Não conseguia andar. Meu pé esquerdo ficou todo deformado depois de eu passar vários meses na cama. Os ossos estavam frágeis como uma esponja e, quando tocava o pé no chão, era como se tivesse tomado um choque”.¹² Enquanto estava confinada ao leito e no auge de seu sofrimento, ela recebeu e estudou folhetos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Foi convertida e, mais tarde, foi batizada. Muitas vezes, um desafio pessoal ajuda a preparar-nos para algo de vital importância.

Em meio aos problemas, é quase impossível ver que as bênçãos reservadas são muito maiores do que a dor, a humilhação e o sofrimento que estamos vivenciando no momento. “Toda a correção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza, mas depois produz um fruto pacífico de justiça

nos exercitados por ela”.¹³ O Apóstolo Paulo ensinou: “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente”.¹⁴ É interessante notar que Paulo usa o termo “leve tribulação”. Isso foi dito por alguém que tinha sido espancado, apedrejado, que sofreu um naufrágio, foi aprisionado e sofreu muitas outras provações.¹⁵ Duvido que muitos de nós rotulariam nossas tribulações de leves. Mas em comparação às bênçãos e ao crescimento pessoal que teremos no final, tanto nesta vida quanto na eternidade, nossas aflições são verdadeiramente leves.

Não buscamos testes, problemas nem tribulações. Nossa jornada pessoal pela vida vai prover-nos a medida certa para nossas necessidades. Muitas provações são apenas uma parte natural de nossa existência mortal, mas desempenham um papel muito importante em nosso progresso.

Quando o ministério mortal do Salvador chegava ao fim, Ele passou pela provação mais difícil de todos os tempos: o incrível sofrimento no Getsêmani e no Gólgota. Isso precedeu a gloriosa Ressurreição e a promessa de que todos os nossos sofrimentos serão, um dia, eliminados. Seu sofrimento foi um pré-requisito para o sepulcro vazio da manhã de Páscoa e para a nossa futura imortalidade e vida eterna.

Às vezes queremos ter crescimento sem desafios e desenvolver forças sem nenhum esforço. Mas o crescimento não pode vir quando seguimos o caminho fácil. Compreendemos claramente que um atleta que não se submete a um treinamento rigoroso jamais se tornará um atleta de nível mundial. Precisamos tomar cuidado para não nos ressentirmos exatamente com as coisas que vão ajudar-nos a adquirir a natureza divina.



Sei que Deus vive e que Seu Filho, Jesus Cristo, vive. Também sei que por meio da ajuda Deles podemos tornar-nos “mais do que vencedores” das tribulações que enfrentamos nesta vida. Podemos tornar-nos semelhantes a Eles. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver I Pedro 1:6–8; Abraão 3:25.
2. Ver I Pedro 2:20.
3. Ver II Pedro 1:4.
4. Ver 2 Néfi 2:2.
5. Orson F. Whitney, Spencer W. Kimball, *Faith Precedes the Miracle*, 1972, p. 98.
6. Ver Isaías 48:10; 1 Néfi 20:10.
7. Ver Alma 7:11–12.
8. Doutrina e Convênios 58:4.
9. Ver Êxodo 14:5–30.
10. Ver 1 Néfi 3–4.
11. Ver Joseph Smith—História 1:15–17.
12. Amalie Hollenweger Amacher, história não publicada em posse do autor.
13. Hebreus 12:11.
14. II Coríntios 4:17.
15. Ver II Coríntios 11:23–28.
16. Ver Filipenses 4:13.
17. Robert D. Hales, “O Convênio do Batismo: Estar no Reino e Ser do Reino”, *A Liahona*, janeiro de 2001, p. 6.
18. Alma 36:3.
19. Mateus 25:21.
20. Romanos 8:35, 37.

Nenhuma das provações e tribulações que enfrentamos estão além de nosso limite, porque temos acesso à ajuda do Senhor. Podemos fazer todas as coisas em Cristo que nos fortalece.¹⁶

Depois de se recuperar de graves problemas de saúde, o Élder Robert D. Hales contou o seguinte na conferência geral: “Em poucas ocasiões, disse ao Senhor que havia certamente aprendido as lições a serem ensinadas e que não seria necessário que eu passasse por mais sofrimento. Essas súplicas parecem ter sido em vão, porque me foi mostrado com clareza que esse processo de purificação e testes deveria ser suportado no tempo do Senhor e à maneira Dele. (...) Aprendi que eu não estaria só ao enfrentar essas provações e reveses, mas que anjos protetores me amparariam. De fato, algumas pessoas eram quase anjos em forma de médicos, enfermeiras e acima de tudo minha amada companheira, Mary. E, em alguns momentos, quando o Senhor assim desejou, fui consolado com visitas de hostes celestiais que me trouxeram consolo e tranquilidade eterna em minhas horas de necessidade”.¹⁷

Nosso Pai Celestial nos ama, e “[sabemos] que aqueles que confiarem em Deus serão auxiliados em suas tribulações e em suas dificuldades e

em suas aflições; e serão elevados no último dia”.¹⁸ Um dia, quando chegarmos ao outro lado do véu, não queremos apenas que alguém nos diga: “Bem, está terminado”. Em vez disso, queremos que o Senhor diga: “Bem está, servo bom e fiel”.¹⁹

Adoro estas palavras de Paulo: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? (...)”

Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou”.²⁰

Bucareste, Romênia





Bispo H. David Burton
Bispo Presidente

O Trabalho Santificador do Bem-Estar

O trabalho de cuidar dos outros e de ser “bondosos com os pobres” é um trabalho santificador, ordenado pelo Pai.

Bom dia, irmãos e irmãs. Em 1897, o jovem David O. McKay parou diante de uma porta com um folheto na mão. Sendo missionário em Stirling, Escócia, ele já havia feito aquilo muitas vezes. Mas naquele dia, uma senhora muito abatida abriu a porta e se pôs diante dele. Estava mal vestida e tinha o rosto magérrimo e os cabelos desarrumados.

Ela pegou o folheto que o Élder McKay lhe ofereceu e disse seis palavras que ele jamais esqueceria: “Será que isso me compra pão?”

Aquele encontro deixou uma impressão duradoura no jovem missionário. Mais tarde, ele escreveu: “Daquele momento em diante, compreendi mais profundamente o que a Igreja de Cristo deveria ser, e o que ela é: uma igreja interessada na salvação física do homem. Deixei aquela porta sentindo que aquela [mulher], com (...) tamanha amargura no coração contra os homens e contra Deus, não [estava] em condições de receber a mensagem do evangelho. [Ela] precisava de auxílio material, e não havia em Stirling, pelo que consegui descobrir, nenhuma organização que [lhe] pudesse oferecer isso.”¹

Poucas décadas depois, o mundo se angustiou sob o fardo da Grande Depressão. Foi naquela época, em 6 de abril de 1936, que o Presidente Heber J. Grant e seus conselheiros, J. Reuben Clark e David O. McKay, anunciaram o que mais tarde viria a ser conhecido como o Programa de Bem-Estar da Igreja. Coincidência ou não, duas semanas depois, o Élder Melvin J. Ballard e Harold B. Lee foram respectivamente nomeados primeiro presidente e primeiro diretor administrativo do programa.

Não foi um empreendimento comum. Embora o Senhor tenha chamado pessoas extraordinárias para administrá-lo, o Presidente J. Reuben Clark deixou bem claro que “o estabelecimento do sistema [de bem-estar] veio por revelação do Espírito Santo ao Presidente Grant, e ele tem sido administrado desde aquela época por meio de revelações semelhantes que foram dadas aos irmãos encarregados do programa”.²

O comprometimento dos líderes da Igreja com a tarefa de aliviar o sofrimento humano foi firme e irrevogável. O Presidente Grant queria “um sistema que auxiliasse as pessoas

e cuidasse delas, não importando os custos”. Ele disse que chegaria ao ponto de “suspender os seminários, de interromper o trabalho missionário por algum tempo, ou até de fechar os templos, mas não deixaria as pessoas passarem fome”.³

Eu estava ao lado do Presidente Gordon B. Hinckley, em Manágua, Nicarágua, quando ele falou para 1.300 membros da Igreja que haviam sobrevivido a um furacão devastador que ceifou mais de 11.000 vidas. “Enquanto a Igreja tiver recursos”, disse ele, “não deixaremos que passem fome ou que fiquem sem ter o que vestir ou onde se abrigar. Faremos tudo o que pudermos para auxiliá-los da maneira que o Senhor determinou que fosse feito.”⁴

Uma das características marcantes desse trabalho, que é centrado no evangelho, é sua ênfase na responsabilidade individual e na autossuficiência. O Presidente Marion G. Romney explicou: “Muitos programas foram criados por pessoas bem-intencionadas para auxiliar os necessitados. Contudo, muitos desses programas foram elaborados com o objetivo de curto prazo de ‘ajudar as pessoas’, em vez de ‘ajudar as pessoas a ajudarem-se a si mesmas’”.⁵

A autossuficiência é fruto do viver previdente e do exercício da autodisciplina financeira. Desde o início, a Igreja ensinou que a família — na medida do possível — precisa assumir a responsabilidade pelo próprio bem-estar material. É primordial que cada geração aprenda de novo os princípios fundamentais da autossuficiência: evitar dívidas, implementar os princípios da frugalidade, preparar-se para tempos difíceis, ouvir e seguir as palavras dos oráculos vivos, desenvolver disciplina para distinguir necessidades de desejos e, depois, viver segundo esses princípios.



O propósito, as premissas e os princípios que fortalecem nosso trabalho de cuidar do pobre e do necessitado se estendem muito além dos limites da mortalidade. Esse trabalho sagrado não apenas beneficia e abençoa os que sofrem ou passam necessidades. Como filhos e filhas de Deus, não podemos herdar plenamente a vida eterna sem estarmos completamente investidos do cuidado de outros, enquanto estamos aqui na Terra. É na benevolente prática do sacrifício e da doação pessoal a outros que aprendemos os princípios celestiais do sacrifício e da consagração.⁶

O grande rei Benjamim ensinou que um dos motivos pelos quais dividimos o que temos com os pobres e lhes oferecemos auxílio é para que possamos preservar a remissão de nossos pecados dia a dia e andar sem culpa perante Deus.⁷

Desde a fundação do mundo, as sociedades justas sempre foram tecidas com os fios dourados da caridade. Ansiamos por um mundo pacífico e por comunidades prósperas. Oramos por uma sociedade bondosa e virtuosa, na qual a iniquidade seja abolida e prevaleçam a virtude e a retidão. Não importa quantos templos construamos, não importa o quanto cresça o número de membros, não importa quão bem sejamos vistos aos olhos do mundo — se deixarmos de

cumprir o grande e vital mandamento de “[socorrer] os fracos, [erguer] as mãos que pendem e [fortalecer] os joelhos enfraquecidos”,⁸ ou se desviarmos o coração dos que sofrem e choram, estaremos sob condenação e não poderemos agradar ao Senhor,⁹ e a esperança jubilosa de nosso coração estará sempre distante.

Em todo o mundo, 28.000 bispos procuram os pobres para atender a suas necessidades. Cada bispo é auxiliado por um conselho de ala, formado por líderes do sacerdócio e das auxiliares, incluindo uma dedicada presidente da Sociedade de Socorro. Eles podem “apressar-se em auxiliar o estrangeiro, (...) deitar azeite e vinho no coração ferido do aflito, (...) e secar as lágrimas do órfão e fazer o coração da viúva rejubilar”.¹⁰

O coração dos membros e líderes da Igreja do mundo inteiro está sendo influenciado positivamente e guiado pelas doutrinas e pelo divino espírito de carinho e amor ao próximo.

Um líder do sacerdócio na América do Sul estava preocupado com a fome e a pobreza dos membros de sua pequena estaca. Não querendo deixar que as crianças passassem fome, ele procurou um terreno livre e organizou o sacerdócio para cultivá-lo e semeá-lo. Encontraram um velho cavalo, atrelaram a ele um arado primitivo e começaram a trabalhar o

solo. Mas antes que pudessem terminar, aconteceu uma tragédia e o velho cavalo morreu.

Em vez de deixar que seus irmãos e irmãs passassem fome, os irmãos do sacerdócio atrelaram o velho arado às próprias costas e o puxaram ao longo do terreno implacável. Literalmente tomaram sobre si o jugo do sofrimento e da carga de seus irmãos e irmãs.¹¹

Um episódio da história da minha própria família exemplifica o compromisso de cuidar dos necessitados. Muitos ouviram falar das companhias de carrinhos de mão Willie e Martin, e de como aqueles fiéis pioneiros sofreram e morreram ao enfrentar o gélido inverno e as condições debilitantes de sua jornada para o Oeste. Robert Taylor Burton, um dos meus trisavôs, foi uma das pessoas a quem Brigham Young pediu que fossem resgatar aqueles santos queridos e aflitos.

A respeito daquela ocasião, vovô escreveu em seu diário: “A neve estava

St. Catherine, Jamaica





bem alta e muito gelada (...). Fazia tanto frio que não conseguíamos nos mover. O termômetro marcava 24 graus abaixo de zero (...) estava tão frio que as pessoas não conseguiam viajar”.¹²

Foram distribuídos mantimentos para salvar a vida dos santos aflitos, mas “apesar de tudo o que [os resgatadores] puderam fazer, muitos foram enterrados à beira do caminho”.¹³

Quando os santos resgatados atravessavam uma parte da trilha que passava pelo desfiladeiro de Echo Canyon, vários carroções pararam para ajudar na chegada de um bebê — uma menina. Robert notou que a jovem mãe não tinha roupas suficientes para aquecer o bebê recém-nascido. Apesar das temperaturas congelantes, ele “tirou sua camisa feita em casa e a deu à mãe para envolver o bebê”.¹⁴ A criança recebeu o nome de Echo — Echo Squires — em lembrança do local e das condições de seu nascimento.

Anos mais tarde, Robert foi chamado para o Bispado Presidente da Igreja, onde serviu por mais de três décadas. Aos 86 anos de idade, Robert Taylor Burton ficou doente. Ele reuniu a família junto a seu leito para dar-lhes sua última bênção. Entre suas últimas palavras estava este conselho simples, porém muito profundo: “Sejam bondosos com os pobres”.¹⁵

Irmãos e irmãs, honramos aqueles

gigantes inovadores que o Senhor levantou para organizar e administrar o empreendimento institucional de auxílio aos membros necessitados de Sua Igreja. Honramos aqueles que, em nossos dias, estendem a mão de maneiras incontáveis e muitas vezes silenciosas para “ser bondosos com os pobres”, alimentar o faminto, vestir o nu, ministrar ao enfermo e visitar o cativo.

Esse é o trabalho sagrado que o Salvador espera de Seus discípulos. É o trabalho que Ele amava quando esteve neste mundo. É o trabalho que sabemos que O veríamos fazer se estivesse entre nós hoje.¹⁶

Há setenta e cinco anos, um sistema dedicado à salvação espiritual e material da humanidade surgiu de modo bem humilde. Desde aquela época, ele enobreceu e abençoou a vida de dezenas de milhões de pessoas no mundo inteiro. O plano profético de bem-estar não é uma mera nota de rodapé na história da Igreja. Os princípios sobre os quais ele se baseia definem quem somos como povo. É a essência de quem somos como discípulos individuais de nosso Salvador e nosso exemplo, Jesus Cristo.

O trabalho de cuidar dos outros e de ser “bondosos com os pobres” é um trabalho santificador, ordenado pelo Pai e divinamente atribuído paraabençoar, refinar e exaltar Seus filhos.

Que possamos seguir o conselho do Salvador a certo advogado na parábola do bom samaritano: “Vai, e faz da mesma maneira”.¹⁷ Disso eu testifico, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. *Cherished Experiences from the Writings of President David O. McKay*, comp. Clare Middlemiss, 1955, p. 189.
2. J. Reuben Clark Jr., “Testimony of Divine Origin of Welfare Plan,” *Church News*, 8 de agosto de 1951, p. 15; ver também Glen L. Rudd, *Pure Religion*, 1995, p. 47.
3. Glen L. Rudd, *Pure Religion*, p. 34.
4. “President Hinckley Visits Hurricane Mitch Victims and Mid-Atlantic United States,” *Ensign*, fevereiro de 1999, p. 74.
5. Marion G. Romney, “A Natureza Celestial da Autossuficiência,” *A Liahona*, março de 2009, p. 15.
6. Ver Doutrina e Convênios 104:15–18; ver também Doutrina e Convênios 105:2–3.
7. Ver Mosias 4:26–27.
8. Doutrina e Convênios 81:5; ver também Mateus 22:36–40.
9. Ver Doutrina e Convênios 104:18.
10. Joseph Smith, in *History of the Church*, vol. 4, pp. 567–568.
11. Entrevista com Harold C. Brown, antigo diretor administrativo do Departamento de Serviços de Bem-Estar.
12. Diário de Robert T. Burton, Church History Library, Salt Lake City, 2–6 de novembro de 1856.
13. Robert Taylor Burton, Janet Burton Seegmiller, “Be Kind to the Poor”: *The Life Story of Robert Taylor Burton*, 1988, p. 164.
14. Lenore Gunderson, Jolene S. Allphin, *Tell My Story, Too*, tellmystorytoo.com/art_imagepages/image43.html.
15. Robert Taylor Burton, Seegmiller, “Be Kind to the Poor”, p. 416.
16. Ver Dieter F. Uchtdorf, “Vós Sois Minhas Mãos,” *A Liahona*, maio de 2010, p. 68.
17. Lucas 10:37.



Silvia H. Allred

Primeira Conselheira na Presidência Geral da Sociedade de Socorro

A Essência do Discipulado

Quando o amor se torna o princípio orientador do serviço que prestamos às pessoas, isso se torna o evangelho em ação.

Desde o princípio dos tempos, o Senhor ensinou que para tornarmos Seu povo precisamos ser unidos de coração e mente.¹ O Salvador também explicou que os dois grandes mandamentos da lei são: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento” e “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”.² Por fim, logo após a Igreja ser restaurada, o Senhor deu aos santos o mandamento de “visitar os pobres e os necessitados e ministrar-lhes auxílio”.³

Qual é o tema comum de todos esses mandamentos? É o de que precisamos amar uns aos outros e servir uns aos outros. Essa é, de fato, a essência do discipulado na verdadeira Igreja de Jesus Cristo.

Ao comemorarmos os 75 anos do Programa de Bem-Estar da Igreja, são-nos lembrados os propósitos do Bem-Estar, que são: ajudar os membros a tornar-se autossuficientes, cuidar dos pobres e necessitados, e prestar serviço. A Igreja organizou seus recursos para ajudar os membros a prover o bem-estar físico, espiritual, social e emocional deles próprios, de seus familiares e de outras pessoas. O

ofício de bispo traz consigo a obrigação especial de cuidar dos pobres e necessitados e de administrar esses recursos para os membros de sua ala. Ele é auxiliado nesse trabalho pelos quóruns do sacerdócio, pela Sociedade de Socorro e, principalmente, pelos mestres familiares e pelas professoras visitantes.

A Sociedade de Socorro sempre esteve no âmago do Bem-Estar. Quando o Profeta Joseph Smith organizou a Sociedade de Socorro, em 1842, ele disse às mulheres: “Este é o início de dias melhores” para os pobres e necessitados.⁴ Ele disse às irmãs que o propósito da sociedade era “socorrer os pobres, os desamparados, a viúva e o órfão e colocar em prática todos os propósitos benevolentes. (...) Derramarão óleo e vinho no coração ferido do aflito; enxugarão as lágrimas do órfão e farão o coração da viúva regozijar-se”.⁵

Ele também declarou que a Sociedade “incentivaria os irmãos a realizarem boas obras atendendo às necessidades dos pobres — buscando pessoas que necessitem de caridade e cuidando de suas necessidades — auxiliando a corrigir a

moralidade e fortalecendo as virtudes da comunidade”.⁶

Hoje em dia, os homens e as mulheres da Igreja participam juntos no trabalho de auxiliar os necessitados. Os portadores do sacerdócio dão o apoio essencial para os que necessitam de auxílio e orientação espiritual. Mestres familiares inspirados abençoam a vida das pessoas e proporcionam as bênçãos do evangelho a todas as famílias. Além disso, empregam sua força e talentos de outras maneiras, como ao ajudar uma família necessitada a realizar consertos no lar ou a mudar-se, ou ao ajudar um irmão a encontrar emprego.

A presidente da Sociedade de Socorro visita os lares para avaliar as necessidades para o bispo. Professoras visitantes inspiradas zelam pelas irmãs e famílias e cuidam delas. Geralmente são as primeiras a atender ao chamado nos momentos de necessidade imediata. As irmãs da Sociedade de Socorro oferecem refeições, prestam serviço compassivo e dão apoio constante nos momentos de provação.

Os membros da Igreja no mundo inteiro se regozijaram no passado e devem regozijar-se hoje com as oportunidades que têm de servir ao próximo. Nosso esforço conjunto proporciona auxílio aos pobres, famintos, aflitos ou angustiados, salvando almas com isso.

Todo bispo tem à disposição o armazém do Senhor, que é estabelecido quando “os membros fiéis dão ao bispo de seu tempo, talentos, habilidades, solidariedade, recursos financeiros e materiais, para ajudar os pobres e edificar o reino de Deus na Terra”.⁷ Todos podemos contribuir para o armazém do Senhor quando pagamos nossas ofertas de jejum e disponibilizamos nossos recursos para que o bispo auxilie os necessitados.



Apesar de o mundo estar em rápida mudança, os princípios de bem-estar não mudaram com o passar do tempo, porque são uma verdade inspirada e revelada por Deus. Quando um membro da Igreja e sua família fazem tudo o que podem para sustentar-se e ainda assim não conseguem suprir suas necessidades básicas, a Igreja está pronta a ajudar. Dá-se atenção imediata às necessidades de curto prazo, e estabelece-se um plano para ajudar o beneficiário a tornar-se autossuficiente. A autossuficiência é a capacidade de prover as necessidades espirituais e materiais da vida para si mesmo e para a família.

Ao elevarmos nosso próprio nível de autossuficiência, aumentamos nossa capacidade de ajudar e servir ao próximo, como o Salvador fez. Seguimos o exemplo do Salvador quando ministramos aos necessitados, aos enfermos e aos aflitos. Quando o amor se torna o princípio orientador do serviço que prestamos às pessoas, isso se torna o evangelho em ação.

Esse é o evangelho em sua melhor expressão. É religião pura.

Em minhas várias atribuições na Igreja, senti-me humilde com o amor e a preocupação que os bispos e as líderes da Sociedade de Socorro demonstraram por seus rebanhos. Quando eu servia como presidente da Sociedade de Socorro no Chile, no início da década de 1980, o país passava por uma profunda recessão e a taxa de desemprego era de 30%. Testemunhei o modo como heróicas presidentes da Sociedade de Socorro e fiéis professoras visitantes “faziam bem”⁸, naquelas difíceis circunstâncias. Elas exemplificavam a escritura encontrada em Provérbios 31:20: “[Ela] abre a sua mão ao pobre, e estende as suas mãos ao necessitado”.

Havia irmãs, cuja própria família tinha bem pouco, que ajudavam constantemente as que consideravam ter necessidades maiores. Foi então que compreendi mais claramente o que o Salvador viu, quando declarou em Lucas 21:3–4:

“Em verdade vos digo que lançou mais do que todos, esta pobre viúva;

Porque todos aqueles deitaram para as ofertas de Deus do que lhes sobeja; mas esta, da sua pobreza, deitou todo o sustento que tinha”.

Poucos anos depois, testemunhei a mesma coisa como presidente da Sociedade de Socorro da estaca, na Argentina, quando a hiperinflação assolou o país e o colapso econômico subsequente afetou muitos de nossos membros fiéis. Testemunhei isso de novo em minhas recentes visitas a Kinshasa, na República Democrática do Congo; em Antananarivo, Madagascar; e em Bulawayo, no Zimbábue. Em toda parte, há membros da ala e, em especial, irmãs da Sociedade de Socorro, que continuam a edificar a fé, a fortalecer pessoas e famílias, e a ajudar os necessitados.

É admirável pensar que uma irmã ou irmão humilde, com um chamado na Igreja, pode ir a uma casa onde há pobreza, sofrimento, doença ou aflição e levar paz, apoio e felicidade.



Não importa onde seja a ala ou o ramo, ou quão grande ou pequeno seja o grupo, todo membro no mundo tem essa oportunidade. Isso acontece todos os dias e está acontecendo em algum lugar neste exato momento.

Karla é uma jovem mãe com dois filhos. Seu marido Brent trabalha muitas horas e viaja uma hora para chegar ao local de trabalho. Logo depois do nascimento de sua segunda filhinha, ela conta a seguinte experiência pessoal: “Um dia, depois de receber o chamado para servir como conselheira na Sociedade de Socorro da minha ala, senti que era demais para mim. Como eu poderia assumir a responsabilidade de cuidar das mulheres de minha ala, se estava tendo dificuldades para simplesmente cumprir meu papel de esposa e de mãe de uma filha muito ativa, de dois anos, e de um bebê recém-nascido? Enquanto refletia sobre esses sentimentos, minha filha de dois anos

ficou doente. Não sabia muito bem o que fazer por ela e ainda cuidar do bebê ao mesmo tempo. Foi então que a irmã Wasden, uma de minhas professoras visitantes, apareceu inesperadamente em casa. Como ela era mãe de filhos crescidos, sabia exatamente o que fazer para me ajudar. Disse-me o que eu precisava fazer enquanto ela ia até a farmácia comprar algumas coisas. Mais tarde, ela providenciou para que alguém fosse à estação ferroviária buscar meu marido, para que ele voltasse logo para casa, a fim de me ajudar. Sua atitude, que acredito ter sido inspirada pelo Espírito Santo, somada a sua disposição de servir, foram a confirmação que eu precisava receber do Senhor de que Ele ia ajudar-me a cumprir meu novo chamado”.

O Pai Celestial nos ama e conhece nossa situação e nossas capacidades especiais. Embora busquemos diariamente Sua ajuda por meio da

oração, geralmente é por meio de outra pessoa que Ele atende a nossas necessidades.⁹

O Senhor disse: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”.¹⁰

O puro amor de Cristo se expressa quando prestamos serviço abnegado. A oportunidade de ajudar-nos uns aos outros é uma experiência santificadora, que exalta o que recebe e torna humilde o que doa. Ela nos ajuda a tornar-nos verdadeiros discípulos de Cristo.

O plano de Bem-Estar sempre foi a aplicação prática de princípios eternos do evangelho. Ele é verdadeiramente prover à maneira do Senhor. Vamos todos renovar nosso desejo de fazer parte do armazém do Senhor para abençoar as pessoas.

Oro para que o Senhor abençoe cada um de nós com maior sentimento de misericórdia, caridade e compaixão. Rogo que tenhamos mais desejo e capacidade de estender a mão e ajudar os menos afortunados, os aflitos e os que sofrem. Que suas necessidades sejam satisfeitas, que sua fé seja fortalecida, que seu coração se encha de gratidão e amor.

Que o Senhor abençoe cada um de nós ao prosseguirmos sendo obedientes a Seus mandamentos, a Seu evangelho e a Sua luz. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Moisés 7:18.
2. Ver Mateus 22:36–40.
3. Doutrina e Convênios 44:6.
4. Joseph Smith, in *History of the Church*, vol. 4, p. 607.
5. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 475.
6. *Ensinamentos: Joseph Smith*, p. 475.
7. Ver *Prover à Maneira do Senhor: Guia do Líder para o Bem-Estar*, 1990, p. 11.
8. Atos 10:38; Regras de Fé 1:13.
9. Ver *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Spencer W. Kimball*, 2006, p. 92.
10. João 13:35.



Élder David A. Bednar
Do Quórum dos Doze Apóstolos

O Espírito de Revelação

O espírito de revelação é real — e pode de fato funcionar em nossa vida individual e na Igreja.

Expresso minha gratidão pela inspiração que orientou a escolha do hino que será cantado após minhas palavras, “Neste Mundo” (*Hinos*, nº 136). Entendi a sutil sugestão.

Convido-os a pensarem em duas experiências que a maioria de nós já teve com relação à luz.

A primeira experiência ocorreu depois de entrarmos em um quarto escuro e termos acionado o interruptor. Lembrem-se de como uma iluminação intensa e brilhante encheu o quarto e fez com que a escuridão desaparecesse. O que antes era invisível e incerto tornou-se claro e reconhecível. Essa experiência caracterizou-se pelo imediato e intenso reconhecimento da luz.

A segunda experiência ocorreu ao observarmos a noite tornar-se dia. Lembrem-se do aumento lento e quase imperceptível da luz no horizonte? Em contraste com o acender a luz no quarto escuro, a luz do amanhecer não apareceu imediatamente. Em vez disso, a intensidade da luz aumentou gradual e continuamente, e a escuridão da noite foi substituída pela radiante manhã. Por fim, o sol apareceu acima do horizonte. Porém, a evidência visual da chegada iminente do sol estava presente horas antes de

ele realmente aparecer no horizonte. Essa experiência caracterizou-se pelo discernimento sutil e gradual da luz.

Com essas duas experiências comuns com a luz, podemos aprender muito sobre o espírito de revelação. Oro para que o Espírito Santo nos inspire e instrua ao nos concentrarmos no espírito de revelação e nos padrões básicos pelos quais a revelação é recebida.

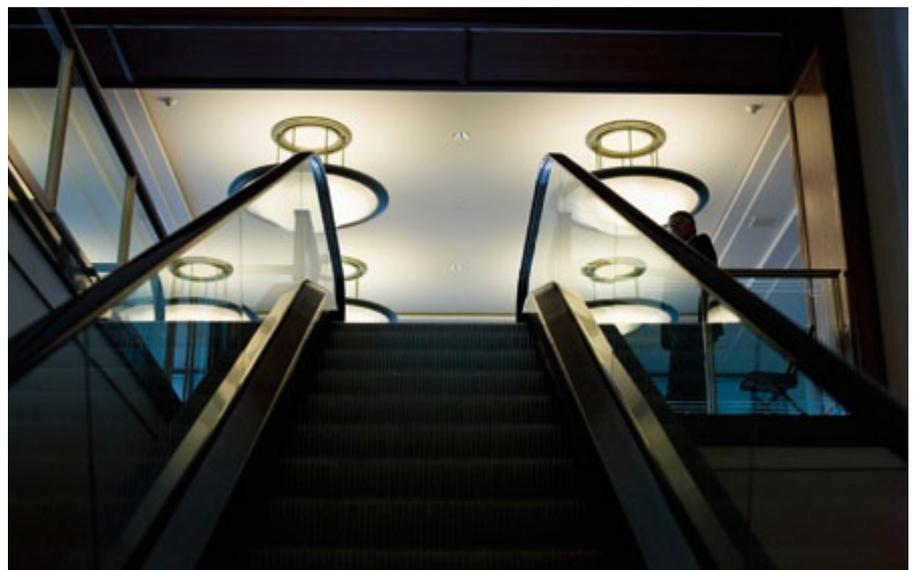
O Espírito de Revelação

Revelação é a comunicação de Deus a Seus filhos na Terra e é uma

das grandes bênçãos associadas ao dom e à companhia constante do Espírito Santo. O Profeta Joseph Smith ensinou: “O Espírito Santo é um revelador” e “ninguém pode receber o Espírito Santo sem receber revelações” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 139).

O espírito de revelação está à disposição de todo aquele que recebe, pela devida autoridade do sacerdócio, as ordenanças salvadoras do batismo por imersão para a remissão dos pecados e a imposição de mãos para o dom do Espírito Santo — e que está agindo com fé para cumprir a determinação do sacerdócio de receber o Espírito Santo. Tal bênção não se restringe às autoridades presidentes da Igreja, mas pertence e deve produzir efeito na vida de todo homem, toda mulher e criança que atinge a idade da responsabilidade e faz convênios sagrados. O desejo sincero e a dignidade convidam o espírito de revelação a nossa vida.

Joseph Smith e Oliver Cowdery obtiveram valiosa experiência com o espírito de revelação ao traduzirem o Livro de Mórmon. Esses irmãos



aprenderam que podiam receber todo o conhecimento necessário para concluir sua obra se pedissem com fé, com um coração honesto e crendo que receberiam. Com o passar do tempo, eles, cada vez mais, compreendiam que o espírito de revelação ocorre geralmente por meio de pensamentos e sentimentos que vêm à mente e ao coração pelo poder do Espírito Santo (ver D&C 8:1–2; 100:5–8). Assim o Senhor os instruiu: “Ora, eis que este é o espírito de revelação; eis que este é o espírito pelo qual Moisés conduziu os filhos de Israel através do Mar Vermelho, em terra seca. Portanto este é teu dom; usa-o” (D&C 8:3–4).

Enfatizo a frase “usa-o” em relação ao espírito de revelação. Nas escrituras, a influência do Espírito Santo é frequentemente descrita como uma “voz mansa e delicada” (1 Reis 19:12; 1 Néfi 17:45; ver também 3 Néfi 11:3) e uma “voz (...) de perfeita suavidade” (Helamã 5:30). Devido ao Espírito sussurrar a nós, suave e delicadamente, é fácil compreender porque devemos evitar mídia imprópria, pornografia e substâncias e comportamentos destrutivos ou viciantes. Essas armas do adversário podem impedir e, por fim, destruir nossa capacidade de reconhecer e responder às mensagens sutis de Deus dadas pelo poder de Seu Espírito. Cada um de nós deve considerar seriamente e ponderar, em oração, sobre como podemos rejeitar a sedução do diabo e, dignamente “usá-lo”, sim, o espírito de revelação, em nossa vida pessoal e familiar.

Padrões de Revelação

As revelações são concedidas de várias maneiras, inclusive, por exemplo, por meio de sonhos, visões, conversas com mensageiros celestiais e inspiração. Algumas revelações são recebidas imediata e intensamente;

outras são reconhecidas gradual e sutilmente. As duas experiências com a luz que descrevi nos ajudam a compreender melhor esses dois padrões básicos de revelação.

Uma luz acendida em um quarto escuro é como receber uma mensagem de Deus rápida, completa e integralmente. Muitos de nós já vivenciamos esse padrão de revelação ao recebermos respostas a orações sinceras ou proteção e orientação necessárias, de acordo com a vontade de Deus e a Seu tempo. Descrições de tais manifestações imediatas e intensas encontram-se nas escrituras, na história da Igreja e são evidenciadas na vida de muitos. De fato, tais milagres poderosos ocorrem. No entanto, esse padrão de revelação tende a ser mais raro e incomum.

O aumento gradual de luz que irradia do sol nascente é como receber uma mensagem de Deus “linha sobre linha, preceito sobre preceito” (2 Néfi 28:30). Mais frequentemente, a revelação vem em pequenos incrementos ao longo do tempo e é dada de acordo com o desejo, a dignidade e a preparação. Essas comunicações do Pai Celestial gradual e mansamente “[destilam-se] sobre [nossa] alma como o orvalho do céu” (D&C 121:45). Esse padrão de revelação tende a ser mais comum do que raro e está evidente nas experiências de Néfi, enquanto ele experimentava diversas abordagens para obter as placas de latão de Labão (ver 1 Néfi 3–4). Por fim, ele foi levado pelo Espírito a Jerusalém “não sabendo de antemão o que deveria fazer” (1 Néfi 4:6). Tampouco ele aprendeu a construir um navio de projeto inusitado, de uma só vez; ao contrário, o Senhor mostrou a Néfi “de tempos em tempos, de que maneira [ele] deveria trabalhar as madeiras do navio” (1 Néfi 18:1).

Tanto a história da Igreja quanto nossa vida pessoal estão repletas de exemplos do padrão estabelecido pelo Senhor para recebermos revelação “linha sobre linha, preceito sobre preceito”. Por exemplo, as verdades fundamentais do evangelho restaurado não foram dadas ao Profeta Joseph Smith todas de uma vez no Bosque Sagrado. Esses tesouros inestimáveis foram revelados à medida que as circunstâncias e a ocasião eram propícias.

O Presidente Joseph F. Smith explicou como esse padrão de revelação ocorreu em sua vida: “Quando garoto (...), eu, com frequência, (...) pedia ao Senhor que me mostrasse maravilhas, para que eu pudesse receber um testemunho. Mas o Senhor reteve as maravilhas e mostrou-me a verdade linha sobre linha (...) até me fazer saber a verdade, do alto da minha cabeça até a sola dos meus pés, e até que a dúvida e o medo fossem completamente purgados de mim. Ele não teve de mandar um anjo dos céus para fazer isso, nem teve de falar com a trombeta de um arcanjo. Com os sussurros daquela voz mansa do Espírito do Deus vivo, deu-me o testemunho que possuo. E por esse princípio de poder, Ele dará aos filhos dos homens um conhecimento da verdade que ficará com eles, e os fará conhecer a verdade como Deus a conhece, e a fazer a vontade do Pai, como Cristo faz. E nenhuma profusão de manifestações maravilhosas poderia realizar isso” (*Conference Report*, abril de 1900, pp. 40–41).

Como membros da Igreja, tendemos a enfatizar tanto as maravilhosas e dramáticas manifestações espirituais, que podemos deixar de apreciar e até podemos subestimar o padrão costumeiro pelo qual o Espírito Santo realiza Sua obra. A própria “simplicidade do método” (1 Néfi 17:41) de



receber aos poucos impressões espirituais pequenas, que a longo prazo e na totalidade constituem a resposta desejada ou a orientação necessária, pode levar-nos a “[olhar] para além do marco” (Jacó 4:14).

Tenho conversado com muitas pessoas que questionam a força de seu testemunho pessoal e subestimam sua capacidade espiritual, porque não recebem impressões frequentes, miraculosas e fortes. Talvez, ao considerarmos as experiências de Joseph no Bosque Sagrado, ou a de Saulo na estrada de Damasco, e a de Alma, o filho, venhamos a crer que algo está errado ou falta em nós, por não termos em nossa vida tais exemplos tão conhecidos e espiritualmente admiráveis. Se vocês já tiveram pensamentos e dúvidas semelhantes, saibam que são muito normais. Apenas sigam em

frente obedientemente, com fé no Salvador. Fazendo isso, “não vos podeis enganar” (D&C 80:3).

O Presidente Joseph F. Smith aconselhou: “Mostrem-me santos dos últimos dias que precisam nutrir-se de milagres, sinais e visões para manterem-se firmes na Igreja, e eu lhes mostrarei membros (...) que não estão em boa situação diante de Deus e que andam por caminhos escorregadios. Não é por meio de manifestações maravilhosas que seremos estabelecidos na verdade, mas, sim, pela humildade e pela fiel obediência aos mandamentos e às leis de Deus” (*Conference Report*, abril de 1900, p. 40).

Outra experiência comum com a luz nos ajuda a aprender outra verdade sobre o padrão de revelação de “linha sobre linha, preceito sobre preceito”. Às vezes, o sol nasce em uma manhã

nublada e nevoenta. Devido às condições do tempo, é mais difícil perceber a luz e identificar o momento preciso em que o sol surge acima do horizonte. Mas, apesar de tudo, mesmo em uma manhã como essa podemos ter luz suficiente para reconhecer um novo dia e cuidar da vida.

Similarmente, muitas vezes recebemos revelação sem reconhecer precisamente como ou quando estamos recebendo revelação. Um importante episódio da história da Igreja ilustra esse princípio.

Na primavera de 1829, Oliver Cowdery era professor em uma escola de Palmyra, Nova York. Ao saber sobre Joseph Smith e o trabalho de tradução do Livro de Mórmon, Oliver sentiu-se inspirado a oferecer ajuda ao jovem profeta. Consequentemente, viajou para Harmony, Pensilvânia, e tornou-se o escriba de Joseph. Sua chegada e ajuda oportunas foram vitais para o aparecimento do Livro de Mórmon.

Logo depois o Salvador revelou a Oliver que, sempre que ele orava pedindo orientação, recebia instrução do Espírito do Senhor. “Se assim não fora”, declarou o Senhor, “não terias chegado ao lugar onde agora estás. Eis que tu sabes que me inquiriste e que te iluminei a mente; e agora te digo estas coisas para que saibas que foste iluminado pelo Espírito da verdade” (D&C 6:14–15).

Assim, Oliver recebeu uma revelação por meio do Profeta Joseph Smith informando-o de que ele estivera recebendo revelação. Evidentemente, Oliver não tinha reconhecido como e quando recebera orientação de Deus e precisava dessa instrução para aumentar seu entendimento sobre o espírito de revelação. Na verdade, Oliver estivera andando na luz enquanto o sol se levantava em uma manhã nublada.

Em muitas incertezas e desafios que enfrentamos na vida, Deus requer que façamos o melhor que pudermos, agindo por nós mesmos e não recebendo a ação (ver 2 Néfi 2:26), e que confiemos Nele. Talvez não vejamos anjos, nem ouçamos vozes celestes, nem recebamos impressões espirituais marcantes. Em geral podemos ir em frente, esperando e orando — mas com certeza absoluta — de que estamos agindo de acordo com a vontade de Deus. Mas ao honrarmos nossos convênios e guardarmos os mandamentos, ao procurarmos consistentemente fazer o bem e melhorar, podemos caminhar com a certeza de que Deus guiará nossos passos. E podemos falar com segurança que Deus inspirará o que dissermos. Isso, em parte, é o significado da escritura que declara: “Então tua confiança se fortalecerá na presença de Deus” (D&C 121:45).

Ao procurarem devidamente o espírito de revelação e o aplicarem, prometo-lhes que “[andarão] na luz do Senhor” (Isaías 2:5; 2 Néfi 12:5). Às vezes o espírito de revelação operará imediata e intensamente; outras vezes o fará sutil e gradualmente e com frequência, com tal delicadeza que talvez não o notem nem reconheçam conscientemente. Mas seja qual for o padrão pelo qual essa bênção seja recebida, a luz que ela traz iluminará e ampliará a sua alma, iluminará seu entendimento (ver Alma 5:7; 32:28) e dirigirá e protegerá você e sua família.

Declaro meu testemunho apostólico de que o Pai e o Filho vivem. O espírito de revelação é real — e pode de fato funcionar em nossa vida individual e na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Testifico dessas verdades no sagrado nome do Senhor Jesus Cristo. Amém. ■



Presidente Thomas S. Monson

O Templo Sagrado — Um Farol para o Mundo

As bênçãos mais importantes e sublimes de nossa condição de membros da Igreja são as que recebemos nos templos de Deus.

Meus amados irmãos e irmãs, expressei meu amor e saudações a cada um de vocês e oro para que nosso Pai Celestial guie meus pensamentos e inspire minhas palavras ao lhes falar hoje.

Gostaria de começar com um ou dois comentários sobre as excelentes mensagens que ouvimos da irmã Allred e do Bispo Burton e de outros, nesta manhã, referentes ao Programa de Bem-Estar da Igreja. Conforme mencionado, comemoramos neste ano o aniversário de 75 anos desse programa inspirado que já abençoou a vida de tantos. Tive o privilégio de conhecer pessoalmente alguns dos pioneiros desse grande empreendimento: homens cheios de compaixão e previsão.

Como o Bispo Burton, a irmã Allred e outros mencionaram, o bispo da ala tem a responsabilidade de cuidar dos necessitados que moram dentro dos limites de sua ala. Tive esse privilégio quando presidi, como jovem bispo em Salt Lake City, uma ala de 1.080 membros, que incluía 84 viúvas.

Havia muitas pessoas que precisavam de auxílio. Quão grato fiquei pelo Programa de Bem-Estar da Igreja e pela ajuda da Sociedade de Socorro e dos quóruns do sacerdócio.

Declaro que o Programa de Bem-Estar da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é inspirado pelo Deus Todo-Poderoso.

Meus irmãos e irmãs, esta conferência marca os três anos desde que fui apoiado como Presidente da Igreja. Evidentemente foram anos atarefados, repletos de desafios, mas também com incontáveis bênçãos. Para mim, a oportunidade que tive de dedicar e rededicar templos foram algumas das mais agradáveis e sagradas bênçãos, e é sobre o templo que desejo falar-lhes hoje.

Na conferência geral de outubro de 1902, o Presidente da Igreja Joseph F. Smith expressou em seu discurso inicial a esperança de que um dia teríamos “templos construídos nas várias partes do [mundo] em que fossem necessários para conveniência das pessoas”.¹

Nos primeiros 150 anos após a organização da Igreja, de 1830 a 1980, 21 templos foram construídos, inclusive os templos de Kirtland, Ohio, e Nauvoo, Illinois. Comparem isso com os 30 anos que se passaram desde 1980, durante os quais 115 templos foram construídos e dedicados. Com o anúncio feito ontem de três novos templos, haverá mais 26 templos em construção ou em estágio de pré-construção. Esses números continuarão a crescer.

A meta almejada pelo Presidente Joseph F. Smith, em 1902, está-se tornando realidade. Nosso desejo é tornar o templo tão acessível quanto possível para nossos membros.

Um dos templos atualmente em construção é o de Manaus, Brasil. Há muitos anos, li a respeito de um grupo de mais de cem membros que partiu de Manaus, que fica no coração da floresta tropical do Amazonas, para viajar até o templo mais próximo na época, localizado em São Paulo, Brasil — a quase 4.000 quilômetros de Manaus. Aqueles santos fiéis viajaram de barco por quatro dias pelo Rio Amazonas e por seus afluentes. Depois de terminar esse percurso por barco, subiram em ônibus para enfrentar mais três dias de viagem por estradas esburacadas, com quase nada para comer e nenhum lugar confortável para dormir. Após sete dias e noites, chegaram ao Templo de São Paulo, onde foram realizadas ordenanças de natureza eterna. É claro que sua viagem de volta foi igualmente difícil. Contudo, eles haviam recebido as ordenanças e bênçãos do templo e, embora estivessem sem dinheiro, estavam plenos do espírito do templo e de gratidão pelas bênçãos que tinham recebido.² Agora, muitos anos depois, nossos membros de Manaus se regozijam ao ver seu próprio templo tomar forma



nas margens do Rio Negro. Os templos proporcionam alegria a nossos membros fiéis, onde quer que sejam construídos.

Os relatos dos sacrifícios feitos para receber as bênçãos que só podem ser encontradas nos templos de Deus nunca deixam de tocar-me o coração e de proporcionar-me um renovado sentimento de gratidão pelos templos.

Gostaria de contar o relato sobre Tihi e Tararaina Mou Tham e seus dez filhos. A família inteira, exceto uma filha, filiou-se à Igreja no início da década de 1960, quando os missionários chegaram a sua ilha, localizada a cerca de 160 quilômetros ao sul do Taiti. Logo, eles começaram a desejar as bênçãos do selamento de uma família eterna no templo.

Naquela época, o templo mais próximo da família Mou Tham era o Templo de Hamilton Nova Zelândia,

que ficava a mais de 4.000 quilômetros a sudoeste, somente acessível por meio de uma dispendiosa viagem de avião. A grande família Mou Tham, que sobrevivia com dificuldade com a renda gerada por uma pequena plantação, não tinha dinheiro para a passagem de avião. Tampouco havia qualquer oportunidade de emprego em sua ilha do Pacífico. Por isso, o irmão Mou Tham e seu filho Gérard tomaram a difícil decisão de viajar 4.800 quilômetros para trabalhar em Nova Caledônia, onde outro filho já trabalhava. O empregador pagava a passagem dos empregados para as minas, mas não fornecia transporte de volta para casa.

Os três homens da família Mou Tham trabalharam ali por quatro anos. O irmão Mou Tham só retornou uma vez durante esse período, para participar do casamento de uma filha.



difícil demais para receber essas bênçãos. Nunca há quilômetros demais para viajar, obstáculos demais para sobrepujar ou desconforto demais para suportar. Eles compreendem que as ordenanças de salvação recebidas no templo, que nos permitem um dia voltar à presença de nosso Pai Celestial em um relacionamento familiar eterno, além da investidura de bênçãos e de poder do alto valem todo sacrifício e todo esforço.

Hoje, a maioria de nós não precisa enfrentar muitas dificuldades para ir ao templo. Oitenta e cinco por cento dos membros da Igreja mora hoje a menos de 320 quilômetros de um templo e, para muitos de nós, essa distância é bem menor.

Se vocês já estiveram no templo para ordenanças próprias e se moram relativamente perto de um, seu sacrifício talvez seja o de reservar um tempo em sua vida atarefada para ir ao templo regularmente. Há muito a ser feito em nossos templos em favor daqueles que esperam além do véu. Ao realizarmos o trabalho por eles,

Após quatro anos, o irmão Mou Tham e seus filhos economizaram dinheiro suficiente para levar a família ao Templo da Nova Zelândia. Todos os que já eram membros foram, exceto uma filha que estava esperando bebê. Foram selados para esta vida e para toda a eternidade: uma experiência indescritível e feliz.

O irmão Mou Tham voltou do templo diretamente para a Nova Caledônia, onde trabalhou por mais dois anos para pagar a passagem da filha que não estivera no templo com eles: uma filha casada, o marido e seu filho.

Já na velhice, o irmão e a irmã Mou Tham desejaram servir no templo. Naquela época, o Templo de Papeete Taiti já havia sido construído e dedicado, e eles serviram quatro missões ali.³

Meus irmãos e irmãs, os templos são mais do que pedra e argamassa. Eles estão cheios de fé e jejum. São construídos de provações e de testemunhos. São santificados pelo sacrifício e pelo serviço.

O primeiro templo a ser construído nesta dispensação foi o Templo de Kirtland, Ohio. Os santos estavam empobrecidos na época; ainda assim o Senhor ordenou que um templo fosse construído, então eles o construíram. O Élder Heber C. Kimball escreveu, sobre essa experiência: “Só o Senhor sabe as cenas de pobreza, tribulação e aflição

por que passamos para realizar isso”.⁴ E então, depois de tudo estar dolorosamente concluído, os santos foram forçados a deixar Ohio e seu querido templo para trás. Por fim, encontraram refúgio, embora apenas temporário, às margens do Rio Mississippi, no Estado de Illinois. Eles chamaram seu povoado de Nauvoo e, novamente dispostos a dar tudo de si, com sua fé inabalada, construíram outro templo a seu Deus. No entanto, foram assolados por perseguições e, com o Templo de Nauvoo recém-construído, foram expulsos novamente de suas casas, buscando refúgio em um deserto.

Recomeçaram suas lutas e sacrifícios ao trabalharem por quarenta anos para construir o Templo de Salt Lake, que se ergue majestosamente no quarteirão que fica logo ao sul do nosso Centro de Conferências.

Algum grau de sacrifício sempre esteve associado à construção de templos e à frequência ao templo. Incontáveis são os que trabalharam e lutaram para obter para si mesmos e para sua própria família as bênçãos que são encontradas nos templos de Deus.

Por que há tantos que estão dispostos a dar tanto de si para receber as bênçãos do templo? Aqueles que compreendem as bênçãos eternas que advêm do templo sabem que nenhum sacrifício é grande demais, nenhum preço é alto demais, nenhuma luta é



saberemos que fizemos o que eles não podem fazer por si mesmos. O Presidente Joseph F. Smith, em vigorosa declaração, disse: “Por meio de nosso empenho em favor deles as correntes que os prendem cairão de suas mãos, e a escuridão que os cerca será dissipada, para que a luz brilhe sobre eles, e eles possam ouvir no mundo espiritual a respeito do trabalho que foi feito por eles por seus filhos aqui na Terra, e eles se regozijarão com vocês por causa do cumprimento desses deveres”.⁵ Meus irmãos e irmãs, esse é o trabalho que temos de fazer.

Em minha própria família, algumas de nossas experiências mais sagradas e queridas ocorreram quando nos reunimos no templo para realizar ordenanças de selamento para nossos antepassados falecidos.

Se ainda não estiveram no templo, ou se *já estiveram*, mas, no momento, não estão qualificados para uma recomendação, não há meta mais importante para alcançarem do que a de serem dignos de ir ao templo. Seu sacrifício pode ser o de tornar sua vida condizente com o que é exigido para receber uma recomendação, talvez abandonando antigos hábitos que os desqualifiquem. Pode ser o de terem a fé e a disciplina para pagar seu dízimo. Seja qual for esse sacrifício, qualifiquem-se para entrar no templo de Deus. Consigam uma recomendação para o templo e considerem-na preciosa, porque realmente é.

Até vocês terem entrado na casa do Senhor e recebido todas as bênçãos que os aguardam ali, não terão obtido tudo o que a Igreja tem a oferecer. As bênçãos mais importantes e sublimes de nossa condição de membros da Igreja são as que recebemos nos templos de Deus.

Agora, vocês, meus jovens amigos que estão na adolescência, tenham



sempre o templo em vista. Não façam nada que os impeça de entrar por suas portas e ali partilhar as bênçãos sagradas e eternas. Elogio aqueles de vocês que já vão ao templo regularmente para realizar batismos pelos mortos, acordando bem cedo pela manhã para poderem participar desses batismos antes da escola. Não consigo imaginar um modo melhor de começar o dia.

Para vocês, pais com filhos pequenos, gostaria de compartilhar um sábio conselho do Presidente Spencer W. Kimball. Ele disse: “Seria muito bom se (...) os pais tivessem em todo cômodo da casa uma gravura do templo para que [seus filhos], desde a infância, pudessem olhar para a gravura todos os dias [até] que ela se tornasse parte de [sua] vida. Quando atingirem a idade em que precisarão tomar a decisão muito importante [referente a irem ao templo], ela já terá sido tomada”.⁶

Nossas crianças cantam na Primária:

*Eu gosto de ver o templo,
Ali eu hei de entrar,
Sentindo o Santo Espírito,
Vou escutar e orar.*⁷

Rogo-lhes que ensinem a seus filhos a importância do templo.

O mundo pode ser um lugar desafiador e difícil de viver. Estamos

frequentemente cercados por coisas que nos arrastam para baixo. Se todos formos à casa sagrada de Deus, se nos lembrarmos dos convênios que nela fizemos, seremos mais capazes de suportar todas as provações e de sobrepujar cada tentação. Nesse santuário sagrado encontraremos paz e seremos renovados e fortalecidos.

Meus irmãos e irmãs, gostaria de mencionar mais um templo antes de terminar. Num futuro não muito distante, à medida que novos templos tomam forma em todo o mundo, um deles vai-se erguer em uma cidade que surgiu há mais de 2.500 anos. Refiro-me ao templo que está sendo construído hoje em Roma, Itália.

Todo templo é uma casa de Deus, cumprindo as mesmas funções e com as mesmas bênçãos e ordenanças. O Templo de Roma Itália, em especial, está sendo construído em um dos lugares mais históricos do mundo, uma cidade onde os antigos Apóstolos Pedro e Paulo pregaram o evangelho de Cristo e foram martirizados.

Em outubro passado, ao reunirmos em um belo cenário pastoril na extremidade nordeste de Roma, tive a oportunidade de proferir uma oração dedicatória, ao preparar-nos para a cerimônia de abertura de terra. Senti-me inspirado a convidar o senador italiano Lucio Malan e o vice-prefeito de Roma, Giuseppe Ciardi, para que fossem uns dos primeiros a revolver a terra com a pá. Os dois participaram da decisão que permitiu-nos construir um templo em sua cidade.

O dia estava nublado, mas quente, e embora ameaçasse chover, não caíram mais do que uma ou duas gotas. Quando o magnífico coro cantou, em italiano, a bela melodia do hino “Tal Como um Facho”, sentimos como se o céu e a Terra se unissem em glorioso hino de louvor e gratidão ao Deus



Élder Richard G. Scott

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Todo-Poderoso. Não pudemos conter as lágrimas.

Dia virá em que os fiéis daquela Cidade Eterna receberão as ordenanças de natureza eterna em uma casa santificada de Deus.

Expresso minha imperecível gratidão a meu Pai Celestial pelo templo que agora está sendo construído em Roma e por todos os nossos templos, onde quer que estejam. Cada um deles é um farol para o mundo, uma expressão de nosso testemunho de que Deus, nosso Pai Eterno, vive, de que Ele deseja dar-nos bênçãos e realmente abençoar Seus filhos e filhas de todas as gerações. Cada um de nossos templos é uma expressão de nosso testemunho de que a vida além da morte é tão real e certa quanto nossa vida aqui na Terra. Disso testifico.

Meus amados irmãos e irmãs, que façamos todo e qualquer sacrifício necessário para frequentar o templo e para ter o espírito do templo em nosso coração e em nosso lar. Que sigamos os passos de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, que fez o maior de todos os sacrifícios por nós para que possamos desfrutar a vida eterna e a exaltação no reino de nosso Pai Celestial. É a minha sincera oração, que ofereço em nome de nosso Salvador, Jesus Cristo, o Senhor. Amém. ■

NOTAS

1. Joseph F. Smith, *Conference Report*, outubro de 1902, p. 3.
2. Ver Vilson Felipe Santiago e Linda Ritchie Archibald, "From Amazon Basin to Temple", *Church News*, 13 de março de 1993, p. 6.
3. Ver C. Jay Larson, "Temple Moments: Impossible Desire", *Church News*, 16 de março de 1996, p. 16.
4. Heber C. Kimball, Orson F. Whitney, *Life of Heber C. Kimball*, 1945, p. 67.
5. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph F. Smith*, 1998, p. 247.
6. *The Teachings of Spencer W. Kimball*, ed. Edward L. Kimball, 1982, p. 301.
7. Janice Kapp Perry, "Eu Gosto de Ver o Templo", *Músicas para Crianças*, p. 99.

As Bênçãos Eternas do Casamento

O selamento no templo adquire maior significado à medida que a vida transcorre. Ele vai ajudá-los a achegarem-se cada vez mais um ao outro e a terem mais alegria e satisfação na mortalidade.

Acredito que a linda mensagem deste magnífico coro seja o padrão de vida de muitos de nós: "[tentar] ser como [Jesus]".

Em 16 de julho de 1953, minha amada Jeanene e eu nos ajoelhamos como jovem casal, em um altar do Templo de Manti, Utah. O Presidente Lewis R. Anderson exerceu a autoridade de selamento e nos declarou marido e mulher, casados por esta vida e por toda a eternidade. Não consigo descrever a paz e a serenidade que advêm da certeza de que, se eu continuar a viver dignamente, poderei estar para sempre com minha amada Jeanene e nossos filhos, graças àquela ordenança sagrada realizada com a devida autoridade do sacerdócio, na casa do Senhor.

Nossos sete filhos são selados a nós pelas ordenanças sagradas do templo. Minha querida esposa, Jeanene, e dois de nossos filhos estão além do véu. Eles são uma forte motivação de vida para todos os membros de nossa

família, a fim de que juntos recebamos todas as bênçãos eternas prometidas no templo.

Dois dos pilares fundamentais que sustentam o plano de felicidade do Pai Celestial são o casamento e a família. Sua nobre importância é ressaltada pelos esforços incansáveis de Satanás em dividir a família e minar o significado das ordenanças do templo, que unem a família para a eternidade. O selamento no templo adquire maior significado à medida que a vida transcorre. Ele vai ajudá-los a achegarem-se cada vez mais um ao outro e a terem mais alegria e satisfação na mortalidade.

Apreendi uma lição importante com minha esposa. Eu viajava muito devido a minha profissão. Eu estive fora por quase duas semanas e voltei para casa em uma manhã de sábado. Tinha quatro horas antes de ter que sair para outra reunião. Percebi que a nossa pequena máquina de lavar havia quebrado e que minha esposa

estava lavando a roupa à mão. Comecei a consertar a máquina.

Jeanene se aproximou e disse: “Rich, o que você está fazendo?”

Eu disse: “Eu estou consertando a máquina de lavar, assim você não precisará fazer isso manualmente”.

Ela disse: “Não. Vá brincar com as crianças”.

Respondi: “Posso brincar com as crianças a qualquer hora. Quero ajudar você”.

Ela então disse: “Richard, por favor, vá brincar com as crianças”.

Quando ela falou comigo com tanta autoridade, obedeci.

Passei um tempo maravilhoso com nossas crianças. Brincamos de pique e rolamos nas folhas caídas de outono. Depois, fui a minha reunião. Provavelmente eu teria esquecido aquela experiência, se não fosse pela lição que ela queria que eu aprendesse.

Na manhã seguinte, por volta das 4 horas da manhã, acordei quando senti dois bracinhos em volta do meu pescoço, um beijo na bochecha e estas palavras sussurradas em meu ouvido, que nunca vou esquecer: “Papai, amo você. Você é meu melhor amigo”.

Se você não está tendo esse tipo de experiência com sua família, está perdendo uma das alegrias mais sublimes da vida.

Se você é um jovem em idade adequada e não está casado, não perca tempo em atividades inúteis. Siga em frente na vida e concentre-se em casar-se. Não fique à toa nesse período da vida. Rapazes, sirvam uma missão digna. Depois, faça com que sua mais alta prioridade seja encontrar uma digna companheira eterna. Quando achar que está desenvolvendo interesse por uma jovem, mostre-lhe que você é uma pessoa excepcional que ela acharia interessante conhecer melhor. Leve-a para

lugares que valem a pena. Mostre uma certa criatividade. Se quer ter uma esposa maravilhosa, você tem de fazê-la ver em você um homem maravilhoso e um marido em perspectiva.

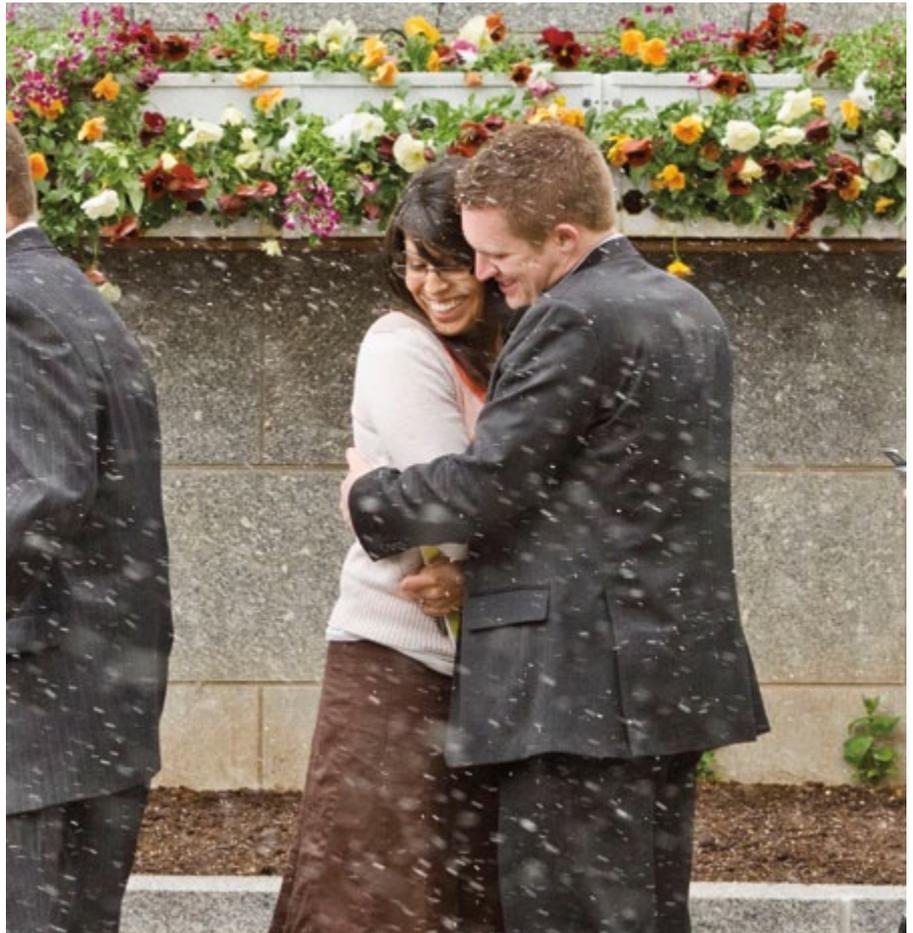
Se encontrou alguém, vocês podem ter um namoro e um casamento extraordinariamente maravilhosos, e serem muitíssimo felizes eternamente, se permanecerem dentro dos limites de dignidade que o Senhor estabeleceu.

Se for casado, você é fiel ao seu cônjuge tanto mental como fisicamente? Você é fiel a seus convênios matrimoniais, de modo a nunca iniciar uma conversa que você não gostaria que sua esposa ouvisse? Você é gentil e solidário com sua esposa e filhos?

Irmãos, vocês lideram as atividades familiares, tais como estudo de escrituras, oração familiar e noite familiar, ou deixam sua esposa preencher o vazio que sua falta de atenção deixa no lar? Vocês dizem frequentemente a sua esposa o quanto a

amam? Isso trará a ela grande felicidade. Já ouvi homens me dizerem quando pergunto isso: “Oh, ela sabe”. Você precisa dizer a ela. Uma mulher cresce e é grandemente abençoada com tal afirmação. Expresse gratidão por aquilo que seu cônjuge faz para você. Expresse esse amor e gratidão com frequência. Isso vai tornar a vida bem mais preciosa, mais agradável e cheia de propósito. Não retenha essas expressões naturais do amor. E funciona muito melhor se você a abraçar quando disser isso a ela.

Apreendi com minha esposa a importância dessas expressões de amor. No início de nosso casamento, muitas vezes eu abria as escrituras para dar uma mensagem em uma reunião e encontrava um bilhete carinhoso de apoio que a Jeanene tinha deixado no meio das páginas. Às vezes eram tão carinhosos que eu mal conseguia falar. Aqueles preciosos bilhetes de uma esposa amorosa foram e continuam a ser um tesouro





inestimável de consolo e inspiração.

Comecei a fazer a mesma coisa, não percebendo o quanto isso realmente significava para ela. Lembro-me de um ano em que não tínhamos recursos para eu lhe dar um presente do Dia dos Namorados, por isso decidi pintar uma aquarela na porta da geladeira. Fiz o melhor que pude, só que cometi um erro. Era tinta esmalte e não aquarela. Ela nunca me deixou tentar remover aquela tinta permanente da geladeira.

Lembro-me de um dia em que peguei alguns daqueles pequenos círculos de papel que se formam quando você fura um papel e escrevi neles os números de 1 a 100. No verso de cada um, escrevi uma mensagem para ela, uma palavra em cada círculo. Depois, juntei-os todos e coloquei-os em um envelope. Achei que seria algo engraçado.

Quando ela faleceu, descobri em meio a suas coisas pessoais o quanto ela apreciava as mensagens simples que compartilhávamos um com o outro. Notei que ela havia colado cuidadosamente cada um daqueles círculos em uma folha de papel. Ela não só havia guardado meus bilhetes para ela, mas os protegera em envelopes de plástico como se fossem um tesouro valioso. Há apenas um que ela não colocou com os outros. Ainda está por trás do vidro do nosso relógio de cozinha. Nele está escrito: “Jeanene, é

hora de dizer que amo você”. Permanece lá e me lembra daquela filha especial do Pai Celestial.

Ao recordar nossa vida juntos, percebo o quanto temos sido abençoados. Não tínhamos desentendimentos em nossa casa nem palavras indelicadas entre nós. Agora compreendo que tal bênção nos adveio por causa dela. Resultou da sua disposição de doar, de partilhar e de nunca pensar em si mesma. Em nossa vida juntos, mais tarde, tentei imitar seu exemplo. Sugiro que, como marido e mulher, façam o mesmo em casa.

O puro amor é um poder incomparavelmente forte para fazer o bem. O amor exercido em retidão é o alicerce de um casamento bem-sucedido. É a principal razão de termos filhos contentes e bem criados. Quem pode medir adequadamente a influência justa do amor de uma mãe? Que frutos duradouros crescem das sementes de verdade que uma mãe planta com cuidado e cultiva com amor no solo fértil da mente e do coração de um filho que nela confia? Como mãe, foram-lhe dados instintos divinos para ajudar você a perceber os talentos especiais e a capacidade sem igual de seu filho. Com seu marido, você pode nutrir, fortalecer e fazer com que esse potencial floresça.

É muito gratificante estar casado. O casamento é maravilhoso. Com o tempo vocês começam a pensar da

mesma forma e têm as mesmas ideias e impressões. Haverá momentos em que estarão extremamente felizes e haverá momentos de provação, mas o Senhor os guiará em todas essas experiências de crescimento conjunto.

Certa noite, nosso filhinho Richard, que tinha um problema cardíaco, acordou chorando. Nós dois ouvimos. Normalmente, minha esposa era quem sempre se levantava para cuidar do bebê chorando, mas daquela vez eu disse: “Eu vou cuidar dele”.

Por causa de seu problema, quando ele começava a chorar, seu coração batia muito rapidamente. Ele vomitava e sujava toda a roupa de cama. Naquela noite, eu o segurei bem perto de mim para tentar acalmar-lhe o coração acelerado e fazê-lo parar de chorar, enquanto trocava sua roupa e o lençol. Segurei-o até ele adormecer. Não sabia então que, apenas alguns meses mais tarde, ele viria a falecer. Sempre me lembrarei de quando o segurei em meus braços no meio da noite.

Lembro-me bem do dia em que ele morreu. Quando Jeanene e eu saímos do hospital, parei o carro junto à calçada. Abracei-a. Choramos um pouco, mas soubemos que poderíamos tê-lo além do véu, por causa dos convênios que fizéramos no templo. Isso fez com que sua morte fosse um pouco mais fácil de aceitar.

A bondade de Jeanene ensinou-me muitas coisas valiosas. Eu era tão imaturo, e ela era tão disciplinada e tão espiritual. O casamento oferece o ambiente ideal para superarmos qualquer tendência que tenhamos de ser egoístas ou egocêntricos. Acho que uma das razões de sermos aconselhados a casar cedo na vida é para evitar o desenvolvimento de traços de caráter impróprios que sejam difíceis de mudar.

Sinto pena de todo homem que ainda não tomou a decisão de buscar uma companheira eterna e dói-me o coração de pensar nas irmãs que não tiveram a oportunidade de se casar. Algumas de vocês podem sentir-se solitárias e pouco valorizadas e talvez não consigam ver como lhes será possível terem as bênçãos do casamento e de filhos, ou sua própria família. Tudo é possível para o Senhor, e Ele cumpre as promessas que inspira Seus profetas a declarar. A eternidade é um longo tempo. Tenham fé nessas promessas e vivam de modo a serem dignas delas, para que a Seu tempo o Senhor as possa tornar realidade em sua vida. Com certeza, vocês receberão todas as bênçãos prometidas das quais forem dignas.

Por favor, perdoem-me por falar de minha preciosa esposa, Jeanene, mas somos uma família eterna. Ela estava sempre alegre e feliz, e muito disso resultava do serviço que prestava às pessoas. Mesmo quando estava bem enferma, em sua oração da manhã, ela pedia ao Pai Celestial que a conduzisse a alguém a quem ela pudesse ajudar. Aquela súplica sincera teve resposta muitas e muitas vezes. Os fardos de muitos foram aliviados. Muitos sentiram mais luz na vida. Ela teve continuamente a bênção de ser um instrumento guiado pelo Senhor.

Sei o que é amar uma filha do Pai Celestial que, com graça e devoção, viveu o pleno esplendor de sua digna feminilidade. Estou confiante de que quando, em nosso futuro, eu a encontrar de novo além do véu, vamos reconhecer que nosso amor se tornou ainda mais profundo. Vamos ter ainda mais afeto um pelo outro, depois de passar esse tempo separados pelo véu. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■



Élder D. Todd Christofferson
Do Quórum dos Doze Apóstolos

“Eu Repreendo e Castigo a Todos Quantos Amo”

A própria experiência da correção duradoura pode refinar-nos e preparar-nos para maiores privilégios espirituais.

Nosso Pai Celestial é um Deus de grandes expectativas. Suas expectativas a nosso respeito foram expressas por Seu Filho, Jesus Cristo, com estas palavras: “Quisera que fôsseis perfeitos, assim como eu ou como o vosso Pai que está nos céus é perfeito” (3 Néfi 12:48). Ele Se propõe a tornar-nos santos, para que possamos “suportar uma glória celestial” (D&C 88:22) e “habitar em Sua presença” (Moisés 6:57). Ele sabe o que é necessário e, por isso, a fim de tornar possível essa transformação, oferece-nos Seus mandamentos e convênios, o dom do Espírito Santo e, o mais importante, a Expição e a Ressurreição de Seu Filho Amado.

Em tudo isso, o propósito de Deus é que nós, Seus filhos, sintamos a alegria suprema, estejamos com Ele eternamente e nos tornemos como Ele é. Há alguns anos, o Élder Dallin H. Oaks explicou: “O julgamento final não é apenas um balanço do total de atos bons e ruins, ou seja, do que fizemos. É a constatação do efeito final de nossos atos e pensamentos, ou

seja, do que nos *tornamos*. Não basta fazer tudo mecanicamente. Os mandamentos, ordenanças e convênios do evangelho não são uma lista de depósitos que precisamos fazer numa conta bancária celestial. O evangelho de Jesus Cristo é um plano que nos mostra como podemos tornar-nos o que nosso Pai Celestial deseja que nos tornemos”.¹

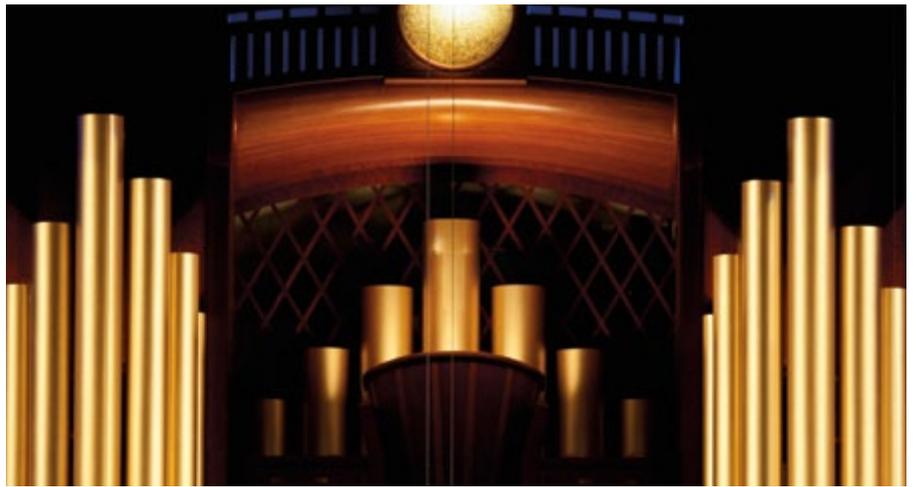
Infelizmente, grande parte do cristianismo moderno não reconhece que Deus faz exigências reais aos que Nele creem, vendo-O antes como um mordomo “que atende as suas necessidades, quando convocado” ou um terapeuta, cujo papel é ajudar as pessoas a “se sentirem bem em relação si mesmas”.² É uma visão religiosa que “não tem a mínima intenção de mudar vidas”.³ Como um autor declara: “Em contraste, o Deus retratado tanto nas escrituras hebraicas quanto nas cristãs exige não apenas um compromisso, mas a nossa própria vida. O Deus da Bíblia lida com a vida e a morte, e não com gentilezas, e exige um amor disposto a sacrifícios, e não uma religião

qualquer que nos pareça agradável”⁴

Gostaria de falar de determinada atitude e prática que precisamos adotar, se quisermos satisfazer as elevadas expectativas de nosso Pai Celestial. É o seguinte: Aceitar de bom grado e até mesmo solicitar a correção. A correção é essencial, se quisermos tornar nossa vida condizente com a de um “homem perfeito, [ou seja], à medida da estatura completa de Cristo” (Efésios 4:13). Paulo disse o seguinte sobre a correção ou repreensão divina: “Porque o Senhor corrige o que ama” (Hebreus 12:6). Embora seja difícil de suportar, devemos realmente ficar felizes por Deus considerar válidos o tempo e o trabalho exigidos para corrigir-nos.

A repreensão divina tem, no mínimo, três propósitos: (1) persuadir-nos a arrependêr-nos, (2) aperfeiçoar-nos e santificar-nos, e (3) às vezes, redirecionar o curso de nossa vida para um caminho que Deus sabe ser melhor.

Consideremos em primeiro lugar o arrependimento, a condição necessária para o perdão e a purificação. O Senhor declarou: “Eu repreendo e castigo a todos quantos amo; sê pois zeloso, e arrepende-te” (Apocalipse 3:19). Novamente, Ele disse: “E meu povo precisa ser corrigido até aprender obediência, ainda que seja pelas coisas que sofre” (D&C 105:6; ver também D&C 1:27). Numa revelação moderna, o Senhor ordenou que quatro líderes importantes da Igreja se arrependessem (como poderia ter ordenado a muitos de nós) por não ensinarem adequadamente os filhos “segundo os mandamentos” e por não serem “mais diligentes e interessados em casa” (D&C 93:41–50). O irmão de Jared no Livro de Mórmon se arrependeu quando o Senhor lhe apareceu em uma nuvem e falou com ele “pelo espaço de três horas (...) e



repreendeu-o por não se ter lembrado de invocar o nome do Senhor” (Éter 2:14). Por ter prontamente respondido àquela severa reprimenda, mais tarde, foi dado ao irmão de Jared o privilégio de ver o Redentor pré-mortal e de ser instruído por Ele (ver Éter 3:6–20). O fruto da repreensão de Deus é o arrependimento que nos conduz à retidão (ver Hebreus 12:11).

Além de estimular nosso arrependimento, a própria experiência da correção duradoura pode refinar-nos e preparar-nos para maiores privilégios espirituais. O Senhor declarou: “Meu povo deve ser provado em todas as coisas a fim de preparar-se para receber a glória que tenho para ele, sim, a glória de Sião; e quem não suporta correção não é digno do meu reino” (D&C 136:31). Em outra ocasião, Ele disse: “Pois todos os que não querem suportar a correção, mas negam-me, não podem ser santificados” (D&C 101:5; ver também Hebreus 12:10). Como disse o Élder Paul V. Johnson esta manhã, devemos tomar cuidado para não nos ressentirmos exatamente com as coisas que vão ajudar-nos a adquirir a natureza divina.

Os seguidores de Alma estabeleceram uma comunidade de Sião em Helã, mas depois foram levados para o cativeiro. Eles não mereciam aquele sofrimento, muito pelo contrário, mas o registro diz:

“Não obstante, o Senhor julga conveniente castigar seu povo; sim, ele prova sua paciência e sua fé.

Entretanto, quem nele confia será

elevado no último dia. E assim foi com este povo” (Mosias 23:21–22).

O Senhor os fortaleceu e aliviou seus fardos até que mal podiam senti-los sobre as costas. Depois disso, no devido tempo, Ele os libertou (ver Mosias 24:8–22). Sua fé foi imensamente fortalecida pelo que passaram, e mesmo depois desfrutaram um vínculo especial com o Senhor.

Deus usa outra forma de repreensão ou correção para nos guiar a um futuro que nem imaginamos agora, mas que Ele sabe que é o melhor caminho para nós. O Presidente Hugh B. Brown, antigo membro dos Doze e conselheiro na Primeira Presidência, compartilhou uma experiência pessoal. Ele conta que, há muitos anos, comprou uma fazenda em precárias condições no Canadá. Ao limpar e consertar sua propriedade, ele se deparou com um pé de groselha que tinha crescido até quase dois metros de altura e não estava dando frutos, por isso ele o podou drasticamente, deixando-lhe apenas pequenos cotos. Então, viu uma gota semelhante a uma lágrima brotando da ponta de cada um daqueles tocos, como se o pé de groselha estivesse chorando, e pareceu-lhe ouvi-lo dizer:

“Como você pôde fazer isso comigo? Eu estava crescendo de maneira tão maravilhosa, (...) mas agora você me reduziu a isto. Todas as plantas do quintal vão olhar para mim com desprezo. (...) Como você teve coragem de fazer isso comigo? Achei que você fosse o jardineiro.”

O Presidente Brown replicou: “Olhe, minha pequena groselheira, eu sou o jardineiro, e sei o que quero que você seja. Eu não queria que você se tornasse uma árvore para dar frutos quaisquer ou sombra. Quero que você seja um pé de groselha e, algum dia, pequena groselheira, quando você estiver carregada de frutos, você vai dizer: ‘Obrigada, Sr. Jardineiro, por amar-me o bastante para podar-me’”.

Anos depois, o Presidente Brown servia na Inglaterra como oficial do exército canadense. Quando um oficial superior sofreu um acidente de batalha, o Presidente Brown estava na fila para ser promovido a general e foi convocado para Londres. Mas, apesar de estar totalmente qualificado, a promoção lhe foi negada por ele ser mórmon. O comandante geral disse, em resumo: “Você merece a nomeação, mas não posso concedê-la a você”. A promoção pela qual o Presidente Brown passara dez anos esperando, orando e se preparando escorregou-lhe por entre os dedos naquele momento, por causa de uma flagrante discriminação. Continuando sua história, o Presidente Brown lembrou:

“Peguei o trem e voltei (...) sentindo-me arrasado e cheio de amargura na alma. (...) Quando cheguei a meu alojamento (...) joguei o quepe na cama. Cerrei os punhos e sacudi as mãos para o céu, dizendo: ‘Como pudeste fazer isso comigo, Deus? Fiz tudo ao meu alcance para qualificar-me. Não há nada que eu pudesse ou devesse ter feito que não fiz. Como fizeste isso comigo?’ Meu ser era uma taça de fel.

Então ouvi uma voz e reconheci-a. Era a minha própria voz, e ela dizia: ‘Eu sou o jardineiro. Sei o que eu quero que você faça’. A amargura saiu de minha alma e caí de joelhos ao

lado da cama para pedir perdão por minha ingratidão. (...)”

E agora, quase 50 anos depois, dirijo-me a Ele e digo: ‘Obrigado, Sr. Jardineiro, por podar-me, por amar-me o bastante para ferir-me.’⁵

Deus sabia em que Hugh B. Brown se tornaria e o que era necessário para que isso acontecesse, e Ele redirecionou o curso de sua vida a fim de prepará-lo para o santo apostolado.

Se desejarmos sinceramente e nos esforçarmos para estar à altura das elevadas expectativas de nosso Pai Celestial, Ele vai assegurar-Se para que recebamos toda a ajuda de que precisamos, seja ela de consolo, fortalecimento ou correção. Se formos receptivos, a correção necessária virá de muitas formas e de muitas fontes. Pode vir no decorrer de nossas orações, à medida que Deus nos falar à mente e ao coração por intermédio do Espírito Santo (ver D&C 8:2). Pode vir na forma de orações que são respondidas com

um “Não”, ou de forma diferente do que esperávamos. A repreensão pode vir ao estudarmos as escrituras e sermos lembrados de deficiências, de desobediência ou simplesmente de assuntos negligenciados.

A correção pode vir por meio de outros, especialmente daqueles que são inspirados por Deus para promover a nossa felicidade. Na Igreja atual, como antigamente, foram chamados apóstolos, profetas, patriarcas, bispos e outros, para “o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo” (Efésios 4:12). Talvez algumas das coisas ditas nesta conferência cheguem a vocês como um chamado ao arrependimento ou uma mudança que vai erguê-los para um lugar mais alto, se for seguido. Podemos ajudar uns aos outros como membros da Igreja. Esse é um dos principais motivos pelos quais o Salvador estabeleceu uma Igreja. Mesmo quando nos deparamos com crítica negativa de pessoas que





não têm consideração ou amor por nós, pode ser útil exercer mansidão suficiente para selecionar algo que possa nos beneficiar.

A correção — espero que gentil — pode vir de um cônjuge. O Élder Richard G. Scott, que acabou de nos falar, lembra uma ocasião no início de seu casamento em que sua esposa, Jeanene, o aconselhou a olhar diretamente para as pessoas ao conversar com elas. “Você olha para o chão, para o teto, para a janela, para todos os lugares, menos nos olhos delas”, ela disse. Ele aceitou de coração aquela gentil repreensão, e isso o tornou bem mais eficaz ao aconselhar e trabalhar com as pessoas. Como alguém que serviu como missionário de tempo integral sob a direção do então Presidente Scott, posso atestar que ele olha diretamente nos olhos ao conversar com as pessoas. Posso também acrescentar que, quando alguém precisa de correção, aquele olhar pode ser muito penetrante.

Os pais podem e devem corrigir e até repreender, para que seus filhos não sejam lançados à deriva, à mercê de um adversário impiedoso e daqueles que o apoiam. O

Presidente Boyd K. Packer comentou que, quando alguém com responsabilidade de corrigir deixa de fazer isso, ele está pensando em si mesmo. Lembrem-se de que a repreensão deve vir no momento certo, com clareza e firmeza, “quando movido pelo Espírito Santo; e depois, mostrando então um amor maior por aquele que repreendeste, para que ele não te julgue seu inimigo” (D&C 121:43).

Lembrem-se de que, se resistirmos à correção, as pessoas podem parar completamente de corrigir-nos, apesar de seu amor por nós. Se repetidamente deixarmos de dar atenção à repreensão de um Deus amoroso, Ele também vai desistir. Ele disse: “Meu Espírito não lutará para sempre com o homem” (Éter 2:15). No final, grande parte de nossa disciplina deve vir de dentro — devemos tornar-nos autodisciplinadores. Uma das maneiras pelas quais nosso saudoso e amado colega, o Élder Joseph B. Wirthlin, tornou-se o discípulo puro e humilde que era, foi por meio da análise de seu desempenho em cada tarefa e designação. Em seu desejo

de agradar a Deus, ele resolveu determinar o que poderia ter feito melhor e, em seguida, diligentemente aplicava cada lição aprendida.

Todos podemos satisfazer as elevadas expectativas de Deus, por maiores ou menores que sejam nossa capacidade e talentos. Morôni afirma: “Se vos negardes a toda iniquidade e amardes a Deus com todo o vosso poder, mente e força, então [a graça de Deus] vos será suficiente; e por sua graça podeis ser perfeitos em Cristo” (Morôni 10:32). É o esforço diligente e dedicado da nossa parte que suscita essa graça que nos capacita e nos dá forças, um esforço que certamente inclui a submissão à mão disciplinadora de Deus e um arrependimento sincero e incondicional. Oremos para receber Sua correção inspirada pelo amor.

Que Deus os ajude em seu empenho de atender às expectativas Dele e lhes conceda a medida plena de felicidade e paz que naturalmente se seguem. Sei que todos podemos tornar-nos um com Deus e com Cristo. De nosso Pai Celestial e Seu Filho Amado e do feliz potencial que temos por causa Deles, presto humilde e confiante testemunho, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Dallin H. Oaks, “O Desafio de Tornar-se,” *A Liahona*, janeiro de 2001, p. 40.
2. Kenda Creasy Dean, *Almost Christian: What the Faith of Our Teenagers Is Telling the American Church* [Quase Cristãos: O Que a Fé Professada por Nossos Adolescentes Está Dizendo à Igreja da América], 2010, p. 17.
3. Dean, *Almost Christian*, 30; ver também Christian Smith e Melinda Lundquist Denton, *Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers* [Em Busca da Alma: A Vida Religiosa e Espiritual dos Adolescentes Norte-americanos], 2005, pp. 118–171.
4. Dean, *Almost Christian*, p. 37.
5. Hugh B. Brown, “O Pé de Groselha,” *A Liahona*, março de 2002, p. 22.



Élder Carl B. Pratt
Dos Setenta

As Mais Ricas Bênçãos do Senhor

Se pagarmos o dízimo fielmente, o Senhor abrirá as janelas do céu e derramará Suas mais ricas bênçãos sobre nós.

Sou grato por antepassados que viveram em retidão e ensinaram os filhos em casa, muito antes que as noites familiares formais existissem. Meus avós maternos chamavam-se Ida Jespersen Whetten e John A. Whetten. Moravam numa vilazinha chamada Colônia Juárez, em Chihuahua, no México. Os filhos da família Whetten aprendiam por preceito e observando o exemplo dos pais.

No início da década de 1920, no México, a vida era difícil. Uma revolução violenta terminara recentemente, havia pouco dinheiro em circulação e a maior parte do que havia era em moedas de prata. As pessoas muitas vezes negociavam à base de troca de bens e serviços.

Certo dia, quase no final do verão, meu avô John chegou em casa depois de fechar um negócio pelo qual recebera 100 pesos em moedas de prata como parte do pagamento. Ele entregou o dinheiro a minha avó Ida, e disse-lhe que aquele dinheiro estava reservado para as despesas escolares dos filhos.

Minha avó ficou contente com o dinheiro, mas lembrou a meu avô que eles ainda não tinham pagado

o dízimo naquele verão. Eles não tinham recebido dinheiro algum, mas minha avó lembrou-lhe que os animais tinham fornecido carne, ovos e leite. A horta e o pomar haviam produzido muitas frutas e hortaliças e eles haviam feito negócios à base de troca, nos quais não entrara dinheiro vivo. Ela sugeriu que entregassem o dinheiro ao bispo para pagar o dízimo.

Meu avô ficou um pouco decepcionado, pois o dinheiro seria de grande ajuda para custear as despesas escolares dos filhos, mas concordou prontamente que era preciso pagar o dízimo. Ele foi ao escritório de dízimos carregando o pesado saco de dinheiro e acertou tudo com o bispo.

Pouco depois, recebeu a notícia de que um rico homem de negócios dos Estados Unidos, chamado Sr. Hord, chegaria na semana seguinte com vários outros homens para passar alguns dias caçando e pescando nas montanhas.

Meu avô foi receber aquele grupo de homens na estação próxima à Colônia Juárez. Levou vários cavalos selados e os animais de carga necessários, já prontos para transportar a bagagem e o equipamento para o

acampamento nas montanhas. Passou a semana seguinte como guia do grupo, tratador dos animais e encarregado do acampamento.

No final da semana, os homens voltaram para a estação onde embarcariam de volta para os Estados Unidos. Nesse dia meu avô John recebeu o pagamento do trabalho que fizera, além de um saco de pesos de prata para cobrir as outras despesas. Depois de pagar os outros homens, meu avô devolveu o dinheiro excedente ao Sr. Hord, que ficou surpreso, pois não esperava que houvesse troco. Ele perguntou a meu avô se todas as despesas haviam sido pagas. Meu avô respondeu que todas as despesas da viagem estavam pagas e que aquele era o dinheiro restante.

O trem apitou. O Sr. Hord virou-se para ir embora, depois, voltou-se de novo para meu avô e jogou-lhe o saco de moedas: “Aqui, leve isso para seus meninos”, ele disse. Meu avô pegou o saco e se pôs a caminho de volta para a Colônia Juárez.

Naquela noite a família se reuniu depois do jantar para ouvir as histórias da viagem; meu avô lembrou-se do saco de moedas, pegou-o e colocou-o na mesa. Disse que não sabia quanto havia ali; então, só por diversão, esvaziaram o saco na mesa, (as moedas formaram um monte bem grande). Depois de contarem tudo, viram que havia exatamente 100 pesos de prata. É claro que todos acharam que a viagem do Sr. Hord foi uma verdadeira bênção. John e seus filhos tinham sido bem pagos, mas os 100 pesos a mais nos lembraram de que aquela fora a exata quantia paga como dízimo na semana anterior. Para alguns, essa seria uma coincidência interessante, mas para a família Whetten essa foi claramente uma lição do Senhor, que lhes ensinou que Ele Se lembra das



promessas que faz a quem paga o dízimo fielmente.

Quando eu era criança adorava essa história por causa da expedição a cavalo e do acampamento nas montanhas para caçar e pescar. E adorava a história porque ela ensinava que, quando obedecemos aos mandamentos, somos abençoados. Todos nós podemos aprender várias coisas sobre o dízimo com ela.

Primeiro, vocês devem ter percebido que o pagamento do dízimo nesse caso não teve relação alguma com uma renda em dinheiro. A família Whetten decidiu usar o primeiro dinheiro que recebeu para pagar o dízimo porque todos tinham vivido bem com o que seus animais, horta e pomar produziram. Fica claro que sentiam estar em dívida com o Senhor pelas bênçãos que receberam.

Isso nos lembra do que fica implícito nas palavras do Senhor, que perguntou: “Roubará o homem a Deus? Todavia vós me roubais”. E as pessoas perguntam: “Em que te roubamos?” E

o Senhor responde estrondosamente: “Nos dízimos e nas ofertas” (Malaquias 3:8). Sim, irmãos e irmãs, naquele verão, há várias décadas, John e Ida Whetten estavam certos: todos temos uma dívida com o Senhor. Não sejamos acusados de roubar a Deus. Sejam honestos e paguem o que devemos ao Senhor. Ele só pede dez por cento. A integridade em pagar nossa dívida ao Senhor nos ajudará a sermos honestos com o próximo.

Outra coisa que percebi nessa história foi que meus avós pagaram o dízimo apesar de serem pobres. Eles conheciam o mandamento do Senhor, aplicaram as escrituras a si mesmos (ver 1 Néfi 19:23–24) e obedeceram a lei. É isso que o Senhor espera de todos de Seu povo. Espera que paguem o dízimo, não por sermos ricos, não do que “sobra” das despesas familiares, mas de acordo com o antigo mandamento, ou seja, das “primícias” de nossa renda, seja ela muita ou pouca. O Senhor ordenou: “As tuas primícias (...) não retardarás” (Êxodo

22:29). Sei por experiência própria que a forma mais certa de pagar o dízimo fielmente é pagá-lo assim que recebo qualquer renda. Na verdade, percebi que não há outra forma.

Aprendemos com meus avós maternos que o dízimo na verdade não é uma questão de dinheiro (...) é uma questão de fé — fé no Senhor, que promete abençoar-nos se guardarmos os mandamentos. Ficou claro que, para John e Ida Whetten, o pagamento do dízimo foi uma demonstração de grande fé. Demonstramos nossa fé no Senhor pagando nosso dízimo. Paguemos o dízimo em primeiro lugar e com honestidade. Ensinemos nossos filhos a pagar o dízimo até da mesada ou de outras fontes de renda, depois, levemo-nos conosco para o acerto do dízimo, para que eles saibam por meio de nosso exemplo e amor pelo Senhor.

Há margem para uma interpretação errônea nessa história de meus avós. Podemos concluir que, uma vez que pagamos o dízimo em dinheiro, o Senhor sempre nos abençoará com dinheiro. Era isso que eu achava quando criança. De lá para cá, aprendi que as coisas não são bem assim. O Senhor promete bênçãos a quem paga o dízimo. Ele promete “abrir as janelas do céu, e (...) derramar sobre [nós] uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a [recolhermos]” (Malaquias 3:10). Testifico que Ele cumpre o que promete e, se pagarmos o dízimo fielmente, não passaremos necessidade — mas, Ele não promete que ficaremos ricos. O dinheiro e as contas bancárias não são as mais ricas bênçãos do Senhor. Ele abençoa-nos com sabedoria para administrar nossos recursos materiais limitados, sabedoria essa que possibilita que vivamos melhor com 90 por cento de nossa renda do que viveríamos com 100 por

cento. Portanto, os fiéis pagadores do dízimo compreendem o que é viver com prudência e tendem a ser mais autoconfiantes.

Aprendi que as mais ricas bênçãos do Senhor são espirituais e, muitas vezes, relacionadas à família, aos amigos e ao evangelho. Com frequência, é como se Ele nos abençoasse com maior sensibilidade à orientação do Espírito Santo, especialmente quanto ao casamento e em questões familiares, como a criação dos filhos. Essa sensibilidade espiritual pode ajudar-nos a ter a bênção da harmonia e paz no lar. O Presidente James E. Faust comentou que o pagamento do dízimo é “um excelente seguro contra o divórcio” (“Como Enriquecer Seu Casamento”, *A Liahona*, abril de 2007, pp. 2–6).

Pagar o dízimo ajuda-nos a desenvolver um coração humilde e submisso, e o coração grato tende a confessar a mão do Senhor em todas as coisas (ver D&C 59:21). O pagamento do dízimo contribui para que desenvolvamos a generosidade, a capacidade de perdoar e a caridade, em um coração repleto do puro amor de Cristo. Passamos a estar sempre ávidos por servir e abençoar o próximo com o coração cheio de obediência e submissão à vontade do Senhor. Quem paga regularmente o dízimo tem sua fé no Senhor Jesus Cristo fortalecida e desenvolve um testemunho firme e duradouro do Seu evangelho e de Sua Igreja. Nenhuma dessas bênçãos é financeira ou material, sob qualquer aspecto, mas certamente estão entre as mais ricas bênçãos do Senhor.

Testifico que, se pagarmos o dízimo fielmente, o Senhor abrirá as janelas do céu e derramará Suas mais ricas bênçãos sobre nós. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■



Élder Lynn G. Robbins
Dos Setenta

“Que Tipo de Homens [e Mulheres] Devereis Ser?”

Que nosso empenho em desenvolver atributos semelhantes aos de Cristo seja bem-sucedido, para que Sua imagem seja gravada em nosso semblante e Seus atributos se manifestem em nossa conduta.

“Ser ou não ser” é realmente uma boa pergunta.¹ O Salvador fez essa pergunta de modo bem mais profundo, tornando-a uma pergunta doutrinária vital para cada um de nós: “Que tipo de homens [e mulheres] deveis *ser*? Em verdade vos digo que deveis ser como *eu sou*” (3 Néfi 27:27; grifo do autor). A primeira pessoa do presente do indicativo do verbo *ser* é *Eu sou*. Ele nos convida a tomar sobre nós Seu nome e Sua natureza.

Para tornar-nos como Ele *é*, precisamos também *fazer* as coisas que Ele *fez*: “Em verdade, em verdade vos digo que este é o meu evangelho; e sabeis o que deveis *fazer* em minha igreja; pois as obras que me vistes *fazer*, essas também *fareis*” (3 Néfi 27:21; grifo do autor).

Ser e *fazer* são coisas inseparáveis. Como doutrinas interdependentes, elas reforçam e promovem uma à outra. A fé inspira a pessoa a orar,

por exemplo, e a oração, por sua vez, fortalece a fé que ela tem.

O Salvador com frequência denunciava os que *faziam* sem *serem*, chamando-os de hipócritas: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Marcos 7:6). *Fazer* sem *ser* é hipocrisia, ou seja, simular o que não é: é ser fingido.

Por outro lado, *ser* sem *fazer* é vazio, como em “a fé, se não tiver as obras, *é morta* em si mesma” (Tiago 2:17; grifo do autor). *Ser* sem *fazer* não é *ser* de verdade: é enganar-nos a nós mesmos, crendo que somos bons, simplesmente por termos boas intenções.

Fazer sem *ser* (hipocrisia) passa uma falsa imagem para os outros, ao passo que *ser* sem *fazer* passa uma imagem falsa para nós mesmos.

O Salvador repreendeu os escribas e fariseus por sua hipocrisia: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que dizimais” — algo que eles

faziam — “a hortelã, o endro e o cominho, e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé” (Mateus 23:23). Em outras palavras, eles não *eram* o que deviam *ser*.

Embora reconhecesse a importância de *fazer*, o Salvador identificou *ser* como “o mais importante”. A importância maior de *ser* é ilustrada nos seguintes exemplos:

- Entrar nas águas do batismo é algo que *fazemos*. O *ser* que precisa vir antes disso é a fé em Jesus Cristo e uma vigorosa mudança no coração.
- Tomar o sacramento é algo que *fazemos*. Ser dignos de tomar o sacramento é algo bem mais sério e importante.
- A ordenação ao sacerdócio é um ato que *fazemos*. A questão mais séria, porém, é o poder no sacerdócio, que se baseia nos “princípios da retidão” (D&C 121:36) ou *ser*.

Muitos elaboram uma lista de coisas a *fazer*, para lembrar-se do que desejam realizar. Mas as pessoas raramente fazem uma lista de coisas que devem *ser*. Por quê? *Fazer* envolve atividades ou acontecimentos que podem ser assinalados na lista, quando estão *feitos*. Ser, porém, nunca acaba. Não há como assinalar como concluídas as coisas que você deve *ser*. Posso levar minha mulher para passear numa bela noite de sexta-feira. Isso é algo que vou *fazer*. Mas *ser* um bom marido não é um evento único: é algo que precisa *ser* parte da minha natureza, do meu caráter, de quem eu sou.

Ou como pais, quando é que podemos assinalar um filho como algo *feito* e acabado? *Ser* bons pais é algo que nunca acaba. E para sermos bons pais, uma das coisas mais importantes que podemos ensinar aos nossos filhos

é como *serem* mais semelhantes ao Salvador.

Não se podem ver os atributos cristãos de que *somos* feitos, mas eles são a força motivadora por trás do que *fazemos*, que é algo que pode ser visto. Quando os pais ajudam um filho a aprender a andar, por exemplo, vemos os pais *fazendo* coisas como segurar ou elogiar o filho. Essas coisas que eles *fazem* revelam o amor que não vemos no coração deles e a sua invisível fé e esperança no potencial do filho. Eles continuam se esforçando dia a dia: uma evidência do quão pacientes e diligentes eles *são*.

Como o *ser* causa o *fazer*, e é o motivo por trás do *fazer*, ensinar a *ser* vai melhorar o comportamento mais do que a ênfase no *fazer*.

Quando os filhos se comportam mal, quando brigam entre si, por exemplo, geralmente direcionamos erroneamente nossa disciplina ao que eles *fizeram* ou na briga que observamos. Mas o *fazer* — o comportamento deles — é apenas um sintoma da motivação invisível que eles têm no coração. Podemos perguntar-nos: “Que atributos, se forem compreendidos pelos filhos, corrigiriam esse comportamento no futuro? Ser paciente e perdoar quando incomodados? Amar e ser pacificadores? Assumir responsabilidade pessoal pelos próprios atos e não pôr a culpa nos outros?”

Como é que os pais ensinam esses atributos aos filhos? Nunca teremos maior oportunidade de ensinar e demonstrar atributos cristãos a nossos filhos do que na maneira como os disciplinamos. O termo *disciplina* deriva da mesma raiz da palavra *discípulo* e implica paciência e ensino da nossa parte. Não deve ser exercida com raiva. Podemos e devemos disciplinar da maneira que Doutrina e Convênios 121 nos ensina: “Com persuasão,

com longanimidade, com brandura e mansidão e com amor não fingido; com bondade e conhecimento puro” (versículos 41–42). Esses são atributos de *ser* cristãos que devem fazer parte de quem *somos*, como pais e discípulos de Cristo.

Por meio da disciplina, o filho aprende a respeito das consequências. Nesses momentos, é útil transformar as coisas negativas em positivas. Se o filho confessar ter feito algo errado, elogie a coragem que teve para confessar. Pergunte ao filho o que ele aprendeu com o erro, dando a vocês, e mais importante, ao Espírito, a oportunidade de tocá-lo e ensiná-lo. Quando lhe ensinamos a doutrina pelo Espírito, essa doutrina tem o poder de mudar a própria natureza dele *ser* ao longo do tempo.

Alma descobriu esse mesmo princípio, que “a pregação da palavra exercia uma grande influência sobre o povo, levando-o a *praticar* [ou fazer] o que era justo — sim, surtia um efeito mais poderoso sobre a mente do povo do que a espada” (Alma 31:5; grifo do autor). Por quê? Porque a espada enfocava somente a punição do comportamento (*fazer*), ao passo que a pregação da palavra mudava a própria natureza das pessoas — quem elas *eram* ou em quem podiam *tornar-se*.

Um filho afável e obediente leva os pais a matricular-se somente no Curso Básico de como ser pais. Se vocês forem abençoados com um filho que ponha sua paciência à prova, então estarão matriculados no Curso Avançado para pais. Em vez de questionar o que fizeram de errado na vida pré-mortal para merecer isso, vocês podem considerar um filho mais desafiador como uma bênção e uma oportunidade para vocês se tornarem mais semelhantes a Deus. Com qual filho sua paciência e longanimidade

e as outras virtudes cristãs têm maior probabilidade de serem testadas, desenvolvidas e refinadas? Quem sabe, vocês precisam desse filho tanto quanto ele precisa de vocês?

Ouvimos o conselho de condenar o pecado, mas não o pecador. Da mesma forma, quando nossos filhos se comportam mal, precisamos tomar cuidado para não dizer coisas que os façam acreditar que aquilo que *fizeram* de errado define quem eles *são*. “Jamais permitam que um fracasso progrida de uma ação para uma identidade, usando rótulos como “burro”, “lerdo”, “preguiçoso” ou “desastrado”.² Nossos filhos são filhos de Deus. Essa é sua verdadeira identidade e seu potencial. O plano Dele é ajudar Seus filhos a sobrepujar os erros e as más ações e a progredir para tornarem-se como Ele *é*. O comportamento decepcionante, portanto, deve ser considerado como algo temporário, e não permanente — um ato, e não uma identidade.

É preciso ter cuidado, portanto, ao usar expressões permanentes como: “Você sempre (...)” ou “Você nunca (...)”, quando estiver corrigindo alguém. Evite em especial expressões como “Você nunca leva em conta o que estou sentindo” ou “Por que você sempre chega atrasado?” Frases como essas fazem as ações parecerem identidade e podem exercer uma influência contrária no autoconhecimento e na autoestima da criança.

A confusão de identidade pode também ocorrer quando perguntamos aos nossos filhos o que querem *ser* quando crescer, como se aquilo que uma pessoa *faz* profissionalmente define o que ela *é*. Nem as profissões nem as coisas que possuímos podem definir a identidade ou o valor pessoal. O Salvador, por exemplo, era um humilde carpinteiro, mas é pouco



provável que isso definiria Sua vida.

Para ajudar nossos filhos a descobrir quem eles são e fortalecer seu valor pessoal, podemos cumprimentá-los devidamente por sua realização ou comportamento: o *fazer*, mas seria ainda mais sábio focar ou elogiar principalmente seu caráter e suas crenças: quem eles *são*.

Nos esportes, um modo sábio de elogiar o desempenho dos filhos — *fazer* — é por meio do ponto de vista do *ser* — como sua energia, perseverança, firmeza diante do adversário, etc. — e assim estaremos elogiando tanto o *ser* quanto o *fazer*.

Quando pedimos a nossos filhos que *façam* certas tarefas, podemos também procurar meios de elogiá-los pelo que eles *são*, como: “Fico tão feliz quando você cumpre suas tarefas de boa vontade”.

Quando os filhos recebem o boletim escolar, podemos elogiá-los por suas boas notas, mas algo que talvez tenha um benefício mais duradouro seria elogiá-los por sua *diligência*: “Você entregou todos os seus deveres. Você é alguém que sabe lidar com coisas difíceis e concluí-las. Estou orgulhoso de você”.

Na hora de ler as escrituras com a família, procurem e discutam exemplos de atributos encontrados na leitura do dia. Uma vez que os atributos semelhantes aos de Cristo são dons de Deus, e não podemos desenvolvê-los sem a ajuda Dele³, orem por esses dons na oração familiar e na pessoal.

À mesa de jantar, conversem de vez em quando sobre atributos, principalmente os que encontraram nas escrituras na leitura da manhã. “De que maneira cada um de vocês foi um bom amigo hoje? Como demonstraram sua solidariedade? De que maneira a fé ajudou vocês a vencer os obstáculos de hoje? De que maneira mostraram que são dignos de confiança? Que são honestos? Generosos? humildes?” Esses são exemplos de atributos encontrados nas escrituras que precisam ser ensinados e aprendidos.

O modo mais importante para ensinar a *ser* é *sermos* o tipo de pais que o Pai Celestial é para nós. Ele é um Pai perfeito e compartilhou conosco Seu manual para pais: as escrituras.

Meu discurso de hoje foi dirigido principalmente aos pais, mas os princípios se aplicam a todos. Que nosso empenho em desenvolver atributos semelhantes aos de Cristo seja bem-sucedido, para que Sua imagem seja gravada em nosso semblante e Seus atributos Se manifestem em nossa conduta. Assim, quando nossos filhos ou outras pessoas sentirem nosso amor e virem nossa conduta, isso os faça achegarem-se a Ele. É minha oração e testemunho, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. William Shakespeare, *Hamlet, Príncipe da Dinamarca*, ato 3, cena 1, linha 56.
2. Carol Dweck, como citado em Joe Kita, “Bounce Back Chronicles,” *Reader's Digest*, maio de 2009, p. 95.
3. Ver *Pregar Meu Evangelho, Guia para o Serviço Missionário*, 2004, p. 121.



Élder Benjamín De Hoyos
Dos Setenta

Chamados para Ser Santos

Quão abençoados somos por termos sido trazidos a esta irmandade de santos dos últimos dias!

Meus queridos irmãos e irmãs, oro para que o Espírito Santo me ajude a transmitir esta mensagem.

Durante minhas visitas e conferências nas estacas, alas e nos ramos, sempre tenho um profundo sentimento de alegria ao encontrar-me com os membros da Igreja, aqueles que são hoje chamados de santos, tal como eram no meridiano dos tempos. O espírito de paz e de amor que sempre sinto, quando estou com eles, ajuda-me a perceber que estou em uma das estacas de Sião.

Embora haja muitos cuja família está na Igreja há duas ou mais gerações, muitos outros são membros recém-conversos. Para esses, repetimos as palavras de boas-vindas do Apóstolo Paulo aos efésios:

“Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus;

Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina” (Efésios 2:19–20).

Há alguns anos, enquanto servia no escritório de assuntos públicos da Igreja no México, fomos convidados

a participar de um programa de entrevistas no rádio. O propósito do programa era descrever e discutir as diversas religiões do mundo. Dois de nós fomos designados a representar a Igreja e a responder às perguntas que fossem feitas durante aquele programa. Depois de vários minutos de intervalos comerciais, como se diz no rádio, o diretor do programa fez o seguinte comentário: “Temos aqui conosco esta noite dois élderes da Igreja de Jesus Cristo dos Santos

dos Últimos Dias”. Ele fez uma pausa, depois perguntou: “Por que a Igreja tem um nome tão comprido? Por que não usam um nome mais curto ou mais comercial?”

Meu companheiro e eu sorrimos ao ouvir uma pergunta magnífica como aquela e começamos a explicar que o nome da Igreja não fora escolhido pelos homens. Foi dado pelo Salvador por intermédio de um profeta nestes últimos dias: “Pois assim será a minha igreja chamada nos últimos dias, sim, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias” (D&C 115:4). O diretor do programa imediatamente replicou de modo respeitoso: “É com grande prazer que o repetimos, então”. Não lembro quantas vezes ele repetiu o significativo nome da Igreja, mas lembro-me do doce espírito que estava presente quando explicamos não apenas o nome da Igreja, mas também como ele se refere aos membros da Igreja: os santos dos últimos dias.

Lemos no Novo Testamento que os membros da Igreja de Jesus Cristo foram chamados de cristãos pela primeira vez em Antioquia (ver Atos 11:26), mas eles se chamavam *uns*

Ushuaia, Argentina



aos outros de santos. Quão emocionante deve ter sido para eles ouvir o Apóstolo Paulo chamá-los de “concidadãos dos santos, e da família de Deus” (Efésios 2:19) e também dizer que eles tinham sido “chamados [para ser] santos” (Romanos 1:7; grifo do autor).

À medida que os membros da Igreja vivem o evangelho e seguem o conselho dos profetas, eles vão, pouco a pouco, até mesmo sem perceber, tornando-se santificados. Os humildes membros da Igreja que realizam diariamente a oração familiar e o estudo das escrituras, que participam do trabalho de história da família e consagram seu tempo para adorar frequentemente no templo, tornam-se santos. Eles são os que se dedicam a criar uma família eterna. Também são os que reservam um tempo de sua vida atarefada para resgatar os que se afastaram da Igreja, incentivando-os a voltar e a sentar-se à mesa do Senhor. Eles são os élderes, as sísteres e os casais idosos que atendem ao chamado de servir como missionários do Senhor. Sim, meus irmãos e irmãs, eles se tornam santos na mesma proporção em que descobrem aquele sentimento cálido e maravilhoso que se chama caridade, ou puro amor de Cristo (ver Morôni 7:42–48).

Os santos, ou membros da Igreja, também passam a conhecer nosso Salvador por meio de aflições e provações. Não nos esqueçamos de que até Ele teve de sofrer todas as coisas. “E tomará sobre si a morte, para soltar as ligaduras da morte que prendem o seu povo; e tomará sobre si as suas enfermidades, para que se lhe encham de misericórdia as entranhas, segundo a carne, para que saiba, segundo a carne, como socorrer seu povo, de acordo com suas enfermidades” (Alma 7:12).



Ao longo dos últimos anos, testemunhei o sofrimento de muitas pessoas, inclusive de muitos de nossos santos. Oramos continuamente por eles, pedindo a intervenção do Senhor para que sua fé não enfraqueça e que eles possam seguir em frente com paciência. Para esses, repetimos as palavras de consolo do profeta Jacó, do Livro de Mórmon:

“Ó, meus amados irmãos, vinde, pois, ao Senhor, o Santo. Lembrai-vos de que seus caminhos são justos. Eis que o caminho para o homem é estreito, mas segue em linha reta adiante dele; e o guardião da porta é o Santo de Israel; e ele ali não usa servo algum, e não há qualquer outra passagem a não ser pela porta; porque ele não pode ser enganado, pois Senhor Deus é o seu nome.

E a quem quer que bata, ele abrirá” (2 Néfi 9:41–42).

Não importam as circunstâncias, provações ou desafios que nos cercuem, a compreensão da doutrina de Cristo e de Sua Expição será a fonte de nossa força e paz. Sim, irmãos e irmãs, é essa tranquilidade interior que é gerada pelo Espírito, e que o Senhor concede a Seus santos fiéis. Ele nos nutre, dizendo: “Deixo-vos a paz. (...) Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (João 14:27).

Há muitos anos sou testemunha da fidelidade dos membros da Igreja, os santos dos últimos dias, que com

fé no plano de nosso Pai Celestial e na Expição de nosso Salvador, Jesus Cristo, sobrepujaram tribulações e aflições, com coragem e grande entusiasmo, perseverando e continuando no caminho reto e apertado da santificação. Faltam-me palavras para expressar minha gratidão e admiração por todos os santos fiéis com quem tive o privilégio de conviver!

Embora nosso entendimento do evangelho não seja tão profundo quanto nosso testemunho de sua veracidade, se depositarmos nossa confiança no Senhor, seremos amparados em todas as nossas dificuldades, provações e aflições (ver Alma 36:3). Essa promessa do Senhor a Seus santos não quer dizer que estaremos livres dos sofrimentos ou das provações, mas que seremos amparados ao atravessá-los e saberemos que é o Senhor Quem nos ampara.

Meus queridos irmãos e irmãs, quão abençoados somos por termos sido trazidos a esta irmandade de santos dos últimos dias! Quão abençoados somos por nosso testemunho do Salvador ser contado com o de profetas antigos e modernos!

Testifico que nosso Senhor, o Santo de Israel, vive e que Ele dirige Sua Igreja, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, por intermédio de nosso amado profeta, Thomas S. Monson. Em nome de nosso Senhor, Jesus Cristo. Amém. ■



Élder C. Scott Grow
Dos Setenta

O Milagre da Expição

Não há pecado ou transgressão, dor ou pesar, que esteja fora do poder de cura de Sua Expição.

Enquanto preparava meu discurso para esta conferência, recebi um telefonema chocante de meu pai. Ele disse que meu irmão mais novo morreria naquela manhã, enquanto dormia. Fiquei de coração partido. Ele tinha apenas 51 anos de idade. Ao pensar nele, senti-me inspirado a compartilhar com vocês alguns acontecimentos de sua vida. Faço isso com permissão.

Quando jovem, meu irmão era bonito, simpático e extrovertido — totalmente dedicado ao evangelho. Depois de servir uma missão honrosa, casou-se com sua namorada no templo. Foram abençoados com um filho e uma filha. Tinha um futuro muito promissor.

Mas então, sucumbiu a uma fraqueza. Decidiu adotar um estilo de vida hedonista, que lhe custou a saúde, seu casamento e sua condição de membro da Igreja.

Mudou-se para longe de casa. Continuou com seu comportamento autodestrutivo por mais de uma década, mas o Salvador não Se esquecera dele nem o abandonara. Por fim, a dor de seu desespero permitiu que um espírito de humildade entrasse

em sua alma. Seu sentimento de raiva, rebelião e oposição começou a desaparecer. Como o filho pródigo, ele “[tornou] em si”.¹ Começou a aproximar-se do Salvador e a tomar o rumo de volta para o lar e para os pais fiéis que nunca desistiram dele.

Ele trilhou o caminho do arrependimento. Não foi fácil. Depois de ficar doze anos fora da Igreja, foi rebatizado e recebeu novamente o dom do Espírito Santo. Seu sacerdócio e as bênçãos do templo foram, por fim, restaurados.

Teve a bênção de encontrar uma mulher disposta a não se importar com os problemas de saúde decorrentes de seu estilo de vida anterior, e eles foram selados no templo. Tiveram dois filhos. Serviu fielmente no bispado por vários anos.

Meu irmão morreu na manhã do dia 7 de março, uma segunda-feira. Na noite da sexta-feira anterior, ele e a mulher foram ao templo. Na manhã de domingo, um dia antes de morrer, ele deu a aula do sacerdócio a seu grupo de sumos sacerdotes. Foi dormir naquela noite, para nunca mais acordar nesta vida — mas para erguer-se na ressurreição dos justos.

Sou grato pelo milagre da Expição na vida de meu irmão. A Expição do Salvador está ao alcance de todos nós, sempre.

Podemos ter acesso à Expição por meio do arrependimento. Quando nos arrependemos, o Senhor permite que deixemos para trás os erros do passado.

“Eis que aquele que se arrependeu de seus pecados é perdoado e eu, o Senhor, deles não mais me lembro.

Desta maneira sabereis se um homem se arrepende de seus pecados — eis que ele os confessará e abandonará”.²

Todos conhecemos alguma pessoa que passou por sérios desafios na vida — alguém que se desviou ou enfraqueceu. Essa pessoa pode ser um amigo ou parente, um pai, mãe ou filho, um marido ou esposa. Essa pessoa pode ser até você.

Falo a todos, até para você. Falo do milagre da Expição.

O Messias veio para redimir os homens da Queda de Adão.³ Tudo no evangelho de Jesus Cristo aponta para o sacrifício expiatório do Messias, o Filho de Deus.⁴

O plano de salvação não poderia ser levado a efeito sem uma Expição. “Portanto o próprio Deus expia os pecados do mundo, para efetuar o plano de misericórdia, para satisfazer os requisitos da justiça, a fim de que Deus seja um Deus perfeito, justo e também um Deus misericordioso.”⁵

O sacrifício expiatório tinha de ser realizado por alguém sem pecado, o Filho de Deus, porque o homem decaído não podia expiar os próprios pecados.⁶ A Expição tinha de ser infinita e eterna — para abranger todos os homens, por toda a eternidade.⁷

Por meio de Seu sofrimento e morte, o Salvador expiou os pecados de todos os homens.⁸ Sua Expição

teve início no Getsêmani e prosseguiu na cruz, culminando com a Ressurreição.

“Sim, [ele] será conduzido, crucificado e morto, a carne sujeitando-se à morte, a vontade do Filho sendo absorvida pela vontade do Pai.”⁹ Por meio de Seu sacrifício expiatório, Ele “[fez] de sua alma uma oferta pelo pecado”.¹⁰

Como Filho Unigênito de Deus, Ele herdou poder sobre a morte física. Isso Lhe permitiu conservar a vida, ao sofrer “[mais] do que o homem pode suportar sem morrer; eis que sairá sangue de cada um de seus poros, tão grande será a sua angústia pelas iniquidades e abominações de seu povo”.¹¹

Ele não apenas pagou o preço dos pecados de todos os homens, mas também tomou “sobre si as dores e as enfermidades de seu povo”. E Ele tomou “sobre si as suas enfermidades, para que se lhe encham de misericórdia as entranhas, (...) para que saiba, segundo a carne, como socorrer seu povo, de acordo com suas enfermidades”.¹²

O Salvador sentiu o peso da angústia de toda a humanidade — a angústia do pecado e do sofrimento. “Certamente ele tomou sobre si nossas dores e carregou nossos pesares.”¹³

Por meio de Sua Expição, Ele cura não apenas o transgressor, mas também o inocente que sofre por causa dessas transgressões. À medida que o inocente exerce fé no Salvador e em Sua Expição, e perdoa o transgressor, ele também pode ser curado.

Há momentos em que todos nós “[precisamos] do alívio do sentimento de culpa causado [pelos] erros e pecados”.¹⁴ Se nos arrependermos, o Salvador removerá a culpa de nossa alma.

Por meio de Seu sacrifício expiatório, somos redimidos. Com exceção



dos filhos de perdição, a Expição está ao alcance de todos, o tempo todo, “sob condição de arrependimento, não importa quão grande ou pequeno tenha sido o pecado”.¹⁵

Por causa de Seu amor infinito, Jesus Cristo nos convida a arrependermos para que não tenhamos de sofrer todo o peso de nossos próprios pecados:

“Arrepende-te] — Arrepende-te, para que (...) teus sofrimentos [não] sejam dolorosos — quão dolorosos tu não sabes, quão intensos tu não sabes, sim, quão difíceis de suportar tu não sabes.

Pois eis que eu, Deus, sofri essas coisas por todos, para que não precisem sofrer caso se arrependam;

Mas se não se arrependem, terão que sofrer assim como eu sofri;

Sufrimento que fez com que eu, Deus, o mais grandioso de todos, tremesse de dor e sangrasse por todos os poros; e sofresse, tanto no corpo como no espírito.”¹⁶

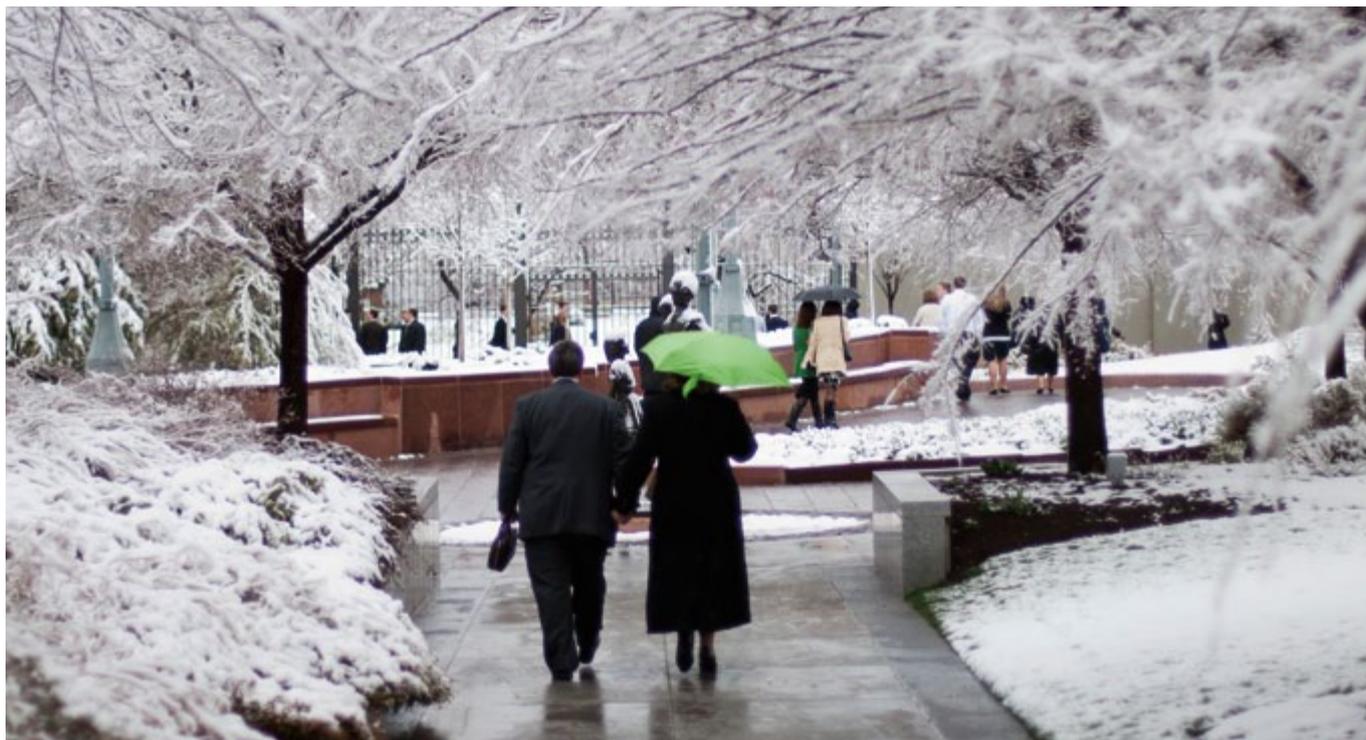
O Salvador oferece cura para os que sofrem devido ao pecado: “Não vovereis a mim agora, arrependendo-vos de vossos pecados e convertendo-vos, para que eu vos cure?”¹⁷

Jesus Cristo é o Grande Médico de nossa alma. Com exceção dos pecados de perdição, não há pecado ou transgressão, dor ou pesar, que esteja fora do alcance do poder de cura de Sua Expição.

Quando pecamos, Satanás nos diz que estamos perdidos. Por outro lado, nosso Redentor oferece redenção a todos, não importa o que tenhamos feito de errado, tanto para vocês quanto para mim.

Ao refletir sobre sua própria vida, há coisas que você precisa mudar? Você cometeu erros que ainda precisam ser corrigidos?

Se estiver tendo sentimentos de culpa, remorso, amargura, ira ou perda de fé, convide-o a buscar alívio. Arrependa-se e abandone seus pecados. Depois, em oração, peça a



Deus que o perdoe. Busque o perdão daqueles que você magoou. Perdoe os que o injuriaram. Perdoe a si mesmo.

Procure o bispo, se necessário. Ele é o mensageiro de misericórdia do Senhor. Ele vai ajudá-lo em sua luta para tornar-se limpo por meio do arrependimento.

Entregue-se à oração e ao estudo das escrituras. Ao fazer isso, sentirá a influência santificadora do Espírito. O Salvador disse: “[Santificai-vos]; sim, purificai o coração e lavai as mãos (...) perante mim, para que eu vos torne limpos”.¹⁸

Ao tornar-nos puros pelo poder de Sua Expição, o Salvador torna-se nosso Advogado junto ao Pai, rogando:

“Pai, contempla os sofrimentos e a morte daquele que não cometeu pecado, em quem te rejubilaste; contempla o sangue de teu Filho, que foi derramado, o sangue daquele que deste para que fosses glorificado;

Portanto, Pai, poupa estes meus irmãos que creem em meu nome, para que venham a mim e tenham vida eterna”.¹⁹

Todos recebemos a dádiva do arbítrio moral. “Os homens são livres (...) para escolher a liberdade e a vida

eterna por meio do grande Mediador de todos os homens, ou para escolherem o cativo e a morte, de acordo com o (...) poder do diabo.”²⁰

Há vários anos, meu irmão exerceu seu arbítrio quando escolheu um estilo de vida que lhe custou a saúde, a família e sua condição de membro da Igreja. Anos depois, ele exerceu esse mesmo arbítrio quando decidiu se arrepender, tornar sua vida condizente com os ensinamentos do Salvador e literalmente nascer de novo por meio do poder da Expição.



Presto testemunho do milagre da Expição. Vi seu poder de cura na vida de meu irmão, e na minha própria vida. O poder de cura e de redenção oferecido pela Expição está ao alcance de todos nós — sempre.

Testifico-lhes que Jesus é o Cristo — o Médico de nossa alma. Oro para que cada um decida aceitar o convite do Salvador: “Não volvereis a mim agora, arrependendo-vos de vossos pecados e convertendo-vos, para que eu vos cure?”²¹ Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Lucas 15:17.
2. Doutrina e Convênios 58:42–43.
3. Ver 2 Néfi 2:25–26.
4. Ver Alma 34:14.
5. Alma 42:15.
6. Ver Alma 34:14.
7. Ver Alma 34:10.
8. Ver Alma 5:14.
9. Mosias 15:7.
10. Mosias 14:10.
11. Mosias 3:7.
12. Alma 7:11–12.
13. Mosias 14:4.
14. *Pregar Meu Evangelho, Guia para o Serviço Missionário*, 2004, p. 2.
15. Doutrina e Convênios 18:12.
16. Doutrina e Convênios 19:15–18.
17. 3 Néfi 9:13.
18. Doutrina e Convênios 88:74.
19. Doutrina e Convênios 45:4–5.
20. 2 Néfi 2:27.
21. 3 Néfi 9:13.



Élder Jeffrey R. Holland
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Um Estandarte entre as Nações

*Se ensinarmos pelo Espírito e você ouvir pelo Espírito,
alguém dentre nós vai abordar a sua situação.*

Fiquei emocionado com cada nota musical cantada e com cada palavra dita até aqui e oro para ser capaz de falar-lhes.

Antes de partir de Nauvoo, no inverno de 1846, o Presidente Brigham Young teve um sonho no qual viu um anjo em pé sobre uma colina cônica, em algum lugar do Oeste, apontando para um vale que ficava abaixo. Quando ele entrou no Vale do Lago Salgado, uns dezoito meses depois, viu na encosta das montanhas, pouco acima de onde estamos reunidos hoje, a mesma elevação que contemplara em sua visão.

Como foi muitas vezes mencionado deste púlpito, o irmão Brigham conduziu um grupo de líderes até o alto da colina e deu-lhe o nome de Pico Ensign, ou pico do estandarte, um nome cheio de significado religioso para aqueles modernos israelitas. Dois mil e quinhentos anos antes, o profeta Isaías declarou que “nos últimos dias se firmará o monte da casa do Senhor no cume dos montes, e se elevará por cima dos outeiros (...) [e ali Ele] levantará um estandarte entre as nações”.¹

Considerando o momento histórico um cumprimento parcial daquela

profecia, os irmãos desejaram hastear ali algum tipo de bandeira para tornar literal o conceito de “um estandarte entre as nações”. O Élder Heber C. Kimball forneceu um lenço amarelo. O irmão Brigham o amarrou à bengala do Élder Willard Richards e fincou no chão a bandeira improvisada, declarando que o vale do Grande Lago Salgado, com as montanhas que o rodeavam, era o lugar profetizado do qual sairia a palavra do Senhor nos últimos dias.

Irmãos e irmãs, esta conferência geral e suas outras versões anuais e semestrais são uma continuação daquela primeira declaração ao mundo. Testifico que os acontecimentos destes últimos dois dias são outra prova de que, como diz nosso hino, “Eis que o estandarte de Sião foi desfraldado”² — e obviamente o duplo sentido da palavra *estandarte* é intencional. Não é por acaso que as mensagens de nossa conferência geral sejam publicadas em inglês em uma revista simplesmente intitulada *Ensign*, que significa “estandarte”.

Ao chegarmos ao término de nossa conferência, peço que reflitam nos próximos dias não apenas sobre as

mensagens que ouviram, mas também sobre o fenômeno inigualável que é a conferência geral em si — que nós como santos dos últimos dias acreditamos que essas conferências são, e que convidamos o mundo a ouvir e a observar nelas. Testificamos a toda nação, tribo, língua e povo que Deus não somente vive, mas que Ele fala, e para nossa época e em nossos dias, o conselho que ouviram é, sob a direção do Santo Espírito, “a vontade do Senhor, (...) a palavra do Senhor, (...) a voz do Senhor e o poder de Deus para a salvação”.³

Talvez já saibam (e se não sabem deveriam saber) que, com raras exceções, a nenhum dos oradores, tanto homens quanto mulheres, é designado um tópico. Cada um tem de jejuar e orar, estudar e buscar, começar, parar e começar novamente, até ter a certeza de que, para esta conferência, nesta ocasião, seu tópico seja o que o Senhor deseja que os oradores abordem, independentemente de seus desejos pessoais ou preferências particulares. Os homens e as mulheres que vocês ouviram nas últimas dez horas de conferência geral procuraram ser fiéis a essa inspiração. Cada um deles chorou, preocupou-se e buscou sinceramente a orientação do Senhor para guiar seus pensamentos e suas palavras. E assim como Brigham Young viu um anjo de pé sobre este lugar, eu também vejo anjos aqui. Meus irmãos e irmãs que fazem parte da liderança geral da Igreja ficarão pouco à vontade com essa descrição, mas é assim que os vejo: mensageiros mortais com mensagens angelicais, homens e mulheres que têm todas as dificuldades físicas, financeiras e familiares que vocês têm, mas que com fé consagraram a vida aos chamados que receberam e ao dever de pregar a palavra de Deus, e não a deles mesmos.



E levando em conta a variedade de mensagens que vocês ouviram, quão milagroso é que elas sejam feitas sem nenhuma coordenação, exceto a orientação do céu. Mas por que elas não seriam variadas? A maior parte de nossas congregações, que vemos aqui ou não, é formada por membros da Igreja. Contudo, com os maravilhosos e novos métodos de comunicação, um público cada vez maior de nossa conferência não é de membros da Igreja — ainda. Por isso devo falar aos que nos conhecem muito bem, e aos que nos desconhecem inteiramente. Somente dentro da Igreja precisamos falar às crianças, aos jovens e jovens adultos, aos de meia-idade e aos idosos. Precisamos falar às famílias e aos pais com filhos no lar, ao mesmo tempo em que falamos aos solteiros, sem filhos, e talvez aos que estão bem distantes do lar. No transcorrer de uma conferência geral, sempre enfatizamos as verdades eternas da fé, da esperança, da caridade⁴ e do Cristo crucificado⁵, ao mesmo tempo em que abordamos diretamente as questões morais específicas de nossos dias. Nas escrituras, recebemos o mandamento de “[não pregar] coisa alguma a esta geração, a não ser arrependimento”,⁶ ao mesmo tempo em que devemos pregar “boas novas aos mansos [e] (...) restaurar os contritos de coração”.

Seja da forma que for, estas mensagens da conferência “[proclamam] liberdade aos cativos”⁷ e declaram “as riquezas incompreensíveis de Cristo”.⁸ Na grande variedade de sermões proferidos, presume-se que haverá algo para cada um. A esse respeito, acho que o Presidente Harold B. Lee foi o que melhor expressou esse conceito, ao dizer: “Este evangelho é para confortar os aflitos e afligir os confortáveis”.⁹

Sempre queremos que os ensinamentos que transmitimos na conferência geral sejam tão generosos e convidativos quanto os que Cristo ensinou originalmente, lembrando, ao fazê-lo, a disciplina que era inerente a Suas mensagens. No mais famoso sermão já feito, Jesus começou proferindo bênçãos, maravilhosamente generosas, que todos desejamos receber: bênçãos prometidas aos pobres de espírito, aos puros de coração, aos pacificadores, aos mansos.¹⁰ Quão edificantes são essas Bem-Aventuranças e quão consoladoras para a alma! Elas são verdadeiras. Mas, naquele mesmo sermão, o Salvador prosseguiu, mostrando quão progressivamente estreito seria o caminho do pacificador e do puro de coração. “Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás”, comentou Ele. “Eu, porém, vos digo que qualquer que

(...) se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo.”¹¹

E semelhantemente:

“Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério.

Eu, porém, vos digo, que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela”.¹²

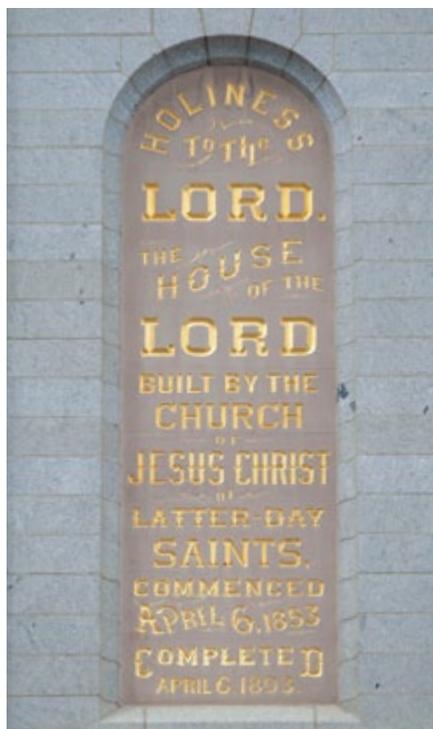
Obviamente, à medida que o caminho do discipulado ascende, ele se torna cada vez mais estreito, até chegarmos ao intimidador pináculo do sermão, sobre o qual o Élder Christofferson falou: “Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus”.¹³ O que era suave nos primeiros degraus da lealdade torna-se profundamente árduo e muito exigente no topo do verdadeiro discipulado. É evidente que se alguém achou que Jesus não ensinou que prestaremos conta dos nossos pecados, não leu as escrituras com atenção. Não: em questões de discipulado, a Igreja não é uma lanchonete, onde podemos pedir o que quisermos. Algum dia, *todo* joelho dobrará e *toda* língua confessará que Jesus é o Cristo, e que a salvação somente vem por meio *Dele*.¹⁴

Por querermos abordar tanto os aspectos severos quanto os consoladores em nossas mensagens na conferência geral, estejam certos de que, quando falamos de assuntos difíceis, não achamos que todo mundo está vendo pornografia, fugindo do casamento ou tendo relações sexuais ilícitas. Sabemos que nem todos quebram o Dia do Senhor ou prestam falso testemunho ou maltratam o cônjuge. Sabemos que a maior parte de nosso público *não* é culpada dessas coisas, mas temos o solene encargo de advertir aqueles que são, onde quer que estejam no mundo. Portanto, se você está procurando fazer o melhor que pode — se, por

exemplo, estiver tentando realizar a noite familiar apesar da bagunça que às vezes reina numa família cheia de bagunceirinhos — então dê a si mesmo uma nota alta nesse assunto e procure ouvir outro discurso que aborde algo que você talvez esteja precisando melhorar. Se ensinarmos pelo Espírito e você ouvir pelo Espírito, alguém dentre nós vai abordar a sua situação, enviando uma epístola profética pessoal especialmente para você.

Irmãos e irmãs, na conferência geral, estamos apenas unindo nosso testemunho ao de outros que virão, porque de uma forma ou de outra, Deus *fará* Sua voz ser ouvida. O Senhor disse a Seus profetas: “Eis que vos enviei para testificar e advertir o povo”.¹⁵

“[E] depois de vosso testemunho vem o testemunho de terremotos, (...) de trovões (...), relâmpagos e (...) tempestades e da voz das ondas do mar, arremessando-se além de seus limites. (...)”



Bucareste, Romênia

E anjos (...) [clamarão] em alta voz, soando a trombeta de Deus.”¹⁶

Os anjos mortais que subiram a este púlpito, cada um a sua maneira, “soaram a trombeta de Deus”. Cada sermão proferido foi, por definição, tanto um testemunho de amor quanto uma advertência, assim como a própria natureza vai testificar com amor e advertência nos últimos dias.

Daqui a pouco, o Presidente Thomas S. Monson virá ao púlpito para encerrar esta conferência. Gostaria de dizer algo pessoal sobre esse amado homem, o Apóstolo sênior e o profeta dos dias em que vivemos hoje. Dadas as responsabilidades que mencionei, e tudo o que você ouviu nesta conferência, é óbvio que a vida dos profetas não é fácil, e a vida do Presidente Monson também não. Ele se referiu a isso especificamente ontem à noite, na reunião do sacerdócio. Ele foi chamado para o apostolado aos 36 anos, quando seus filhos tinham doze, nove e quatro anos, respectivamente. A irmã Monson e aqueles filhos doaram seu marido e pai para a Igreja e para seus deveres, já por mais de 50 anos. Suportaram as enfermidades e exigências, os problemas e as dificuldades da mortalidade que todos enfrentam, alguns dos quais, sem dúvida, ainda estão por vir. Mas o Presidente Monson continua irremediavelmente alegre em meio a tudo isso. Nada o desanima. Ele tem uma fé e uma energia extraordinárias.

Presidente, em nome de toda esta congregação, os que estão aqui e em outros lugares, digo que o amamos e o honramos. Sua devoção é um exemplo para todos nós. Agradecemos sua liderança. Quatorze outros que possuem o ofício apostólico, além de outros que estão neste púlpito, os que estão sentados na congregação e inúmeras pessoas reunidas ao redor do mundo o amam, o apoiam e se empenham com você neste trabalho. Queremos aliviar sua carga da maneira que pudermos. Você é um dos mensageiros angélicos chamados antes da fundação do mundo para acenar o estandarte do evangelho de Jesus Cristo para o mundo inteiro. Está fazendo um trabalho magnífico. Presto testemunho do evangelho que está sendo declarado, da salvação que ele proporciona e Daquele que tornou tudo isso possível, no nome grande e glorioso do Senhor Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Isaías 2:2; 11:12.
2. “The Morning Breaks”, *Hymns* n° 1.
3. Doutrina e Convênios 68:4.
4. Ver I Coríntios 13:16.
5. Ver I Coríntios 1:23.
6. Doutrina e Convênios 6:9; 11:9.
7. Isaías 61:1.
8. Efésios 3:8.
9. Ver Harold B. Lee, “The Message”, *New Era*, janeiro de 1971, p. 6.
10. Ver Mateus 5:3–12.
11. Mateus 5:21–22; ver também 3 Néfi 12:22.
12. Mateus 5:27–28.
13. Mateus 5:48.
14. Ver Romanos 14:11; Mosias 27:31.
15. Doutrina e Convênios 88:81.
16. Doutrina e Convênios 88:89–90, 92.



Presidente Thomas S. Monson

Ao Despedir-nos

Nenhum de nós pode conceber o pleno significado do que Cristo fez por nós no Getsêmani, mas agradeço todos os dias da minha vida por Seu sacrifício expiatório.

Meus irmãos e irmãs, meu coração está repleto ao chegarmos ao final desta conferência. Sentimos o Espírito do Senhor com grande abundância. Expresso minha gratidão e a dos membros da Igreja do mundo inteiro a cada um dos que participaram, inclusive aqueles que proferiram orações. Que possamos lembrar por muito tempo das mensagens que ouvimos. Ao recebermos as revistas *Ensign* e *A Liahona*, que conterão essas mensagens por escrito, que as leiamos e estudemos.

Mais uma vez a música foi maravilhosa em todas as sessões. Expresso meu agradecimento pessoal por todos os que se dispuseram a partilhar conosco seu talento, tocando-nos e inspirando-nos.

Apoiamos, com a mão erguida, os irmãos que foram chamados para novos cargos durante esta conferência. Queremos que eles saibam que estamos ansiosos por trabalhar com eles na causa do Mestre.

Expresso meu amor e gratidão por meus conselheiros dedicados, o Presidente Henry B. Eyring e o Presidente Dieter F. Uchtdorf. Eles são homens de sabedoria e entendimento. Seu serviço é de

valor inestimável. Amo e apoio meus irmãos do Quórum dos Doze Apóstolos. Eles servem de maneira extremamente eficaz e são completamente dedicados ao trabalho. Também expresso o meu amor aos membros dos Setenta e do Bispado Presidente.

Enfrentamos muitos desafios no mundo atual, mas asseguro-lhes que nosso Pai Celestial Se lembra de nós. Ele ama cada um de nós e vai abençoar-nos, se O buscarmos por meio da oração e nos esforçarmos para guardar Seus mandamentos.

Somos uma Igreja mundial. Há membros da Igreja no mundo inteiro. Que sejamos bons cidadãos das nações em que vivemos e bons vizinhos em nossa comunidade, estendendo a mão para pessoas de outras religiões, bem como para nossos próprios membros. Que sejamos exemplos de honestidade e integridade, onde quer que estejamos e em tudo o que fizermos.

Obrigado por suas orações por mim, irmãos e irmãs, e por todas as Autoridades Gerais da Igreja. Somos profundamente gratos a vocês por tudo o que fazem para promover a obra do Senhor.

Ao retornarem para casa, que o

façam em segurança. Que as bênçãos do céu estejam sobre vocês.

Agora, antes de partir, quero compartilhar com vocês meu amor pelo Salvador e por Seu grande sacrifício expiatório por nós. Daqui a três semanas o mundo cristão vai comemorar a Páscoa. Creio que nenhum de nós pode conceber o pleno significado do que Cristo fez por nós no Getsêmani, mas agradeço todos os dias da minha vida por Seu sacrifício expiatório por nós.

No último momento, Ele poderia ter desistido. Mas não o fez. Ele desceu abaixo de todas as coisas para poder salvar todas as coisas. Ao fazer isso, Ele deu-nos vida além desta existência mortal. Ele resgatou-nos da Queda de Adão.

Das profundezas de minha alma, sou grato a Ele. Ele ensinou-nos a viver. Ele ensinou-nos a morrer. Ele garantiu nossa salvação.

Para encerrar, compartilho com vocês as tocantes palavras escritas por Emily Harris que descrevem tão bem os meus sentimentos quando chega a Páscoa:

Nada há no lençol que antes

O envolvia.

Está lá,

Fresco, branco e limpo.

A porta está aberta.

A pedra foi rolada para o lado,

Quase posso ouvir os anjos

cantando-lhe louvores.

O lençol não pôde retê-lo.

A pedra não pôde prendê-lo.

As palavras ecoam pela câmara de
pedra vazia,

“Ele não está aqui.”

Nada há agora no lençol que antes

O envolvia.

Está lá,

Fresco, branco e limpo

E, oh, aleluia, nele nada há.¹

Bênçãos para vocês, meus irmãos e irmãs. Em nome de Jesus Cristo, nosso Salvador. Amém. ■

NOTA

1. Emily Harris, "Empty Linen," *New Era*, abril de 2011, p. 49



Ann M. Dibb

Segunda Conselheira na Presidência Geral das Moças

Creio em Ser Honesta e Verdadeira

O fato de sermos verdadeiras e fiéis a nossas crenças, mesmo que isso não seja bem visto pela maioria, é algo que nos mantém seguras no caminho que conduz à vida eterna com nosso Pai Celestial.

Minhas queridas jovens, é um grande privilégio e oportunidade, para mim, estar diante de vocês nesta noite. Vocês são uma visão impressionante e inspiradora.

A décima terceira Regra de Fé é o Tema da Mutual de 2011. Ao participar de reuniões de jovens e de reuniões sacramentais neste ano, ouvi rapazes e moças compartilharem o que a décima terceira Regra de Fé significa para eles e como ela se aplica à vida deles. Há muitos que sabem que ela é a última Regra de Fé, a mais comprida, a mais difícil de decorar e a Regra de Fé que eles esperam que o bispo não lhes peça para recitar. Contudo, muitas de vocês também entendem que a décima terceira Regra de Fé é bem mais que isso.

A décima terceira Regra de Fé é um guia para uma vida cristã justa. Imaginem como seria nosso mundo se todos decidissem viver de acordo com os ensinamentos contidos na décima terceira Regra de Fé: "Cremos em ser

honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens; na realidade, podemos dizer que seguimos a admoestação de Paulo: Cremos em todas as coisas, confiamos em todas as coisas, suportamos muitas coisas e esperamos ter a capacidade de tudo suportar. Se houver qualquer coisa virtuosa, amável, de boa fama ou louvável, nós a procuraremos".

No primeiro discurso que o Presidente Thomas S. Monson proferiu como profeta, na sessão de domingo da conferência geral, ele citou a admoestação de Paulo que se encontra em Filipenses 4:8, que inspirou muitos dos princípios contidos na décima terceira Regra de Fé. O Presidente Monson reconheceu os tempos difíceis em que vivemos e nos incentivou, dizendo: "Nesta difícil jornada pela mortalidade, sigamos esse conselho do Apóstolo Paulo, que ajudará a manter-nos no caminho seguro".¹



Montalban, Filipinas

Gostaria hoje de focar dois princípios intimamente relacionados da décima terceira Regra de Fé que, sem dúvida, ajudam-nos a “manter-nos no caminho seguro”. Tenho um forte testemunho e a determinação de seguir o importante princípio de ser honesta e verdadeira.

Em primeiro lugar, “[Creio] em ser [honesto]”. O que significa sermos honestos? O livretinho *Sempre Fiéis* ensina: “Ser honesto significa ser sincero, verdadeiro e sem falsidade em todas as situações”.² A honestidade é um mandamento de Deus,³ e “é necessário que sejamos completamente honestos para conseguir a salvação”.⁴

O Presidente Howard W. Hunter ensinou que precisamos estar dispostos a ser estritamente honestos. Ele disse:

“Há vários anos havia cartazes nos corredores e saguões de nossas capelas intitulados: ‘Sejam Honestos Consigo Mesmos’. A maioria deles referia-se às coisas pequenas e comuns da vida. É nessas coisas que o princípio da honestidade é cultivado.

Há pessoas que reconhecem que é moralmente errado ser desonesto nas grandes coisas, mas acreditam que é perdoável se as coisas tiverem pouca importância. Será que existe realmente alguma diferença entre a desonestidade que envolve mil dólares e a que envolve apenas dez centavos? (...)

Será que existem realmente níveis de desonestidade, dependendo de o assunto ser grande ou pequeno?”

O Presidente Hunter prossegue, dizendo: “Se quisermos ter a companhia do Mestre e do Espírito Santo, precisamos ser honestos com nós mesmos, com Deus e com nosso próximo. Isso proporciona a verdadeira alegria”.⁵

Se formos honestos em todas as coisas, tanto grandes quanto pequenas, teremos paz na mente e uma consciência tranquila. Nosso relacionamento com as pessoas é enriquecido porque se baseia na confiança. E a maior bênção da honestidade é que podemos ter a companhia do Espírito Santo.

Gostaria de contar uma história simples que fortaleceu minha determinação de ser honesta em todas as coisas:

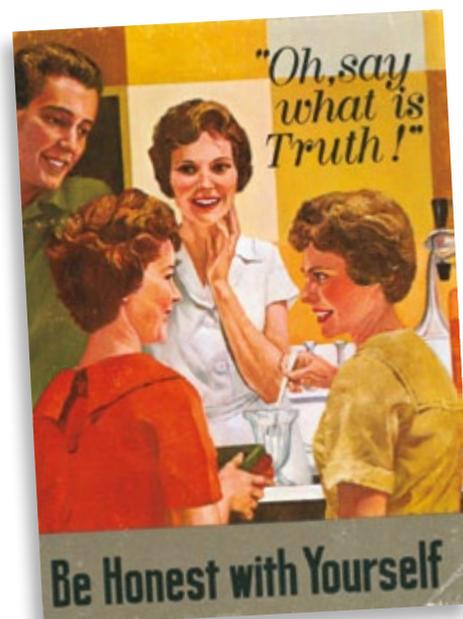
“Um homem foi certa noite roubar milho no campo do vizinho. Levou com ele seu filhinho para que este se sentasse na cerca e ficasse de vigia, para alertá-lo caso alguém aparecesse. O homem pulou a cerca levando nos braços uma grande sacola, e antes de começar a pegar o milho, olhou em volta, primeiro para um lado e depois para o outro. Como não viu ninguém, estava prestes a começar a encher a sacola”. (...) [Então o menino gritou]:

“Pai, você se esqueceu de olhar um lado! (...) Esqueceu de olhar para cima”.⁶

Quando somos tentadas a ser desonestas — e todas estamos sujeitas a essa tentação — podemos supor que ninguém vai ficar sabendo. Essa história nos lembra que nosso Pai Celestial sempre sabe, e que, no final, teremos de prestar contas a Ele. Esse conhecimento me ajuda a esforçar-me continuamente para viver de acordo com este compromisso: “[Creio] em ser honesta”.

O segundo princípio ensinado na décima terceira Regra de Fé é: “[Creio] em ser verdadeira”. O dicionário define a palavra *verdadeiro* como “genuíno”, “fiel”, “exato” ou “sem distorções”.⁷

Um de meus livros favoritos da literatura inglesa é *Jane Eyre*, escrito por Charlotte Brontë e publicado em 1847. A personagem principal, Jane Eyre, é uma pobre órfã adolescente que é um exemplo do que significa “ser verdadeira”. Nesse relato fictício, um homem, o senhor Rochester, ama a senhorita Eyre, mas não pode casar-se com ela. Em vez disso, ele pede à senhorita Eyre que more com ele, sem o benefício do casamento. A senhorita



Eyre também ama o senhor Rochester e, por um momento, sente-se tentada, perguntando a si mesma: “Quem neste mundo se importa com *você*? Ou quem será prejudicado pelo que você fizer?”

Rapidamente, a consciência de Jane responde: “*Eu* me preocupo comigo. Quanto mais solitária, quanto mais sem amigos, quanto menos apoio eu tiver, mais respeito terei por mim mesma. Vou cumprir a lei dada por Deus; (...) As leis e os princípios não são para os momentos em que não há tentação: são para momentos como esse. (...) Se para minha conveniência eu os violar, de que valeriam? Eles têm valor. Sempre acreditei nisso. (...) As opiniões que formei, as decisões que tomei, isso é tudo que tenho neste instante para me firmar: essa é minha base de apoio”.⁸

Em um momento desesperador de tentação, Jane Eyre foi verdadeira e fiel a suas crenças, confiou na lei dada por Deus e “firmou-se”, resistindo à tentação.

O fato de sermos verdadeiras e fiéis a nossas crenças, mesmo que isso não seja bem visto pela maioria, é algo que nos mantém seguras no caminho que conduz à vida eterna com nosso Pai Celestial. Adoro este desenho feito por uma jovem para lembrá-la de seu desejo de ter a alegria de viver com o Pai Celestial para sempre.



O fato de sermos verdadeiras também nos permite exercer uma influência positiva na vida das outras pessoas. Recentemente ouvi a história



inspiradora de uma jovem que, graças a sua determinação de ser verdadeira e fiel a suas crenças, exerceu grande influência na vida de outra jovem.

Há vários anos, Kristi e Jenn participavam juntas do mesmo coro no Ensino Médio, em Hurst, Texas. Embora uma não conhecesse a outra muito bem, Jenn ouviu Kristi conversando com as amigas, certo dia, sobre religião, suas várias crenças e histórias favoritas da Bíblia. Recentemente, ao voltar a encontrar-se com Kristi, Jenn contou esta história:

“Senti-me triste por não saber nada a respeito do que você e suas amigas conversavam, por isso pedi a meus pais uma Bíblia de presente de Natal. Ganhei a Bíblia e comecei a ler. Esse foi o início de minha jornada religiosa e minha busca pela Igreja verdadeira. (...) Doze anos se passaram. Nesse período, visitei diversas igrejas e até passei a frequentar uma regularmente, mas ainda sentia falta de alguma coisa. Certa noite, caí de joelhos e supliquei para saber o que fazer. Naquela noite, sonhei com você, Kristi. Não a via desde que nos formamos no Ensino Médio. Achei meu sonho estranho, mas não o atribuí a coisa alguma. Sonhei

com você novamente nas três noites seguintes. Passei um tempo pensando no significado desses sonhos. Lembrei que você era mórmon. Consultei o site mórmon. A primeira coisa que encontrei foi a Palavra de Sabedoria. Minha mãe tinha morrido de câncer no pulmão dois anos antes. Ela tinha sido fumante, e quando li a respeito da Palavra de Sabedoria, aquilo realmente me tocou. Mais tarde, fui visitar meu pai. Estava sentada na sala de estar dele e comecei a orar. Pedi para saber aonde ir e o que fazer. Naquele momento, apareceu um comercial da Igreja na televisão. Anotei o número e liguei naquela mesma noite. Os missionários me ligaram três dias depois e perguntaram se poderiam deixar comigo um Livro de Mórmon. Eu disse que sim. Fui batizada três meses e meio depois. Dois anos depois, conheci meu marido na Igreja. Nós nos casamos no Templo de Dallas. Agora, temos dois lindos filhinhos.

Queria agradecer a você, Kristi. Você me deu um exemplo maravilhoso durante todo o Ensino Médio. Você era bondosa e virtuosa. Os missionários me ensinaram as lições e me convidaram para ser batizada, mas

Você foi minha terceira missionária. Você plantou uma semente por meio de suas ações, e realmente tornou minha vida melhor. Tenho uma família eterna agora. Meus filhos vão crescer com o conhecimento da plenitude do evangelho. É a maior bênção que alguém pode receber. Você ajudou a trazer essas coisas para minha vida”.

Quando conversamos, Kristi me disse: “Às vezes acho que ouvimos a lista de atributos descritos na décima terceira Regra de Fé e nos sentimos sobrecarregadas. No entanto, sei que, se vivermos esses padrões e seguirmos o exemplo de Cristo, poderemos fazer coisas muito importantes. (...) Sinto-me como Amon, em Alma 26:3, quando ele disse: “E esta é a bênção que nos foi concedida: que fomos transformados em instrumentos nas mãos de Deus, para realizar esta grande obra”.

É minha oração que cada uma de vocês não apenas declare “Creio em ser honesta e verdadeira”, mas que vocês também assumam o compromisso de viver essa promessa todos os dias. Oro para que, ao fazerem isso, a força, o amor e as bênçãos do Pai Celestial as sustentem, ao realizarem a obra para a qual foram enviadas a este mundo. Digo essas coisas em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Thomas S. Monson, “Olhar para Trás e Seguir em Frente”, *A Liahona*, maio de 2008, p. 87.
2. *Sempre Fiéis*, 2004, p. 98.
3. Ver Êxodo 20:15–16.
4. *Princípios do Evangelho*, 2009, pp. 186–190.
5. Howard W. Hunter, “Basic Concepts of Honesty”, *New Era*, fevereiro de 1978, pp. 4–5.
6. William J. Scott, “Forgot to Look Up”, *Scott’s Monthly Magazine*, dezembro de 1867, p. 953.
7. Ver *Merriam-Webster’s Collegiate Dictionary*, 11ª ed., 2003, “true.”
8. Charlotte Brontë, *Jane Eyre*, 2003, p. 356.



Mary N. Cook

Primeira Conselheira na Presidência Geral das Moças

“A Bondade por Mim Começará”

A benevolência pode proporcionar alegria e união em seu lar, sua classe, sua ala e sua escola.

Há poucas semanas, aprendi uma importante lição com uma Laurel que fez um discurso em minha ala. Fiquei tocada ao vê-la ensinar e testificar a respeito de Cristo com toda a confiança. Ela terminou seu discurso com a seguinte declaração: “Quando faço de Cristo o centro de minha vida, meu dia é melhor, sou mais bondosa com meus entes queridos e sinto-me cheia de alegria”.

Tenho observado essa jovem à distância nos últimos meses. Ela cumprimenta todos com um brilho no olhar e um sorriso espontâneo. Eu a vi regozijar-se com o sucesso de outros jovens. Duas meninas-moças recentemente me contaram que aquela jovem decidiu jogar fora sua entrada de cinema quando percebeu que o filme não seria uma experiência “virtuosa e amável”.¹ Ela é amorosa, bondosa e obediente. Ela mora somente com a mãe, e sua vida não foi livre de desafios, de modo que me perguntava de que maneira ela mantinha aquele espírito feliz e bondoso. Quando aquela jovem testificou: “Centralizo minha vida em Jesus Cristo”, encontrei a resposta.

“Cremos em ser honestos,

verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens.” Essa bela lista de atributos cristãos, encontrada na décima terceira Regra de Fé, vai preparar-nos para as bênçãos do templo e para a vida eterna.

Gostaria de concentrar-me em apenas uma dessas palavras: *benevolentes*. *Benevolente* é uma palavra adorável que não ouvimos com frequência. Deriva do latim e significa “desejar o bem para alguém”.² Ser benevolente é ser bondoso, bem-intencionado e caridoso. Muitas de vocês aprenderam o significado da benevolência quando estavam na Primária e decoraram este hino:

*Bondoso serei com todo ser,
No agir e no falar
E por isso eu digo: “A bondade
Por mim começará”.³*

Nosso Salvador nos ensinou e viveu uma vida benevolente. Jesus amava a todos e servia a todos. Quando centralizamos nossa vida em Jesus Cristo, isso nos ajuda a adquirir esse atributo da benevolência. Para desenvolvermos esses mesmos



atributos cristãos, precisamos aprender sobre o Salvador e “seguir Seu caminho”.⁴

Na parábola do bom samaritano aprendemos que devemos amar a todos. A história começa no capítulo 10 do livro de Lucas, quando um doutor da lei perguntou ao Salvador: “Que farei para herdar a vida eterna?”

A resposta: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo”.

O doutor da lei então perguntou: “Quem é meu próximo?” É interessante que o doutor da lei tenha feito essa pergunta, porque os judeus tinham por vizinhos ao norte os samaritanos, de quem eles não gostavam,

a ponto de, quando viajavam de Jerusalém para a Galileia, tomarem um caminho mais longo pelo vale do Jordão, em vez de passarem por Samaria.

Jesus respondeu à pergunta do doutor da lei contando a parábola do bom samaritano. De acordo com a parábola:

“Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram, e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto.(...)”

Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão;

E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalcadura,

levou-o para uma estalagem, e cuidou dele;

E, partindo no outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que de mais gastares eu to pagarei quando voltar.”⁵

Ao contrário do sacerdote judeu e do levita que passaram longe do homem ferido, que era conterrâneo deles, o samaritano foi bondoso, apesar das desavenças. Ele demonstrou o atributo cristão da benevolência. Jesus nos ensinou, com essa história, que cada um é nosso próximo.

Um conselheiro de bispado contou recentemente uma experiência pessoal que ensina a importância de cada próximo. Ao olhar para a congregação, ele viu uma criança com uma grande caixa de giz de cera de muitas cores. Ao olhar para os muitos membros de sua ala, lembrou que, tal como os gizes de cera, todos eram muito semelhantes, mas que cada pessoa também era particularmente incomparável.

Ele disse: “A tonalidade que trazem para a ala e para o mundo é única. (...) Eles têm individualmente seus pontos fortes e fracos, seus anseios pessoais e seus próprios sonhos. Mas juntos, eles se misturam numa roda de cores de união espiritual”. (...)”

“A união é uma qualidade espiritual. É o doce sentimento de paz e propósito que temos por pertencer a uma família. (...) É querer o melhor para os outros tanto quanto para nós mesmos. (...) É saber que ninguém deseja prejudicar-nos. [Significa que nunca estaremos sozinhos.]”⁶

Desenvolvemos essa união e compartilhamos nossa cor especial por meio da benevolência, ou seja, por atos pessoais de bondade.

Já se sentiram solitárias? Percebem que há pessoas solitárias que vivem



num mundo preto e branco? Jovens, eu as vi levando sua cor especial para a vida de outras pessoas com seu sorriso, suas palavras bondosas ou um bilhete de incentivo.

O Presidente Thomas S. Monson nos ensinou a interagir com nossos colegas e com todos os que encontramos, ao dizer às moças da Igreja: “Minhas preciosas jovens irmãs, peço que tenham a coragem de não julgar ou criticar as pessoas a seu redor, bem como a coragem de assegurar que todas se sintam incluídas, amadas e valorizadas”.⁷

Podemos seguir o exemplo do bom samaritano e “mudar o mundo” de apenas uma pessoa, sendo benevolentes.⁸ Gostaria de convidar cada uma de vocês a fazer pelo menos um ato semelhante ao do samaritano na próxima semana. Pode ser que isso implique estender a mão para alguém de fora de seu círculo de amizade ou vencer a timidez. Vocês podem corajosamente decidir servir a alguém que não as trate bem. Prometo que, se vocês se esforçarem e fizerem mais do que apenas o que é fácil, vão sentir-se tão bem, que essa bondade começará a tornar-se parte de sua vida diária. Verão que a benevolência pode proporcionar alegria e união em seu lar, sua classe, sua ala e sua escola. “A bondade por mim começará.”

O Salvador não apenas amou a todos, Ele serviu a todos. Estendam sua bondade para muitos. Tanto idosos quanto jovens podem ser imensamente abençoados por seu serviço bondoso. O Presidente Monson, desde quando era rapaz, sempre teve um lugar especial no coração para as pessoas idosas. Ele reconhece o valor de fazer uma breve visita, sorrir espontaneamente ou apertar mãos calejadas e enrugadas. Esses simples atos de caridade trazem cor para uma vida que às vezes é feita de dias longos, solitários e cinzentos. Gostaria de convidar cada uma de vocês a se lembrar de seus avós e dos idosos. Olhem a sua volta na Igreja, amanhã, e identifiquem aqueles que poderiam beneficiar-se da cor que só vocês podem acrescentar à vida deles. Não é preciso muito: cumprimentem-nos pelo nome, conversem um pouco com eles e disponham-se a ajudá-los. Será que poderiam abrir a porta para ela ou oferecer-se para ajudá-la na casa ou no jardim? Uma tarefa que pode parecer simples para vocês, na sua idade, pode ser algo difícil demais para uma pessoa idosa. “A bondade por mim começará.”

Às vezes é mais difícil ser benevolente em nossa própria família. É preciso esforço para ter uma família forte. “Sejam agradáveis, úteis e atenciosos com os outros. Muitos problemas no

lar são criados porque os membros da família falam ou agem de modo egoísta ou maldoso. Interessem-se pelas necessidades de outras pessoas da família. Procurem ser pacificadores em vez de provocar, brigar e discutir.”⁹ “A bondade por mim começará.”

Jesus amava as crianças. Ele as tomou nos braços e as abençoou.¹⁰ Tal como o Salvador, você pode abençoar todas as crianças com sua bondade, não apenas as de seu lar.

Vocês não sabem a influência que sua vida e seu exemplo podem exercer em uma criança. Recebi recentemente um bilhete de uma amiga que toma conta da creche de uma escola local. Vários rapazes e moças da Igreja estudam nessa escola. Ela me contou esta experiência pessoal: “Quando caminho pelos corredores com as crianças, é muito bom ver quantos armários de alunos têm gravuras de Jesus ou do templo colados na porta. Uma das crianças viu uma gravura de Jesus colada na porta do armário de [uma jovem] e disse: ‘Vejam, Jesus está em nossa escola!’ A estudante ficou tocada a ponto de verter lágrimas ao abaixar-se para abraçar a criança. Agradei à jovem pelo bom exemplo que ela dava a todos ao seu redor. Foi inspirador saber que há tantos outros jovens que procuram defender a verdade e a retidão e fazem sua parte para terem a companhia do Espírito em sua vida, mesmo que às vezes isso seja difícil, com todo o barulho e aspereza que há no mundo a seu redor. Temos alguns jovens maravilhosos na Igreja”.

Eu concordo plenamente! Jovens, *vocês* estão mudando o mundo ao centralizarem sua vida em Jesus Cristo, e estão “se tornando o que Ele quer que vocês sejam”.¹¹

Obrigada por sua vida benevolente: por incluírem os que são diferentes;

por sua bondade com seus colegas, com os idosos, com sua família e com as criancinhas; por serem o próximo dos que estão solitários e dos que têm desafios e tristezas. Por meio de sua benevolência, vocês estão “mostrando às pessoas a luz [do Salvador]”.¹² Obrigada por lembrarem que “a bondade por mim começará”.

Sei que o Presidente Thomas S. Monson é um profeta de Deus, e sua vida é um modelo de benevolência que muito nos ensina. Sigam nosso profeta. Aprendam com seu exemplo e ouçam a voz dele. Creio no evangelho de Jesus Cristo e que por meio do Profeta Joseph Smith o sacerdócio foi restaurado à Terra.

Sei que nosso Salvador vive e ama cada uma de nós. Ele deu a vida por todos. Oro para que centralizemos nossa vida em Jesus Cristo e “sigamos Seu caminho”, amando e servindo umas às outras.¹³ Se fizermos isso, sei que podemos tornar este mundo melhor porque “Cremos em ser (...) benevolentes”.¹⁴ Destas coisas eu testifico, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Regras de Fé 1:13.
2. Ver *Oxford English Dictionary Online*, 2ª ed, 1989, “benevolent,” oed.com.
3. “A Bondade por Mim Começará”, *Músicas para Crianças*, p. 83.
4. “Guardians of Virtue”, *Strength of Youth Media 2011: We Believe*, DVD, 2010; disponível também no endereço lds.org/youth/video/youth-theme-2011-we-believe.
5. Ver Lucas 10:25, 27, 29, 30, 33–35.
6. Jerry Earl Johnston, “The Unity in a Ward’s Uniqueness”, *Mormon Times*, 9 de fevereiro de 2011, M1, M12.
7. Thomas S. Monson, “Tenham Coragem”, *A Liahona*, maio de 2009, p. 123.
8. “Guardians of Virtue”.
9. *Para o Vigor da Juventude*, livreto, 2001, p. 10.
10. Ver Marcos 10:16.
11. “Guardians of Virtue”.
12. “Guardians of Virtue”.
13. “Guardians of Virtue”.
14. Regras de Fé 1:13.



Elaine S. Dalton

Presidente Geral das Moças

Guardiãs da Virtude

Preparem-se agora para que se qualifiquem para receber todas as bênçãos que as aguardam nos templos sagrados do Senhor.

Há momentos em que não conseguimos expressar com palavras o que sentimos. Oro para que o Espírito testemunhe no coração de vocês sua identidade divina e sua responsabilidade eterna. Vocês são a esperança de Israel. São filhas eleitas e nobres de nosso amoroso Pai Celestial.

No mês passado, tive a oportunidade de assistir ao casamento de uma jovem que conheço desde que ela nasceu. Ao sentar-me na sala de selamento, olhando para o belo lustre que cintilava à luz do templo, lembrei-me daquele dia em que a segurei nos braços pela primeira vez. A mãe dela a vestira com um vestidinho branco e achei que ela era um dos bebês mais bonitos que eu já tinha visto. Então, essa jovem entrou, vestida novamente de branco. Estava radiante e feliz. Quando ela entrou na sala, desejei do fundo do coração que toda jovem pudesse visualizar aquele momento e esforçar-se para ser sempre digna de fazer e cumprir convênios sagrados e de receber as ordenanças do templo, em preparação para desfrutar as bênçãos da exaltação.

Quando o casal se ajoelhou no altar sagrado, foram-lhes feitas promessas que estão além da compreensão mortal e que os abençoarão, fortalecerão

e auxiliarão em sua jornada mortal. Foi um daqueles momentos em que o mundo parou, e todo o céu se regozijou. Quando os dois jovens recém-casados olharam para os grandes espelhos da sala, foi perguntado ao noivo o que ele via. Ele disse: “Todos os que se foram antes de mim”. Em seguida, o casal olhou para o grande espelho da parede oposta, e a noiva disse, com lágrimas nos olhos: “Vejo todos os que virão depois de nós”. Ela viu sua futura família — sua posteridade. Sei que naquele momento ela compreendeu novamente como era importante acreditar em ser casta e virtuosa. Não há visão mais bela do que a de um casal devidamente preparado, que se ajoelha diante do altar do templo.

Os anos que vocês passaram nas Moças vão prepará-las para o templo. Ali, vocês receberão as bênçãos a que têm direito como preciosas filhas de Deus. Seu Pai Celestial as ama e quer que sejam felizes. A maneira de fazer isso é “[andar] nos caminhos da virtude”¹ e “apegar-se a seus convênios”.²

Moças, num mundo em que as ideias poluídas moralmente, a tolerância do mal, a exploração da mulher e a distorção dos papéis são cada vez maiores, vocês precisam defender



vocês mesmas, sua família e todas as pessoas com quem convivem. Precisam ser guardiãs da virtude.

O que é virtude e o que é uma guardiã? “A virtude é um padrão de pensamento e comportamento com base em padrões morais elevados. Ela inclui a castidade e a pureza [moral]”.³ E o que é uma guardiã? Uma guardiã é alguém que protege, guarda e defende.⁴ Portanto, como guardiãs da virtude, vocês vão proteger, guardar e defender a pureza moral, porque o poder de criar vida mortal é um poder sagrado e exaltado e precisa ser salvaguardado para usar quando vocês se casarem. A virtude é um requisito para termos a companhia e a orientação do Espírito Santo. Vocês precisarão dessa orientação para navegar com sucesso no mundo em que vivem. A virtude é um requisito para entrarmos no templo. E é um requisito para que sejamos dignas de entrar na presença do Salvador. Vocês estão-se preparando hoje para essa ocasião. O Progresso Pessoal e os padrões encontrados em *Para o Vigor da Juventude* são muito importantes. Se viverem os princípios encontrados nesse livreto vocês serão fortalecidas e terão ajuda para se tornarem “mais aptas para o reino”.⁵

No verão passado, um grupo de jovens de Alpine, Utah, decidiu que elas se tornariam “mais aptas para

o reino”. Decidiram concentrar os pensamentos no templo, caminhando do Templo de Draper Utah até o Templo de Salt Lake, uma distância de mais de 35 quilômetros, tal como John Rowe Moyle, um pioneiro, havia feito. O irmão Moyle foi um pedreiro chamado pelo profeta Brigham Young para trabalhar no Templo de Salt Lake. Todas as semanas, ele caminhava 35 quilômetros de sua casa até o templo. Uma de suas tarefas foi a de entalhar as palavras “Santidade ao Senhor” no lado leste do Templo de Salt Lake. Não foi fácil, e ele teve que superar muitos obstáculos. Em certa ocasião, uma de suas vacas lhe deu um coice na perna. Como o ferimento não sarava, ele precisou amputar a perna. Mas isso não o impediu de cumprir o compromisso assumido com o profeta de trabalhar no templo. Ele entalhou uma perna de madeira, e depois de algumas semanas, voltou a caminhar os 35 quilômetros até o templo para fazer o trabalho que se comprometeu a realizar.⁶

As moças da Ala Cedar Hills VI decidiram andar essa mesma distância por um antepassado e também por alguém que foi sua inspiração para permanecerem dignas de entrar no templo. Treinaram todas as semanas na Mutual e, durante a caminhada, compartilhavam o que

aprenderam e o que sentiam sobre o templo.

Começaram a caminhada ao templo, bem cedo pela manhã, com uma oração. Quando partiram, fiquei impressionada com a disposição delas. Tinham-se preparado bem e estavam confiantes. Tinham os olhos fixos em sua meta. Cada passo que davam simbolizava cada uma de vocês, que também estão-se preparando para entrar no templo. Seu treinamento pessoal começou com sua oração diária, sua leitura diária do Livro de Mórmon e suas metas do Progresso Pessoal.

Ao continuarem sua caminhada, aquelas jovens encontraram distrações ao longo do caminho, mas mantiveram-se concentradas em sua meta. Algumas começaram a sentir bolhas nos pés e outras sentiram os joelhos reclamarem, mas continuaram andando. Para cada uma de vocês, haverá muitas distrações, dores e obstáculos no caminho para o templo, mas vocês também são decididas e continuam a seguir em frente. A rota que aquelas moças seguiram foi traçada por seus líderes, que haviam percorrido o trajeto a pé e de carro e escolheram o caminho mais seguro e direto para elas. Vocês também têm uma rota traçada, e podem ter a certeza de que o Salvador não apenas percorreu esse trajeto, mas também vai acompanhá-las em cada passo do caminho.

Ao longo daquela jornada até o templo havia pais, mães, familiares e líderes do sacerdócio agindo como guardiões. O trabalho deles era garantir que todas estivessem em segurança e protegidas do perigo. Eles cuidaram para que nenhuma jovem se desidratasse e que todas estivessem suficientemente nutridas para manter o vigor. Havia postos de auxílio preparados

pelos líderes do sacerdócio, com um lugar para descansar e beber água. Jovens: seu pai, sua mãe, seu bispo e muitas outras pessoas serão seus guardiões em sua jornada até o templo. Eles vão alertá-las de perigos e orientar seu caminho, e caso vocês se machuquem ou saiam do curso, eles vão ajudá-las.

Fiquei impressionada ao ver que, nos quilômetros finais da caminhada, os irmãos delas e outros rapazes e amigos apareceram para dar apoio àquelas moças decididas e para animá-las. Um irmão ergueu a irmã, que estava com grandes bolhas nos pés, e a carregou nas costas pelo trecho final da caminhada até o templo. Quando aquelas jovens notáveis alcançaram sua meta, derramaram lágrimas ao tocar o templo, assumindo silenciosamente o compromisso de sempre serem dignas de entrarem lá.

A caminhada até o templo é uma metáfora da vida de vocês. Os pais e os líderes do sacerdócio estão de guarda ao longo do caminho. Eles dão



apoio e auxílio. As moças protegeram e encorajaram umas às outras. Os rapazes admiraram a força, o compromisso e o vigor das moças. Houve irmãos que carregaram a irmã machucada. As famílias se regozijaram com as filhas, quando elas terminaram a caminhada até o templo, e as levaram em segurança para casa.

Para permanecerem no caminho do templo, vocês precisam defender sua virtude pessoal e a virtude de outras pessoas com quem convivem. Sabem por quê? Mórmon ensinou no Livro de Mórmon que a virtude e a castidade são algo “mais caro e precioso do que tudo”.⁷

O que cada uma de vocês pode fazer para ser uma guardiã da virtude? Podem começar acreditando que cada uma pode fazer a diferença. Podem começar assumindo um compromisso. Quando eu era jovem, aprendi que algumas decisões precisam ser tomadas somente uma vez. Fiz uma lista das coisas que eu *sempre* faria e das coisas que eu *nunca* faria. Incluía coisas como: obedecer à Palavra de Sabedoria, orar diariamente, pagar meu dízimo e comprometer-me a nunca faltar na Igreja. Tomei essas decisões uma única vez e, depois, nos momentos de decisão, eu sabia exatamente o que fazer, porque já havia decidido antes. Quando minhas amigas da escola diziam “Só um trago não faz mal”, eu ria e dizia: “Decidi que

não faria isso desde meus doze anos”. As decisões tomadas previamente vão ajudá-las a ser guardiãs da virtude. Espero que cada uma de vocês faça uma lista das coisas que *sempre* farão e das coisas que *nunca* farão. Depois, coloquem-na em prática.

O fato de serem guardiãs da virtude significa que serão sempre recatadas, não apenas no vestuário, mas também na linguagem, nas ações e no uso da mídia social. O fato de serem guardiãs da virtude também significa que nunca vão enviar aos rapazes textos ou imagens que possam levá-los a perder o Espírito, o poder do sacerdócio ou sua virtude. Significa que vocês compreendem a importância da castidade, pois também entendem que seu corpo é um templo e que os poderes sagrados da procriação não devem ser usados antes do casamento. Vocês compreendem que possuem um poder divino que envolve a sagrada responsabilidade de trazer outros espíritos ao mundo para receber um corpo no qual habitará seu espírito eterno. Esse poder envolve outra alma sagrada. Vocês são guardiãs de algo “mais [precioso do] que rubis”.⁸ Sejam fiéis. Sejam obedientes. Preparem-se agora para que se qualifiquem para receber todas as bênçãos que as aguardam nos templos sagrados do Senhor.

Mães que nos ouvem hoje: vocês são para suas filhas o exemplo mais importante de recato e de virtude.



Muito obrigada. Nunca hesitem em ensinar-lhes que elas são nobres filhas de Deus e que o valor delas não se baseia em seu charme sensual. E permitam que elas vejam em vocês a expressão correta e constante de suas crenças por meio de sua atitude e aparência.⁹ Vocês também são guardiãs da virtude.

Nesta semana, escalei novamente o Pico Ensign. Era bem cedo e, naquele monte, ao olhar para baixo, para o monte da casa do Senhor — o Templo de Salt Lake — a importância do templo ficou bem clara. Os pioneiros deram tudo o que tinham para chegar ao cume das montanhas, para que nós pudéssemos ter as bênçãos do templo e de ser selados eternamente como família. Quarenta anos de sacrifício, de trabalho árduo e de caminhadas a pé de Alpine até o templo. Por quê? Porque, assim como vocês, eles acreditavam! Acreditavam em um profeta. Acreditavam que ele tinha visto Deus e Seu Filho Amado, e conversado com Eles. Acreditavam no Salvador. Acreditavam no Livro de Mórmon. Por isso, podiam dizer: “Cremos em todas as coisas, confiamos em todas as coisas, suportamos muitas coisas e esperamos ter a capacidade de tudo suportar”.¹⁰ Assim como eles suportaram muitas coisas, nós também podemos. Acreditamos na décima terceira Regra de Fé porque essas são as mesmas coisas que nos qualificam para sermos dignas de entrar no templo e de, um dia, nos colocarmos na presença do Pai Celestial, tendo passado pela prova, estando puras e seladas. Isso vai exigir que vocês estejam “mais aptas para o reino” e que se preparem agora e adquiram a confiança de que podem fazer coisas difíceis.

Moças: vocês estão engajadas numa grande obra! Não estão sozinhas! Se protegerem sua virtude e pureza,



receberão forças. Se guardarem os convênios que fizeram, o Espírito Santo vai guiá-las e protegê-las. Estarão rodeadas por hostes celestiais de anjos. O Presidente Thomas S. Monson nos lembra: “Recordem-se de que não corremos sozinhos nesta grande corrida da vida. Temos direito de receber a ajuda do Senhor”.¹¹ Preparem-se para o dia em que entrarão no templo do Senhor, estando dignas e preparadas para fazer convênios sagrados. Como guardiãs da virtude, vocês vão querer *buscar* o Salvador em Sua casa sagrada.

Testifico-lhes que Deus vive e que Seu Filho Amado, nosso Redentor Jesus Cristo, vive e que, graças ao poder redentor e capacitador de Sua infinita Expição, cada uma de

vocês será guiada e protegida em seu caminho até o templo e de volta à presença Deles. Oro para que cada uma de vocês seja fortalecida para esse trabalho, que será o melhor de todos os que irão realizar. Vivam para aquele lindo dia citado no livro de Apocalipse, em que vocês “andarão de branco; [porque] são dignas disso”.¹² Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Doutrina e Convênios 25:2.
2. Ver Doutrina e Convênios 25:13.
3. *Progresso Pessoal das Moças*, livreto, 2009, p. 70.
4. Ver thefreedictionary.com/guardian.
5. “More Holiness Give Me”, *Hymns*, 131.
6. Ver Dieter F. Uchtdorf, “Magnifique o Chamado Que Tem”, *A Liahona*, novembro de 2008, p. 53.
7. Morôni 9:9
8. Provérbios 3:15.
9. Ver M. Russell Ballard, “Mães e Filhas”, *A Liahona*, maio de 2010, p. 18.
10. Regras de Fé 1:13
11. Thomas S. Monson, “Grandes Esperanças” (Serão do Sistema Educacional da Igreja para jovens adultos, 11 de janeiro de 2009), <http://lds.org/library/display/0,4945,538-1-4773-1,00.html>.
12. Apocalipse 3:4.

São Paulo, Brasil





Presidente Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Um Testemunho Vivo

O testemunho precisa ser nutrido pela oração fervorosa, pelo anseio pela palavra de Deus nas escrituras e pela obediência à verdade.

Minhas amadas jovens irmãs, vocês são a resplandecente esperança da Igreja do Senhor. Meu propósito hoje é ajudá-las a acreditar que são. Se essa crença tornar-se um profundo testemunho de Deus, ela vai influenciar suas decisões de todo dia, de toda hora. E a partir dessas decisões aparentemente pequenas, o Senhor vai conduzi-las à felicidade que tanto desejam. Por meio de suas escolhas e decisões, vocês abençoarão inúmeras pessoas.

Sua decisão de estar aqui, esta noite, é um exemplo das escolhas que importam. Mais de um milhão de jovens, mães e líderes foram convidadas. De todas as outras coisas que vocês poderiam ter decidido fazer, escolheram estar aqui conosco. Fizemos isso por causa de suas crenças.

Vocês acreditam no evangelho de Jesus Cristo. Acreditaram o suficiente para virem aqui ouvir Seus servos, e têm fé e esperança suficiente de que algo que ouvirão ou sentirão vai conduzi-las a uma vida melhor. Sentiram no coração que seguir Jesus Cristo é o caminho para uma felicidade maior.

Bem, talvez não tenham reconhecido isso como uma escolha consciente de grande importância. Talvez tenham sentido vontade de estar

conosco pelo convite de amigas ou da família. Podem simplesmente ter aceitado o gentil convite que alguém lhes fez. Mas, mesmo que não tenham percebido, ao menos sentiram o discreto eco do convite do Salvador: “Vem, e segue-me”.¹

Durante esta hora em que estivemos juntos, o Senhor tornou mais profunda a crença que vocês têm Nele e fortaleceu o testemunho de cada uma. Vocês ouviram mais do que palavras e música. Sentiram o Espírito testemunhar em seu coração que há profetas vivos na Terra, na Igreja verdadeira do Senhor, e que o caminho para a felicidade está dentro de Seu reino. Seu testemunho de que esta é a única Igreja verdadeira e viva na Terra hoje em dia cresceu.

Bem, nem todos sentimos exatamente as mesmas coisas. Para algumas, o Espírito testemunhou que Thomas S. Monson é um profeta de Deus. Outras sentiram que a honestidade, a virtude e fazer o bem a todos os homens são realmente atributos do Salvador. E com isso tiveram maior desejo de ser semelhantes a Ele.

Todas vocês têm o desejo de que seu testemunho do evangelho de Jesus Cristo seja fortalecido. O Presidente Brigham Young previu suas

necessidades há muitos anos. Ele foi um profeta de Deus, e com visão profética, há 142 anos, viu vocês e suas necessidades. Ele era um pai amoroso e um profeta vivo.

Ele viu a influência do mundo chegar a suas próprias filhas. Viu que essas influências do mundo as atraíam para longe do caminho do Senhor rumo à felicidade. Em sua época, essas influências foram trazidas, em parte, pela nova ferrovia transcontinental, que ligava ao mundo os santos antes isolados e protegidos.

Ele pode não ter visto as maravilhas da tecnologia de hoje, em que um dispositivo que pode ser carregado na mão é capaz de conectá-las a inúmeras ideias e pessoas do mundo inteiro. Mas ele viu como era importante para suas filhas — e para vocês — que suas decisões fossem tomadas com base num vigoroso testemunho de um Deus vivo e amoroso e de Seu plano de felicidade.

Eis seu conselho profético e inspirado para suas filhas e para vocês, sempre.

É o ponto central de meu discurso de hoje. Ele disse o seguinte, em uma sala de sua casa, a menos de dois quilômetros de onde esta mensagem está sendo hoje transmitida para as filhas de Deus das nações do mundo inteiro: “É preciso que as jovens filhas de Israel adquiram um testemunho vivo da verdade”.²

Depois disso, ele criou uma associação de jovens que se tornou o que hoje na Igreja do Senhor chamamos de organização das “Moças”. Vocês sentiram hoje alguns dos maravilhosos efeitos da decisão que ele tomou naquela reunião em uma noite de domingo, na sala de estar de sua casa.

Mais de 100 anos depois, as filhas de Israel do mundo inteiro têm esse desejo de ter o seu próprio



testemunho vivo da verdade. Assim, para todo o restante de sua vida, vocês precisarão desse testemunho vivo e crescente para fortalecê-las e conduzi-las pelo caminho da vida eterna. E com isso se tornarão as mensageiras da Luz de Cristo para suas irmãs e seus irmãos do mundo inteiro e por muitas gerações.

Vocês sabem por experiência própria o que é um testemunho. O Presidente Joseph Fielding Smith ensinou que um testemunho “é um conhecimento convincente dado por revelação a [uma pessoa] que humildemente busca a verdade”. Ele disse o seguinte sobre o testemunho e o Espírito Santo, que traz essa revelação: “Seu poder de proporcionar convicção é tão grande que não resta dúvidas na mente quando o Espírito fala. É o único modo pelo qual alguém pode realmente saber que Jesus é o Cristo e que Seu evangelho é verdadeiro”.³

Vocês já sentiram essa inspiração por si mesmas. Pode ter sido para confirmar certo aspecto do evangelho, como aconteceu comigo hoje. Quando ouvi as palavras da décima terceira Regra de Fé sobre sermos “honestos, verdadeiros, castos [e] benevolentes”, para mim foi como se o Senhor as tivesse dito. Senti novamente que esses são atributos Dele. Senti que Joseph Smith foi Seu profeta. Então, para mim, não foram apenas palavras.

Em minha mente, vi as poeirentas estradas da Judeia e o Jardim do Getsêmani. Em meu coração, senti ao menos parte do que Joseph deve ter sentido ao ajoelhar-se perante o Pai e o Filho em um bosque de Nova York. Não pude ver na mente uma luz mais brilhante que a do sol do meio-dia, como ele, mas senti o calor e o assombro de um testemunho.

Vocês vão adquirir um testemunho à medida que partes da verdade completa do evangelho de Jesus Cristo lhes forem confirmadas. Por exemplo: ao lerem o Livro de Mórmon e ponderarem sobre ele, alguns versículos que leram antes parecerão novos e lhes trarão novas ideias. Seu testemunho vai crescer em extensão e profundidade, à medida que o Espírito Santo confirmar que são verdadeiros. Seu testemunho vivo vai ser ampliado à medida que estudarem, orarem e ponderarem a respeito das escrituras.

A melhor descrição para mim de como adquirir e manter esse testemunho vivo já foi mencionada. Está no capítulo 32 de Alma, no Livro de Mórmon. Vocês já devem ter lido esses versículos muitas vezes. Encontro uma nova luz toda vez que os leio. Vamos recapitular hoje a lição que eles ensinam.

Essa passagem inspirada nos ensina a começar nossa jornada em busca de um testemunho com “uma partícula de fé” e com o desejo de fazê-la

crescer.⁴ Hoje vocês sentiram fé e tiveram esse desejo, ao ouvirem discursos tocantes sobre a bondade do Salvador, sobre Sua honestidade e sobre a pureza que Seus mandamentos e Sua Expição nos possibilitam ter.

Portanto, uma semente de fé já está plantada em seu coração. Vocês podem até ter sentido parte do crescimento da semente no coração, conforme prometido em Alma. Eu senti.

Mas, como uma planta em crescimento, ela precisa ser nutrida ou vai murchar. Orações fervorosas, frequentes e sinceras são nutrientes vitais e necessários. A obediência à verdade que receberam vai manter seu testemunho vivo e fortalecê-lo. A obediência aos mandamentos faz parte da nutrição que vocês precisam oferecer a seu testemunho.

Lembrem-se da promessa do Salvador: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo”.⁵

Isso aconteceu comigo, e vai acontecer com vocês. Uma das doutrinas do evangelho que aprendi quando jovem é a de que a maior de todas as dádivas de Deus é a vida eterna.⁶ Aprendi que parte da vida eterna é vivermos juntos com amor e como família para sempre.

Desde a primeira vez que ouvi essas verdades, e elas foram confirmadas em meu coração, senti-me obrigado a fazer todas as escolhas que pudesse para evitar contendas e promover a paz em minha família e no meu lar.

Agora, somente depois desta vida poderei desfrutar a plenitude dessa que é a maior de todas as bênçãos, a vida eterna. Mas em meio aos desafios desta vida, tive apenas um vislumbre do que minha família pode ser no céu. A partir dessas experiências de

vida, meu testemunho da realidade do poder selador exercido nos templos cresceu e foi fortalecido.

Ao ver minhas duas filhas serem batizadas no templo em favor de seus antepassados, senti meu coração se voltar a elas e aos antepassados cujos nomes encontramos. A promessa de Elias de que os corações se voltariam uns aos outros nas famílias foi-nos concedida.⁷ E assim, a fé para mim tornou-se um conhecimento seguro, conforme prometido no livro de Alma.

Vivenciei ao menos parte da alegria que meus antepassados sentiram quando o Salvador foi ao mundo espiritual após Seu ministério mortal. Eis a descrição que lemos em Doutrina e Convênios:

“E os santos regozijaram-se em sua redenção e dobraram os joelhos e reconheceram o Filho de Deus como seu Redentor e Libertador da morte e das cadeias do inferno.

Seus semblantes brilhavam e a resplandecência da presença do Senhor repousou sobre eles e cantaram louvores a seu santo nome”.⁸

O sentimento que tive da alegria deles veio a mim ao colocar em prática meu testemunho de que a promessa de vida eterna do Senhor é real. Esse testemunho foi fortalecido por minha decisão de colocá-lo em prática, como o Salvador prometeu que aconteceria.

Ele também ensinou que, além de decidirmos ser obedientes, precisamos pedir um testemunho da verdade em oração. O Senhor ensinou-nos isso em Seu mandamento de orar sobre o Livro de Mórmon. Ele disse por meio de Seu profeta Morôni:

“Eis que desejo exortar-vos, quando lerdes estas coisas, caso Deus julgue prudente que as leiáis, a vos lembredes de quão misericordioso tem sido o Senhor para com os filhos dos

homens, desde a criação de Adão até a hora em que receberdes estas coisas, e a meditardeis sobre isto em vosso coração.

E quando receberdes estas coisas, eu vos exorto a perguntardes a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas não são verdadeiras; e se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará a verdade delas pelo poder do Espírito Santo.

E pelo poder do Espírito Santo podeis saber a verdade de todas as coisas”.⁹

Espero que todas vocês tenham posto essa promessa à prova por si mesmas ou que o façam em breve. A resposta pode não vir em uma única e vigorosa experiência espiritual. Para mim, isso aconteceu serenamente a princípio. Mas foi-se tornando mais forte a cada vez que lia o Livro de Mórmon e orava a respeito dele.

Não dependo do que aconteceu no passado. Para manter firme o meu testemunho vivo do Livro de Mórmon, recebo essa promessa de Morôni com frequência. Não considero a bênção do testemunho como um direito perpetuamente adquirido.

O testemunho precisa ser nutrido pela oração fervorosa, pelo anseio pela palavra de Deus nas escrituras e pela obediência à verdade que recebemos. Há perigo quando negligenciamos a oração. Arriscamos nosso testemunho quando estudamos e lemos apenas superficialmente as escrituras. Esses são nutrientes indispensáveis para nosso testemunho.

Lembrem-se da admoestação de Alma:

“Mas se negligenciardes a árvore e deixardes de tratá-la, eis que não criará raiz; e quando chegar o calor do sol e a abrasar, secará por falta de raiz; e arrancá-la-eis e lançareis fora.

Ora, isso não é porque a semente não seja boa nem porque o seu fruto seja indesejável, mas porque vosso terreno é estéril e não cuidais da árvore; não podeis, portanto, obter seu fruto”.¹⁰

O hábito de banquetear-nos na palavra de Deus, a oração sincera e a obediência aos mandamentos do Senhor precisam ser colocados em prática de modo equilibrado e contínuo para que nosso testemunho cresça e prospere. Todos temos situações que escapam ao nosso controle e que interrompem nosso esquema de estudo das escrituras. Pode haver períodos em que, por alguma razão, decidimos não orar. Pode haver mandamentos que por um tempo decidamos ignorar.

Mas nosso desejo de ter um testemunho vivo não será realizado, se esquecermos a advertência e a



promessa encontradas em Alma:

“E assim, se não cultivardes a palavra, esperando com os olhos da fé o seu fruto, nunca podereis colher o fruto da árvore da vida.

Se, porém, cultivardes a palavra, sim, cultivardes a árvore quando ela começar a crescer, com vossa fé, com grande esforço e com paciência, esperando o fruto, ela criará raiz; e eis que será uma árvore que brotará para a vida eterna.

E por causa de vosso esforço e de vossa fé e de vossa paciência em cultivar a palavra para que crie raiz em vós, eis que pouco a pouco colhereis o seu fruto, que é sumamente precioso, que é mais doce que tudo que é doce, que é mais branco que tudo que é branco, sim, e mais puro que tudo que é puro; e banquetear-vos-eis com esse fruto, até vos fartardes, de modo que não tereis fome nem tereis sede.

Então, (...) colhereis a recompensa de vossa fé e de vossa diligência e paciência e longanimidade, esperando que a árvore vos dê fruto”.¹¹

St. Catherine, Jamaica



As palavras dessa escritura “esperando o fruto” guiaram os sábios ensinamentos que vocês receberam hoje. É por isso que seus olhos estão voltados para um dia futuro na sala de selamento de um templo. É por isso que ajudamos vocês a visualizarem hoje a cadeia aparentemente interminável de luz refletida nos espelhos das paredes da sala de selamento do templo de Deus, onde vocês podem vir a se casar.

Se puderem esperar esse dia com suficiente desejo, que seja fruto de um testemunho, vocês serão fortalecidas para resistir às tentações do mundo. Toda vez que vocês decidem que vão tentar viver de modo mais semelhante ao Salvador, seu testemunho é fortalecido. Tempo virá em que saberão por si mesmas que Ele é a Luz do Mundo.

Sentirão a luz crescer em sua vida. Isso não acontecerá sem esforço, mas vai acontecer à medida que seu testemunho crescer, e vocês decidirem nutri-lo. Eis a promessa garantida que se encontra em Doutrina e Convênios:

“Aquilo que é de Deus é luz; e aquele que recebe luz e persevera em Deus recebe mais luz; e essa luz se torna mais e mais brilhante, até o dia perfeito”.¹²

Vocês serão uma luz para o mundo ao compartilharem seu testemunho com outras pessoas. Vocês refletirão para outras pessoas a Luz de Cristo que há em sua vida. O Senhor encontrará meios para que essa luz toque as pessoas que você ama. E por meio da fé e do testemunho combinados de Suas filhas, Deus tocará a vida de milhões, em Seu reino e em todo o mundo, com Sua luz.

Em seu testemunho e em suas escolhas está a esperança da Igreja e das gerações que seguirão seu exemplo de ouvir e aceitar o convite do Senhor: “Vem, e segue-me”. O Senhor conhece e ama vocês.

Deixo com vocês meu amor e meu testemunho. Vocês são filhas de um Pai Celestial amoroso e vivo. Sei que Seu Filho ressuscitado, Jesus Cristo, é o Salvador e a Luz do Mundo. Testifico que o Espírito Santo enviou mensagens para vocês hoje, confirmando a verdade em seu coração. O Presidente Thomas S. Monson é o profeta vivo de Deus. Destas coisas eu testifico, no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Lucas 18:22.
2. Brigham Young, *A Century of Sisterhood: Chronological Collage, 1869–1969*, 1969, p. 8.
3. Joseph Fielding Smith, *Answers to Gospel Questions*, comp. Joseph Fielding Smith Jr., 5 vols, 1957–1966, vol. 3 p. 31.
4. Ver Alma 32:27.
5. João 7:17.
6. Ver Doutrina e Convênios 14:7.
7. Ver Malaquias 4:5–6; Joseph Smith—História 1:38–39.
8. Doutrina e Convênios 138:23–24.
9. Morôni 10:3–5.
10. Alma 32:38–39.
11. Alma 32:40–43.
12. Doutrina e Convênios 50:24.

Índice das Histórias Contadas na Conferência

Esta lista contém uma seleção de histórias verídicas extraídas dos discursos da conferência geral para uso no estudo individual, na reunião familiar e em outras situações de ensino. O número entre parênteses refere-se à primeira página do discurso.

ORADOR	HISTÓRIA
Jean A. Stevens	(10) As crianças dão exemplo ao pagar o dízimo. Liam ouve a voz de seu pai durante o tratamento médico.
Élder Walter F. González	(13) Jornalista questiona se o tratamento gentil dedicado às esposas é verdade ou ficção.
Élder Kent F. Richards	(15) Menina vê anjos em volta de crianças, em um hospital.
Élder Quentin L. Cook	(18) Conteúdo da bolsa reflete o modo de viver o evangelho da jovem dona. Irmã em Tonga sugere um modo de ajudar um jovem adulto da ala.
Presidente Henry B. Eyring	(22) Comunidade presta serviço depois do rompimento da represa Teton.
Presidente Boyd K. Packer	(30) Presidente da estaca aconselha certo homem a “esquecer”, depois da morte da esposa.
Élder Dallin H. Oaks	(42) Capitão Ray Cox abre mão do sono para manter os soldados a salvo. Aron Ralston enche-se de coragem para salvar a própria vida.
Élder M. Russell Ballard	(46) Jovem garimpeiro aprende a dar valor a filetes de ouro.
Élder Neil L. Andersen	(49) Sidney Going decide servir missão em vez de jogar rúgbi.
Larry M. Gibson	(55) Presidente do quórum de diáconos aprende suas responsabilidades.
Presidente Dieter F. Uchtdorf	(58) Homem não se dá conta dos privilégios a que tem direito durante cruzeiro.
Presidente Henry B. Eyring	(62) Quórum procura um dos membros perdido na floresta. Henry B. Eyring visita um fiel sumo sacerdote.
Presidente Thomas S. Monson	(66) Thomas S. Monson convida casal a testemunhar um selamento.
Élder Paul V. Johnson	(78) Jovem é convertida durante longo período de doença.
Bispo H. David Burton	(81) Robert Taylor Burton ajuda a resgatar uma companhia de carrinhos de mão.
Silvia H. Allred	(84) Jovem mãe é auxiliada por sua professora visitante.
Presidente Thomas S. Monson	(90) Santos brasileiros viajam longas distâncias de Manaus até o templo. Família Mou Tham sacrifica tudo para ir ao templo. Thomas S. Monson participa da cerimônia de abertura de terra do templo em Roma, Itália.
Élder Richard G. Scott	(94) Richard G. Scott atende à recomendação de brincar com os filhos em vez de consertar a máquina de lavar. Jeanene Scott guarda bilhetes carinhosos. Richard G. Scott cuida do filhinho com problema cardíaco.
Élder D. Todd Christofferson	(97) Hugh B. Brown poda um pé de groselha e depois, figurativamente, poda a si próprio.
Élder Carl B. Pratt	(101) A família Whetten paga o dízimo e recebe bênçãos.
Élder C. Scott Grow	(108) O irmão de C. Scott Grow faz más escolhas, mas depois se arrepende.
Ann M. Dibb	(115) Kristi dá um exemplo que Jenn relembra quando busca a verdade.
Mary N. Cook	(118) Criança vê uma gravura de Jesus no armário de uma estudante. Moça decide não assistir a um filme questionável.
Elaine S. Dalton	(121) Moça caminha do Templo de Draper, Utah, até o Templo de Salt Lake.

Tornar a Conferência Parte de Nossa Vida

Você pode usar algumas destas atividades e perguntas como ponto de partida para debates familiares ou ponderação pessoal e tornar os ensinamentos da conferência geral parte de sua vida.

Todos os discursos da conferência geral podem ser encontrados online no site conference.LDS.org.

Observação: O número das páginas listadas abaixo indica a primeira página do discurso mencionado.

Para as Crianças

- O Presidente Thomas S. Monson anunciou que a Igreja vai construir três novos templos, elevando o número total de templos em funcionamento, em construção ou anunciados para 160. Olhe no mapa

para encontrar Meridian, Idaho, EUA; Fort Collins, Colorado, EUA; Winnipeg, Manitoba, Canadá; e o templo mais perto de sua casa. Leia ou conte algumas das histórias que o Presidente Monson contou sobre membros fiéis que fizeram grande sacrifício para frequentar o templo (página 90). Trace metas para frequentar o templo o quanto antes, ou coloque

em discussão maneiras de permanecer digno(a) de entrar no templo.

- Quando Adão e Eva viveram na Terra, uma das maneiras pelas quais eles adoravam o Pai Celestial era o sacrifício de animais. O Élder L. Tom Perry ensinou-nos que o Salvador apresentou o sacramento a Seus discípulos no Dia do Senhor como uma nova forma de adoração. Nós continuamos a adorar ao participar do sacramento no Dia do Senhor. Leia novamente o discurso do Élder Perry (página 6) em família para aprender a maneira adequada de vestir-se no domingo e outras maneiras de honrar o sacramento e o Dia do Senhor.

- O Élder D. Todd Christofferson ensinou-nos que Jesus Cristo instruiu-nos a nos esforçarmos para ser como Ele e o nosso Pai Celestial (página 97). Nosso Pai Celestial às vezes

Ljubljana, Eslovênia





“castiga” Seus filhos, a fim de ajudar-nos a nos tornarmos mais semelhantes a Ele. Coloque em debate o que significa castigar. Leia ou conte a história do pé de groselha que cresceu demais. Conversem a respeito de como um contratempo ou uma falha pode realmente nos ajudar a crescer mais fortes e dar mais frutos.

• O Élder Richard J. Maynes ensinou-nos que as famílias podem ser semelhantes a uma corda (página 37). Uma corda tem vários cordões que podem ser fracos sozinhos, mas que são fortes quando entrelaçados. Da mesma forma, quando todos os membros da família fazem o que é certo e ajudam-se mutuamente, cada pessoa na família é fortalecida e pode fazer mais do que faria se estivesse sozinha. Dê a cada membro da família um pedaço de barbante ou fio. Fale a respeito de como cada membro da família serve e fortalece os demais. Depois, veja como ficam fortes os pedaços de barbante ou os fios quando são entrelaçados.

Para os Jovens

• Será que sua classe ou quórum é unida o suficiente? Depois de reler o discurso do Presidente Henry B. Eyring sobre união (página 62),

faça uma lista das coisas que você pode fazer para aumentar a união do seu grupo.

• O Élder Russell M. Nelson discursou sobre a obediência do tipo “lancheonete” (página 34). Coloque em debate em sua família, classe ou quórum o que isso significa e por que não funciona.

• O Élder M. Russell Ballard descreveu o puro amor de Cristo como um amor ativo (página 46) que é demonstrado em atos simples de bondade e serviço. Planeje um meio de sua classe ou quórum demonstrar amor a alguém em sua ala, ramo ou comunidade e, depois, executem esse seu plano.

• O Élder Quentin L. Cook contou a história de uma bolsa que foi encontrada depois de um baile dos jovens (página 18). As coisas que as líderes encontraram em seu interior disseram muito a respeito da moça a quem a bolsa pertencia. O que o conteúdo de sua bolsa, carteira ou mochila diz a seu respeito, e que tipo de mudanças você gostaria de fazer nas coisas que estão ao seu redor?

• O Élder Lynn G. Robbins falou sobre tornar-nos mais semelhantes ao Salvador (página 103). Pense a respeito do que significa *ser* como Jesus Cristo em vez de somente *fazer* o que Ele nos pede. Depois, pense a respeito das mudanças que pode fazer em sua vida para tornar-se mais semelhante ao Salvador.

Para os Adultos

• O Presidente Dieter F. Uchtdorf (página 58) contou a história de um



Coatzacoalcos, México

homem que viveu aquém de seus privilégios, ao deixar de participar de muitas atividades e desfrutar da boa comida oferecida em seu cruzeiro marítimo, por não saber que todas essas coisas estavam incluídas no preço da passagem. Troque ideias com os membros da família que sejam portadores do sacerdócio acerca de maneiras de viver à altura de seus “privilégios no tocante ao poder sagrado, às dádivas e bênçãos sagradas que são [seu] privilégio e direito como portadores do sacerdócio de Deus”.

• O Presidente Boyd K. Packer ensinou-nos sobre o poder do perdão (página 30). Há porventura pessoas que você precisa perdoar ou experiências difíceis que você precisa “esquecer”? Busque a ajuda do Senhor, encontrando a paz e o poder para perdoar.

• O Élder Richard G. Scott falou sobre como ele e sua esposa, Jeanene, demonstravam seu afeto, escrevendo bilhetinhos um para o outro (página 94). Você pode escrever um bilhete dizendo o quanto ama e aprecia seu cônjuge. Coloque-o onde seu cônjuge possa encontrá-lo.

• O Élder David A. Bednar citou a experiência do Presidente Joseph F. Smith ao receber um testemunho (página 87). Releia essa história e pense em quais foram as experiências que influenciaram seu testemunho. ■

Presidências Gerais das Auxiliares

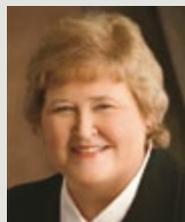
SOCIEDADE DE SOCORRO



Silvia H. Allred
Primeira Conselheira



Julie B. Beck
Presidente



Barbara Thompson
Segunda Conselheira

MOÇAS



Mary N. Cook
Primeira Conselheira



Elaine S. Dalton
Presidente



Ann M. Dibb
Segunda Conselheira

PRIMÁRIA



Jean A. Stevens
Primeira Conselheira



Rosemary M. Wixom
Presidente



Cheryl A. Esplin
Segunda Conselheira

RAPAZES



Larry M. Gibson
Primeiro Conselheiro



David L. Beck
Presidente



Adrián Ochoa
Segundo Conselheiro

ESCOLA DOMINICAL



David M. McConkie
Primeiro Conselheiro



Russell T. Osguthorpe
Presidente



Matthew O. Richardson
Segundo Conselheiro

Ensinamentos para os Nossos Dias

As aulas do Sacerdócio de Melquisedeque e da Sociedade de Socorro realizadas nos quartos domingos de cada mês serão dedicadas aos “Ensinamentos para os Nossos Dias”. Todas as aulas terão por base um ou mais discursos proferidos durante a conferência geral mais recente. Os presidentes de estaca e de distrito podem escolher quais discursos devem ser usados, ou podem delegar essa responsabilidade aos bispos e presidentes de ramo. Os líderes devem reforçar a importância de que tanto os irmãos do Sacerdócio de Melquisedeque como as irmãs da Sociedade de Socorro estudem o mesmo discurso no mesmo domingo.

Aqueles que participam das aulas do quarto domingo são incentivados a estudar e a levar para a sala de aula a edição da revista com os discursos da última conferência geral.

Sugestões para Preparar a Aula com Base nos Discursos

Ore para que o Santo Espírito esteja ao seu lado ao estudar e ensinar o(s) discurso(s). Talvez você

fique tentado a usar outros materiais para preparar a aula, mas são os discursos da conferência que fazem parte do currículo aprovado. Sua tarefa é ajudar os outros a aprender e a viver o evangelho como ensinado na última conferência geral da Igreja.

Estude o(s) discurso(s) procurando princípios e doutrinas que atendam às necessidades dos alunos. Procure também histórias, referências das escrituras e declarações no(s) discurso(s), que o(a) ajudem a ensinar essas verdades.

Faça um esboço de como irá ensinar esses princípios e essas doutrinas. Seu esboço deve incluir perguntas que ajudem os alunos a:

- Procurar princípios e doutrinas no(s) discurso(s).
- Refletir sobre seu significado.
- Compartilhar a compreensão, as ideias, as experiências e o testemunho.
- Aplicar esses princípios e essas doutrinas à própria vida. ■

MESES

MATERIAIS PARA AS AULAS DO QUARTO DOMINGO

Maio de 2011–
Outubro de 2011

Discursos publicados na edição de maio de 2011 de *A Liahona**

Novembro de 2011–
Abril de 2012

Discursos publicados na edição de maio de 2011 de *A Liahona**

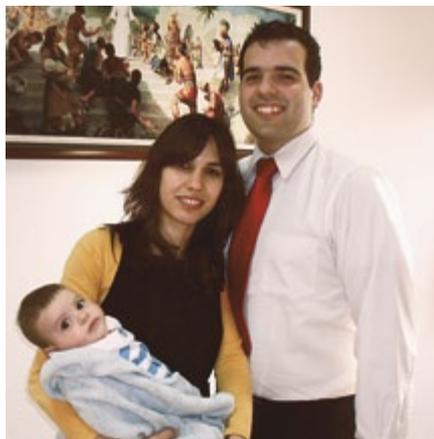
*Esses discursos estão disponíveis (em vários idiomas) no site conference.LDS.org.

Os Líderes da Igreja Celebram o Programa de Bem-Estar e Anunciam Templos

Mais de 100.000 pessoas compareceram às cinco sessões da 181ª Conferência Geral Anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, realizada no Centro de Conferências em Salt Lake City, Utah, EUA, e outros milhões assistiram ou ouviram pela televisão, por rádio, via satélite e transmissões pela Internet.

Os membros do mundo todo participaram da conferência em 93 idiomas. Os formatos de áudio, vídeo e texto da transmissão já se encontram on-line em diversos idiomas, no site conference.LDS.org, e serão disponibilizados em DVD e em CD.

O Presidente Thomas S. Monson abriu a conferência anunciando os locais de três novos templos: Fort Collins, Colorado, EUA; Meridian, Idaho, EUA e em Winnipeg, Manitoba,



Acima: Um rapaz colhe uvas em Madera, Califórnia, EUA, vinha de propriedade da Igreja, que produz uvas para o Sistema de Bem-Estar da Igreja. **Abaixo, à esquerda:** Uma família assiste a uma transmissão via satélite da conferência geral em Coimbra, Portugal.

Canadá, elevando o número de templos anunciados ou em construção para 26. Atualmente, há 134 templos em funcionamento.

O Presidente Monson também enfatizou a importância do trabalho missionário, dizendo: “O trabalho missionário é a seiva vital para o crescimento do reino”. Cerca de 52.000 missionários servem atualmente em 340 missões no mundo.

Na tarde de sábado, dez novas Autoridades Gerais e 41 Setentas de Área foram apoiados, e 34 Setentas de Área foram desobrigados. Além disso, o Élder Don R. Clarke, do Segundo Quórum dos Setenta, foi chamado para servir no Primeiro Quórum dos Setenta. O Relatório Estatístico de 2010 mostrou que o número de membros da Igreja ultrapassa os quatorze milhões.

Vários discursos proferidos durante a conferência de dois dias foram centrados no incomparável Programa de

Bem-Estar da Igreja que celebra seu 75º aniversário em 2011.

No sábado, o Presidente Henry B. Eyring, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, anunciou que, para celebrar o 75º aniversário do programa, os membros no mundo inteiro foram convidados a participar de um dia de prestação de serviço. Esse dia de serviço deverá realizar-se no âmbito da ala ou da estaca, em qualquer data durante o ano. Os líderes locais devem cuidar dos detalhes de cada projeto, e os membros são incentivados a convidar outras pessoas a participar, se for adequado.

O Presidente Monson encerrou a conferência com seu testemunho de Páscoa a respeito de Cristo: “No último momento, [Jesus Cristo] poderia ter desistido. Mas não o fez. Ele desceu abaixo de todas as coisas para poder salvar todas as coisas. Ao fazer isso, Ele deu-nos vida além desta existência mortal”. ■



Élder José L. Alonso

Dos Setenta

Mesmo antes de filiar-se à Igreja, José Luis Alonso Trejo tinha um testemunho do poder da oração. “Quando eu tinha onze anos de idade”, diz ele, “quase morri. Os médicos desistiram de mim — eu pude ouvi-los conversando. Por isso, orei muito para o Senhor, e Ele me curou.

Mais tarde, quando ouvi a história de Joseph Smith e de um rapaz que, com apenas quatorze anos, havia falado com Deus, soube que era verdade. Eu sabia que Deus podia responder a nossas orações, que Ele nos conhece.”

Esse mesmo sentimento de consolo guiou o Élder Alonso enquanto estudava o Livro de Mórmon. “Graças à oração e a esse livro, sei com certeza que Jesus é o Cristo”, afirma.

O Élder Alonso nasceu na Cidade do México, em novembro de 1958, filho de Luis e Luz Alonso. Na adolescência, mudou-se para a Cidade de Cuautla, México, onde filiou-se à Igreja. As reuniões de Mutual permitiram que conhecesse jovens vigorosos que o integraram e lhe ofereceram um segundo lar. Foi durante o tempo em que participava das Mutuais que conheceu Rebecca Salazar, mulher que mais tarde tornou-se sua esposa.

Quando o Élder Alonso fez dezenove anos, serviu como missionário de tempo integral na Missão México Hermosillo. Depois da missão, o Élder Alonso e Rebecca casaram-se, em 24 de fevereiro de 1981, no Templo de Mesa Arizona. O casal tem dois filhos.

Além de servir como diretor do instituto no Sistema Educacional da Igreja, o Élder Alonso tem formação em medicina na área de desenvolvimento pediátrico, e trabalhou como médico homeopata e cirurgião. Sua carreira mostra um desejo há muito acalentado de servir e abençoar outras pessoas — da mesma forma que o Senhor o abençoou quando criança, durante sua doença. “Servir aos outros edifica a união e a irmandade”, declara, “e convida o poder do Senhor a nossa vida.”

Antes de seu chamado para o Primeiro Quórum dos Setenta, o Élder Alonso serviu como bispo, presidente de missão da estaca, presidente de estaca, conselheiro do presidente da missão, presidente da Missão México Tijuana e Setenta de Área. ■



Élder Ian S. Ardern

Dos Setenta

Sempre que atende a um telefonema ou a alguém que bate à porta, as primeiras palavras que o Élder Ian Sidney Ardern pronuncia são, sempre: “Como posso ajudar?”

Nascido em fevereiro de 1954, na cidade de Te Aroha, Nova Zelândia, filho de Harry e Gwladys McVicar Wiltshire, o Élder Ardern relembra que são sempre os atos de serviço aparentemente pequenos que fazem a maior diferença na vida tanto de quem os oferece quanto de quem os recebe. “O serviço não é sempre uma questão de conveniência, mas sempre abençoa nossa vida”, diz o Élder Ardern.

O Élder e a irmã Ardern conheceram-se quando frequentavam a Faculdade da Igreja na Nova Zelândia e casaram-se no Templo de Hamilton Nova Zelândia em 17 de janeiro de 1976. Seus quatro filhos cresceram num lar onde a amorosa preocupação de uns pelos outros e a necessidade de compreender e viver os princípios do evangelho eram prioritários. “É uma bênção ver essas mesmas prioridades no lar de nossos quatro filhos casados”, diz o Élder Ardern.

O Senhor espera muito de Seus filhos, e oferece-nos um modo pelo qual essa expectativa possa ser cumprida. “Sou extremamente grato por todos os que ajudaram nossa família a seguir o Senhor”, afirma o Élder Ardern.

Seguir os ensinamentos dos profetas no lar tem sido uma prioridade na família Ardern. O estudo diário das escrituras tornou-se um hábito porque as crianças mais novas se empenhavam para que ocorresse, para que pudessem se revezar colocando o marcador vermelho no calendário que mostrava que a leitura do dia tinha sido feita. “Por meio de coisas pequenas e simples é que se formam bons hábitos”, declara a irmã Ardern.

Antes de seu chamado para o Primeiro Quórum dos Setenta, o Élder Ardern serviu como missionário na França e na Bélgica, presidente dos Rapazes na estaca, sumo conselheiro, conselheiro do bispo, bispo, conselheiro do presidente da estaca, presidente da Missão Fiji Suva e Setenta de Área.

O Élder Ardern recebeu o bacharelado e o mestrado em Educação pela Universidade de Waikato, na Nova Zelândia. Sua carreira profissional inclui muitos cargos no Sistema Educacional da Igreja, como professor, diretor, coordenador do seminário na Nova Zelândia, diretor da Faculdade da Igreja na Nova Zelândia, e Diretor da Área Oceania. ■



Élder Carl B. Cook

Dos Setenta

Quando era um jovem missionário na Missão de Treinamento em Idiomas (antigo nome do Centro de Treinamento Missionário), em preparação para ir a Hamburgo, Alemanha, Carl Bert Cook esforçou-se para aprender a falar alemão. Enquanto tentava assimilar o vocabulário básico, os membros de seu distrito já se adiantavam em conceitos mais complexos.

Frustrado por seu pouco progresso, o jovem Élder Cook buscou o auxílio divino por meio de uma bênção do sacerdócio e pela oração. Depois de uma oração especialmente fervorosa, o Élder Cook lembra-se de ter recebido uma resposta específica: o Senhor não o havia chamado para ser perito no idioma alemão, mas sim para servi-Lo de todo coração, mente e força.

“Imediatamente pensei: ‘Isso eu posso fazer’”, diz o Élder Cook, que foi chamado recentemente como membro do Primeiro Quórum dos Setenta. “‘Posso servir de todo coração, mente e força’. Levantei-me com uma grande sensação de alívio. De repente, meu instrumento de medida mudou de como meu companheiro e os membros do distrito estavam-se saindo a como o Senhor achava que eu estava-me saindo.”

Embora o Élder Cook diga que não aprendeu necessariamente o idioma mais rapidamente após essa experiência, não se afligia mais com a preocupação anterior, pois sabia que estava fazendo o que o Senhor queria que fizesse. Essa lição, diz ele, foi importante em todos os meus chamados depois disso, inclusive o de bispo, conselheiro na presidência da estaca, presidente da estaca, presidente da Missão Nova Zelândia Auckland, Setenta de Área e em sua designação atual.

O Élder Cook recebeu o grau de bacharel em Marketing Empresarial pela Faculdade Estadual de Weber e o de mestrado em Administração de Empresas pela Universidade Estadual de Utah. Sua carreira foi dedicada ao trabalho no desenvolvimento imobiliário.

O Élder Cook nasceu em Ogden, Utah, EUA, em outubro de 1957, filho de Ramona Cook Barker e Bert E. Cook, falecido. Casou-se com Lynette Hansen em 14 de dezembro de 1979, no Templo de Ogden Utah. O casal tem cinco filhos. ■



Élder LeGrand R. Curtis Jr.

Dos Setenta

Élder LeGrand R. Curtis Jr. sabe que “o Senhor requer o coração e uma mente solícita” (D&C 64:34).

“Ele adora servir na Igreja, e o faz com dedicação e muita disposição”, afirma sua esposa, Jane Cowan Curtis, com quem se casou no Templo de Salt Lake, em 4 de janeiro de 1974. “O serviço é seu grande anseio e desejo.”

O Élder Curtis nasceu em agosto de 1952, em Ogden, Utah, EUA, filho de LeGrand R. e Patricia Glade Curtis. Seu pai, mais tarde, tornou-se membro do Segundo Quórum dos Setenta (1990–1995).

Antes de seu chamado para o Primeiro Quórum dos Setenta, o Élder Curtis Jr. serviu na Missão Itália Norte e também como bispo, sumo conselheiro, presidente de estaca, presidente da Missão Itália Padova e Setenta de Área. Ele servia como membro do Quinto Quórum dos Setenta, na Área Utah Salt Lake City por ocasião do seu chamado para o Primeiro Quórum.

O Élder Curtis formou-se na Universidade Brigham Young em Economia e recebeu seu doutorado em Direito pela Universidade de Michigan. Por ocasião de seu chamado, trabalhava como advogado e sócio de um escritório de advocacia. Além de estudar e de trabalhar, o Élder Curtis e sua esposa criaram cinco filhos.

Depois de servir como Setenta de Área de 2004 a 2011, o Élder Curtis disse ter gostado muito da oportunidade de trabalhar com as Autoridades Gerais. “Fui abençoado por trabalhar com alguns maravilhosos líderes na Igreja”, afirma. “Tem sido um grande privilégio observá-los e aprender com eles.”

A irmã Curtis diz que o Élder Curtis sempre teve mãos e coração solícitos. “Sua atitude sempre foi: ‘Eu o farei’”, diz ela.

Doutrina e Convênios 64:34 termina com estas palavras: “Os que são solícitos e obedientes comerão do bem da terra de Sião nestes últimos dias”. O irmão e a irmã Curtis dizem que eles, seus filhos e netos foram extraordinariamente abençoados por servirem ao Senhor. ■



Élder W. Christopher Waddell

Dos Setenta

Um princípio orientador não escrito da família do Élder Wayne Christopher Waddell sempre foi: “Confia no Senhor”.

“Quando você confia no Senhor, não precisa se preocupar com grandes mudanças”, diz o Élder Waddell a respeito das inesperadas reviravoltas da vida. “Sabemos que Ele é o maior interessado em nosso bem-estar, e seremos abençoados.”

O Élder Waddell nasceu em junho de 1959 em Manhattan Beach, Califórnia, EUA, e é filho de Wayne e Joann Waddell. Recebeu o grau de bacharel em História pela Universidade do Estado de San Diego, onde também jogava vôlei. Trabalhou em inúmeros cargos em uma firma global de serviços de investimento.

O Élder Waddell casou-se com Carol Stansel em 7 de junho de 1984, no Templo de Los Angeles Califórnia. O casal tem quatro filhos. A união é o padrão supremo na família Waddell. Eles atribuem essa união ao fato de se esforçarem para seguir o evangelho do Salvador no lar. As atividades da família também são importantes: irem juntos às praias perto de sua casa e assistirem juntos, como família, a eventos esportivos.

Antes de seu chamado para o Primeiro Quórum dos Setenta, o Élder Waddell serviu como missionário de tempo integral na Espanha, foi bispo, sumo conselheiro, conselheiro do presidente da missão, presidente de estaca, presidente da Missão Espanha Barcelona e Setenta de Área.

O Élder Waddell diz que uma experiência se fundamenta em outra, e cada uma continua a contribuir para o “tesouro do testemunho” no qual confia para enfrentar os desafios da vida.

Quando fala da preparação para seu novo chamado, o Élder Waddell menciona o templo.

“O que nos preparou para isto? Quando fomos ao templo pela primeira vez e fizemos convênios, prometemos estar sempre dispostos a fazer o que o Senhor nos pedisse, mesmo que não nos fosse conveniente”, revela. “Ir ao templo, servir missão, fazer convênios e depois reconhecer Sua mão e saber como Ele dirige o trabalho — é tudo de que precisamos! Não estamos fazendo nada peculiar; estamos cumprindo os convênios que fizemos, como qualquer pessoa.” ■



Élder Kazuhiko Yamashita

Dos Setenta

Desde a época em que era um jovem bispo em Fukuoka, Japão, há muitos anos, o Élder Kazuhiko Yamashita aprendeu pelo bom exemplo e pela atitude de seus líderes mais velhos.

Logo depois de o Élder Yamashita casar-se com Tazuko Tashiro, o casal mudou-se de Tóquio para Fukuoka, onde o Élder Yamashita foi chamado como bispo, pouco antes de completar 30 anos de idade.

“Foi muito difícil para mim e para minha família”, diz o Élder Yamashita. “Tínhamos três filhos pequenos na ocasião, e éramos novos no lugar; mas também foi um bom aprendizado e uma boa experiência para mim, e meu testemunho e minha fé se fortaleceram.

É claro que enfrentei dificuldades, pois minha família era jovem e eu não tinha muita experiência como líder da Igreja”, lembra o Élder Yamashita. “Meus líderes mais velhos eram bons exemplos e me ensinaram muitas lições por meio de sua atitude e de seu comportamento.”

A irmã Yamashita diz ter visto seu marido receber muitos chamados e tornar-se um excelente pai e um grande líder espiritual por meio dos desafios inerentes a esses chamados. Com o tempo, ela o viu mudar e tornar-se mais bondoso, um pai e marido mais amoroso. A família adora estar junta, inclusive fazer longas viagens de carro todos os anos.

O Élder Yamashita nasceu em setembro de 1953, filho de Kiyoshi e Sadae Yamashita. Cresceu em Tóquio, Japão, onde conheceu a Igreja, em 1971 por meio da Expo 70, uma Feira Mundial.

O Élder Yamashita recebeu o grau de bacharel em Educação pela Universidade Saitama e o mestrado em Ciência do Esporte pela Universidade Tsukuba. Ele também estudou Filosofia da Educação Física na Universidade Brigham Young. O Élder Yamashita foi instrutor e professor em várias universidades, tendo servido em diversas organizações científicas, comunitárias e esportivas.

O Élder Yamashita e sua esposa casaram-se em 29 de março de 1980 e selaram-se em dezembro de 1980, depois do término da construção do Templo de Tóquio Japão. O casal tem seis filhos.

Antes de seu chamado para o Primeiro Quórum dos Setenta, o Élder Yamashita serviu como bispo, sumo conselheiro, presidente de missão da estaca, presidente de estaca e Setenta de Área. ■



Élder Randall K. Bennett

Dos Setenta

Foi no auge de sua carreira como ortodontista que Randall Kay Bennett e sua esposa, Shelley, sentiram “uma nítida impressão” de que deveriam preparar-se para servir missão. Isso significava que precisariam vender sua casa imediatamente.

A razão desse sentimento não se tornou aparente de imediato: levou três anos para que a casa fosse vendida, processo que “consumiu muita paciência” e exigiu que “mostrassem ao Senhor que estavam realmente comprometidos”, diz o Élder Bennett. “Continuamos a confiar no Senhor e tentamos permanecer perto Dele por meio da frequência constante ao templo, estudo diário das escrituras, orações, jejum e serviço ao próximo.”

Pouco depois de a casa ser finalmente vendida, o Élder Bennett foi chamado para servir no Centro de Treinamento Missionário e, depois, como presidente na Missão Rússia Samara.

“Foi maravilhoso — e trouxe-nos muita humildade — saber que o Senhor tinha Se preocupado conosco e nos estava preparando”, recorda o Élder Bennett. “Passamos a saber que o Senhor conhece os pensamentos que permeiam nossa mente e os sentimentos que existem em nosso coração. Aprendemos a confiar no fato de que Ele nos conhece melhor que nós mesmos, que Ele sabe mais do que nós, e que Ele nos ama.”

Além de seus chamados como membro do Segundo Quórum dos Setenta e presidente de missão, o Élder Bennett serviu como presidente e conselheiro no Ramo do Centro de Treinamento Missionário de Provo, membro do sumo conselho na estaca, conselheiro no bispado, presidente dos Rapazes na ala, como missionário nas Missões França Paris e França Toulouse e em diversos outros chamados.

O Élder Bennett recebeu o grau de bacharel em Cirurgia Dentária pela Universidade de Alberta (Canadá) e o grau de mestre em Ortodontia pela Universidade Loma Linda, na Califórnia do Sul, EUA.

O Élder Bennett nasceu em junho de 1955, em Magrath, Alberta, Canadá. Seus pais são Donald Kay Bennett e Anne Darlene Long. Ele se casou com Shelley Dianne Watchman em 23 de abril de 1977, no Templo de Cardston Alberta. O casal tem quatro filhos. ■



Élder J. Devn Cornish

Dos Setenta

O Élder John Devn Cornish sabe que todo membro e todo chamado da Igreja é importante.

“Ao considerarmos um chamado na Igreja, é importante nos lembrarmos de que não importa qual seja a poltrona que ocupamos no avião; o que importa é que estejamos no avião”, diz ele. “Fazer parte desta obra tem importância eterna. A posição que ocupamos é o que menos importa.”

Desde seu chamado a servir na Missão Guatemala–El Salvador até seu mais recente cargo no Segundo Quórum dos Setenta, o Élder Cornish esteve empenhado em cumprir seus chamados na Igreja, inclusive: presidente dos Rapazes na ala, presidente do quórum de élderes, secretário executivo na ala, líder do grupo dos sumos sacerdotes, sumo conselheiro, bispo, presidente de estaca, presidente da Missão República Dominicana Santiago e Setenta de Área.

Nascido em abril de 1951, em Salt Lake City, Utah, EUA, filho de George e Naomi Cornish, o Élder Cornish cresceu em Utah, Geórgia e Virgínia, EUA. Posteriormente formou-se em Utah.

Enquanto morava em Provo, conheceu Elaine Simmons durante uma atividade para os jovens adultos solteiros. Casaram-se no Templo de Manti Utah, em agosto de 1973.

Durante a criação dos seis filhos, com sua esposa, o Élder Cornish serviu na Corporação Médica da Força Aérea dos Estados Unidos, recebeu o grau de bacharel e licenciatura médica pela Universidade Johns Hopkins e concluiu a residência em Pediatria na Faculdade de Medicina de Harvard, no Hospital Pediátrico Boston.

Os estudos e o trabalho em Idaho, no Texas, na Califórnia e na Geórgia, EUA, forçaram a família a mudar-se várias vezes com o passar dos anos; mas, aonde quer que fossem, afirmam o Élder e a irmã Cornish, amavam servir na Igreja.

“Esta obra está crescendo no mundo inteiro, e é uma grande bênção poder servir aos filhos do Senhor onde quer que se encontrem”, diz o Élder Cornish.

Esse chamado para os Setenta, “como qualquer chamado na Igreja, será mais uma oportunidade de fazer parte da obra do Senhor”, ele afirma. “Somos gratos por esse privilégio.” ■



Élder O. Vincent Haleck

Dos Setenta

Desde muito jovem, o Élder Otto Vincent Haleck já pagava o dízimo, jejuava e estudava as escrituras. Então, conheceu os missionários e foi batizado.

A mãe do Élder Haleck era membro da Igreja, mas não a frequentava fazia anos. Seu pai não era membro da Igreja. Mesmo assim, a família pagava o dízimo, jejuava semanalmente, lia diariamente a Bíblia e doava o que tinha aos necessitados. O Élder Haleck tem um legado de fé.

Nasceu em janeiro de 1949, na Samoa Americana. Seus pais, Otto e Dorothy Haleck, enviaram-no para a faculdade na Califórnia, EUA. Aos dezessete anos, percebeu que alguns amigos na república onde morava eram diferentes de outros estudantes. “Eles me convidaram para uma Mutual, e esse foi o começo de minha história”, relembra.

O Élder Haleck recebeu o grau de bacharel em Propaganda e Marketing pela Universidade Brigham Young. Ele é dono de inúmeras empresas na Samoa Americana e está envolvido com o trabalho filantrópico. O Élder Haleck e sua esposa, Peggy Ann Cameron, casaram-se em 29 de junho de 1972, no Templo de Provo Utah. O casal tem três filhos.

Por fim, a família inteira do Élder Haleck encontrou o evangelho. Ele teve o privilégio de batizar seu pai, com 80 anos de idade, e ver sua mãe retornar à atividade na Igreja, depois de 50 anos de casada.

Antes de seu chamado para o Segundo Quórum dos Setenta, o Élder Haleck serviu como missionário de tempo integral na Missão Samoa Ápia, sumo conselheiro na estaca, patriarca, presidente de estaca e, mais recentemente, presidente da Missão Samoa Ápia.

O Élder Haleck acredita que todas as experiências de sua vida o conduziram até onde se encontra hoje. “Ao olhar para trás, posso dizer que vejo a mão do Senhor em minha vida”, diz o Élder Haleck. “Sou grato e sinto-me honrado pela confiança que o Senhor depositou em nós. Amo o Senhor e espero ser um bom instrumento. Sei que o Senhor vai-me ajudar.” ■



Élder Larry Y. Wilson

Dos Setenta

Equilibrar as exigências do trabalho, a Igreja e as responsabilidades familiares tem sido um desafio para o Élder Larry Young Wilson, mas ele se assegurou de que os membros da família soubessem o quanto são importantes para ele.

“A experiência mais educativa que tive é ser marido e pai”, diz o Élder Wilson. “Raramente faltava a uma apresentação de um filho em atletismo, música ou outro tipo de evento. À noite, lia para eles histórias e fazíamos orações juntos, antes de colocá-los na cama para dormir. É tão importante estar presente!”

O Élder Wilson conhece bem as demandas que repousam sobre quem está na liderança, seja qual for o aspecto da vida. Ele nasceu em dezembro de 1949, em Salt Lake City, Utah, EUA, filho de George e Ida Wilson, e cresceu em Pocatello, Idaho, EUA. Recebeu o grau de bacharel em Inglês e Literatura Norte-Americana pela Universidade Harvard, e mais tarde o de mestrado em Administração de Empresas pela Faculdade Stanford de Pós-Graduação em Negócios.

O Élder Wilson desenvolveu sua carreira como consultor e executivo na área da saúde. Embora sua carreira exigisse muito dele, o Élder Wilson assegurou-se de que isso jamais controlasse sua vida.

“É preciso estabelecer limites em torno de sua vida profissional”, diz ele. “Do contrário, ela vai engolir todo o resto. Falando praticamente, as áreas do trabalho, da Igreja e do tempo com a família precisam se revezar, cada qual esperando sua vez. Ore para ser orientado, e você saberá qual delas terá precedência em um dia determinado.”

O Élder Wilson serviu diligentemente como missionário na Missão Brasil Central, como bispo, presidente de estaca e Setenta de Área, antes de ser chamado para o Segundo Quórum dos Setenta.

Quem ajuda o Élder Wilson a encontrar esse importante equilíbrio em todos os serviços é a esposa, Lynda Mackey Wilson, com quem se casou em 10 de julho de 1974, no Templo de Logan Utah. Eles têm quatro filhos.

“Sempre que estou saindo para uma reunião da Igreja, ela costuma dizer: ‘Tchau, Benzinho. Vá servir ao Senhor’”, revela o Élder Wilson. “Ela estava ensinando a nossos filhos o profundo significado do meu serviço. Não demorou muito para eles também dizerem: ‘Tchau, Paizinho. Vá servir ao Senhor!’” ■



Os Presidentes David O. McKay, Heber J. Grant e J. Reuben Clark Jr. (da esquerda para a direita), da Primeira Presidência, visitam a Praça do Bem-Estar, em 1940.

O 75º Aniversário do Programa de Bem-Estar

Heather Wrigley

Revistas da Igreja

Diversos discursos da 181ª Conferência Geral Anual da Igreja falaram sobre a comemoração do Programa de Bem-Estar da Igreja, que acaba de completar 75 anos.

Em seu dia inaugural, em 1936, o Presidente David O. McKay, então conselheiro na Primeira Presidência, reafirmou as raízes divinamente inspiradas do Plano de Bem-Estar: “[O Programa de Bem-Estar] é estabelecido por revelação divina, e não há nada, no mundo inteiro, que consiga cuidar tão eficazmente de seus membros”.¹

Setenta e cinco anos se passaram. Os ciclos econômicos seguiram-se uns após outros. O mundo presenciou enormes mudanças sociais e culturais, e a Igreja apresentou um crescimento monumental.

Mas as palavras pronunciadas sobre o plano divinamente inspirado de Bem-Estar da Igreja naquele dia, em 1936, são tão verdadeiras hoje quanto no passado.

Princípios de Bem-Estar

Em 1929, os Estados Unidos experimentaram enormes perdas financeiras quando o mercado de ações quebrou. Em 1932, o desemprego em Utah atingiu a marca de 35,8 por cento.

Embora a Igreja tivesse princípios de bem-estar ativos, inclusive um sistema de armazéns e programas para ajudar os membros a ter emprego, muitos tiveram de apelar para a ajuda do governo.

“Acredito que há uma disposição crescente entre as pessoas de tentar obter alguma coisa do governo dos Estados Unidos com pouca chance de algum dia pagar pelo empréstimo”, comentou o Presidente Heber J. Grant (1856–1945) na época.²

Os líderes da Igreja queriam ajudar os membros que se empenhavam, sem promover a ociosidade e o senso de direito adquirido. A meta era ajudar as pessoas a ajudar-se a si mesmas a tornar-se independentes.

Em 1933, a Primeira Presidência anunciou: “Nossos membros fisicamente capazes não devem, exceto como último recurso, ser submetidos à situação vexatória de aceitar alguma coisa a troco de nada. (...) Os líderes gerais da Igreja que administram a ajuda precisam descobrir meios e maneiras pelos quais todos os membros fisicamente capazes da Igreja que estiverem necessitados, possam compensar a ajuda recebida oferecendo algum tipo de serviço”.³

Com os princípios em vigor e a fé ativa que os santos possuíam, as unidades da Igreja, bem como a Igreja como um todo, passaram a trabalhar organizando locais de costura e de produção de enlatados, coordenando projetos de serviço, adquirindo fazendas e enfatizando a retidão, a frugalidade e o viver previdente.

O Plano de Bem-Estar da Igreja

Com a organização do Plano de Seguridade da Igreja (renomeado em 1938 como Plano de Bem-Estar da Igreja), as pessoas tinham a oportunidade de trabalhar, de acordo com suas possibilidades, pela ajuda que recebiam. O plano ensinou as pessoas a voltarem para si mesmas e “pedirem ajuda” em vez de ir a outras fontes para “pedir doação”.

“Nosso objetivo principal foi estabelecer (...) um sistema sob o qual a praga da indolência fosse eliminada, os males da esmola fossem abolidos e a independência, industriabilidade, frugalidade e autorrespeito fossem novamente estabelecidos no meio de nosso povo”, disse o Presidente Grant durante a conferência geral de outubro de 1936. “O trabalho deve voltar a ser entronizado como princípio governante da vida dos membros de nossa Igreja.”⁴

Com o passar do tempo, o sistema de Bem-Estar da Igreja foi incluindo



Seja fazendo pão (acima, à esquerda), cultivando uvas (acima, à direita) ou oferecendo ajuda de alguma outra forma, o Programa de Bem-Estar da Igreja visa desenvolver a autossuficiência por meio da fé em Jesus Cristo.

vários programas: Serviços Sociais (atualmente Serviços Familiares SUD); Serviços de Caridade SUD; Serviços Humanitários SUD e Resposta a Situações de Emergência SUD. Esses programas e outros já abençoaram a vida de centenas de milhares, tanto membros como não membros da Igreja.

O Programa Internacional

Mesmo depois de a Grande Depressão terminar, com o advento da Segunda Grande Guerra, o Presidente J. Reuben Clark Jr., Segundo Conselheiro na Primeira Presidência, defendeu providencialmente a continuidade do Programa de Bem-Estar. Em outubro de 1945, o presidente norte-americano Harry S. Truman telefonou para o então Presidente da Igreja, George Albert Smith (1870–1951), para determinar como e quando os suprimentos poderiam ser entregues nas áreas da Europa devastadas pela guerra. Para espanto do Presidente Truman, os líderes da Igreja responderam que os alimentos, as roupas e outros suprimentos já haviam sido coletados e estavam prontos para serem embarcados.

Com o passar do tempo, a Igreja expandiu suas instalações e seus programas de Bem-Estar para cobrir mais áreas carentes, inclusive mais áreas geográficas. Na década de 1970, a Igreja expandiu seus projetos e

suas produções de Bem-Estar para o México, para a Inglaterra e para as Ilhas do Pacífico. Na década seguinte, a Argentina, o Chile, o Paraguai e o Uruguai tornaram-se os primeiros países fora dos Estados Unidos a receber os centros de emprego da Igreja.

Com a formação dos Serviços Humanitários da Igreja em 1985, os trabalhos de Bem-Estar fora dos Estados Unidos cresceram notavelmente, com roupas e outros bens classificados para embarque no mundo inteiro, em resposta à pobreza e a desastres naturais.

Atualmente, o crescimento do número de membros da Igreja internacionalmente, em especial nas nações em desenvolvimento, traz novos desafios que o Programa de Bem-Estar tem-se adaptado para superar.

Um Plano Inspirado para os Nossos Dias

Os princípios básicos de Bem-Estar — autossuficiência e industriiosidade — continuam os mesmos hoje, como eram na época em que o Senhor disse a Adão: “No suor do teu rosto comerás o teu pão” (Gênesis 3:19).

Nos últimos dias, o Senhor declarou: “E o armazém deverá ser mantido pelas consagrações da igreja; e prover-se-á a subsistência das viúvas e dos órfãos, como também dos pobres” (D&C 83:6). Ele depois nos lembra: “Mas é necessário que seja feito a meu modo” (D&C 104:16).

Os princípios de Bem-Estar vigoraram na vida dos membros ao redor do mundo como um princípio diário em cada lar.

“A força da Igreja e do real armazém do Senhor está no lar e no coração das pessoas”, disse o Élder Robert D. Hales, do Quórum dos Doze Apóstolos.⁵

À medida que as pessoas desenvolvem a própria autossuficiência por meio da fé em Jesus Cristo, o objetivo de longo prazo do programa, como definido pelo Presidente Clark, continua a ser cumprido: “é edificar o caráter dos membros da Igreja, tanto dos que doam quanto dos que recebem, resgatando tudo o que há de mais nobre dentro deles e fazendo aflorar e resplandecer as riquezas adormecidas do espírito, o que, afinal, é a missão e o propósito e a razão de ser desta Igreja”.⁶ ■

NOTAS

1. David O. McKay, Henry D. Taylor, *The Church Welfare Plan*, não publicado, Salt Lake City, 1984, pp. 26–27.
2. Heber J. Grant, Conference Report, outubro de 1933, p. 5.
3. James R. Clark, comp., *Mensagens da Primeira Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*, 6 vols., 1965–1975, vol. 5, pp. 332–334.
4. Heber J. Grant, Conference Report, outubro de 1936, p. 3.
5. Robert D. Hales, “Welfare Principles to Guide Our Lives: An Eternal Plan for the Welfare of Men’s Souls,” *Ensign*, maio de 1986, p. 28.
6. J. Reuben Clark Jr., numa reunião especial de presidentes de estaca, 2 de outubro de 1936.

Palavras Inspiradas, Trabalho Inspirado: O que os Oradores Disseram sobre o Bem-Estar

Diversos discursos da 181ª Conferência Geral Anual da Igreja falaram sobre a comemoração do Programa de Bem-Estar da Igreja, que acaba de completar 75 anos.

Seguem-se abaixo alguns trechos dos discursos que abordaram o programa e os princípios de Bem-Estar estabelecidos pelo Senhor para ajudar Seus filhos a ajudar-se a si mesmos.

Presidente Thomas S. Monson

Declaro que o programa de Bem-Estar da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é inspirado pelo Deus Todo-Poderoso (ver “O Templo Sagrado — Um Farol para o Mundo”, p. 90).

Presidente Henry B. Eyring, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Os filhos do Pai Celestial passam grandes necessidades materiais em nossa época, como aconteceu e como acontecerá em todas as épocas. Os

princípios que alicerçam o Programa de Bem-Estar da Igreja não são apenas para uma época ou um lugar. São para todas as épocas e para todos os lugares. (...)

Ele convidou-nos e ordenou-nos a participar de Seu trabalho de ajudar os necessitados. Assumimos o convênio de fazer isso, nas águas do batismo e nos templos sagrados de Deus. Renovamos esse convênio aos domingos, quando tomamos o sacramento” (ver “Oportunidades de Fazer o Bem”, p. 22).

Bispo H. David Burton, Bispo Presidente

“O plano profético de bem-estar não é uma mera nota de rodapé na história da Igreja. Os princípios sobre os quais ele se baseia definem quem somos como povo. É a essência de quem somos como discípulos individuais de nosso Salvador e nosso exemplo, Jesus Cristo. (...)

Esse trabalho sagrado não apenas beneficia e abençoa os que sofrem ou

passam necessidades. Como filhos e filhas de Deus, não podemos herdar plenamente a vida eterna sem estarmos completamente investidos do cuidado de outros enquanto estamos aqui na Terra. É na benevolente prática do sacrifício e da doação pessoal a outros que aprendemos os princípios celestiais do sacrifício e da consagração.

Esse é o trabalho sagrado que o Salvador espera de Seus discípulos. É o trabalho que Ele amava quando esteve neste mundo. É o trabalho que sabemos que O veríamos fazer se estivesse entre nós hoje” (ver “O Trabalho Santificador do Bem-Estar”, p. 81).

Silvia H. Allred, Primeira Conselheira na Presidência Geral da Sociedade de Socorro

“Hoje em dia, os homens e as mulheres da Igreja participam juntos no trabalho de auxiliar os necessitados. (...) Quando o amor se torna o princípio orientador do serviço que prestamos às pessoas, isso se torna o evangelho em ação. Esse é o evangelho em sua melhor expressão. É religião pura” (ver “A Essência do Discipulado”, p. 84). ■

O Fundo Perpétuo de Educação Cumpre Promessas Proféticas

Natásia Garrett Revistas da Igreja

Dez anos atrás, o Presidente Gordon B. Hinckley (1910–2008) falou sobre um problema (a incapacidade de muitos ex-missionários e outros jovens dignos de desenvolverem áreas de escape da pobreza — e propôs uma solução: o Fundo

Perpétuo de Educação (FPE). Fundo rotativo que seria criado usando doações dos membros e amigos da Igreja, o FPE funcionaria fazendo empréstimos aos jovens com a expectativa de que eles se preparariam para empregos de boa remuneração em sua comunidade e reembolsariam o empréstimo para que outros tivessem

oportunidade semelhante. Ele disse que a Igreja dependeria de voluntários e dos recursos existentes para ter sucesso.

Milagres Ocorreram

Quando o Presidente Hinckley dirigiu-se ao púlpito em 31 de março de 2001 e descreveu a visão do Fundo Perpétuo de Educação diante do sacerdócio da Igreja, ficou evidente a muitos que o profeta de Deus havia recebido essa orientação.

O potencial de insucesso parecia



FOTOGRAFIA: BRIAN WILCOX

O Fundo Perpétuo de Educação, que teve início há dez anos, ajudou mais de 47.000 participantes.

avultar, enquanto os recém-indicados líderes do FPE apressavam-se em iniciar o programa de empréstimos no segundo semestre de 2001, como havia orientado o Presidente Hinckley. Além da inspirada descrição do profeta, não havia um plano de negociação nem uma proposta detalhada. O programa foi organizado usando o texto do discurso proferido pelo Presidente Hinckley na conferência como diretriz. Centenas de inscrições para empréstimos inundavam a sede da Igreja enquanto os diretores eram chamados e a estrutura básica do programa tomava forma.

Mas milagres já haviam começado a ocorrer. Logo no primeiro ano, milhões de dólares foram doados para o programa. Várias pessoas, cuja experiência tornava-os especialmente qualificados para trabalhar no FPE disponibilizaram-se imediatamente para servir como diretores voluntários. A infraestrutura necessária para dar suporte ao FPE globalmente havia sido lançada sob a forma dos

programas do instituto do Sistema Educacional e dos Centros de Recursos de Emprego da Igreja. Tudo o que era necessário foi conseguido rapidamente, suprimindo o programa com o que o Presidente Hinckley chamou, em abril de 2002, de solidez para a empreitada.¹

“O convite do Presidente Hinckley ajuda aqueles que contribuem com o FPE bem como aqueles que [o usam para] melhorar individualmente, para chegar-se mais ao nosso Salvador.”

—Elder John K. Carmack

Rex Allen, que serve atualmente como diretor voluntário de treinamento e comunicação no FPE, disse: “Há muito tempo, Moisés estendeu seu cajado sobre o Mar Vermelho e as águas se dividiram. O Presidente Hinckley espelhou essa mesma fé quando

estendeu seu manto profético sobre o tenebroso mar da pobreza e deu início ao FPE”.

“É um milagre”, confirmou repetidamente o Presidente Hinckley.

Depois de dez anos, contudo, os milagres maiores podem estar ainda começando.

Promessas Cumpridas

Em seu anúncio do FPE e em discursos mais recentes, o Presidente Hinckley prometeu que diversas bênçãos adviriam do FPE. Cada uma está sendo cumprida em ritmo crescente, à medida que mais participantes concluem seus estudos com o FPE e reembolsam o empréstimo.

Oportunidade e Emprego

“[Os participantes] terão condições de receber uma boa instrução, o que lhes permitirá erguer-se dos níveis de pobreza”, disse o Presidente Hinckley.²

Até fevereiro de 2011, quase 90 por cento daqueles que procuraram trabalho depois de concluir os estudos

conseguiram se empregar. Cerca de 78 por cento dos que estão empregados dizem que seu emprego atual é melhor do que o que tinham antes de terminar os estudos. A renda média depois dos estudos, para os participantes do FPE, é de três a quatro vezes maior do que o que recebiam antes de estudar, o que representa uma grande melhora na sua situação econômica.

Família e Comunidade

“Eles se casarão e seguirão seu caminho, detentores de habilidades que lhes permitirão ganhar bem e assumir sua posição na sociedade, onde poderão fazer uma contribuição significativa”, disse ainda o Presidente Hinckley.³ Mais de um terço dos atuais participantes do FPE estão casados.

O Élder John K. Carmack, diretor executivo do FPE, diz: “Um dos resultados mais atraentes do FPE até agora é que estamos vendo os jovens receberem mais esperança. E essa esperança dá-lhes incentivo para casar-se e prosseguir com sua vida”.

Ao fazerem isso, sua família em crescimento ansiará por um futuro melhor.

Igreja e Liderança

“Como membros fiéis da Igreja, pagarão seus dízimos e ofertas, e a Igreja se tornará muito mais forte devido à presença deles na área onde residirem”, prometeu o Presidente Hinckley.⁴

Em algumas áreas onde o FPE está ativo há vários anos, cerca de dez a quinze por cento dos atuais líderes da Igreja são participantes do FPE.

“Os participantes incentivam outros jovens a usar o empréstimo do FPE e sair definitivamente da pobreza”, disse Rex Allen. “Depois de dez anos, o que vemos é o círculo de esperança se

expandir, à medida que os que foram abençoados compartilham suas bênçãos com outros”.

Efeitos na Vida de Muitos

“[O FPE] irá tornar-se uma bênção na vida que tocar — para rapazes e moças, para família e para a Igreja, que será abençoada com o fortalecimento de sua liderança local”, prometeu o Presidente Hinckley.⁵

Mais de 47.000 pessoas já participaram do FPE desde o segundo semestre de 2001. Isso, sem contar os familiares que recebem apoio e são inspirados por membros da família que participam do FPE, as alas e ramos que se beneficiam com os membros que têm maior capacidade de servir e de contribuir, e a economia local, que necessita de trabalhadores capacitados para crescer.

“Imagine o impacto geral, ao levar em conta todos os influenciados”, disse o irmão Allen. “Isso se estende àqueles que fazem doações para o FPE — doadores, sua família, sua ala e seu ramo — todos são abençoados por suas contribuições.”

“Está ao alcance de quase todos os santos dos últimos dias a capacidade de doar algo periodicamente para esse fundo e para outros empreendimentos dignos”, disse o Élder Carmack. “O convite do Presidente Hinckley ajuda aqueles que contribuem com o FPE bem como aqueles que [o usam para] melhorar individualmente, para achar-se mais ao nosso Salvador.

Crescimento Contínuo

A visão profética do Presidente Hinckley do Fundo Perpétuo de Educação tem-se concretizado à medida que a influência desse programa inspirado continua a espalhar-se no mundo todo; e continuará a concretizar-se em estatísticas crescentes,

conforme as doações continuem e os empréstimos sejam reembolsados, permitindo que uma nova geração de participantes aperfeiçoe a si mesma e a sua situação.

Para saber mais sobre o Fundo Perpétuo de Educação, visite o site pef.LDS.org. ■

NOTAS

1. Ver Gordon B. Hinckley, “A Igreja Segue em Frente”, *A Liahona*, julho de 2002, p. 4; *Ensign*, maio de 2002, p. 6.
2. Gordon B. Hinckley, *A Liahona*, julho de 2002, p. 4; *Ensign*, maio de 2002, p. 6.
3. Gordon B. Hinckley, “O Fundo Perpétuo para Educação”, *A Liahona*, julho de 2001, p. 60; *Ensign*, maio de 2001, p. 52.
4. Gordon B. Hinckley, “Fundo Perpétuo para Educação”, *A Liahona*, julho de 2001, p. 60; *Ensign*, maio de 2001, p. 52.
5. Gordon B. Hinckley, *A Liahona*, julho de 2001, p. 60; *Ensign*, maio de 2001, p. 52.

Procuramos Participantes da Pesquisa

Se você já quis alguma vez contribuir para *A Liahona* ou *Ensign* e os milhões de leitores das mensagens da revista, esta é a sua chance. A revista está procurando por membros no mundo todo que estejam dispostos a fazer comentários e a participar de algumas pesquisas simples on-line ao longo do ano. Se você deseja participar, escreva um e-mail para liahona@LDSchurch.org ou ensign@LDSchurch.org e coloque “Magazine Evaluation” no campo Assunto. Os voluntários devem ter acesso à Internet e ser capazes de comunicar-se em inglês, português ou espanhol. Seu comentário ajudará a revista a atender melhor à necessidade dos leitores ao redor do mundo. ■



© IRI

A versão de 400 anos do rei Jaime da Bíblia Sagrada continua a influenciar os membros da Igreja atualmente.

O Aniversário de 400 Anos da Bíblia É Mais Bem Celebrado com Mais Estudo, Sugerem as Palavras dos Apóstolos

"Não é por acaso ou coincidência que temos a Bíblia hoje", disse o Élder M. Russell Ballard, do Quórum dos Doze Apóstolos.¹ Ele explica a existência da Bíblia pela obediência de pessoas justas que seguiram a inspiração de registrar experiências e ensinamentos sagrados, bem como pela fé e coragem de outros, inclusive tradutores, que mais tarde sacrificaram muito para "proteger e preservar" a Bíblia.

O dia 2 de maio de 2011 marca o 400º aniversário da primeira publicação da Versão do Rei Jaime da Bíblia. Por todo o mundo, as pessoas já comemoram a publicação da Bíblia com simpósios, celebrações, espetáculos, competições de oratória, entre outras coisas. Os membros do Quórum dos Doze Apóstolos sugerem outra maneira de celebrar a ocasião: desenvolver um amor pela Bíblia ao estudar a vida e o ministério do Salvador e as palavras dos antigos profetas e apóstolos.

"Devemos ser imensamente gratos pela Bíblia Sagrada", disse o Élder Ballard. "Amo a Bíblia. Amo seus ensinamentos, suas lições e seu espírito. (...)

Amo a perspectiva e a paz que advêm da leitura da Bíblia."²

O Élder Jeffrey R. Holland, do Quórum dos Doze Apóstolos, concorda. "Amamos e reverenciamos a Bíblia", diz ele. "É sempre identificada em primeiro lugar em nosso cânon, nossas 'obras-padrão'.³ Ele nos lembrou que a Restauração só ocorreu porque Joseph Smith estudava a Bíblia e teve fé na promessa que se acha em Tiago 1:5, de que Deus responde a nossa oração.

Ao relembrar os eventos que pavimentaram o caminho da Restauração, o Élder Robert D. Hales, do Quórum dos Doze Apóstolos, falou com gratidão a todos os que tornaram possível a tradução e as publicações da Bíblia. Graças a seu trabalho, a Versão do Rei Jaime da Bíblia foi disponibilizada para todos os que quisessem ler — e porque estava disponível a Joseph Smith, a verdadeira Igreja foi restaurada sobre a Terra. "É de se admirar que a versão do rei Jaime seja a Bíblia inglesa aprovada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias hoje?" perguntou o Élder Hales.⁴

"Devemos sempre recordar os

inúmeros mártires que conheciam seu poder [da Bíblia] e deram a vida para que pudéssemos encontrar nas palavras ali contidas o caminho da felicidade eterna e a paz do reino de nosso Pai Celestial", disse o Élder Ballard.⁵

O Presidente Boyd K. Packer, Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, contou ter tido a oportunidade de ver uma Bíblia que estava numa família havia séculos e, na qual, encontrou uma citação na folha de rosto que dizia: "A melhor impressão da Bíblia é a que fica impressa no coração do leitor".⁶ Em seguida, leu a seguinte escritura: "Vós sois a nossa carta, escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens" (II Coríntios 3:2).

Conhecendo e amando a Bíblia e seus textos escriturísticos, podemos demonstrar nosso apreço pela Restauração do evangelho e desfrutar de suas bênçãos.

"Ponderem a grandiosidade da bênção que recebemos de ter a Bíblia Sagrada e outras 900 páginas adicionais de escrituras", disse o Élder D. Todd Christofferson. "Vamos banquetear-nos continuamente nas palavras de Cristo, que nos dirão as coisas que devemos fazer."⁷ ■

NOTAS

1. M. Russell Ballard, "O Milagre da Bíblia Sagrada," *A Liahona e Ensign*, maio de 2007, p. 80.
2. M. Russell Ballard, *A Liahona e Ensign*, maio de 2007, p. 80.
3. Jeffrey R. Holland, "Minhas Palavras (...), Jamais Cessam," *A Liahona e Ensign*, maio de 2008, p. 91.
4. Robert D. Hales, "A Preparação para a Restauração e a Segunda Vinda: Minha Mão Estará sobre Ti," *A Liahona e Ensign*, novembro de 2005, p. 88.
5. M. Russell Ballard, *A Liahona e Ensign*, maio de 2007, p. 80.
6. Boyd K. Packer, "O Livro de Mórmon: Outro Testamento de Jesus Cristo", *A Liahona*, janeiro de 2002, p. 73; *Ensign*, novembro de 2001, p. 63.
7. D. Todd Christofferson, "A Bênção das Escrituras," *A Liahona e Ensign*, maio de 2010, p. 32.



Projeto Arquitetônico do Templo de Roma Itália.

“Todo templo é uma casa de Deus, cumprindo as mesmas funções e com as mesmas bênçãos e ordenanças”, disse o Presidente Thomas S. Monson na sessão da manhã de domingo. O Templo de Roma Itália, em especial, está sendo construído em um dos lugares mais históricos do mundo, uma cidade onde os antigos Apóstolos Pedro e Paulo pregaram o evangelho de Cristo e foram martirizados. Dia virá em que os fiéis daquela Cidade Eterna receberão as ordenanças de natureza eterna em uma casa santificada de Deus.



“Quero compartilhar com vocês meu amor pelo Salvador e por Seu grande sacrifício expiatório por nós. (...) Creio que nenhum de nós pode conceber o pleno significado do que Cristo fez por nós no Getsêmani, mas agradeço todos os dias da minha vida por Seu sacrifício expiatório por nós”, disse o Presidente Thomas S. Monson no encerramento da 181ª Conferência Geral Anual. “Ele desceu abaixo de todas as coisas para poder salvar todas as coisas. Ao fazer isso, Ele deu-nos vida além desta existência mortal. Ele resgatou-nos da Queda de Adão. Das profundezas de minha alma, sou grato a Ele. Ele ensinou-nos a viver. Ele ensinou-nos a morrer. Ele garantiu nossa salvação.”